

# RESISTENCIA

N.º 91

COIMBRA — Quinta feira, 2 de janeiro de 1896

1.º ANNO

## SIGAMOS

Fazendo o balanço politico do anno que findou, diz o *Correio da Noite* que elle contemplou o país com este riquissimo legado: extremar os programmas dos dois partidos monarchicos, de ha muito confundidos. Encetou o partido regenerador, abertamente, sem receio de criticas, o caminho da reacção; iniciará o partido progressista, francamente, ávido de gloria, as mais rasgadas reformas liberaes. E a acção combinada dos dois partidos assegurará á nação um progresso lento mas firme, uma perenne felicidade.

Eis o que, segundo o orgão official do partido progressista, para norma dos annos futuros deu o que de nós se acaba de despedir. E como da sua applicação resultará para o país as maiores vantagens, leva-nos a boa logica á conclusão de que o *Correio da Noite* considerará altamente benefica para o país a politica despotica e anarchica do actual governo. Simplicissima é a razão: sem que o partido regenerador entrasse afoutamente nessa politica, é o proprio orgão progressista que o reconhece, não teria surgido a tal norma redemptora.

E assim entra o partido progressista no novo anno.

Hontem curvou-se submissamente perante o rei; hoje troca um fraternal aperto de mão com o partido regenerador e cumprimenta amavelmente o governo.

Quem ainda tinha a ingenuidade de acreditar nos protestos de guerra sem treguas que o partido progressista, nos bellos tempos da coligação liberal, lavrou contra o governo, deve ter soffrido agora o mais cruel desengano. Não o soffremos nós que, nada esperando da monarchia, nunca confiamos em nenhum dos partidos que a servem.

Luctando por uma mudança radical de instituições, nunca entramos em accordos nem faremos transacções com os politicos que combatem o ponto fundamental do nosso programma. Oppõe-se isso ás mais legitimas e definidas aspirações do partido republicano, e, para as vermos realisadas, não nos poupamos a esforços nem a sacrificios.

Quem não commungue d'estas idéas, se não está filiado em nenhum partido, não venha alistar-se sob a bandeira do partido republicano; se está filiado neste partido, bom será que o abandone e publicamente o declare. Bem preferivel é isso a que o atraioe miseravelmente sempre que a ambição, o capricho ou o interesse lh'o recommende.

E para que o partido possa caminhar desassombadamente na senda que naturalmente lhe está traçada, necessario se torna que elle conclua os trabalhos d'organisação que no anno findo com tão bom exito encetou. Sem isso é completamente impossivel assegurar a unidade de acção dos poderosissimos elementos de que o partido dispõe.

Ahi fica claramente expresso o nosso desejo. Pugne pela sua realisação quem póde e deve fazê-lo.

Deixemos aos partidos monarchicos a banal função de apresentarem fórmulas de regimen parlamentar que nunca tiveram nem já-mais hão de ter pratica applicação. Ponhamos em relevo todas as prepotencias, immoralidades e crimes que a monarchia pratique. Mas, e muito principalmente, procuremos dar ao partido republicano uma organisação que inspire toda a confiança ao país.

De ha muito está feita a revolução no mundo das idéas; ninguem presta culto á monarchia. Só d'ella se acercam os famintos que amanhã declararão que sempre foram republicanos, se ella nada tiver para lhes dar.

Organise-se, pois, o partido republicano de modo a offerecer á nação o que ella já não espera da monarchia nem dos partidos que a servem: uma administração séria e honesta.

É certo que o presidente do *Solar dos Barrigas* será o sr. dr. Costa Santos. Mosenhor Santos Viegas sempre resistiu ao pedido do doído João Franco. E fez bem.

Hanotaux, que ha pouco tempo deixou o logar de ministro dos negocios estrangeiros em França, está publicando uma serie de estudos na *Revue de Paris* sobre as questões de politica externa mais importantes e actuaes. O primeiro artigo saiu no numero d'hontem.

## Manifestação espontanea

Os jornaes independentes de Lisboa noticiam que se está preparando a manifestação espontanea da recita de gala em S. Carlos para solemnizar a abertura do *Solar dos Barrigas*.

O nosso collega a *Vanguarda* informa que têm sido passados bilhetes com recommendação especial de vivorio e que tem o certeza de que a auctorizada voz do sr. conde de Restello não conseguirá suggerir aos córos o preciso entusiasmo.

A este respeito nada sabemos. Pensamos porém como o collega em que «Lisboa está sendo impagavel e divertidissima».

Os deputados allemães socialistas Auer, Bebel, Liebknecht e Singer foram convidados pela justiça de Berlim a comparecer no tribunal, por causa do processo das associações socialistas dissolvidas. Esses deputados fizeram valer a sua immuniidade parlamentar. O ministro da justiça não alcançou do parlamento auctorisação para os chamar aos tribunaes.

## O partido municipal e a hygiene

Desde outubro que em Coimbra têm apparecido, disseminados aqui e alli, casos de febre typhoide, sem ninguem superiormente curar de informar-se da causa, para pôr-lhe remedio prompto e efficaç.

Não era de esperar o caso.

A camara creára, ha tempo, um logar de medico higienista, e era de suppór que, em occasião tão asada, todos vissem bem claros os seus esforços, bem demonstrada a sua vontade de bem servir a cidade que lhe paga, e de honrar o seu nome, pondo a claro a sua actividade e o seu saber.

O ar de estufa, humido e quente, como tem andado nos ultimos tempos, é o mais apropriado para transformar o solo num vasto campo de cultura em que a doença viva e cresça á larga. A epoca de grandes chuvas que temos atravessado é a mais propicia para fazer alargar ao longe o mal, infiltrando-o por o solo fóra.

Os casos reproduzem-se. O medico, ao que parece, não informa a camara, nem esta quereria saber de nada, coitada, toda atarefada a escrever as actas finaes, em que devem ficar bem assignalados os seus serviços ao municipio, em bella lingoagem e boa letra. Ahi é que elles se deverão procurar. Cá fóra ninguem os vê...

A camara cultivou a letra redonda, julgando-a remedio a todos os males. E não fez mais que isso, ficando-se admirada a ler as actas, como uma creança que fez a primeira escripta.

Era necessario o elevador?...

Sessão! O presidente lembrava a necessidade; a camara resolvia dotar a cidade... O secretario lavrava a acta, a imprensa falava no caso, e a camara dormia...

O elevador estava feito, estava em letra redonda...

Era necessario continuar a historia do municipio?...

O sr. presidente dizia que continuaria a obra de seu pae, o *Coimbricense* annunciava este caso inaudito, com um sorriso d'incredulo.

Coimbra socegava. A sua historia havia de continuar-se... Estava em letra redonda.

Não havia quem oficialmente vigiasse a hygiene da cidade, era necessario um laboratorio municipal?

A camara reunia la fazer-se... Esperassem um bocadinho...

Consultava-se o dr. Augusto Rocha, que se prestava a fazer a installação e a educar o higienista director.

Vicente Rocha ouvia com satisfação promessa tão penhorante, a camara agradecia, os jornaes falavam...

Estava tudo serenado, já havia laboratorio municipal... Estava em letra redonda!

As fontes apparecem inquinadas! Sobresalto na cidade!

A camara delibera... No dia immediato, em grandes letras pretas, lia-se em todas ellas: esta agua não serve para uso interno.

A cidade serenou... A camara deitou-se satifeita. Mais um melhoramento inadiavel. A saude publica estava garantida—Estava em letra redonda...

Cria-se o partido municipal, sem gabinete e sem installações. Era necessario pessoa devotada, intelligente, instruida, d'um grande civismo, d'uma grande dedicacão.

Dava-se a um amigo...

Reunia-se povo, mandavam-se cartas de convite, e tomava solemnemente posse o higienista. Ninguem mais competente. Dizia a letra redonda:—dissera-o a cidade...

Não se faz a inspecção dos generos, deixam-se correr as aguas, não se levanta um inquerito sobre as causas das doenças graves reinantes...

Para quê? A letra redonda creára o logar, as obrigações, o laboratorio.

Dormisse socegada a cidade, estava creado o partido medico municipal.

Creado? Creado e gordo, como cevado de moleiro!

## Dr. Antonio d'Almeida

Esteve em Coimbra, partindo hontem para o Porto, este nosso prestantissimo correligionario e estremecido collega.

Vae despedir-se de sua familia e de alguns amigos. Como já noticamos, o nosso amigo parte para S. Thomé no dia 6 do proximo mês.

## Mais um monopolio

Não se pensa só no monopolio da chapellaria; está tambem na forja o monopolio do assucar.

Sobre o caso diz a *Vanguarda*:

«O monopolio do assucar! Chega a parecer phantastico, mas é verdadeiro.

Veiu ao nosso conhecimento que ha quem trabalhe afincadamente para que se leve á pratica o monopolio d'este genero de primeira necessidade, muito embora esses trabalhos sejam ainda de toupeira, feitos cautelosamente, com manha e astucia, como convém a uma empresa de tão grande folego.

Para se fazer idéa do enorme escandalo que se premedita, diremos que os promotores da negociata são pessoas praticas e conhecedoras do meio em que se vegeta, pois que, segundo nos informam, se destina uma verba de 100.000.000 réis para luvas e varios politicos e despezas de publicidade (1)».

Depois do monopolio do assucar, virá o da theriaga. Depois, que diabo! façamos monopolio dos miolos do Sergio. Para a mercadoria ter menos gasto.

## AVE, SENADORES!

A cidade está em gala; retumbam por toda a parte os hosannas e os canticos; as chamarelas tigem hymnos de entusiasmo; os sinos repicam, e a população delira em impetos de alegria!

A sagração solemne dos novos vereadores é o acontecimento estrondoso, que abala todos os animos e marcará uma epoca digna de ser commemorada em centenarios futuros!

Elles alimentam no seio a chamma patriótica dos grandes empreendimentos; e os seus cerebros são como aboboras prenhes de pevides, que mais tarde desabrocharão em prodigios prestadios de utilidade publica!

A entrada triumphal dos senadores no Capitolio de Samsão, segundo o programma gerado na mente dos sectarios da nova grei dos *jaquetas* é tudo o que ha de mais imponente e epico! Os senadores serão conduzidos, atravez das massas boquiabertas, nas suas cadeiras curues marchetadas de marfim.

Ao sr. Miranda está reservada a corôa *graminea*, feitas de hervas, de espigas e flores agrestes, que nos tempos aureos da velha Roma era a mais honrosa recompensa que podia conceder-se aos benemeritos da patria.

Na frente do prestito os lictores conduzindo as insignias da auctoridade, os feixes de *fascas* e *segures*, como querendo afirmar que os illustres edis conduzem o rei na barriga.

Ao redor, a plebe em transportes de jubilo e aclamações victoriosas.

Salve!

Jocundos e sorridentes, a alva tunica com charpas de purpura dará um realce pathetico á *alure* majestosa dos illustres patricios, puxados á substancia, no mais garboso meneio de quadriz e de cabeça.

E dos thuribulos balanceados pelos varredores em fila, as exhalações do incenso circumdarão em espiraes perfumadas os vultos magestosos dos grandes homens!

×

O que são e o que valem o zelo, a capacidade e a iniciativa d'estes conspiciosos varões, inteiramente votados ao rodopio da politica para o bem commum, sabemos-lo já pela experiencia da *troupe* que acaba de abandonar o poleiro. Em todos os departamentos, secções e subdivisões da administração municipal elles manifestaram claramente o alto estofado das suas envergaduras. Na arte, pelo aformoseamento de praças e ruas; na hygiene, pelo aceio, torrentes de agua, desinfecções, modicidade do preço e fiscalisação na qualidade do pão, da carne e de todos os generos alimenticios; na assistencia publica, pela regulamentação da mendicidade; na illuminação, pelo deslumbramento offuscante das luzes publicas; na policia, pela rigorosa execução do codigo de posturas e pela ineffavel segurança e bem estar dos cidadãos! Sim, politicamente estes provêm da

mesma viella, e frequentam os mesmos alcouces; na mesma identidade são o prolongamento da gerencia cessante, herdando-lhe a acção e perfilhando-lhe as responsabilidades.

A mesma parlapatice vaidosa, a mesma inconsciente inutilidade... Mais partidos medicos e um novo *carroussel* em *Fora de Portas*, como o da Portagem: e eis esses ingenuos proceres convictos da immortalidade!

As sessões camararias, as actas o affirmam, tinham o tom merencorio e lugubre do *Noivado do sepulchro*.

Os vereadores, semelhantes a cadaveres inseputos, jaziam nas suas cadeiras cobertas de moscas verdes que zumbiam! Era uma cousa tetrica e lacrimosa de ver!

E, no entretanto,—como são insondaveis os designios da Providencia!—d'esta necropole de defunctos sahiu a energia rasgada e generosa que criou e proveu, em tres annos, quarenta partidos medicos!

Eia pois, oh senadores! o suffragio popular sem discrepancia de votos, quer na cidade, quer nas assembleas ruraes, outorgou-vos a regencia da cousa municipal, alimentando a crenga fagueira de que sabereis marchar na senda gloriosa dos vossos predecessores, para honra do commercio, da agricultura e da industria, dos quaes sois os legitimos representantes, e satisfação de todos nós, de quem sois a unica esperanza!

A vereação actual é indiscutivelmente uma nova fornada; mas o fermento d'esta cosadura não é menos indiscutível, foi o sr. M. Miranda. Elle é o agente encarregado de levar a massa e faze-la tufar na fermentação necessaria!

Elle é o cordão umbilical que liga os actuaes senadores á madre antiga—á vereação passada.

Sendo assim, oh patriotas, que futuro brilhante se rasga aos vossos talentos e aos vossos brios!!...

Salve, *Patres conscripti!*

Subscrição aberta na redacção da «Resistencia», em favor da reedição, para distribuição gratuita, da «Cartilha do Povo», de José Falcão.

Transporte.... 15\$200

J. B. .... 500

Somma..... 15\$700

### Eça de Queiroz

Publicamos hoje uma soberba pagina litteraria devida á penna de Eça de Queiroz. Encontramo-la num velho alfarrabio que o recolheu não sabemos d'onde. Publicamo-lo, não só por ser um brilhante trecho de litteratura mas ainda porque mostra a maneira litteraria, num periodo remoto da sua evolução, do grande romancista.

### Por causa da abstenção

Foi passada ordem de prisão contra o sr. visconde de Gião, commendador Lacerda, dr. Ramos d'Abreu, commendador Queiroz, Antonio Guerra e outros cidadãos de Borba, contra quem o governo mandou instaurar um processo, accusando-os de terem desviado elei-

tores do exercicio do direito de suffragio.

Pelo que se vê, o governo ficou seriamente incommodado com a abstenção eleitoral, e procura agora viagar-se. Que o sr. João Franco continue nessas perseguições, a exercer essas mesquinhas vinganças, é o que muito sinceramente desejamos.

O pais tem mostrado á evidencia que não se incomoda com a substituição das fórmulas constitucionaes. Como ellas nunca tiveram applicação entre nós, julga indifferente que haja umas ou outras.

Appliquem-se pois rigorosamente as odiosas medidas que o governo tem decretado; exerçam-se as mais torpes vinganças; saiba o governo sujeitar aos seus caprichos o poder judicial quando dos seus actos, por uma notabilissima incoherencia explicavel só pela sua muita cobardia, ainda para elle se possa recorrer.

Será esse o unico meio por que o pais reconhecerá a verdadeira situação em que se encontra e procurará lutar contra ella. Emquanto as cousas assim estiverem, certo é que se não mexe.

### Partido republicano hespanhol

É o notavel republicano dr. Ezquierdo quem substitue o fallecido Ruiz Zorrilla na chefatura do partido progressista.

A Vallés y Ribob e Pi y Margal têm sido enviados de Barcelona e de varias outras cidades telegrammas de felicitação e de completa adhesão á sua valente campanha em favor da União Revolucionaria.

Trata-se agora de obter a cooperação de varios elementos da provincia para uma acção decisiva.

### Hydrophobia

Falleceu ha poucos dias no lugar de Reverdosa, freguezia de Lervão, concelho de Penacova, um rapaz de 14 annos, victima da hydrophobia. Estivera mais de um mês em tratamento no Instituto bacteriologico, d'onde tinha regressado oito dias antes do fallecimento.

Victimado pela mesma doença falleceu ante-bontem, no hospital d'esta, Antonio Gonçalves, de Pé-de-Cão, freguezia de S. Martinho do Bispo, empregado na companhia real dos caminhos de ferro. Ha perto de dois meses que elle viera de Lisboa com a nota de completamente curado passada pelo Instituto Bacteriologico. Ultimamente, porém, começou a sentir-se incommodado, vindo a esta cidade consultar alguns facultativos.

Tendo-se manifestado claramente os symptomas da hydrophobia e constando esse facto no commissariado, o sr. commissario de policia, acompanhado de alguns guardas e d'um facultativo, foi a S. Martinho, sendo, por conselho do facultativo, conduzido para esta cidade e dando entrada no hospital ás 11 horas da manhã do proprio dia em que falleceu.

Pelas informações que podemos colher, soubemos que nelle se manifestou a raiva por uma forma muito atenuada.

Bom será que os competentes dediquem a sua attenção a este assumpto, cuja importancia desnecessario é encarecer, a fim de se aruificar se o tratamento no Instituto Bacteriologico é feito nas devidas condições.

No lugar de Cabouco, freguezia de Ceira, foi mordido no dia 31 de dezembro findo por um cão hydrophobo, Antonio Gomes, menor de 6 annos.

Já seguiu para Lisboa a fim de se tratar no Instituto Bacteriologico.

### Matadouro

Foi assignada no dia 30 do mês findo, em Lisboa, no escriptorio do tabellião Alves do Rio, a escriptura da companhia do matadouro d'esta cidade.

Os corpos gerentes são compostos dos srs. José Joaquim de Barros, Fernando Lacerda de Mello, D. José de Noronha, José Pinto Teixeira e Alexandre Morgado.

## Litteratura e Arte

### Conto indiano

Era, pois, uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e cearas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitaria e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas fachas.

A lua cheia que o vira marchar levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar—quando um dos seus cavalleiros appareceu, com as armas rotas, negro do sangue secco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, traspasado por sete lanças entre a flôr da sua nobreza á beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era famoso e alegre. Mas sobretudo chora anciosamente o pae que assim deixava o filhinho desamparado no meio de tantos inimigos da sua fragil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

D'esses inimigos o mais temeroso era seu tio, o irmão bastardo do rei, homem depravado e bravo, consumido de cubicas grosseiras, desejando só a realza por causa dos seus thesouros, e que havia annos vivia num castello sobre os montes, com uma horda de rebeldes, á maneira de um lobo que, entre a sua atalaia, espera a presa. Ai! a presa agora era aquella creancinha, rei de mama, senhor de tantas provincias e que dormia no seu berço, com o seu guiso d'ouro fechado na mão!

Ao lado d'elle outro menino dormia noutro berço. Mas este era um escravozinho, filho da bella e robusta escrava que amamentava o principe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão. O mesmo seio os creava. Quando a rainha, antes de adormecer, vinha beijar o principinho que tinha o cabelo louro e fino, beijava tambem por amor d'elle o escravozinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Sómente o berço de um era magnifico e de marfim entre brocados—e o berço do outro pobre é de verga. A leal escrava, porém, a ambos creava de carinho igual, porque, se um era seu filho—o outro seria seu rei.

Nascida na casa real, ella tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto corria mais sentidamente do que o seu pelo rei, morto á beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continua no céu. O rei seu amo, decerto, já estaria agora reinando num outro reino, para além das nuvens, abundante tambem em cearas e cidades. O seu cavallo de batalha, as suas armas, os seus pagens, tinham subido com elle ás alturas. Os seus vasallos que fossem morrendo promptamente iriam nesse reino celeste retomar em torno d'elle a sua vassalagem. E ella um dia, por seu turno, remontaria num raio de luz a habitar o palacio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas tunicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes, seria no céu como fora na terra, e feliz na sua servidão.

Todavia, tambem ella tremia pelo seu principinho! Quantas vezes, com elle pendurado do peito, pensava na sua fragilidade, na sua longa infancia, nos annos lentos que correriam antes que elle fosse ao menos do tamanho de uma espada, e naquelle tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do throno, e espreitando do cimo do seu rochedo, entre os alfanges da sua horda! Pobre principinho de sua alma! Com uma ternura maior o apertava então nos braços. Mas se o seu filho chalhava ao lado—era para elle que os seus braços corriam com um ardor mais feliz. Esse, na sua in-

digencia, nada tiuha a receiar da vida. Desgraças, assaltos da sorte má nunca o poderiam deixar mais despido das glorias e bens do mundo do que já ali no berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez. A existencia na verdade era para elle mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu principe, por nenhum dos duros cuidados com que ella ennegrece a alma dos senhores roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E, como se o amasse mais por aquella humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores—dos beijos que ella fazia ligeiros sobre as mãos do seu principe.

No entanto um grande temor enchia o palacio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina que errava no cimo das serras, descêra á planicie com sua horda, e já atravaz de casaes e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e de ruinas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardiavam lumes mais altos. Mas á defesa faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada. Toda a nobreza fiel perecera na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho, e chorar sobre elle a sua fraqueza de viuva. Só a ama leal parecia segura—como se os braços em que estreitava o seu principe fossem muralhas de uma cidadella que nenhuma audacia pôde transpôr.

Ora uma noite, noite de silencio e de escuridão, indo ella a adormecer, já despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, á entrada dos vergetes reaes. Embrulhada á pressa num manto, atirando os cabellos para traz, escutou, anciosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando mollemente, sobre lages, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos d'armas... Num relance tudo comprehendeu—o palacio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu principe! Então, rapidamente, sem uma vacillação, uma duvida arrebatou o principe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga—e, tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real, que cobriu com um brocado.

Bruscamente, um homem enorme, de face flammeante, com um manto negro sobre a cota de malha, surgiu á porta da camara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou—correu ao berço do marfim, onde os brocados luziam, arrancou a creança, como se arranca uma bolsa de ouro, e, abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente.

O principe dormia no seu novo berço. A ama ficara immovel no silencio e na treva.

Mas brados de alarme de repente atrovavam o palacio. Pelas vidraças perpassou o longo flammejar das tochas. Os pateos resoavam com o bater das armas. E, desgrenhada, quasi nua, a rainha invadiu a camara, entre as aias, gritando pelo seu filho! Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas, vazias, cahiu sobre as lages, num choro, despedaçada. Então calada, muito lenta, muito pallida, a ama descobriu o pobre berço de verga... O principe lá estava, quieto, adormecido, num sono que o fazia sorrir, e lhe illuminava toda a face entre os seus cabellos d'ouro. A mãe cahiu sobre o berço, com um suspiro, como cae um corpo morto.

E nesse instante um novo clamor abalou a galeria de marmore. Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos seus clamores havia, porém, mais tristeza que triumpho. O bastardo

morrêra! Colhido, ao fugir, entre o palacio e a cidadella, esmagado pela forte legião de archeiros, succumbira, elle e vinte da sua horda. O seu corpo lá ficara, com flechas, no flanco, numa poça de sangue. Mas, ai! Dôr sem nome! O corpinho tenro do principe lá ficara tambem, envolto num manto já frio, roxo ainda das mãos ferozes que o tinham estrangulado!... Assim, tumultuosamente, lançavam a nova cruel os homens d'armas—quando a rainha deslumbrada, com lgrimas entre risos, ergueu nos braços, para lh'o mostrar, o principe, que despertára.

Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvára? Quem?... Lá estava junto do berço de marfim vazios, muda e hirta, aquella que o salvára! Serva sublimemente leal! Fora ella que, para conservar a vida ao seu principe, mandara á morte o seu filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria estatica, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, chamando-lhe irmã do seu coração... E d'entre aquella multidão que se apertava na galeria veio uma nova, ardente aclamação, com supplicas de que fosse recompensada magnificamente a serva admível que salvára o rei e o reino.

Mas como? Que bolsas d'ouro podem pagar um filho? Então um velho de casta nobre lembrou que ella fosse levada ao thesouro real, e escolhesse d'entre essas riquezas, que eram as maiores da India, todas as que o seu desejo appetecesse...

A rainha tomou a mão da serva. E, sem que a sua face de marmore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como num sonho, ella foi assim conduzida para a camara dos thesouros. Senhores, aias, homens d'armas, seguiam num respeito tão commovido que apenas se ouvia o roçar das sandalias nas lages. As espessas portas do thesouro rolavam lentamente. E quando um servo destrancou as janelas, a luz da madrugada, já clara e rosea, entrando pelos gradeamentos de ferro, accendeu um maravilhoso e faiscante incendio d'ouro e pedrarias! Do chão de rocha até ás sombrias abobadas, por toda a camara, reluziam, scintillavam, refulgiam os escudos de ouro, as armas marchetadas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de perolas, todas as riquezas d'aquelle reino, accumuladas por cem reis durante vinte seculos. Um longo *ah*, lento e maravilhado, passou por sobre a turba, que emmudecera. Depois houve um silencio, ancioso. E no meio da camara, envolta na refulgencia preciosa, a ama não se movia... Apenas os seus olhos, brilhantes e seccoos, se tinham erguido para aquella céu que, além das grades, se tingia de rosa e de ouro. Era lá nesse céu fresco de madrugada que estava agora o seu menino. Estava lá, e já o sol se erguia, e era tarde, e o seu menino chorava, e procurava o seu peito!... Então a ama sorriu e estendeu a mão. Todos seguiam, sem respirar, aquelle lento mover da sua mão aberta. Que joia maravilhosa, fio de diamantes, que punhado de rubis, ia ella escolher?

A ama estendia a mão—e sobre um escabello ao lado, entre um molho de armas agarrou um punhal. Era um punhal de um velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma provincia.

Agarrara o punhal, e com elle apertado fortemente na mão, apontando para o céu onde subiam os primeiros raios do sol, encarou a rainha, a multidão, e gritou:

—Salvei o meu principe, e agora vou dar de mamar a meu filho!

E cravou o punhal no coração.

Eça de Queiroz.

Effectuou-se no Porto o consorcio do sr. Fausto Guedes Gavicho, alumno do 3º anno juridico, com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Frederica Fassini, filha do commerciante italiano sr. Julio Fassini, da rua de Santo Antonio.



ESTABELECIMENTO  
DE  
**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**  
DE  
**João Gomes Moreira**  
50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)  
COIMBRA

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende Lisboa e Porto.  
**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.  
**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.  
**Faqueiros:** Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.  
**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.  
**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.  
**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.  
**Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.  
**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.  
**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.  
**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

## BICO AUER

15 **A** Societé Anonyme pour l'Incandescence par le Gaz (systeme Auer) au Portugal, tendo visto uma fanfarronada da firma Nusse & Bastos, do Porto, contra quem tem pendente uma acção de contração, julga do seu dever illucidar o publico sobre o seu valor.

A «Societé» possuidora d'uma patente de invenção concedida pelo governo portuguez e pela qual deu em boa fé uma avultada somma de dinheiro, achou-se lesada nos seus direitos pela referida firma. Recorreu aos tribunales em legitima defesa dos seus direitos e como a lei lhe facultava, requereu o arresto dos objectos contrafeitos, arresto que cautionou, que se fez nos depositos de dita firma, e QUE AINDA SUBSISTE E SUBSISTIRA'.

Sabendo que por ardis menos honrosos um contrafactor, mudando o seu deposito, pôde continuar a sua CONCORRENCIA DESLEAL e o seu COMMERCIO ILLICITO, requereu que no mesmo processo se continuassem as diligencias do arresto, aonde quer que as contrafeições apparecessem. O dignissimo juiz entendeu que no mesmo processo se não podia arrestar os artigos senão no local primeiro indicado, e o Tribunal da Relação (pelos tres srs. juizes d'elle, que fizeram vencimento) segue-se a mesma doutrina. E' uma quastão de praxe que se traduz em augmento de custas e nada mais.

O resultado é que a Societé terá de intentar processos e requerer arrestos em cada local aonde os artigos contrafeitos apparecerem, em vez de se limitar ao processo unico contra a firma Nusse & Bastos, a verdadeira culpada, como aliás desejava para não incommodar os que incautamente partilham a responsabilidade da firma arguida e de quem ella se ri.

Quanto á Societé Anonyme Belge e ás falsidades que essa firma emitta a seu respeito, por que não tem cá quem a chame a contas, a aleivosia é manifesta na diligencia que a dita firma faz de illudir o publico, procurando com a similhaça do estylo social, induzir-o no erro de que a «Societé Belge». Isto mesmo quando houvesse uma particula de verdade nas suas calumnias.

## POMADA DO DR. QUEIROZ



14 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.  
N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

## A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

## F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

13 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

## 3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encommendas:**  
**a JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafeições baratas que saem caras!

## LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

COIMBRA

12 **N**este estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da abrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Completo sortido de productos para sopas, molhos, pimentinhos do Brazil, cacau *Van Houten's* e *Epps* com e sem leite, farinha imperil china, conservas da fabrica de Antonio Rodrigues Pinto, leques, ventarolas, crepons, abat-jours a 40 réis, novidade, latinhãs para chá e café, etc., etc.

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar.—Chá medicinal de Hamburgo.

## MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

## CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habeis contra-mestres

21 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um **extraordinario e variadissimo** sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 1800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

**BICYCLETES PNEUMATICAS**, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000 !!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

**NOTA**—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as conjeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confectionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

Deposito da Fabrica Nacional

## BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

10 **N**ESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

### Atenção

9 **A** LUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Agular, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

### Variola

8 **V**ACCINA da ultima colheita do «Instituto Vaccinico Portuense». Vende-se pelo preço do Instituto.

### CALLOS

Extracção dos callos em 4 dias, com os *Columbus Plates*.

### Cabello

Agua Cesarvna

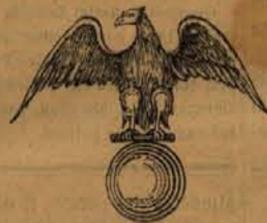
Este bem conhecido restaurador da côr do cabelo vende-se nesta pharmacia.

### Rhum, quina e glicerina

É um bom preparado para a conservação do cabelo. Além de ser um excellente tonico, é tambem um bom desinfectante. Impede, pelo seu uso, a formação da caspa e constitue, pelo seu perfume, uma excellente agua de toilette.

**Pharmacia do Castello**  
—**CAMILLO & COSTA**—Coimbra.

7 **B**ASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestris*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.  
Rua das Figueirinhas, 45.



## AGUA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48  
COIMBRA

6 **R**oupas completas para homem, de 55000 réis para cima!

5 **A**RRENDA-SE uma padaria na rua das Sollas, n.º 40. É um dos melhores locais de Coimbra para este ramo de negocio.  
Para tratar—Praça do Commercio, 97.

### BRINDES, PARABENS

### BOAS FESTAS

4 **C**ARTÕES apropriados e outros artigos de luxo. Completas novidades.

Grande sortimento em cartões para photographia chegados nos ultimos dias.

### Papelaria Central

2—Rua Visconde da Luz—6

### Vinho de meza

sem composição

3 **V**ende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc, cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.ºs 9 e 11.

A. Marques da Silva.

### Julião A. d'Almeida & C.ª

20 Rua do Sargento Mór, 24

2 **N**este antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

### VINHO ANALEPTICO

DE

A. GUERRA

1 **U**til nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue.

Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituente de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.

Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

## “RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:  
Anno..... 25700  
Semestre..... 15350  
Trimestre..... 680

Sem estampilha:  
Anno..... 25400  
Semestre..... 15200  
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 92

COIMBRA — Domingo, 5 de janeiro de 1896

1.º ANNO

## No Solar dos Barrigas

Iniciou o *Solar dos Barrigas* a serie dos seus espectaculos na sala da bibliotheca da Academia Real das Sciencias.

O primeiro foi muito vistoso e extraordinariamente concorrido. Compareceu a familia real com toda a sua corte em habitos de grande gala; houve imponente apparato militar.

A peça que foi á scena não agradou aos espectadores, que nem á primeira representação assistiram se a não cercassem de tantos attractivos. Ouviram recitar, por quem se não sente bem naquelle meio, um apontado de palavras em que o seu auctor só conseguiu mostrar até onde pôde chegar a ousadia em falsear a verdade dos factos. Com certeza haveria pateada, se o espectáculo fosse pago.

Fala-se na tal peça, que conservou o nome de *Discurso da Coróa*, em *deputados da nação portugúesa*, como se o país fosse capaz de se constituir empresario d'uma companhia de actores e de comparsas que vão representar uma ignobil comedia que o desacredita e avilta.

Diz-se que ao rei é grato abrir as cortes geraes da nação portugúesa, quando elle não teve o minimo escrupulo em perjurar, dissolvendo a camara dos deputados, reformando a camara dos pares, reorganizando as circumscripções electoraes, modificando as condições em que se podia exercer o direito de suffragio e decretando outras medidas politicas attentatorias do nosso direito constitucional, de cuja rigorosa applicação devia ser elle o guarda vigilante, só para manter no poder sete dictadores, a quem os proprios correligionarios têm chamado bandidos.

E, considerando-se anormal o periodo em que se decretaram essas medidas, nem uma só razão se adduz tendente a justificar taes attentados. Diz-se que o desejo do governo é que as nossas instituições politicas voltem ao seu estado normal, mas não se mostra quaes foram as circumstancias que d'esse estado o fizeram desviar. E' assim que o chefe do Estado revela quanto lhe é grato o sentimento de rei constitucional—não ligando importancia alguma ao facto de se haverem alterado as disposições fundamentaes da constituição, relativamente á organização e exercicio dos poderes politicos!

Para que se não diga que somos apaixonados, transcrevemos aqui a apreciação que, sob este ponto de vista, faz do discurso da coróa o nosso presado collega *O Commer-*

*cio do Porto* no artigo edictorial de sexta feira:

«Ao lér o discurso da coróa, ninguém dirá que nesse longo interregno parlamentar foram postas de parte as mais fundamentaes normas constitucionaes; ninguém dirá que se reformou arbitrariamente a Carta e se estabeleceu a mais extraordinaria confusão de poderes. Ninguém. O governo limitou-se a dizer que a sua dictadura abrangue «providencias respeitantes não só a interesses vitaes da administração publica, mas á propria Constituição do Estado»; não diz, porém, que essas providencias por forma alguma correspondem a um alto plano da administração, não diz que deixou insolúveis as questões mais sérias para a economia nacional. Sobretudo, acha a mais natural das providencias de uma dictadura o alterar disposições importantes da Constituição.

«Ao que o governo chama agora situação anormal chamaram, em 5 de dezembro de 1894, as opposições «situação anormal e revolucionaria», porque, effectivamente, todas as garantias constitucionaes eram ameaçadas, numa assombrosa vertigem de desrespeito pela lei, de idolatria pelo arbitrio, de desvanecimento pelo poder.

«No relatório que precede o decreto de 28 de novembro de 1894, pelo qual foi encerrado o parlamento, invocou o governo «um estado de cousas attentatorio do prestigio e da dignidade das instituições e por igual nocivo para a disciplina social do país e para as impreteríveis exigências da administração publica»; mas, perguntamos nós: não será mais attentatorio do prestigio das instituições offender duramente a Constituição, promulgar providencias impraticaveis ou injustificaveis e manter legislação liberticida, que nos amesquinha aos olhos do mundo civilizado? Não será mais perturbador da disciplina social do país desprezar a lei, para lhe substituir o arbitrio e antepôr as conveniencias partidarias aos grandes interesses nacionaes?»

Depois de tão sensatas como justificadas considerações, ninguém deixará de crer sincero o rei quando disse:

«E' grato ao meu sentimento de rei constitucional poder hoje abrir as cortes geraes da nação portugúesa.»

E tendo feito tantas reformas politicas que, como bem diz *O Commercio do Porto*, num dos periodos transcriptos, nos amesquinham aos olhos do mundo civilizado, que reformas de character economico e financeiro fez o governo, a que tão genericamente allude a tal peça a que se chama *Discurso da Coróa*?

Que nós saibamos, o governo só soube fazer uma politica torpe e ignobil, não procurando de modo algum, nem para isso tem revelado a minima capacidade, avigorar as forças economicas da nação, melhorar as suas condições financeiras.

Á custa do thesouro e da economia nacional exerceu elle as maio-

res corrupções, as mais torpes veniagas; para favorecer o thesouro não dispendeu actividade alguma. Cremos que tal fim não tiveram as creações de monopolios e a protecção escandalosissima a algumas firmas commerciaes.

E, não tendo feito cousa alguma, que medidas tenciona o governo apresentar ao parlamento, de character economico e financeiro?

Em balde se procurará no *Discurso da Coróa* qualquer idéa a esse respeito. O governo nada diz, pela simples razão de que nada sabe. É o proprio sr. Marianno de Carvalho, que do governo obteve o diploma de deputado e que tanto o tem defendido no *Diario Popular*, quem o reconhece num artigo que lemos no numero d'hontem.

Nota-se no *Discurso da Coróa* que durante o interregno parlamentar não houve alteração da ordem publica. É verdade, para vergonha do país.

E desnecessario era que o *Discurso da Coróa* o notasse. Se tal facto se desse, não teriamos espectaculos do *Solar dos Barrigas*.

## Politica descarada

Um jornal de Lisboa diz que as cortes vão restituir a autonomia aos concelhos de Borba e de Villa Nova de Cerveira e que a lei eleitoral vai ser profundamente alterada, não só na parte relativa ás incompatibilidades, para que voltem ao redil regenerador algumas ovelhas desgarradas, mas tambem na parte relativa á circumscripção dos circulos, para que os regeneradores não fiquem sem representação quando sejam os progressistas que montem a machina eleitoral.

Nenhuma d'estas revelações nos surprehe. Bem sabemos de quanto é capaz o sr. João Franco, esse imbecil que só alardeia energia quando não recebe energica opposição... para bem do país.

O *Correio da Noite* nota, em artigo edictorial do numero chegado hontem, que o *Discurso da Coróa* deveria referir-se á regencia da sr.ª D. Amelia, afigurando-se-lhe que essa falta constitue uma prova de descortezia.

Concordamos. Mas não é por esse processo que os progressistas conseguirão captar as sympathias d'essa senhora que, contra as praxes seguidas, deu um jantar aos dictadores, no dia anterior áquelle em que o rei regressou do estrangeiro.

Os srs José Luciano, Barros Gomes e os outros ministros de Estado honorarios do partido progressista não compareceram á recepção do anno bom no pago da Ajuda.

É dever nosso reconhecer que procederam bem, mantendo-se coherentes.

Alguem diz que—*não fizeram falta*. Talvez.

Desde que lá foram os srs. Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro, ninguém mais era necessario.

Só elles são mais que sufficientes para levar a cabo a empresa a que a monarchia metteu hombros.

## O caso das pautas

Um jornal de Lisboa publicou, reduzidas a pauta differencial, a pauta maxima e a pauta minima, elaboradas pela commissão de revisão, que ha pouco concluiu os seus trabalhos. A commissão installadora da nova Associação Industrial foi dada uma copia d'essas pautas, que ella expoz na sua sede.

Diz-se que a commissão resolvera por unanimidade guardar absoluta reserva sobre os seus trabalhos e que fôra um dos seus proprios membros quem, faltando a um compromisso de honra, commettera a inconfidencia, de que podem resultar gravissimos inconvenientes. O governo, diz-se, está negociando tractados de commercio com alguns países e, tendo os governos d'estes conhecimentos das pautas, sabem já o que podem exigir.

Nesta interessante questão o mais engraçado é que o governo, segundo afirma um jornal que lhe é dedicadissimo, vai declarar que não accêita o trabalho da commissão, fazendo a revisão das pautas em bases differentes. E não é o facto de ficar assim inutilizado o laborioso trabalho da commissão que nos leva a considerar o caso engraçado; é a affirmação de que se vão elaborar outras pautas, diversas das que a commissão approvou.

Não sabemos, mas ficamo-lo sabendo agora, que as pautas aduaneiras podem assentar em bases diversas, conforme ao governo aprovar, embora sejam os mesmos os dados sobre que devem assentar.

Com tudo isto faria rir, se o país não soffresse as consequencias de tantos disparates!

## Conflicto anglo-americano

O correspondente do *New-York Herald* em Caracas diz que o governo venezuelano publicou um decreto, que indica bem quanto é grave o estado da questão. Por esse decreto passam a servir, immediatamente, no exercito, todos os cidadãos que tenham mais de 18 annos e menos de 50, sendo punidos com multa e prisão os que se negarem a cumprir essas ordens.

Por outro lado diz-se que o governo de Washington, no intuito de augmentar o numero de conflictos contra a Inglaterra para assim melhor defender a sua politica internacional, actuára poderosamente sobre o Brazil para que este não accêitasse a arbitragem da Hespanha na questão relativa á posse da ilha da Trindade.

×

A imprensa allemã, que até agora se manteve silenciosa sobre o conflicto anglo-americano, começa a manifestar-se.

O *Hamburger Correspondant*, que recebe por vezes inspiração official, diz a esse respeito o seguinte:

«Não se trata de saber se a Inglaterra está ou não no seu direito em face da Venezuela. A questão importante é da extraordinaria doutrina sustentada pelo sr. Cleveland. E' do maximo interesse para a Europa oppôr-se a tal doutrina. Se amanhã o Mexico ou a Republica Argentina repudiarem as dividas contrahidas na Europa, os Estados Unidos poderiam intervir contra qualquer procedimento das potencias.

Esperamos que nem a Hollanda nem a Hespanha franquearão os seus archivos á commissão americana que projecta examinar os documentos relativos á doutrina de Monroe. A attitude que toda a Europa deve oppôr á arrogancia dos Estados Unidos, está naturalmente indicada.»

## Transwaal

Terminou o anno de 1895 abrindo o conflicto entre a Inglaterra e os Estados Unidos; entra o de 1896 trazendo consigo gravissimas noticias do Transwaal. Parece que tudo conspira para que este seculo, a exemplo d'outros passados, não passe á historia sem que haja uma guerra horrivel entre as grandes potencias.

Cecil Rhodes, o temivel agente da avida Inglaterra nas terras africanas, no intuito de levar a effecto a colossal empresa de não só fundar uma poderosa confederação na Africa do sul, mas de ligar o Cabo da Boa Esperança ao Cairo, não recua perante o emprego de quaesquer meios. Todos servem, comtanto que sejam conducentes ao fim que se propôs.

O Transwaal, aguerrida e rica republica que conquistou a sua independencia por meio d'uma luta formidavel contra a Inglaterra, vê-se agora gravemente ameaçado. O descobrimento do ouro nas suas regiões desafiou a cobiça da Inglaterra que, não podendo subjugar os boers pela força, recorreu para isso a um processo original.

A immigração inglesa no Transwaal tem sido verdadeiramente extraordinaria; só na cidade de Johannesburg existem 40:000 ingleses. Logo que se sentiram em numero sufficiente para fazerem valer as suas reclamações no sentido de lhes serem concedidos direitos politicos, procuraram por esse meio, e a bem dos seus interesses, influir nos destinos da republica.

Em 1891 conseguiram o direito de suffragio os brancos que tiverem nascido na republica ou estejam naturalizados e tenham mais de 16 annos. E os diplomas de naturalização podem ser concedidos em seguida a uma residencia de 2 annos, havendo-se pago contribuições durante esse periodo e contando-se 21 annos d'idade. Mediante esta concessão, contra a qual lutaram os burghers, os residentes podem crear verdadeiras difficuldades ao Transwaal, comprometter até á sua autonomia, sob as apparencias de uma luta civil, e talvez pense por esse meio a Inglaterra obter a annexação do Transwaal, mostrando-se desinteressada no assumpto!

O que é certo é que o audacioso dr. Jameson, antigo medico em Kimberley e empregado da South-Africa, com os soldados aventureiros d'esta companhia, gente sem escrupulos, atravessou as fronteiras do Transwaal.

Este facto inaudito provocou immediatamente protestos por parte





# 3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encomendas:**  
**a JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

**COIMBRA**

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**

**SUCCESSOR**

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

**COIMBRA**

44 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

## AGUAS MEDICINAES

DA

**FONTE NOVA**  
(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabethes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—**DEPOSITO GERAL**—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-o-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—**RODRIGUES DA SILVA & C.**

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

## MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

## LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

**COIMBRA**

44 Neste estabelecimento encontra-se a venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, a Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Completo sortido de productos para sopas, molhos, pimentinhos do Brazil, cacau Van Houten's e Epps com e sem leite, farinha Imperiri chineza, conservas da fabrica de Antonio Rodrigues Pinto, leques, ventarolas, crepons, abat-jours a 40 réis, novidade, latilhas para chá e café, etc., etc.

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. —Chá medicinal de Hamburgo.

PEDIR OS PROSPECTOS

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
| Assinatura<br>100 RS.<br>cada n.º                              | Os leitores da <b>REVISTA</b> , além do texto, compreendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tam-<br>bem | Uma folha de<br>uma peça original portuguesa,<br>paginada separadamente, de ma-<br>neira a formar um elegante vo-<br>lume. | Saes nos dias<br>1 E 15<br>de cada mez   |
|  | <b>Gratis</b>  |  |  |
| COLLABORAÇÃO<br>DOS PRINCIPAES AUCTORES<br>CRITICOS DRAMATICOS | <b>REVISTA<br/>THEATRAL</b><br>ILLUSTRADA  |  | JA PUBLICADO O 1.º VOL.<br>ASSIGNA-SE em todos os agencias da<br>ANTIGA CASA BERTRAND<br>PROVINCIAIS |
|  | Critica, Historia, Estudos e doutrinas,<br>Correspondencias, etc.  |  |  |
|  | REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO<br>R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA   |  |  |
|  | ENVIA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR  |  |  |
|  |  | PEÇAS PUBLICADAS   |  |
|  |  | <b>SALTIMBANCO</b><br>de Antonio Ennes   |  |
|  |  | <b>JUCUNDA</b><br>de Abel B. Telho   |  |
|  |  | <b>ALCACER-KIBIR</b><br>de D. João da Camara   |  |
|  |  | <b>PARAISO CONQUISTADO</b><br>de Lopes de Mendonça   |  |
|  |  | <b>Ciume com ciume se paga</b><br>de Rangel de Lima<br>Muito proprias as ultimas<br>para amadores                          |  |

### ESTABELECEMENTO

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

5ª, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

**COIMBRA**

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bindejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

### POMADA DO DR. QUEIROZ



13 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.  
N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

### A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Cordas e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

12 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

17—ADRO DE CIMA—20

**Fernão Pinto da Conceição**

**CABELLEIREIRO**

Escadas de S. Thiago n.º 2

**COIMBRA**

11 Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

### Atenção

40 ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13.

Nella se prestam os demais esclarecimentos,

Cavallos, muares, etc.

9 As sobrecaannas, espavarões, óvas, esquevenças, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agração, d'onde se remette pelo correio, por 18000 réis.

**Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

**Vinho de meza**  
sem composição

8 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Garcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.

A. Marques da Silva.

### VINHO ANALEPTICO

DE

**A. GUERRA**

7 Util nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituente de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C., rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

### BRINDES, PARABENS

BOAS FESTAS

6 CARTÕES apropriados e outros artigos de luxo. Completas novidades.

Grande sortimento em cartões para photographia chegados nos ultimos dias.

**Papelaria Central**

2—Rua Visconde da Luz—6

5 **BASILIO AUGUSTO X. D'AN-DRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestris*, a 68000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 38000 réis o milheiro.  
Rua das Figueirinhas, 45.

### Queijo da Serra

4 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melho- res queijeiros do con-elho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

**Papelaria Central**

2, Rua do Visconde da Luz, 6



### AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, Rua Ferreira Borges, 48  
**COIMBRA**

3 Roupas completas para ho- mem, de 58000 réis para cima!

### ESCRITURARIO

2 Um individuo com pratica de commercio e escri- pturação commercial, tendo al- gumas horas disponiveis, offere- ce o seu prestimo por modi- ca retribuição.

Quem precisar queira diri- gir-se á *Casa Havaneza*, onde lhe serão prestadas todas as informações.

### Variola

1 **VACCINA** da ultima colheita do «Instituto Vaccinico Portuense» Vende-se pelo preço do Instituto.

### CALLOS

Extracção dos callos em 4 dias, com os *Columbus Plates*.

### Cabello

**Agua Cesarvna**

Este bem conhecido restau- rador da cor do cabello vende- se nesta pharmacia.

### Rhum, quina e glicerina

É um bom preparado para a conservação do cabello. Além de ser um excellente tonico, é tambem um bom desinfectante. Impede, pelo seu uso, a forma- ção da caspa e constitue, pelo seu perfume, uma excellente agua de toilette.

**Pharmacia do Castello**  
—**CAMILLO & COS- TA**—Coimbra.

### “RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS  
E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

**EDITOR**

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:  
Anno..... 28700  
Semestre..... 18350  
Trimestre..... 680

Sem estampilha:  
Anno..... 28400  
Semestre..... 18200  
Trimestre..... 600

### ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repeti- ções, 20 réis.—Para os srs. as- signantes, desconto de 50%.

### LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 93

COIMBRA — Quinta feira, 9 de janeiro de 1896

1.º ANNO

## Gungunhana

No meio d'uma grande indiferença criminosa, tipicamente burguesa, fundamentalmente pathologica, onde não ha uma idéa grande que illumine um caminho pela Historia, caminho rasgado sobre os escombros d'uma civilização podre, para uma nova phase do sentir e querer d'uma nacionalidade, onde não ha, energica e grande, como a alvorada brilhante, uma aspiração que impulse e redima todo um existente de infamias, apparece, de vez em quando, um repellão na nossa sensibilidade, quasi de todo embotada, como um relampago passageiro que illumine e fira, na flagrança da evidencia, as sujas imundicies de um monturo em putrefacção.

E, então, nesse momento d'um alvoroço passageiro, quando todos nós sentimos mais, quando todos nós temos a vista mais febril, o contraste é mais frisante, mais poderosamente suggestivo.

D'um lado, ha ainda alma, ha aspirações benditas, sonhos que talvez se não cheguem a realizar, mas ha a dedicação energica e sublime por um ideal, mas ha vida, enquanto do outro se estorce na lama dos arranjos, talvez, o ultimo reverberio d'uma nacionalidade, outr'ora tão brilhantemente affirmada.

Pois bem: tratemos, todos os que temos a alma incendiada por um relampago de justiça, de reunir, de animar, para a grande lucta contra a desmoralisação que se tem infiltrado por todos os modos na rede oppressora d'um systema de governo condemnado pela sciencia e pela moralidade, as aspirações dispersas da grande alma da Patria.

A prisão do Gungunhana, que ateou no peito de muitos portuguezes uma grande chamma de patriotismo, veio mostrar, bem claramente, que não está tudo perdido ainda.

Quando um exercito, como o de Portugal, se afirma tão heroico, sabendo, contra todos os obstaculos do clima e das armas, impôr ao respeito e á admiração do mundo a gloriosa bandeira da Patria; quando a noticia das victorias dos nossos valentes soldados é recebida com o entusiasmo fremente de muitos portuguezes, é dado acalentarmos a esperança de que, na hora santa da Justiça, quando o esforço gigante dos impollutos ligar á responsabilidade as infamias dos traficantes, de todos esses que fazem da politica uma industria rendosa e da consciencia uma mercadoria vil, é dado esperar, certamente, o engrandecimento moral e material da Patria,

pelo desenvolvimento da vida civica do povo.

Não foi, porém, das manifestações officiaes, essas valvulas sempre necessarias em que os nullos e os despreziveis vão cifrando os seus merecimentos pela repetição dos vãos e outras manifestações de apreço aos que tudo podem e mandam neste desgraçado país, que se nos radieou mais a convicção e a esperança da salvação da Patria.

Não, não são essas exteriorisações da imbecilidade indigena que nos podem animar.

O governo do rei, hoje como ontem, levou longe a sua especulação com os sentimentos mais sagrados do nosso povo.

De tudo se valem os servidores do paço; de tudo o paço lança mão para chamar a si, ou ao seu governo, a gloria da campanha africana, que seria evidentemente desastrosa, por mal dirigida, se não fosse o sublime heroismo do nosso exercito.

Honra, pois, a todos os valentes que, na Africa, souberam aureolar de prestigio a bandeira da Patria.

Honra, pois, a todos os que, unidos e fortes no sentimento grande do patriotismo, com a visão da Patria estremecida a adoçar-lhes as agruras, souberam, mais uma vez, banhar com sangue generoso de patriotas, os climas doentios da Africa.

Honra, pois, a elles, e para nós a esperança, porquanto, no meio d'esta amalgama de egoismos torpes a subirem pela escada das abjeções aos pinaculos da politica, ainda nem tudo está perdido. As victorias, na Africa, poderão ser o inicio da grande reabilitação nacional.

Com todo o entusiasmo, pois, da nossa alma sedenta d'uma hora de justiça, saudamos o valente exercito portuguez.

Viva a Patria!  
Viva o Exercito!

O commerciante Grandella annuncia que o seu estabelecimento é o maior da península Iberica!

O sr. João Franco vae mais longe. É o estadista mais notavel dos países latinos!

## Cartilha do Povo

Os estudantes republicanos encerram, no fim do corrente mês, a subscrição aberta para a reedição d'este pamphleto.

Pedimos, por conseguinte, aos nossos correligionarios a fineza de enviarem os seus donativos o mais depressa possivel.

Para tão util manifestação devem concorrer todos os bons republicanos.

## TRANSWAAL

Inglaterra, a valente, não está em sorte. Ainda por liquidar o incidente anglo-americano que ameaça, cada vez mais, perturbar as pacificas digestões de John Bull, e Cabo as arremetidas de Jameson levantam nova carapata á politica arrogante e atrevida da velha aliada dos Braganças.

É conhecida a questão: Na realisação precipitada do plano de Rhodes, de ligar ao Cairo os territorios da *South Africa*, Jameson, um mercenario da poderosa companhia — especie de bandoleiro a commandar sicarios — transpôz as fronteiras do Transwaal. Reprimida com energia pelas tropas *boers* a violencia britannica, o governo de Sua Graciosa Majestade viu-se na dura collisão de, ou perfilhar a derrota do seu emissario, ou de renegar a paternidade aos calculados desmandos de Jameson.

Optou pela reprovação dos actos de pirataria que, positivamente, havia encommendado, mas ficou tão corrida pelos *boers* a quadilha de malfieitores e janizaros capitaneada por Jameson, e tão desorientada com o apoio declarado e expresso da Allemanha á florescente republica africana, que até se desembresta em satisfações e penitencias:

«Jameson é um patife, Cecil Rhodes que o protegeu um maroto. Vamos tomar-lhes contas. Cecil Rhodes foi já demittido. A integridade ao territorio do Transwaal será respeitada. O imperador de Allemanha pôde estar descansado. A Inglaterra não aspira a açambarcar o ceu com as pernas. Pelo contrario. Commedida, muito correcta, tomara, até, que a aliviassem de parte dos encargos que seu poderio colonial lhe acarreta. Se querem, é pedir por bocca.»

Mas o *Times*, mais papista que o papa, põe embargos á sorna diplomacia de Chamberlain e, á cautela, para não ter de se penitenciar quando a façanha, mal succedida agora, venha a repetir-se com maior successo, desculpando a pirateria de Jameson reserva todas as suas severidades e os seus rémoques para os *boers*.

Diz assim a conspicua folha dos cervejeiros londrinos:

«Seja qual for a sentença que em ultima analyse venha a pesar sobre o acto illegal e irregular — admittamo-lo — do administrador da companhia, é todavia evidente que a medida tomada pelo governo tornou a sua intervenção nos negocios internos do Transwaal urgente e imperativa. Se fosse possivel ao governo inglés deixar aos cuidados dos habitantes da Africa meridional a solução da questão do Transwaal, não seria duvidosa a fórma por que ella se daria. Não procuramos introduzir modificação alguma na actual situação da Republica do Sul d'África, mas é dever nosso tornar scientes a todos aquelles a quem isso interessa que esta situação é a d'um vassallo para com o seu suzerano». É

com esta sahida pouco airosa e nada correcta, que a imprensa, com o *Times* á frente, não tenta já encobrir o jogo hypocrita da bifronte diplomacia inglesa.

Se desse resultado o expediente, se não levantasse serios embaraços, se o Transwaal submisso se curvasse e o imperador da Allemanha não fustigasse as carnes molles da Gran-Bretanha, com a rude lingoagem dos seus telegrammas a Krüger — o presidente transwaalino — Jameson seria um heroe, teria bem merecido da patria.

Toda a Inglaterra num *hurrah* frenetico saudaria o valente que, calcando um povo livre, um povo honrado, iniciara o caminho de latrocinios que ha de levar ao Cairo — atravez da nossa provincia de Moçambique, — a ambição desmedida dos consocios de Cecil Rhodes e do Duque de Fife.

Assim, dado o mau resultado da empresa, declaram que não podem de modo algum admittir um só instante qualquer pretensão em contrario á soberania inglesa no Transwaal.

O que quer dizer em lingoagem chan e trivial: A Inglaterra ha de estender os seus dominios até ao Cairo, custe o que custar, agrade ou não aos legitimos senhores dos territorios que lhe embaraçam o caminho.

Que o saiba o Transwaal e que o não esqueça a monarchia portuguesa que terá de ceder á sua fiel aliada, em paga da Jarreteira, a provincia de Moçambique, a região dos lagos e principalmente Delogoa Bay tão cubçada.

Vae um entusiasmo doido por esse país fora por terem prendido o Gungunhana.

O que fará quando se prender o Navarro.

Que pela prisão do Mariano até os vatoas deitam luminarias.

Escrevem-nos de Lisboa:

«Pittorescos os ensaios do *Solar*; salvo Hintze no papel de *Agapito Sollemna* e Antonio d'Azevedo no de *Tachadas*, o resto da companhia mette dô.

Entre os comparsas, nota-se a rebelião d'alguns barrigas que não podem levar a paciência que o João Franco tivesse pesto em scena o *Solar* deixando no olvido o *Burro do sr. Alcalden*.

E com razão. Que a musica é mais saltitante e, visto o Restello se prestar a desempenhar o papel do *Subtil Mauduro*, não haveria difficuldade em conseguir o de protagonista para outro barriga.

Falla-se em nova carapata diplomatica.

Da estrumelra intellectual da diplomacia portuguesa em que a abobora do sr. Soveral lançou raizes ha tudo a esperar.

Agora coube a vez á Allemanha de vir incommodar o preclaro *gentleman* com uma nota impertinente sobre a questão do Transwaal.

Claro que o Damaso Solcede dos estrangeiros agachasse. Que em questões de dignidade é uma fera. Não recebe imposições... a não ser do alfaiate.

## Instrucção publica Instrucção secundaria

XVI

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

H. LEGOUÉ.

Os auctores da organização lyceal de 14 d'agosto, querendo *germanisar* o ensino secundario, como abertamente o confessam, não fizeram mais que anarchisa-lo, como é facil demonstrar, pondo em relêvo a inconveniencia, senão o inqualificavel despropósito de se pretender impôr aos lyceos um regimen que, no estado presente, dadas as condições de inferioridade em que se encontram as nossas instituições escolares, de modo nenhum se pôde adaptar ao meio para que pretenderam transporta-lo. Os factos vão-no demonstrando muito eloquentemente. E os resultados de tamanha imprudencia havemos de senti-los muito duramente. Quizeram começar pelo fim: as consequencias hão de ser, por isso, em harmonia, em perfeita concordancia com tamanho desacerto.

Os reformadores, preocupados apenas com a idéa de fazer obra espalhafatosa, que os possesse bem em evidencia como sabios de grande polpa, como *germanistas* consummados, julgaram-se desobrigados de attender ás condições especiaes em que o ensino se encontrava, e intenderam que todas as difficuldades ficavam resolvidas, que todas as lacunas se preenchiam com regulamentos e programmas bombasticos, em cuja efficacia, queremos acredita-lo, nem os proprios auctores, ou, antes, traductores, confiavam em demasia...

Commetteram, pois, um erro de primeira ordem, um erro gravissimo, absolutamente imperdoavel, sobretudo em sabios que, com uma modestia bem pouco recommendavel, a si proprios se proclamavam e proclamam infalliveis, nestas questões aliás excessivamente complexas e delicadas do ensino, e como que os portadores da *boa nova* pedagogica, os ap stolos inspirados da redempção intellectual d'este gentio do occidente, chamado o povo portuguez.

Esse erro fundamental a que, por vezes, temos alludido ligeiramente e que desde já nos cumpre assignalar e pôr bem em evidencia, é de tal ordem, compromette e porventura annulla tão profundamente a efficacia da reforma, que, só por si, seria bastante para se ajunizar com segurança do estado mental dos pretensos reformadores: — queremos referir-nos á extensão demasiada que elles deram ao principio, aliás muito racional, da fragmentação; erro evidentemente derivado do desconhecimento das condições especiaes em que, neste ponto que se discute, se encontra o nosso país, onde, no estado presente, não é

possivel fazer-se vingar um plano de estudos, absolutamente incompativel com a situação de vergonhosa inferioridade em que se encontra o nosso ensino publico e com habitos e processos viciosos, profundamente invertebrados e que, se são completamente refractarios á corrente renovadora e vivificante do seculo, ninguém pôde suppôr que cedam e se dobrem mais facilmente ás objurgatorias inoffensivas de artigos de regulamentos indigestos e á prosa incendiada de circulares campanudas, só proprias para espantar os pardaos. . . O remedio que a situação do ensino exigia era muito outro que não o que pretenderam applicar-lhe, como os factos estão demonstrando. Mas prosigamos nas considerações encetadas, que não é agora o momento opportuno de aprofundar este ponto, aliás da maxima importancia.

Os nossos reformadores, não só mostraram desconhecer as condições particulares a que alludimos—a multiplicidade de disciplinas que mandaram estudar simultaneamente, logo no primeiro anno do curso dos lyceos, o d'isso uma boa prova—senão, também, como já tivemos occasião de observar, a corrente impetuosa que ha muito se manifesta, até na propria Alemanha, e de todo contrária á sustentação d'um regimen de estudos que vivemos, já não admittem em toda a sua integridade; regimen que, aliás, aqui pretendem impor-nos dogmaticamente, como a ultima palavra, como a expressão genuina da perfeição absoluta, em materia de instrucção secundaria! Isto é significativo.

Para se implantar eficazmente uma organização lyceal como a que estamos analysando, e de modo a não produzir resultados negativos, seria indispensavel reformar previamente o ensino primario, de sorte que os alumnos que elle fornece aos lyceos fossem habilitados a poder estudar com proveito, assimilando as convenientemente, todas as disciplinas que impensadamente se lhe mandaram estudar, sem de modo nenhum se encontrarem preparados para um tal e tão pesado labor intellectual, para uma tal e tão extensa multiplicidade de materias. Porque é preciso que se saiba, a fim de se dissiparem quaesquer illusões que o publico possa abrigrar a semelhante respeito:—no estado actual da instrucção primaria, não só não pôde o alumno que d'ella sae para os lyceos aprender utilmente as materias do primeiro anno do curso, senão que ainda a novissima reforma d'este ramo do ensino publico veio agravar a situação anterior, que começava a ser um pouco lisongeira, pois foi organizada muito de proposito de modo a fazer baixar muito sensivelmente o grau de saber com que o alumno até agora de lá tem saído. E nós veremos isso opportunamente. E, além d'esta, outra reforma se nos impunha soberanamente, como das mais necessarias e urgentes, se a sério se quizesse melhorar o ensino secundario:—a do recrutamento, em bases sérias, do corpo docente dos lyceos, por ser d'elle que principalmente depende o bom exito de qualquer reforma, como facilmente se avalia. Este ponto, que ainda aos menos familiarizados com estes assumptos se antolha como importantissimo, será, porém, a seu tempo, convenientemente tractado.

Só quem se não preoccupa com os resultados de qualquer reforma de instrucção publica, visando apenas aos applausos inconscientes dos que os concedem simplesmente por dever de officio, e aos da multidão ignorante, que ordinariamente se deixa deslumbrar pelas apparencias, lomando por ouro de lei o que, muitas vezes, não passa de simples escumalha de ferro, é que poderia lembrar-se de construir um edificio sem alicerces, copiando á lã, desordenadamente, sem o estudo previo dos factos, uma organização lyceal, cuja perfeição está sendo, aliás, muito contestada até na propria terra em que nasceu e se desenvolveu, radicando-se profundamente no solo que a fizera fructificar—organização talhada para individuos que sabem da eschola primaria com uma cultura intellectual que, entre nós, seria muito para desejar, na maioria dos casos, nos alumnos que terminam o seu curso de estudos secundarios. E, com tudo, é isto simplesmente—um edificio sem base—o que unicamente poderam fazer os conspicuos e omnipotentes reformadores da nossa instrucção secundaria! Uma construcção bem solida, como se vê, e como o tempo se encarregará de demonstrar. . . Mas isto não é tudo; temos muito que ver e admirar ainda, na obra prodigiosa dos illustres e preclaros germanistas portuguezes.

Subscrição aberta na redacção da «Resistencia», em favor da reedição, para distribuição gratuita, da «Cartilha do Povo», de José Falcão.

|   |         |
|---|---------|
| Transporte . . . . .                        | 15\$700 |
| Commissão Republicana de Penacova . . . . . | 5\$000  |
| Anonymo . . . . .                           | 500     |
| Somma . . . . .                             | 21\$200 |

### Erratas

Os typographos, brilhantemente secundados pela revisão, fizeram trinta por uma linha ao artigo sobre a *Dór Suprema*, publicado no ultimo numero. Corrigem-se apenas estas diabruras:

*Suavidade por necessidade; espuma do por esfumado; borracheirão (Garrett que perdêe ao typographo) por bonacheirão; d'uns autos por d'um autor, erros recentes por usos secretos.*

E outros e outros. . . que a intelligencia dos leitores, e a má calligraphia do auctor, facilmente explicam.

Os barrigas iniciam as suas representações pelo côro dos foguetes. Dado, porém, o estado de consternação em que se acham, são foguetes de lagrimas.

Assim, padre Patricio carpirá Pinheiro Chagas e Moncada entoará uma nenia sobre a campa de Carlos Valbom.

A musica de Cyriaco já foi transformada. Em vez do *chi-pô-pô* os coros, lamuriantes, carpirão: *apoiado*.

### Movimento republicano

Vae publicar-se na Covilhã um novo jornal republicano, fundado pelo conceituado industrial d'aquelle centro manufactureiro, o sr. José Maria Campos Mello e dirigido pelo sr. Carlos Pereira.

Em Portalegre começou a publicar-se uma nova folha republicana a *Plêbe*.

## Cuba

Está, parece, afinal, no principio do fim, a lucta que d'ha muito ali vem sendo travada.

Os telegrammas chegados nestes ultimos dias d'Hispanha, annunciam-nos o estado d'extraordinaria tensão em que no vizinho reino se encontram os espiritos.

Por um lado noticias officiaes um tanto alarmantes recebidas do theatro da lucta, e de que o governo hespanhol já não tem coragem para fazer segredo e, por outro, as particulares vindas do mesmo local, ou as que por meio da imprensa estrangeira vão chegando ao conhecimento dos hespanhoes, deixam antever a ameaça imminente d'um desastre tremendo para os nossos vizinhos.

Desde o principio da revolta dos cubanos, em prol da sua independencia, que pela Europa e, sobretudo, na Hespanha, se espalhavam noticias de victorias sobre victorias, alcançadas pelas tropas hespanholas, em que estas contavam nas suas fileiras, ora meros ferimentos ligeiros, ora um insignificante numero de mortos, ao passo que o campo inimigo ficava sempre juncado de cadaveres, sem comtudo se poder precisar bem o alcance da derrota soffrida, visto que os vencidos, na sua fuga desordenada, carregavam sempre com muitos dos companheiros feridos ou mortos.

Sem quereremos com isto ensombrar a bravura do soldado hespanhol, parece que tantas victorias deveriam assim ter, quando não de todo subjugo a revolta, pelo menos enfraquecido os revoltosos a ponto de terem ou que submitter-se breve, ou serem definitivamente rechçados num ultimo ataque, se a convicção da justiça da sua causa lhes fizesse preferir morrer com dedicação pela independencia da sua patria na lucta contra os que julgam seus oppressores.

Sim, com tantas victorias e com tão extraordinario numero de baixas no campo inimigo, sem uma desproporção enorme entre as forças dos dois campos, pelo contrario, parecendo antes serem as forças cubanas inferiores em numero ás hespanholas, não deveria haver a esta hora um unico cubano revoltoso que não tivesse sido exterminado já.

Infelizmente, porém, para os nossos vizinhos, não succede assim.

As ultimas noticias desmoronam por completo essa epopeia que os dirigentes hespanhoes vinham creando em volta de si no intuito d'ampararem um throno cambaleante em que mal se equilibra um *rei niño* com o organismo corrompido—mal d'elle!—por enfermidades que foram herança paterna.

Nem a grande legião de soldados hespanhoes, nem a sua bravura têm sido bastantes para dominarem a revolta.

E o traidor de Sagunto, que numa noite teve a audacia d'apunhar covardemente a republica, soffre agora as horas amargas da sua traição ao ver ruir-se-lhe o prestigio que lhe veio d'esse momento tenebroso, em que empunhou a espada para acorrentar a alma d'um povo nobre ás intrigas e aos interesses d'uma alcova real, vendo-se impotente para suffocar uma revolta de guerrilhas.

Desesperado por sentir fugir-lhe a gloria de que se suppunha aureolado, Martinez Campos appella já, como ultimo recurso, para a demissão que, consta, pediu de commandante em chefe das forças expedicionarias de Cuba, segundo telegrammas recentes de Madrid.

É que se reconhece perdido perante a onda de accusações que cada vez mais se lhe avoluma na metropole e vê malograrem-se-lhe todos os setos planos na grande Antilha.

Effectivamente os revoltosos, se a estas horas, no seu movimento constante d'avanco, não estão já ás portas de Havana, capital de Cuba, não tardará muito, decerto, que o consigam,

Gomez e Maceo, os dois chefes mais prestigiosos e activos dos insurrectos, com a sua gente, sem terem encontrado grandes obstaculos, chegaram já a 12 kilometros d'aquelle cidade, onde o alarma, á data das ultimas noticias, era extraordinario, envidando-se todos os esforços nos preparativos da defesa.

Não é, pois, do ataque, mas sim da defesa urgente que tractam já só os que não estão com a insurreição.

Não será para surprehender, portanto, que em breve o telegrapho communique á Europa a completa tranquillidade de Cuba, pela assim mais que provavel proclamação da sua independencia.

E a Hespanha contará de menos uma das suas importantes colonias, com uma somma enorme de sacrificios pecuniarios e de perda de vidas.

Martinez Campos ficará o que é—um tarimbeiro feroz.

O sr. D. Carlos partiu para Albufeira á caça dos pombos.

Qualquer dia esta chapa das folhas que annunciam as cyneticas empresas do monarcha ha de mudar.

A dignidade do pais offerecemos uma ligeira variante:

Á caça d'um rei, partiu para o paço a Revolução.

É mais correcto e todos applaudirão. Portuguezes honestos e punhos de Albufeira.

### Novo original portuguez

Está em ensaios no theatro de D. Maria o drama em 5 actos *A Honra manchada num bosque* do illustre critico theatral do *Correio da Noite*, o sr. José Parreira.

Declara o *Memorial diplomatique* que as relações entre a Inglaterra e a Italia esfriaram consideravelmente não só por causa da questão abyssinia, mas ainda em consequencia de novos pedidos de dinheiro feitos ao governo inglés pelo Quirinal, sob a forma de emprestimo.

Na India o infante D. Alfonso não tem mãos a medir: Todos os dias, ao levantar da cama perpetua um heroismo.

Pelo menos assim o attestam os telegrammas officiaes ás admirações pacovias do continente que se dão tratos de polê para averiguar se nas velhas conquistas isto de heroismos será synonymo de atropellamentos. Que elle cá nunca fez outra coisa.

Está em Coimbra o sr. dr. Lopo de Carvalho, illustre clinico da Guarda.

### Camara municipal

Tomou posse em terça feira ultima, como haviamos noticiado, a nova camara municipal. Foi nomeado presidente o sr. dr. Luiz Pereira da Costa e vice-presidente o sr. arcediogo José Simões Dias.

A camara resolveu que na cidade se fizessem manifestações de regosijo pela prisão do Gungunhana, illuminando os paços do concelho e percorrendo a cidade as duas philarmonicas Boa-União e Conimbricense. D'estes festejos diremos em outro lugar.

Na mesma sessão foram eleitos como delegados da camara para a escolha dos vogaes da commissão districtal os seguintes individuos:

*Effectivos*:—Bacharel Antonio Maria de Sousa Bastos; bacharel João Augusto Antunes; Francisco d'Almeida Quadros.

*Substitutos*:—Bacharel Silvio Pellico Lopes Ferreira Netto; Antonio José Dantas Guimarães; José Tavares da Costa.

É esperado em Lisboa o sr. Cypriano Jardim, governador da provincia de S. Thomé.

S. ex.<sup>ta</sup>, consta que escolheu como meio de transporte o balão da sua invenção e que o governo, sempre generoso para as grandes empresas, subsidio.

## Litteratura e Arte

### Exiladas

Versos de A. Osorio de Castro

8—I—96...

Quando o conheci, era elle muito novo ainda, franzino, d'uma pallidez doentia, o olhar cheio d'indefinido e vago.

Morava num andar alto d'uma casa da Couraça de Lisboa.

Nas janellas do seu quarto havia sempre cortinas muito brancas; pelas paredes, armas antigas, espadas do seculo XVI, punhaes bizarros de que sabia e contava a historia.

Das janellas do seu quarto alto via-se ao longe triste, estendido, morto, sem vida entre a verdura negra das oliveiras o Convento de Santa Clara, e mais ao longe o Choupal em que morria tristemente, na agonia lenta dos poentes de Coimbra, o sol frio e doente, d'ouro pallido.

Sahia pouco: os dias passava-os a ler e a sonhar noma atmosfera em que boiavam essencias fortes, perfumes do Levante que elle gostava de queimar e ver desfazer em fumo que o seu sonhar enchia de visões de dôr e soffrimento.

Impressionava-o a tristeza dos outros, não comprehendia o sorriso sem a dôr; o riso para elle era a saudade de dôr que já passara.

Gostava das conversas longas em que a alma cançada se põe á vontade, e deixa escapar os seus segredos; e dizia então da sua tristeza, do seu soffrer por ser fraco tendo nascido em pais de fortes, e por se ver rodeado d'infames numa terra de Heroes.

Contava coisas da Serra de Estrela, o pais forte em que elle passara a infancia fraco, a grandeza da vida dos rochedos azues, tão livres a respirar no ar fresco e puro da serra, a força do granito, as vidas do Zimbro, todo o inverno em lucta com a neve a esmagal-o contra o solo, vencendo á final e cobrindo-se do seu vestido verde d'esmalte, de flores e da baga negra como aquelles olhos que eu lá vi.

Gostava-se de o ouvir fallar.

Preoccupava-o muito a resonancia das palavras bizarras, comparando-as com o som da prata, do ouro e dos metaes preciosos, e pelo som de palavras que nunca ouvira achava ás vezes a sua intensão representativa, a sua côr.

Quando lia versos, lia-os em toada, ligando as palavras, preocupado em reunir naquelles sons a harmonia, a côr e a vida da sua idéa.

O livro que agora nos manda da Asia, é o poema da sua vida, o seu sonhar constante na Universidade a estudar, em Lisboa depois de formado, na jornada da India e nos paeses do Levante, em que a sua tristeza anda a evocar um passado de heroes, sem conseguir ver florir a esperanza do futuro.

O livro é o seu sonhar de artista; porque elle tem vivido sempre a vida da sua tristeza, andando a procurar no meio das alegrias os que soffrem, os rostos em que anda a saudade da dôr passada.

A sua tristeza não o isola, não fez d'ella divisa, não é empresa litteraria. A sua tristeza é verdadeira, é um laço que o prende a todos os que neste pais andamos a soffrer a saudade dos tempos idos a dôr dos tempos de hoje.

A Tristeza e a Dôr encontra-as a cada passo que dê; na Belleza que devera ter vivido em outros tempos para andar coberta de velludos e sedas, tecidas a prata e ouro, bordadas a perolas e pedras raras, acariciada pela alvorada dos linhos preciosos, adorada pelo amor viril dos homens fortes; na Força que anda a esgotar-se na lucta mesquinha da vida de hoje, nua, sem armas, quando devera andar em armaduras buriladas resplandecente ao sol, pennas ao vento, rodeada de guerreiros bons e fortes.



# 3 REIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encomendas:**  
**a JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

**COIMBRA**

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

**COIMBRA**

14 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fora.

## AGUAS MEDICINAES

DA

**FONTE NOVA**

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloreçadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposallinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chlorreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—**DEPOSITO GERAL**—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depósitos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragozo, Rua Santos-o-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depósitos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—**RODRIGUES DA SILVA & C.**

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

## MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no **Café Lusitano**

## LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

**COIMBRA**

14 Neste estabelecimento encontra-se a venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, a Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Completo sortido de productos para sopas, molhos, pimentinhos do Brazil, cacau *Van Houten's* e *Epps* com e sem leite, farinha imperil china, conservas da fabrica de Antonio Rodrigues Pinto, leques, ventarolas, crepons, abat-jours a 40 réis, novidade, latilhas para chá e café, etc., etc.

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. —Chá medicinal de Hamburgo.

PEDIR OS PROSPECTOS

Assinatura 100 RS. cada n.º

Os leitores da **REVISTA THEATRAL**, além do texto, compreendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tambem

**Gratis** UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

São nos dias 1 E 15 de cada mez

ASSIGNA-SE em todos os agencias da ANTIGA CASA BERTRAND

JÁ PUBLICADO O 1.º VOL.

PROVINCIAS

PEÇAS PUBLICADAS

**SALTIMBANCO** de Antonio Ennes

**JUCUNDA** de Abel Botelho

**ALCACEZ-KIBIR** de D. João da Camara

**PARAISO CONQUISTADO** de Lopes de Mendonça

Ciume com ciume se paga de Rangal de Lima  
*Muito proprias as ultimas para amadores*

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA

ENVIASE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

### ESTABELECIAMENTO

### FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

**COIMBRA**

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para ferrar casas, moinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

### POMADA DO DR. QUEIROZ

13 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.  
N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

### A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

12 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

17—ADRO DE CIMA—20

Fernão Pinto da Conceição

**CABELLEIREIRO**

Escadas de S. Thiago n.º 2

**COIMBRA**

14 Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

### Atenção

10 ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accoimodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13.

Nella se prestam os demais esclarecimentos.

### Cavillos, muares, etc.

19 As sobrecannas, espavarões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel a untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont' Agraço, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

### Vinho de meza sem composição

8 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Caravellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.

A. Marques da Silva.

### VINHO ANALEPTICO

DE

**A. GUERRA**

7 Util nas convalescencias, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tônico reconstituinte de efeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C., rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

### BRINDES, PARABENS

#### BOAS FESTAS

6 CARTÕES apropriados e outros artigos de luxo. Completas novidades.

Grande sortimento em cartões para photographia chegados nos ultimos dias.

### Papelaria Central

2—Rua Visconde da Luz—6

8 BASILIO AUGUSTO X D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestris*, a 6000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3000 réis o milheiro. Rua das Figueirinhas, 45.

### Queijo da Serra

5 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

### Papelaria Central

#### Grande leilão de penhores

COMPANHIA AUXILIAR

Ao Arco do Bispo n.º 2

4 No dia 12 do corrente e mais dias a seguir faz leilão de todos os penhores que devam mais de tres meses de juros e que se juguem abandonados pelos seus donos.

No mesmo dia se annunciara por meio de jornaes e prospectos a grande variedade de objectos que ha para liquidar pela mesma forma que esta companhia sempre costuma fazer os seus leilões já bem conhecidos.

O empregado da companhia, João Faúas.



### AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

2 Roupas completas para homem, de 5000 réis para cima!

### Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

**COIMBRA**

2 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

### MARÇANO

1 Admitte-se um que tenha pelo menos 2 annos de pratica de fazendas brancas, ou proximo a ganhar.

Dirigir á

### LOJA DO POVO

PRAÇA DO COMMERCIO

**COIMBRA**

### “RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

### Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:  
Anno..... 25700  
Semestre..... 13350  
Trimestre..... 680

Sem estampilha:  
Anno..... 24400  
Semestre..... 12200  
Trimestre..... 600

### ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

### LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 94

COIMBRA — Domingo, 12 de janeiro de 1896

1.º ANNO

## OS TITERES

O que torna o actual parlamento notavel não é a inferioridade, qualquer que seja, do valor moral dos representantes do povo, escolhidos a tralha por esse país adiante.

Nas legislaturas anteriores o tecto de S. Bento da mesma forma abrigava todos os ambiciosos sem officio, todos os vaidosos sem occupação, todos os mediocres sem prestimo e sem escrupulos, que quizessem tentar melhora de fortuna nos alcouces sujos da politica.

Nunca a representação nacional deixou de ser a mais affrontosa burla, servida pela mais desprezível corrupção. No entretanto salvavam-se as apparencias do suffragio: acirravam-se uns contra os outros os titulares de grosso trato e os agentes sertanejos, os regedores e os cabos de policia; e não faltavam auctoritarios brutamontes para mandar, nem dependentes submissos e fracos para a obediencia.

As violencias e as urnas de fundo falso, a viciação dos recenseamentos e a falsificação das actas completavam a victoria governamental. Era uma vileza; mas davam-lhe a côr artificial de genuidade com tibornas de borras e drogas colorantes.

Agora que a ladroeira ultrapassou os limites da desvergonha e do impudor, que a mascara da legalidade foi arremessada, que esse conciliabulo de *paes da patria* não é mais que um bando de perús, de grandes moncos, attentos á vara e á senha governamental, os factos que vão seguir-se serão um motivo de reflexão para os homens impenitentes de boa fé, porque serão a contraprova eloquente, embora desnecessaria, da decadencia grotesca d'um systema que tudo corrompe e abandalha.

Até aqui affirmavam que o que determinava a *rotação do governo*, no calão do bordél, era a attitude dos partidos nos embates parlamentares...

Agora, porém, que a quadrilha dominante está senhora do terreno, o jogo fica a descoberto; e vamos assistir a uma comedia obscena e revoltante, previamente ensaiada por accordo, em que os pantomineiros hão de fingir luctas renhidas, raptos vehementes de opposição indignada e appellos calorosos ao país!...

×

E como assim não ha de ser, se os bandos monarchicos não são mais que aglomerações de parcellas desagregadas d'um nucleo commum, e

que vão tomando os nomes de *partidos* ou *patrulhas*, segundo os ventos da real clemencia! As taboetas que os cobrem podem ter denominações diversas; mas a verdade é que são productos da mesma massa, identicos e homogeneos, — pevides d'uma mesma tenia, que se aloja e se agita nos intestinos da cousa publica.

As caimbras e a anemia de que o país soffre; os suores, as visões debilitantes, as incongruencias da covardia, são symptomas derrancados da solitaria que percorre as entranhas da nação e lhe tem sugado toda a energia vital!

É assim que se explica a inconsistencia com que essas *pevides* se deslocam d'uma bicha, para se agarrarem á porção mais proxima da outra bicha...

Quer por virtude do alho ou de um pouco de rhuibarbo que o acaso lance na condimentação dos arranjos, é curioso de ver a facilidade cynica com que essas articulações se destacam e tornam a gradar umas ás outras com a impudencia desprezível de rameiras gastas!

E a esta operação as folhas partidarias costumam chamar: — *desligar-se das fileiras onde tem honradamente militado; ou — adherir de novo ao partido que outr'ora honrou com a sua vasta intelligencia e inconcussa probidade!*...

Tal a politica portugueza!...  
Uma immundicie asquerosa de torpesas sem nome!

No *Solar* e no dizer das folhas officiaes, têm-se estreado varios jovens *barrigas*.

E todos brilhantemente, dizem as folhas. Acreditamos; nada mais brilhante que a eloquencia intestinal.

Principalmente quando elogia a monarchia e almoçou feijão antes de ir para a tribuna.

## Cartilha do Povo

Os estudantes republicanos encerram, no fim do corrente mês, a subscrição aberta para a reedição d'este pamphleto.

Pedimos, por conseguinte, aos nossos correligionarios a fineza de enviarem os seus donativos o mais depressa possivel.

Para tao util manifestação devem concorrer todos os bons republicanos.

Navarro confessa:

Até aqui tinhamos de andar, lá por fóra, muito recatados e encolhidos.

Pois sim. Mas apesar d'isso a França mandou-o pôr na fronteira.

E o C. simir Perier, ministro dos estrangeiros, requisitou para a embaixada portugueza: *Quelq'un d'honnête*. Imaginem que por elle se desenrolava!

## A REACÇÃO

Reacção politica!

Reacção religiosa!

Vão já campa dentro os grandes vultos que symbolisaram a revolução de 20; todos esses que, românticos e aventureiros, souberam traçar por sobre as sombras escuras d'um throno covarde e d'um altar corrupto, — os dois grandes aliados da degradação humana, jornadas brilhantes d'uma conquista gloriosa.

E, como se esperasse o apagar dos soes, para que envolvesse a terra os vóos do pensamento, e o frémito dos corações, ei-la, abi, a impostora de processos cynicos e depravados fins, a soprar nas trombetas de alguns estafermos do jornalismo reaccionario.

Escorraçada pela brilhante geração que passou, desmascarada nas mazellas, bem ao léo as suas armas de combate, — calumnia infame e intriga mesquinha, ei-la, agora, outra vez, petulante e odienta, a querer dobrar a tempera das almas bem formadas, a berrar, epileptica, em altos brados, pela perseguição da imprensa intemerata e justiceira, como o primeiro puxão de musculos para uma salva real de couces na liberdade do pensamento.

Liberdade do pensamento! Mas nós temos os carcereos abertos para os que têm a febre d'uma idéa e a energia d'uma aspiração!

Liberdade do pensamento! Mas de entre as encruzilhadas da lei sabem-nos saltadores de bacamarte apontado aos nossos protestos!

E, enquanto, no escuro das intrigas, se vae tramando a odienta conspiração, o nosso impagavel burguez, este burguez que pensa mais na baixa de fundos do que na descida da sua consciencia, atravez de todos os podres, ao monturo infecto das abjecções mais vis, esse burguez que todos nós vemos atarefado na ancia de ganhos extraordinarios, no arranjo de combinações mysteriosas, ou da exhibição grotesca da sua nullidade triumphante, esse tal burguez que é deputado, par do reino, ministro, embaixador, ou coisa mais subida ainda, com o peito abarrotado de condecorações, mas com a vida cheia de nodoas, esse tal cruza os braços, indifferente, e liga duas lérias de chacota ao commentario do caso...

Fazes bem, burguez, fazes bem!

Processos energicos, combates accesos no ardor do entusiasmo e purificados na intenção das almas generosas, não eram para a tua tempera!

Deixa, portanto, que avance o despotismo de braço dado com o jesuitismo, visto que tu mesmo és

reaccionario. Não lances, porém, o teu sorriso alvar, como o vomito da tua alma cheia de podridões, sobre os que vão combatendo a obra nefasta da estupidez e do fanatismo. Cautela! Não chegues até ahí, que podes ser corrido, e, bom burguez! podem falhar-te os calculos mercantis.

×

Vae um grande entorpecimento moral pela sociedade portugueza. Os pantanos onde se enlameia a alma, alastram-se, vertiginosamente. Aqui, é a companhia real dos caminhos de ferro, ali a salamancada, acolá o nyassa a fermentar, que apparecem como ataúdes negros onde a consciencia abafa o ultimo grito. Dos syndicatos aos montes, dos monopolios ás dezenas, sabem rumores surdos de ladroerias infames. Esses rumores bafejam os ouvidos da justiça, mas como a justiça é cega, não os vê...

Consequencias: a indifferença invade tudo, não se protesta, não se pensa, não se trabalha, deixa-se tudo neste marasmo torpe de infamias sem um movimento de repulção, sem uma chicotada de justiça.

Trabalhar para que? para que pensar, para que protestar? A força d'uma energia, e o exemplo d'um caracter perdem-se nesta atmosphera doentia, sem deixarem um rastro que illumine, porque o pó das ladroerias o ensombra e apaga.

Meio, portanto, favoravel ao desenvolvimento do despotismo, com todas as suas velhas patifarias, com todas as suas velhas machinações ruinosas ao país e lucrativas para o estrangeiro. Meio adequado para receber sem protestos violentos, sem gritos de indignação, sem movimentos de rebellião, o presente da Jarreteira agrilhoando o nobre patriota sr. D. Carlos. Atmosphera propicia para se encher das ladinhas hypocritas da velhacaria fradesca.

Que as nossas palavras sejam, porém, um incitamento e uma esperanza: se uma energia dispersa se perde e abafa sob a onda prehe de lama e de detricios, que avança contaminando tudo, e tudo subvertendo, a convergencia forte de muitas aspirações, ha de produzir um foco, sufficientemente intenso para enxotar o escuro d'uma roupeta jesuitica ou vencer os brilhos enlameados d'uma purpura real.

Nosso amigo Navarro, posso não, do alheio, commentando um trecho glorioso do *Figaro* a proposito das victorias africanas diz:

Agora, podemos apparecer em toda a parte, de rosto desafogado e erguido.

Alto lá! Que o Gungunbana não é os Perdões da Semana Santa.

## Patriotismo e patriotas

Não vimos falar dos ultimos successos que em terras d'Africa ergueram bem alto o prestigio da nossa bandeira e affirmaram ao mundo que não desapareceram ainda essa raça de heroes, que na Edade Media, meio românticos, meio mysticos, mas sempre cheios de coragem e de abnegação, atravessaram «mares nunca d'antes navegados», arrancando da treva da vida selvagem para a luz da civilização e do progresso vastos emporios que causaram o assombro dos povos cultos e formaram os monumentos immorrederos da grandiosa epopeia da nossa historia.

Não. Esses successos são já bastante conhecidos e por elles a alma da Patria vibra agora d'entusiasmo, acordando-se, desde a mais sertaneja aldeia onde a noticia já chegou, os echos de saudação fremente aos nossos valentes expedicionarios.

Desalentado, meio sceptico, descrente por ver lançar raizes para ahí impunemente tanta infamia, tanta covardia, perdidos pelo desprezo dos dirigentes os seus protestos, esquecidas as suas reclamações, sem echo quasi as suas queixas, o povo portuguez, sem a esperanza já d'um braço poderoso que o afastasse do abysmo, tinha deixado adormecer as suas energias.

Arrancado agora por este repellião enorme á lethargia profunda em que o haviam mergulhado, nos primeiros momentos do seu estonteamento, nas incertezas do sobresalto medonho que sentiu, julgando-o o ultimo baquear da sua queda, esfregando ainda os olhos, não fosse illudi-lo o torpor do seu longo somno, viu com alegria louca que não estava ainda tudo perdido.

E não o estava; e não está realmente tudo perdido!

Temos um exercito, temos uma marinha que, com a mesma serena altivez estampada no rosto, a alma da mesma forma moldada no heroismo, na abnegação, sentindo identica despreocupação romantica em face do perigo, são — ninguem o duvidava, ninguem o duvidou nunca — os dignos representantes dos heroes cujos feitos enchem as paginas brilhantes da historia patria.

Consola isto, dá vida, dá energia, dá forças, revivem as esperanças acaso enfraquecidas, torna-se mais ardente assim a crença numa regeneração futura d'este pobre país; mas torna-se tambem mais intensa a sede de justiça, redobram os impetos de revolta, cresce a indignação perante o abandono criminoso a que com o desprezo de todas as forças lateute e intensamente vivas e activas, como o exercito e a marinha, os governantes têm atirado os negocios e interesses da nação, e em face das explorações reles com que se quer coroar a obra dos nossos valentes soldados, pretendendo fazer a derivar em prestigio d'instituições odiadas e cambaleantes, como causa-

820  
1896  
1896





# 3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encomendas:**  
**a JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

**COIMBRA**

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

## MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no **Café Lusitano**

## LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

**COIMBRA**

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Completo sortido de productos para sopas, molhos, pimentinhos do Brazil, cacau *Van Houten's* e *Epps* com e sem leite, farinha imperiál chineza, conservas da fabrica de Antonio Rodrigues Pinto, leques, ven'arolas, crepons, abat-jours a 40 réis, novidade, latilhas para chá e café, etc., etc.

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

## CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

Este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um **extraordinario e variadissimo** sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outono e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacos com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos cortes para calças e fatos completos, de casimiras e chevistes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 15800 a 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Chevistes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

**PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO**

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

**BICYCLETES PNEUMATICAS**, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000!!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

**NOTA**—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

**PEDIR OS PROSPECTOS**

|  |   |               |   |   |
|--|---|---------------|---|---|
| Assinatura<br><b>100 RS.</b><br>cada n.º | Os leitores da <b>REVIS-<br/>TA</b> , além do texto, compre-<br>hendendo o original de perto<br>de 90 paginas em 8.º, têm tam-<br>bem | <b>Gratis</b> | Uma <b>FOLHA</b> de<br>uma peça original portugueza,<br>paginada separadamente, de ma-<br>neira a formar um elegante vo-<br>lume. | Saem nos dias<br><b>1 E 15</b><br>de cada mez |
|--|---|---------------|---|---|

**COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS**

**REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA**

Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA

ENVIAR UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

**PEÇAS PUBLICADAS**

**SALTIMBANCO**  
de Antonio Ennes

**JUCUNDA**  
de Abel B. Telho

**ALCACER-HIBIR**  
de D. João da Tamara

**PARAISO CONQUISTADO**  
de Lopes de Mendonça

**Ciume com ciume se paga**  
de Rangel de Lima  
*Muito proprias as ultimas para amadores*

**PROVINCIAS ANTIGA CASA BERTRAND**

**ESTABELECIMENTO**

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

51, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

**COIMBRA**

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende Lisboa e Porto. por preços eguaes aos de

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystallé, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais apparchhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaíades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bindejas, oleados, papel para forrar casas, moedores e torradores para café, machinas para moer carne, balaças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**POMADA DO DR. QUEIROZ**

13 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.  
N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

**A' LA VILLE DE PARIS**

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

12 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

17—ADRO DE GIMA—20

**Fernão Pinto da Conceição**

**CABELLEIREIRO**

Escadas de S. Thiago n.º 2

**COIMBRA**

11 Grande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

**Atenção**

10 **ALUGA-SE** uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13.

Nella se prestam os demais esclarecimentos.

**Cavillos, muares, etc.**

9 **As** sobrecannas, espavarões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 98.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrapo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis.

**Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

**Vinho de meza sem composição**

8 **Vende-se** no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Caravellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.º 9 e 11.

A. Marques da Silva.

**VINHO ANALEPTICO**

DE

**A. GUERRA**

7 **Util** nas convalescências, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Carlaxo.  
Drogaria Rodrigues da Silva & C., rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

**BRINDES, PARABENS**

**BOAS FISTAS**

6 **CARTÕES** apropriados e outros artigos de luxo. Completas novidades. Grande sortimento em cartões para photographia chegados nos ultimos dias.

**Papelaria Central**

2—Rua Visconde da Luz—6

8 **BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestriz*, a 60000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.  
Rua das Figueirinhas, 45.

## Queijo da Serra

5 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

## Papelaria Central

**Grande leilão de penhores**

COMPANHIA AUXILIAR  
Ao Arco do Bispo n.º 2

6 No dia 12 do corrente e 6 mais dias a seguir faz leilão de todos os penhores que devam mais de tres meses de juros e que se juguem abandonados pelos seus donos. No mesmo dia se annunciará por meio de jornaes e prospectos a grande variedade de objectos que ha para liquidar pela mesma forma que estacompanhia sempre costuma fazer os seus leilões já bem conhecidos. O empregado da companhia, *João Favas*.



## AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

7 **Roupas** completas para homem, de 55000 réis para cima!

## Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

**Caldeira da Silva**  
*Cirurgião dentista*

**Herouano Carvalho**  
*Medico*

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174  
**COIMBRA**

8 **Consultas** todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

## MARÇANO

1 **Admite-se** um que tenha pelo menos 2 annos de pratica de fazendas brancas, ou proximo a gaubar. Dirigir á

## LOJA DO POVO

PRAÇA DO COMMERCIO  
**COIMBRA**

## "RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS  
E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

**EDITOR**  
João Maria da Fonseca Frias

**Condições de assignatura**  
(PAGA ADIANTADA)

*Com estampilha:*

|                |       |
|----------------|-------|
| Anno.....      | 25700 |
| Semestre.....  | 15350 |
| Trimestre..... | 880   |

*Sem estampilha:*

|                |       |
|----------------|-------|
| Anno.....      | 25400 |
| Semestre.....  | 15200 |
| Trimestre..... | 600   |

**ANNUNCIOS**  
Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**  
Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 95

COIMBRA — Quinta feira, 16 de janeiro de 1896

1.º ANNO

## JOÃO DE DEUS

Dizem que morreu, elle que não conseguira envelhecer e fóra sempre são, alegre, e descuidado, como se é só quando se é novo, e se é bom.

Morrer em Lisboa...

Póde lá ser! Se elle nunca d'aqui sahio, se anda esta terra cheia d'elle, e eu encontrei ha pouco a rir a sua mocidade.

Nunca d'aqui sahio, todos aqui conhecem João de Deus, elle nunca deixou d'estudar conosco, e ainda hontem eu estive com elle a dizer mal dos lentes!

Nunca d'aqui sahio, todos sabem o seu logar nas aulas, e de longe conhecem as raparigas a sua capa róta.

Nestas noites d'inverno frio, todos contam coisas d'elle, e todos riem o seu rir, riso de moços.

Quando chegar a primavera, e quando apparecerem os rouxinoes ha de, como os outros annos, começar-se a ouvir versos seus a voar em labios de rapazes, á guitarrada pelo rio.

Já o rio e os salgueiros sabem os seus versos, de cór, como o cantar dos rouxinoes.

Creou-se aqui sem um inimigo. Dito seu, toda a gente o sabia no mesmo dia, e toda a gente ria...

Versos seus sabem-os todas as mães e as creanças, cantam-os as tricanas e os rapazes, lêem-os os lentes.

Morrer! Podia lá morrer!...

A obra de João de Deus é uma obra singular, inexplicável, como a do génio.

Nasceu poeta, como podéra ter nascido pintor, ou escultor. Não teve mestres e não deixa discipulos.

Versos, aprendeu a faze-los, eu sei cá! — como aprendeu a fallar.

Talvez lh'os ensinasse a mãe; anda nelles tanto amor pelas creanças, tanta adoração pela Virgem Nossa Senhora!

Só em creança se ama e cré assim!

Falla a lingoa da sua terra e é bem português. Para se fallar assim é necessario ter começado do berço. Aquella lingoa não lh'a ensinaram mestres, entende-se sem dictionario, aprendeu-a de a ouvir á mãe, é a lingoa do seu país, a lingoa do seu sangue.

Como os versos, que são portugueses de lei, faceis e doces como

o trovar do povo, cheios d'amor, e tão alegres...

Livros, não leu para fazer versos. Ouviu em tempos a biblia e sabe-a dizer como nenhum poeta. Em hebreu não deve ser melhor!

O que diz é muito simples: são palavras d'amor e de bondade, creanças de moço e de creança, riso de rapaz. É o poeta dos tempos bons da mocidade.

Por isso os rapazes um dia, pela primavera, foram a rir agradecer-lhe o ter feito dos seus livros o templo do seu amor. Eram estudantes, mas não foram agradecer-lhe o te-los ensinado a lêr, foram agradecer-lhe o te-los ensinado a amar.

As mães diziam os seus versos de cór, e elles tinham-os aprendido, até antes de saberem lêr.

O dia era triste e o poeta estava doente, chovia e fazia frio, mas a mocidade encheu as ruas d'alegria e de calor e o poeta sorria de contente.

Foi um dia de alegria sã e sincera, todos deante do olhar bom do poeta esqueceram odios e fingimentos e deixaram fallar alto a voz do coração.

E bem alto fallou! Longe se ouviu!

Vão a enterra-lo nos Jeronymos. Vae gelar o Poeta, só, naquelle templo frio.

Como ha de elle viver lá, tão só. Tudo soldados, homens d'aventura...

Poeta, elle só!

Isolado, sem risos, o mar á porta, sempre a resmungar tão velho.

Bem sabia elle historia! Glorias nacionaes tão vãs, tão velhas e tão gastas...

Ir ao longe, quando se podia ser feliz perto, a sorrir e a amar!

Buscar longe o ouro, andar por fóra, a desperdiçar amor, ir buscar fortuna, sendo tão bom ser-se honrado aqui, ao pé dos nossos!

Nos Jeronymos é tudo gelado, até é frio o riso das creanças, coitadas, abandonadas, tão pobres...

Ficar alli, num claustro, sem sol, sem ar, a apodrecer, sem poder fazer florescer uma flôr!

Onde elle devia ficar, rapazes, era num parque vasto e alegre, cortado de ruas frescas e escuras, em que se podesse amar, aguas a correr baixinho, para não perturbar quem está.

Devia ficar ao sol de Portugal, bem mettido na terra do seu país, a desfazer-se em flôres, num jardim onde andariam todas as mães, onde fosse sempre primavera, houvesse sempre flores, jardim em que fizesse sempre sol, e rissem sempre risos de creanças.

Nos Jeronymos elle!...

Nos Jeronymos, como cousa morta, gloria passada que não volta...

Só se morreu em Portugal, de vez, a Mocidade e o Amor!...

T. C.

A Academia de Coimbra, reunida em assembléa geral, resolveu tomar parte no funeral do grande poeta João de Deus, partindo por isso no domingo para Lisboa, no comboio da noite, uma commissão de 34 estudantes de todas as faculdades.

Depoz também uma corôa, para o que se abriu uma subscripção que rendeu 45\$000 réis.

O grupo republicano academico resolveu também depôr uma corôa, abrindo-se uma subscripção entre os seus membros.

A commissão municipal republicana de Coimbra e a *Resistencia*, fizeram-se representar no enterro, pelos srs. drs. João de Menezes e Joaquim Madureira.

O Instituto, fez-se representar pelos srs. drs. Luiz Osorio, Trindade Coelho, e Conde de Monsaraz.

O illustrado professor da faculdade de Philosophia, sr. dr. Bernardino Machado, mandou á viuva do poeta o seguinte telegramma:

COIMBRA, 13, á 1 h. e 18 t. — Viuva de João de Deus. — Profundamente commovido, deploro enorme perda. Lamentando não poder ir pessoalmente render as minhas derradeiras homenagens a v. ex. e seus filhos, envio os mais sentidos pezaes. — Bernardino Machado.

O cadaver do grande poeta e educador João de Deus, será depositado no convento dos Jeronymos ao lado dos tumulos de Vasco da Gama e Camões. Para individualidades como a de João de Deus é que o Pantheon Nacional deve servir.

A sociedade philantropica Academica fez-se representar no funeral que hontem se realizou em Lisboa pelos seus delegados dr. José Maria Joaquim Tavares, José Aureliano de Paiva Pinheiro e Jayme Constantino Fernandes Leal.

A Associação Commercial d'esta cidade, em sessão de hontem, resolveu lançar na acta um voto de sentimento pelo fallecimento de João de Deus, o qual foi votado por aclamação; e communicou esta resolução á familia do illustre extincto.

### Reunião academica

A Academia reunida hontem em assembléa geral resolveu que se considerassem agregados á commissão academica nos funeraes do eximio poeta João de Deus todos os estudantes que foram a Lisboa. Nessa assembléa foi também votada a declaração de que a Academia é extranha a quaesquer manifestações politicas que os estudantes fizessem naquella cidade.

Não conhecemos factos alguns que tornem opportuna esta declaração, mas cumpre-nos affirmar que a julga-

mos de todo o ponto legitima. Não póde nem deve haver manifestações politicas a proposito d'um facto tão triste, como o que no actual momento enluta o país.

Nós condemnamo-las absolutamente.

### No Solar

A sessão realisada nesta casa d'espectaculos baratos, em homenagem ao grande morto João de Deus, dizem collegas que foi tão fria, tanto sem a vibração sentida d'uma alma grande que mais pareceu um chá com torradas entre a familia solarenga que uma sessão de profundo sentimento.

Não admira: João de Deus viveu sempre na limpidez de sua alma santa e na pureza da sua consciencia immaculada; nunca foi traficante eleicoeiro nem corrilho politico.

Se o fóra, teria sido feita larga despesa de rhetorica balôfa, como é da praxe em casos d'esses.

Mas não; viveu muito alto para que até elle fosse possível chegar essa onda de enchurro.

Os côrvos não têm o vôo altaneiro da aguia.

Os Barrigas também não tiveram uma alma que soubesse ter uma vibração arrebatadamente sentida pela morte do poeta, uma intelligencia que medisse a sua grande estatura moral e educadora.

E depois... talvez fosse bom até. Para os pygmeus lhe apreciarem a grandeza, preciso fóra que o gigante se abaixasse até elles. Só as azas dos condores roçam as faiscações dos astros.

### José Falcão

Passou ante-hontem o terceiro anniversario da morte do dr. José Falcão, chefe do partido republicano e nosso amigo estremecido.

É com as lagrimas nos olhos que recordamos esta data triste, em que nos pareceu ver sepultar com os seus restos queridos, todas as esperanças de salvação da patria.

Vão passados tres annos... E o destino é o mesmo, a despeito dos clarões d'esperança que os heroismos do nosso exercito fazem despontar ao longe, e que podem tornar-se mais brilhantes se elle comprehender os rigorosos deveres que a situação do país lhe impõe.

Reservamos para o numero de 26 do corrente, em que se effectua a manifestação ao seu tumulo, as considerações pungentes, que esta data tristissima nos evoca em tropelo.

Um illustre critico, cá da terra, fazendo o elogio d'um poeta, que aliás não tem culpa das apreciações que importunos amigos sobre elle fazem, diz que elle tem um coração impar. Coração impar?!  
Bravo! Anacleto.

## Instrucção publica Instrucção secundaria

XVII

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Segundo o novissimo plano de estudos, os curso dos lyceos é dividido em dois graos: *curso geral* e *curso complementar*. O primeiro é professado em todos os lyceos, e dura cinco annos; e, para que os sabios reformadores podessem mostrar que haviam folheado a organização dos gymnasios allemães, ou, por outras palavras, que estavam *germanizados*, dividiram-no em *secção inferior* e em *secção média*, sem que, todavia, esta nomenclatura queira ou possa significar que as duas divisões enumeradas correspondam, na realidade dos factos, ás similares do gymnasio allemão, visto que neste a segunda parte da secção média comprehende dois annos do curso, e não um sómente, como succede no lyceo português *germanizado*.

O curso complementar é professado apenas nos *lyceos centraes*, que o governo, aliás, por uma incoherencia flagrantissima, por uma fraquesa que se avizinha bem d'uma capitulação perante as exigencias da politica de campanario, sempre egoista, sempre estreita e mesquinha, se absteve de classificar, *judgando conveniente reservar pura diploma especial a classificação d'esses lyceos, pois que deseja examinar e resolver com a maxima reflexão e unidade as reclamações apresentadas sobre este ponto, no intuito de harmonisar quanto possível as commodidades dos povos com os interesses do thesouro e da instrucção publica...*

Apesar d'esta extraordinaria e inqualificavel declaração, que com o maior espanto de toda a gente se lê no relatório que precede os celebres decretos dictatoriaes de 22 de dezembro de 1894, no regulamento foi o governo dividindo o país, para os effectos do ensino secundario, em tres circumscripções! Parece que, segundo esta divisão, estava naturalmente indicada a classificação dos *lyceos centraes*; mas, como a coherencia não é decerto a qualidade caracteristica dos reformadores, ficou ainda no tinteiro dos mesmos essa classificação, á espera, sem duvida, de que o governo possa harmonisar as commodidades dos povos com os interesses do thesouro e da instrucção publica... Bellissimo criterio este, na verdade, e perfeitamente á altura dos reformadores *germanizados*. O *negus* da Abyssinia não procederia menos correctamente, sem duvida...

O curso complementar dura dois annos. Cumpre notar, de passagem, que, ainda neste ponto, se mostraram pouco *germanizados* os nossos conspicios reformadores, visto que, na Alemanha, o curso dos gymnasios é de

nove annos, comprehendendo dois para a secção inferior, tres para a secção média e quatro para a secção superior; sendo as respectivas classes assim denominadas, partindo da inferior para a superior: sexta, quinta, quarta, unter-tertia, ober-tertia, unter-secunda, ober-secunda, unter-prima, ober-prima.

Logo no primeiro anno do curso lyceal, o alumno portuguez, aos dez annos, apenas com a insignificante bagagem de conhecimentos que lhe dá ingresso nos institutos de instrucção secundaria, e sem o necessario e conveniente desenvolvimento intellectual, que já possui o alumno allemão, ao entrar no gymnasio, para poder cursar com proveito estudos de ordem mais elevada, ignorando completamente o que é um exercicio de redução, o que é o trabalho pessoal; o alumno portuguez, diziamos nós, tem de estudar simultaneamente, e em dózes varias, segundo o novo plano dos lyceos, as seguintes materias:

- 1. Lingoa e litteratura portuguesa;
- 2. Lingoa latina;
- 3. Geographia;
- 4. Historia;
- 5. Mathematicas;
- 6. Sciencias physicas e naturaes, com o seu natural desdobramento; e Desenho.

Ao todo, sete disciplinas, com as quaes tem de haver-se ao mesmo tempo, e sem sombra de preparação, o alumno de dez annos, ao iniciar os seus estudos secundarios! Nas condições em que actualmente se encontra, e por nós já indicadas, isto é, sem nenhuma educação intellectual, no sentido pedagogico da palavra, é simplesmente brutal obrigar-lo, em tão tenra idade, a um tão violento trabalho mental, trabalho com que de modo nenhum elle pôde aguentar-se e com que necessariamente lhe hão de atrofiar o cerebro, inutilizando-o por completo para as luctas da vida, e consequentemente para si proprio e para a sociedade.

O tempo que, no primeiro anno ou primeira classe do curso, o plano de estudo consigna para ser empregado nas aulas é de 24 horas por semana, sem um unico feriado, além do domingo! Para as duas primeiras disciplinas, acima enumeradas, ha lições diarias; para as mathematicas e sciencias physicas e naturaes, quatro por semana; para geographia e desenho, duas, e para historia, apenas uma! Quer isto dizer que, na opinião dos preclarissimos pedagogistas, auctores do plano que estamos analysando, bastam apenas tres lições por semana para duas materias importantissimas e com programmas relativamente extensos; e para o latim, uma lingoa morta, d'utilidade limitada para o commum dos cidadãos, consignam-se-lhe nada menos de seis lições! Um cumulo.

Não se imagine que exaggeramos, afirmando que os reformadores copiarão tumultuariamente, sem criterio pedagogico, o que a tal respeito se pratica na Alemanha; porque quem quer que se propõe organisar ou reformar um qualquer serviço publico, sobretudo em serviço como é o da instrucção, em qualquer dos seus grãos, não pôde — não lhe é licito fazê-lo, sem incorrer na censura da critica conscienciosa — cingir-se exclusiva e servilmente ao modelo que pretende copiar; tem de attender necessariamente, se quer fazer obra de valor, ás

condições especiaes em que se encontra o país a que pretende adaptar uma instituição extranha, sob pena de não fazer obra duradoura e de resultados beneficos. Ora, no assumpto especial que está occupando as nossas attentões, os reformadores mostraram andar perfeitamente no reino da Lua, quando traduziram, por vezes incorrectamente, o novo plano de estudos. Se attendessem, levemente que fosse, ás condições em que presentemente se encontra o novo ensino primario e secundario e ainda a circumstancias especiaes, por nós já esboçadas, certamente seriam mais cautelosos ao lançar as bases d'uma nova organização lyceal.

Mas não! O prurido de querer inculcar conhecimentos especiaes e profundos sobre materia extremamente difficil; a *germano-mania* que se apoderou de muitos espiritos, os quaes supõe encobrir a ignorancia dos factos, das coisas e das pessoas, ou ainda intuios menos legitimos, com a exhibição de *germanices* avariadas — porque hoje ninguem é gente, se não se inculcar profundamente conhecedor de quanto, no terreno scientifico, se pensa e se escreve, e se legisla na Alemanha — tudo isto concorreu para que a reforma do ensino secundario sahisse com defeitos que lhe annullam todo o valor e a tornaram impraticavel, sem modificações profundas, porque, já o dissimos, não é num momento e bruscamente que se hão de supprimir praticas seculares, embora perniciosas, cortar vicios inveterados e reformar habitos adquiridos, á sombra de uma tolerancia, ou, antes, d'uma relaxação sem exemplo, em países cultos e regularmente governados.

E por sobre tudo isto, os reformadores ainda revelaram o seu errado criterio, a sua falta d'uma boa orientação pedagogica, no modo como procederam a respeito d'algumas disciplinas, para que organisaram programmas absolutamente incompativeis com o tempo que lhes destinaram, o que agrava grandemente a situação que deixamos esboçada. Neste ponto parece terem querido exceder o modelo germanico, que dizem ter observado. Vê-lo-hemos.

Subscrição aberta na redacção da «Resistencia», em favor da reedição, para distribuição gratuita, da «Cartilha do Povo», de José Falcão.

|                   |         |
|-------------------|---------|
| Transporte....    | 22\$200 |
| M. A. S.....      | 1\$000  |
| A. M. S.....      | 1\$000  |
| Carlos Lopes..... | 500     |
| Somma.....        | 24\$700 |

Informam alguns jornaes que o *Solar dos Berrigas* introduzirá profundas modificações nas reformas politicas dictatoriaes decretadas pelo governo. Entre outras modificações, annuncia-se o regresso aos circulos uninominaes. Que tudo isto, se se fizer, será com assentimento do governo sem o qual os *Berrigas* nada pensam nem resolvem, nenhuma duvida ha. Teremos assim o governo, que hontem julgou as reformas politicas salvadoras, a condemnar-las amanhã como prejudiciaes. E continuará no seu posto. Que brio e dignidade foi prenda com que Deus o não dotou.

## Lourenço Marques

O governo inglês communicou á imprensa duas notas, nas quaes declara o seguinte:

I. — E' incontestavel que a Inglaterra tem direitos na bahia de Lourenço Marques e que no momento em que o marechal Mac-Mahon procedeu á arbitragem ficou entendido que, fôsse qual fôsse a decisão do marechal, nem a Inglaterra nem Portugal teriam direito de ceder mais tarde a um terceiro o territorio objectivo da arbitragem.

Não é verdade que a Inglaterra tenha comprado a Portugal a bahia de Lourenço Marques.

Além d'isso, uma tal transacção, na presente conjunctura, trazia novas complicações, que muito convém evitar.

II. — A attitude do governo portuguez é, e tem sido sempre, nesta questão do Transvaal, a da neutralidade mais completa. O governo de D. Carlos está nas melhores relações d'amizade com o da Gran-Bretanha.

III. — A attitude do governo inglês durante a crise do Transvaal tem sido devidamente apreciada em Lisboa.

Não houve nenhuma combinação entre Portugal e a Alemanha para o desembarque dos marinheiros allemães na bahia de Lourenço Marques.

IV. — O direito de preferencia de Gran-Bretanha sobre Lourenço Marques, baseia-se no art. 7.º do tratado anglo-portuguez, de 11 de junho de 1891.

Em face d'estas notas que a gente lê, sentindo logo o sobresalto da ameaça d'um novo perigo para aquella nossa possessão, e córando de vergonha perante uma nova affronta dos ingleses com a acquiescencia e infame subserviencia da monarchia que, aos seus, tem sempre sacrificado os grandes interesses do país, e feito da nossa Africa, deixando-a retalhar e roubar aos pedaços pela Inglaterra, o premio com que a esta paga o auxilio que lhe tem prestado e agora o sr. D. Carlos espera receber ainda, quando o povo portuguez, revoltado, resolver fazer-lhe em cacos o throno, nós perguntamos:

Quaes são esses direitos que a Inglaterra afirma ter na bahia de Lourenço Marques depois e apesar da decisão arbitral de Mac Mahon? Então aquelle presidente da Republica franceza affirmou ao mundo, por meio d'uma sentença solemne, que essa bahia era nossa, muito nossa, e vem agora a Inglaterra, por um documento emanado da sua chancellaria, afirmar, a proposito d'um conflicto entre ella e a Alemanha, que tambem é sua? Que pacto foi esse pelo qual a monarchia, contra uma tal decisão, concedeu esses direitos á Inglaterra? Declara, então, o governo inglês não ser verdade ter comprado a Portugal a bahia de Lourenço Marques. Sim... não comprou, porque esses direitos que afirma ter lá, dispensam-no d'isso.

A Inglaterra não cahiria nunca em comprar aquillo que já principiou e ha de acabar de ser-lhe dado pela

monarchia, apesar de Mac Mahon declarar que era nosso.

Essa transacção, porém, é que não convinha ser agora, diz ainda Salisbury.

Não lhe convinha... é verdade, porque elle sabe que, feita ella, o povo portuguez teria ainda energia para escorraçar immediatamente do país o bragança que se senta agora no throno, e á Inglaterra não convem que em Portugal se proclame a republica enquanto não estiver na posse de todas as nossas colonias.

Quando o tiver conseguido, ser-lhe-ha indifferente que aos destinos de Portugal presida um rei como o sr. D. Carlos, ou um presidente de republica escolhido livremente pelo povo d'entre os seus homens de mais prestigio pela sua intelligencia e pela sua honestidade.

Mas, enquanto o não conseguir, ha de ir fazendo todos os esforços por que o povo portuguez não derube do throno, escangalhando-lhe o, o sr. D. Carlos ou outro qualquer bragança que, por infelicidade nossa, haja ainda de sentar-se nelle.

E o sr. D. Carlos, para poder contar sempre com este esteio que ao seu throno lhe lança a Inglaterra, procurará manter com ella relações d'amizade intima, embora á custa do nosso patrimonio colonial.

Por isso agora, que os quadri-lheiros ingleses tentaram fazer mão baixa nos territorios da republica do Transvaal, apesar de ser isso um grande atentado ao direito estabelecido pela Conferencia de Berlim e um enorme perigo para o nosso dominio na provincia de Moçambique, por isso que, senhores, os ingleses, d'aquelles territorios, apertar-nos-hiam num circulo de ferro que nos annullaria em Lourenço Marques, o governo portuguez, em vez de se collocar immediatamente ao lado do imperador da Alemanha para repellar as tentativas dos filibusteiros do Cabo, ou em vez de tomar, ao menos, uma attitude neutral, manteve a mais completa desneutralidade, estando sempre o governo do sr. D. Carlos nas melhores relações de amisade com o da Gran-Bretanha.

Mais a attitude do governo inglês durante a crise do Transvaal foi devidamente apreciada em Lisboa.

E anda agora o governo, e anda agora a monarchia seriamente atarefada com grandes festejos aos expedicionarios que regressam de Lourenço Marques. Para quê? É que não lhe basta o apoio da Inglaterra. Quer tambem chamar a si a gloria alcançada pelos nossos soldados, iludindo assim o país.

Mas veja a nação de que lhe servem todos os seus sacrificios; veja o exercito; veja a marinha de que valem os seus denodados esforços para manter bem alto o prestigio da nossa bandeira nas regiões da Africa.

Convençam-se, convençamo-nos

todos que a obra grandiosa, que vem de realizar os nossos soldados, apenas pôde ser coroada por um acto d'energia que só perde pela demora.

Enquanto nos não libertarmos da monarchia, nada nos aproveitaremos os feitos do nosso exercito, porque os ingleses se hão de apoderar, apesar de tudo, do nosso patrimonio colonial.

Sim, a obra realisada na Africa pelos nossos soldados deve ser o prologo d'uma outra que nos livre da monarchia.

Isto, se não quizerem que andemos agora a sacrificar dinheiro e vidas, a derramar muito sangue, para unicamente os ingleses não encontrarem lá difficuldades quando a monarchia lhes deixar roubar os territorios em que vimos d'assegurar o nosso prestigio.

Que isso fique assente e mãos á obra, porque assim o exige a dignidade de nós todos, porque assim o reclamam os superiores interesses da nação.

## Funeral de João de Deus

Acabamos de receber do nosso distincto collega de redacção Joaquim Madureira, o seguinte telegramma:

Resistencia — Coimbra. — Funeraes João de Deus fiasco apesar toda população Lisboa, toda policia, toda burocracia terem adherido, faltaram apenas El-rei e preses Penitenciaría. Fizeram porém representar-se primeiro Agapito Solemne, segundo José d'Azevedo. Elemento official tudo estragou; foi como lavagem e perfumes anedocta Dantas Baracho.

Ninguem sabe quem foi João de Deus. Ninguem sabe ler.

Guerra Junqueiro, á frente Academia Coimbra, levou bouquet de Estudantes revolucionarios. Resistencia depoz bouquet com dedicatória «Ao Poeta e ao Apostolo.» Parte academia segue hoje. Escrevo

Madureira.

## Cartilha do Povo

Os estudantes republicanos encerram, no fim do corrente mês, a subscrição aberta para a reedição d'este pamphleto.

Pedimos, por conseguinte, aos nossos correlligionarios a fineza de enviarem os seus donativos o mais depressa possivel.

Para tão util manifestação devem concorrer todos os bons republicanos.

Vem publicada no *Diario* d'hoje a classificação dos professores primarios de Coimbra.

## Cuba

Apesar das noticias officiaes oriundas de Hespanha, que confirmam a versã de que o exercito hespanhol tem vencido os insurrectos em varias escaramuças, o telegrapho annuncia-nos que Maximo Gomez está a 30 kilometros de Havana e ahi embargou a passagem d'um comboyo e fez apertar os passageiros, destruindo em seguida o material.

Os insurrectos continuam a receber socorros e expedições que têm desembarcado nas costas da Grande Antilha.



# 3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encomendas:**  
a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103  
COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

## MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

## LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5  
COIMBRA

Neste estabelecimento encontra-se a venda arroz, stearina, tapioca, cevadilha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, a Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Completo sortido de productos para sopas, molhos, pimentinhos do Brazil, cacau Van Houten's e Epps com e sem leite, farinha imperiri chinesa, conservas da fabrica de Antonio Rodrigues Pinto, leques, ven'arolas, crepons, abai-jours a 40 réis, novidade, latinhas para chá e café, etc., etc.

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. —Chá medicinal de Hamburgo.

## JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)  
COIMBRA

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

## AGUAS MEDICINAES

DA

### FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretoadas sodicas lithmicas e ferreas sulphidricas e acido carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composiçõem em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemiadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabethes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-o-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124, a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quitans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.<sup>a</sup>

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

PEDIR OS PROSPECTOS

Assim natura 100 RS. cada n.<sup>o</sup>

Os leitores da **REVISTA**, além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8.<sup>o</sup>, têm também

UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

**Gratis**

Sae nos dias 1 e 15 de cada mez

Assigna-se em todos os agencias da ANTIGA CASA BERTRAND

JA PUBLICADO O 1.<sup>o</sup> VOL.

**REVISTA THEATRAL**

ILLUSTRADA

Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. Nova do Carmo, 76. 2.<sup>o</sup>—LISBOA

PEÇAS PUBLICADAS

SALTIMBANCO de Antonio Ennes

JUCUNDA de Abel Botelho

ALCÁCER-HEBR de D. João da Lamara

PARNISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça

Ciume com ciume se paga de Rangel de Lima

Muito proprias as ultimas para amadores

ENVIAR SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

ESTABELECEMENTO DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

53, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)  
COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimaraes.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

Cal Hydraulic: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, cré, gesso, e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moINHOS e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**POMADA DO DR. QUEIROZ**

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.<sup>a</sup>

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

**A' LA VILLE DE PARIS**

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

12 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

17—ADRO DE CIMA—20

Fernão Pinto da Conceição

**CABELLEIREIRO**

Escadas de S. Thiago n.<sup>o</sup> 2  
COIMBRA

**Atenção**

10 **ALUGA-SE** uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.<sup>o</sup> 13.

Nella se prestam os demais esclarecimentos.

**Cavallos, muares, etc.**

As sobrecannas, espavarões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura; forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintaes, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Monte Agraço, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.<sup>a</sup>—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

**Vinho de meza sem composiçãem**

Vende-se no Café Comercio, rua do Visconde da Luz, a 110 e 120 réis o litro. Vinho do Porto a 240 e 300 réis o litro.

Grande quantidade de vinho de Carcavellos, Bucellas, Colares, etc., cognac Martell legitimo, e muitas outras bebidas, tanto estrangeiras como nacionaes. Preços excessivamente baratos.

Pulverisadores «Figaro» pelos preços do Porto, sem despeza de transporte.

Encontra-se na mercearia do proprietario do mesmo Café, rua do Corvo, n.<sup>os</sup> 9 e 11.

A. Marques da Silva.

**VINHO ANALEPTICO DE A. GUERRA**

Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho é um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo. Drogaria Rodrigues da Silva & C.<sup>a</sup>, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

**BRINDES, PARABENS BOAS FESTAS**

6 **CARTÕES** apropriados e outros artigos de luxo. Completas novidades. Grande sortimento em cartões para photographia chegado nos ultimos dias.

**Papelaria Central**  
2—Rua Visconde da Luz—6

7 **BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE**, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestriz*, a 6000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3500 réis o milheiro.

Rua das Figueirinhas, 45.

**Queijo da Serra**

5 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

**Papelaria Central**

4 **ARRENDAR-SE** uma padaria na rua das Soilas, n.<sup>o</sup> 40. É um dos melhores locais de Coimbra para este ramo de negocio. Para tratar—Praça do Comercio, 97.

**Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria**

Caldeira da Silva *Cirurgião dentista*  
Herculano Carvalho *Médico*

R. de Ferreira Borges (Colçada), 174  
COIMBRA

3 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

**Variola**

2 **VACCINA** da ultima colheita do «Instituto Vaccinico Portuense» Vende-se pelo preço do Instituto.

**CALLOS**

Extracção dos callos em 4 dias, com os *Columbus Plates*.

**Cabello Agua Cesarvna**

Este bem conhecido restaurador da cor do cabelo vende-se nesta pharmacia.

**Rhum, quina e glicerina**

É um bom preparado para a conservação do cabelo. Além de ser um excelente tonico, é tambem um bom desinfectante. Impede, pelo seu uso, a formação da caspa e constitui, pelo seu perfume, uma excellente agua de toilette.

**Pharmacia do Castello**  
CACHILLO & COSTA—Coimbra.

**MARÇANO**

1 Admitte-se um que tenha pelo menos 2 annos de pratica de fazendas brancas, ou proximo a ganhar. Dirigir a

**LOJA DO POVO**  
PRAÇA DO COMMERCIO  
COIMBRA

**“RESISTENCIA”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6  
EDITOR  
João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

|                 |       |
|-----------------|-------|
| Com estampilha: |       |
| Anno.....       | 25700 |
| Semestre.....   | 13350 |
| Trimestre.....  | 6800  |
| Sem estampilha: |       |
| Anno.....       | 25400 |
| Semestre.....   | 13200 |
| Trimestre.....  | 6800  |

**ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 96

COIMBRA — Domingo, 19 de janeiro de 1896

1.º ANNO

## AMIGOS!...

É hoje *Dia Santo*. Cae o sol, em oiro sobre o Tejo...

Vão entrar soldados que vêm de longe, de fazer o seu dever. Mães, levae-lhes vossos filhos, ide ensinar-lhes a adorar a Patria. Esposas, ide esperar marido, Noivas, casae depressa!...

Ide, é gente nossa, é gente de Portugal, que vem de muito longe, de pelear, as faces negras do sol de-fóra, os labios crestados do mar, dae-lhes a frescura de vossos beijos, Noivas, abençoe-os, Mães, noivas e mães felizes de filhos de Portugal.

Só vós podeis pagar-lhes. Somos tão pobres...

Se fosse d'antes... ai! se fóra d'antes...

Antigamente... em tempos de gloria em terras de Latinos...

Muito antes chegavam mensageiros. Ao fóro corriam mulheres, os homens deliberavam.

Fundia-se em bronze a estatua dos heroes, faziam-se d'elles deuses.

No dia entravam devagar os navios. As velas brancas recolhiam-se, franziam-se ao vento, como se as naos viessem a arquejar, cançadas de vir tão longe.

Na borda dos navios, em descango, os escudos redondos de marfim e prata e ouro.

As naos adeantavam-se, como grandes aves, os remos a adejar, pennas douradas de que cabia a agua irisada pelo sol.

As mulheres desciam á praia, a cantar, todas, sem ciomes, rasgando os vestidos para mostrar a belleza dos seus corpos, macios de tanto macerados em perfumes; cingiam num abraço tímido a couraça aspera e forte dos guerreiros, procurando sorver num beijo demorado aquelle sangue vermelho que escaldava em labios de forte, e iria inocular nos filhos o amor de terra mãe, a adoração da Patria.

Quando desembarcava o triumphador, os velhos respeitados tiravam num gesto nobre os mantos que lhes cobriam as cabeças, e ficavam-se inclinados, descobertos, ao sol...

O carro triumphal era de prata e ouro fino. O corpo do triumphador enastrado em tiras de purpura, as suas mãos brancas cheias d'anneis nem pareciam d'um guerreiro. Nús, os reis e as rainhas vencidos, os labios franzidos d'orgulho, puxavam o carro do triumphador.

As creanças deitavam flôres, as mulheres offereciam beijos...

A traz do carro triumphal, um escravo nú, forte e negro, nem que fóra de bronze, levantava a sua voz viril e gritava alto:

— Lembra-te d'amanhã! Pódes ser vencido, Vencedor!...

Os sacerdotes nos templos desalojavam os deuses, Jupiter dava o logar á estatua do vencedor.

As virgens entoavam canticos, cortados tristemente pela voz triste do escravo:

— Olha o dia d'amanhã! Se fosses vencido, Vencedor!...

No circo travavam-se combates, morrem homens aos centos, saudando alegres, antes de morrer, o triumphador.

Por toda a parte hymnos de guerra, cortados sinistramente pela voz do escravo:

— Deixa o dia de hoje! Não queiras ser vencido ámanhã, Vencedor!...

Mais tarde. Plena festa no Tejo largo, chegaram as naos das Indias.

Na galeota real vae o Rei mais a Rainha, Damas e Cavalleiros. Gega o brilho da prata e oiro; não podem contar-se as pedras preciosas. Atroa a artilheria. Vem caminhando vagarosamente as naos, as velas brancas, enfunadas, como pendões tintos da cruz em sangue dos Cavalleiros de Christo.

Nas naus cobertas de tapessarias espalham-se sobre o chão thesouros. Em tapetes da Persia preciosos, jazem acorrentados animaes de longe, nunca vistos cá.

Ao fundo, branca, faiscante de luz, Lisboa. Repicam alegremente os sinos, e o Governador, que vem cheio de gloria e riqueza, vê bem perto, na Ribeira, na forca, fluctuando sinistramente ao vento, o cadaver do ultimo ladrão...

Sobre o mar ouvem-se musicas de triumpho; no céu azul vóam as gaivotas brancas como pedaços de arminho a fluctuar; na Ribeira a forca e o presagio d'aquelle cadaver... — o do ultimo ladrão...

Soldados: Vindes ricos d'uma riqueza maior que a da prata e ouro e pedras preciosas.

Nunca veiu das Indias nau tão carregada. Nunca entrou no Tejo tanta riqueza...

Vós vindes muito ricos; trazeis-nos mais que prata e ouro; comvosco vem a Esperança...

Não sabemos que fazer-vos: rimos e choramos como doidos.

Na Ribeira não ha forcas, ha muito que se não balouça ao ar, na forca, o cadaver d'um ladrão!...

Tudo hymnos de triumpho. Posso gritar, — não ouvireis de certo, é tanta a festa, — posso gritar, escravo do dever:

— O inimigo é branco e forte! Vive além naquella ilha de piratas!...

Vencedores, Deus vos proteja! Nunca sejaes vencidos...

T. C.

Na India continuam os heroismos do D. Afonso.

Junto com os beijos ás magestades manda agora o Raphael d'Almeida a noticia estupenda que aos serenissimos pés de sua altesa caiu uma bala do inimigo.

Aqui está uma bala que se não é synonymo de india gentil e atradiça, vae sahir cara ao país.

Pelot a emenda que o soneto

Referimo-nos ha tempo ás observações do *Correio da Noite* relativas ao facto de nada se dizer no *Discurso da Corôa* acerca da regencia da sr.ª D. Amelia durante os meses em que o rei viajava pela Europa. Cumpre-nos notar agora que a commissão nomeada pelos *Barrigas* para a resposta a esse *Discurso*, apresentou já o seu projecto em que essa falta é reparada e com extraordinaria habilidade.

Diz ella:

«A viagem de Vossa Majestade por certo se traduzirá em beneficos resultados, tendo já a auspicial-os o inexcedível zelo e ininterrupta solicitude, com que Sua Majestade a Rainha a Senhora D. Amelia desempenhou as funções da regencia durante a ausencia de Vossa Majestade.

«A tanto zelo e solicitude tributa a camara o maior louvor, certa de que nesta justa homenagem é fervorosamente acompanhada pelo governo e pelo país.

Muito bem.

A viagem do rei ao estrangeiro traduziu-se em beneficos resultados, porque, durante ella, não exerceu as suas funções, sendo substituido pela sr.ª D. Amelia. Partindo d'este principio, cuja verdade reconhecemos, chegamos á consequencia, logica e fatal, de que o mais benefico resultado que da viagem do rei podia derivar era não tornar a pôr os pés em territorio portuguez. A regencia da sr.ª D. Amelia, o primeiro auspicioso resultado da viagem do rei, devia, para bem do país, tornar-se permanente. Não seria então só um auspicio; era uma realidade.

Assim pensam os *Barrigas*.

E nós não deixariamos de concordar com elles, se fossemos forçados a limitar a nossa escolha entre o sr. D. Carlos e a sr.ª D. Amelia.

Diz o *Jornal do Commercio* que uma parte dos *Barrigas* se propõe tornar difficil a vida ao governo.

Tambem o *Simplicio Pescadinha*, quando a prima o desprezava, dizia que se ia deltar no tanque dos patos marrecos e, afinal, cahiu-lhe nos braços. A barriga é fraca...

## Transwaal

Segundo communicam de Johannesburg, para a *Independance Belge*, as negociações entre o governador da colonia do Cabo, sir Hercules Robinson, e o governo do Transwaal encontram algumas difficuldades; porque o Transwaal pede a retrocessão do territorio Amatonga, recentemente incorporado á colonia do Natal.

O territorio Amatonga fica ao sul do districto de Lourenço Marques, e já ha muito que o Transwaal tentava annexar-o para ter communicações proprias com o mar. A Inglaterra, porém, antecipou-se e tomou conta d'elle.

Outra difficuldade nas negociações é que o Transwaal pede a annullação da convenção de 1884, sobre a qual a Inglaterra quer basear os seus direitos de suzerania sobre a pequena republica boer.

Por outro lado, diz-se que a Inglaterra está disposta a retirar a Companhia inglesa da Africa do Sul todos os privilegios que lhe haviam sido concedidos, a fim de dar assim satisfação á opinião publica europeia, pois está averiguado que aquella Companhia não fóra estranha ao acto de sibiustria praticado pelo dr. Jameson. Parece, porém, que é esperar muito.

×

A imprensa inglesa e a allemã continuam a trocar entre si verdadeiras amabilidades a proposito da questão do Transwaal.

O jornal *Trutle*, commentando a noticia da rainha Victoria ter escripto uma carta ao neto e imperador Guilherme, acrescenta:

«Sua Majestade faria melhor convidando o duque de Fife, outro neto seu, a retirar-se da Companhia *South Africa* e a dar aos hospitaes todo o dinheiro que tem arranjado com todas as suas especulações.»

Têm muita graça estes senhores ingleses!

Se as manobras ignobels da *South Africa* fossem bem succedidas, com certeza seriam elogiados o duque de Fife e todos os que nella exercem um papel preponderante; como se deu o contrario, batem-lhes!

A Allemanha e o Transwaal é que se estão a rir no meio d'estas interessantes peripecias.

Diz se que o sr. Mariano de Carvalho vae levantar brevemente na camara a questão do alcool e que a discussão será muito agitada.

Toma parte nella, segundo corre, o sr. ministro da justiça.

Os negociantes portuguezes em Lourenço Marques organisaram na costa de Moçambique uma navegação. Para começo das carreiras adquiriram os vapores *Saxon* e *Pretoria*, que são ingleses.

Dizem as gazetas que o sr. Hintze Ribeiro elogiara a independencia e hombridade do poder judicial, acceitando os decretos dictatoriaes sobre materia tributaria.

Parece troça, mas não é. O sr. Hintze Ribeiro falla sempre a sério. Aquelle elogio traduz outra coisa.

## O governo e a academia de Coimbra

Recebeu-se hontem um telegramma em que o sr. ministro do reino communicava que não concedia feriados á Academia para assistir ás festas com que em Lisboa se celebram, á chegada dos expedicionarios, as brilhantes victorias que o nosso exercito e a nossa marinha obtiveram em Lourenço Marques.

Esta noticia causou grande descontentamento, que não tem só a explicação do tradicional amor do estudante ao feriado. Era natural que a Academia de Coimbra quizesse acclamar os expedicionarios, dando ás festas que vão ser feitas em sua honra, o entusiasmo, o calor, a nota vibrante que sempre sabe comunicar ás suas manifestações.

E depois abre-se para ella uma odiosa excepção.

O governo concede feriados á Academia de Lisboa; tambem os terá a Academia do Porto. Á primeira Academia do país, que os sollicitou, recusam-se.

E, completamente desprendidos de qualquer idéa politica partidaria, que jámais influirá em nosso animo quando se trate, como agora, d'uma festa nacional em que só nos reconhecemos portuguezes, não conseguimos descobrir um motivo plausivel para justificar a recusa do sr. ministro do reino.

As festas, em que vão ser tão justamente acclamados os expedicionarios, revestem um caracter nacional; podem e devem entrar nellas todos os portuguezes tanto monarchicos como republicanos.

Não é a monarchia, nem ao governo que se faz a apothese; é ao exercito e á marinha que não são do rei, nem do governo, mas da nação. E devendo a essas festas presidir a elevada idéa de não serem só a glorificação de quem da patria bem mereceu, mas um incitamento para a pratica de feitos eguaes aos que se celebram, era principalmente a mocidade academica que nellas se devia interessar. Pertence-lhe o futuro do país.

Mas, sendo assim, como justificar a recusa do sr. ministro do reino ao pedido dos academicos de Coimbra que, sem pedido algum, devia até ser incitado a tomar parte nos festejos aos expedicionarios?

Corre ahi de bocca em bocca que o sr. ministro do reino recusára os feriados á Academia de Coimbra pelos seguintes motivos:

O desejo de vingar-se da partida que a Academia lhe pregou recusando-se a seguir o seu conselho de ir ao paço implorar dois feriados, quando fez em Lisboa a memoravel apothese a João de Deus; o receio de que se não prestasse a quaesquer maneios no sentido de involver nas acclamações ao exercito e á marinha as magestades e o governo, que em nada collaboraram para os actos heroicos que se praticaram em Africa,





3 REIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 reis.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

LOJA DA CHINA

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

COIMBRA

Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da abríca de Eduardo Cozta, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

Completo sortido de productos para sopas, molhos, pimentinhos do Brazil, cacau Van Houten's e Epps com e sem leite, farinha imperal chinesa, conservas da fabrica de Antonio Rodrigues Pinto, leques, ventarolas, crepons, abat-jours a 40 reis, novidade, latijnhas para chá e café, etc., etc.

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. —Chá medicinal de Hamburgo.

CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outono e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleccão de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 reis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 reis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para drogas e vestons, feitos por medida, a principiar em 75000 reis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 reis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em reis 85500.

Dita para makferlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 reis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magníficos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobreacasas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio.—Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 18800 85000 reis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretridos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 reis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 reis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authentica, de 450 a 45500 reis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passelo e corrida com o abatimento de 355000 a 455000!!

Uma machiua industrial oscillante de Singer—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA.—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhoes e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

Revista Theatral Illustrada advertisement with details on subscriptions and content.

ESTABELECEMENTO DE FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO DE João Gomes Moreira

- List of services and products including ironwork, tools, firearms, and optics.

POMADA DO DR. QUEIROZ



Experimentalmente ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle.

A' LA VILLE DE PARIS Grande Fabrica de Corôas e Flôres F. DELPORT

Atenção ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações...

Queijo da Serra Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhoes queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital...

Caldeira da Silva Cirurgião dentista, Herculano Carvalho Medico, Variola VACCINA da ultima colheita do Instituto Vaccinico Portuense...

Vinho de meza sem composição, Vinho ANALEPTICO DE A. GUERRA

LOJA DO POVO PRAÇA DO COMMERCIO COIMBRA "RESISTENCIA"

Banco Alliança, Julho A. d'Almeida & C., Conditions of signature

ANNUNCIOS Cada linha, 30 reis—Repetições, 20 reis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

# RESISTENCIA

N.º 97

COIMBRA — Quinta feira, 23 de janeiro de 1896

1.º ANNO

## Aos portuguezes honestos! Ao povo resignado e soffredor!

Estamos em pleno absolutismo. O governo do rei, acorrentado á Inglaterra, tenta algar as consciencias de todos os que protestam, de todos os que se revoltam contra a politica de servilismo e de infamias que o país, sem um movimento de digna repulção, apathicamente tem supportado até hoje. Como se fóra pouco inquisitorial e revoltante a lei de Lopo Vaz, o governo do Rei impoz nova mordada á imprensa que não recebe imposições do Paço, que não acceta o santo e a senha do ministerio do reino.

A imprensa republicana de Lisboa está sujeita ao draconismo repugnante d'este ukase governamental:

1.º Nenhuma referencia ao chefe

do Estado. Nenhuma discussão dos seus actos politicos.

2.º Nenhuma referencia ao infante D. Alfonso como commandante da expedição á India.

3.º Nenhum ataque á Inglaterra. Nenhuma referencia ás relações diplomaticas entre Portugal e a Inglaterra a proposito d'Africa. Nenhuma discussão ácerca da alliança ingleza.

Perante isto, não podemos deixar de afirmar que a propaganda pacifica pela penna deve acabar.

O governo do rei está provocando assim o país á propaganda armada, nas barricadas, á lucta em nome do direito, á lucta em nome da dignidade.

Cumpra cada um o seu dever.

## O ultimo foguete

Nada se respeita.

Na furia dementada de tudo apunhar, de tudo corromper, o governo do rei, a firma desacreditada *Monarchia Portuguesa* — João Franco em *commandita*, não ha obstaculo que não galgue, barreira que não transponha no galopar desenfreado pelo campo da politica torpe e despotica no *steep-chase* grotesco do infinito do impudor, do impossivel da ignominia.

Nem no momento em que a Patria agradecida delirantemente saúda um punhado de valentes, encarnação augusta do pouco que resta da heroica alma lusitana, se deixa de continuar a série de infamias por que se têm affirmado as aspirações, as vinganças mesquinhas, os planos sinistros de um systema fallido, d'um bando de doidos, d'uma doidice má, desprezível, repugnante!

Nada se respeita.

Quando as aclamações entusiasticas, sob as benções agradecidas de um povo, que de tão acostumado a ser pequenino, se levanta, tremulo e caloroso, para acclamar os que o souberam tornar grande e respeitado; quando de todos os lados as saudações irrompiam, num côro unisono, vibrante, a galardoar os soldados que em terras d'Africa, num arrojado de martyres, ergueram bem alto todo o prestigio do bom nome portuguez, empanecido pelos opprobrios brigantinos; quando, arriadas todas as bandeiras partidarias aos pés dos vencedores, deveriam ter deixado de existir diferenças, entre revolucionarios e conservadores, entre

monarchicos e republicanos, para só haver em todos os campos a bandeira da Patria, para em cada peito só pulsar o coração de Portuguezes, o governo do rei arremeçou a luva, lançou a provocação.

É que, nem quando todos eramos portuguezes, antes de tudo, acima de tudo, o governo do rei ponde fugir ao desejo de antes de tudo, acima de tudo se mostrar qual é: vingativo, oppressor, fundamentalmente insensato como Hintze, irremediavelmente mão, irremediavelmente doido como o Franco.

Nada se respeita.

Esfagueadas todas as liberdades, dispersas aos ventos as cinzas negras das ultimas regalias, das ultimas leis, na anarchia do despotismo, sem dynamite mas com prisões, com municipal, o governo do rei lança um repto ao país, exercendo a censura prévia contra os jornaes que affirmavam que só ao exercito e á marinha cabiam as honras da victoria, as palmas do triumpho.

Os miseros que, na caverna negra das suas consciencias, sancionaram 11 de Janeiro, sancionaram 20 de Agosto, sancionaram Kionga, que foram de rastos a Londres a implorarem a Jarreteira para o seu rei, prohibem que a imprensa livre e independente só ao exercito e á marinha attribua a gloria de Marracuene, de Magul, de Coellela, de Chaimite, de Manjacaze.

E roubadas as liberdades ao Povo, não se hesitando até em levar o latrocínio até á suppressão da liberdade de imprensa que, sendo talvez a ultima garantia constitucional conqui-

tada na ordem do tempo, é indubitavelmente a primeira na ordem da importancia, o governo pratica esta prepotencia exactamente no momento em que perante o país só se devia desfaldar uma só bandeira para que unido só levantasse os gritos de — VIVA O EXERCITO! VIVA A MARINHA! VIVA A PATRIA!

Desorientado, vendo que não podia afirmar o seu prestigio, consolidar o seu poder, fazendo recahir sobre elle glorias que só ao exercito pertencem, vingase exercendo os maiores vexames, as mais vis prepotencias contra o Paiz e a Vanguarda, dois jornaes independentes que, sem hesitações, parece haverem descoberto o seu plano. No seu furor, esquece-se até de que não devia vingar-se no momento em que os expedicionarios chegavam ao Tejo.

Nada se respeita.

Como esses jornaes soltavam notas dissidentes, desharmoniosas, o governo apagou-as, exercendo a censura prévia.

Parece incrivel, mas é verdade. Restabeleceu-se em Portugal a censura prévia!

O artigo 145.º § 3.º da Carta, que garante a livre manifestação do pensamento sem um esbirro em cada cerebro, sem uma grilheta em cada pena explodiu, nos ares, á chegada do Zaire, como foguete retardatario da girandola que o rei queimou decretando a dictadura.

Explodiu isolado mas retumbante, como grito estridulo d'uma agonia, com a vibratibilidade empolgante de uma proclamação de guerra.

O povo comprehendeu-o. Todos o sentiram e, identificados no mesmo amor da Patria, no mesmo valor, na mesma dignidade, contemplam a trajetoria luminosa, ameaçadora, incendiaria do foguete, que, guiado pelos desejos d'um povo, pelos votos d'um exercito, vae, ares fóra, apegar fogo ao Palheiro esburcado de todas as oppressesões, de todas as violencias.

Na recepção das praças expedicionarias não se levantou um unico viva ao Rei.

Apenas o *Correio da Noite* diz que se fez uma ovação á sr.ª D. Amelia. É a esperança dos progressistas.

Quando a Academia de Lisboa respondia dignamente á recusa do governo em conceder os feriados á Academia de Coimbra, o grupo de estudantes monarchicos mandou novo telegramma ao rei, pedindo-lhe que deixasse ao menos ir uma commissão a Lisboa.

Não commentamos.

Do *Tempo*, jornal monarchico, orgão do Dias Ferreira, que ao que nos consta ainda tambem não deixou de ser monarchico, estas palavras que valem um dinheirão:

«O povo acclamou os militares. Não acclamou mais ninguém.»

E, como se ainda fosse de pouco valor este *blousinho* offertado á corda, no mesmo artigo offerece o estadista

mais este rebuçado ao rei e ao seu governo:

«Para os do mundo official não sabiu um viva do elemento popular.

Os do mundo official poderão ser saudados na camara dos pares, na camara dos deputados, e talvez no conselho do Estado, ou nalguma *claque* escolhida, *ad hoc*.

Pelo povo, não.

O povo não applaude os que ajudaram a arriar em Kionga a bandeira nacional, e mandaram entregar 500 homens ao marechal Floriano para serem passados pelas armas.

Esses taes só podem e devem ser applaudidos pelos pares e pelos deputados».

Sua Majestade, ingrata, prefere, apesar de tudo, Henrique de Macedo esbofeteado, a José Dias que diz verdades.

... A ingratição dos reis...

## Sujeitem-no á censura

O nosso prezado collega o *Tempo*, pondo sem duvida em relevo as intenções do governo, diz o seguinte ácerca das festas aos expedicionarios:

«A recusa dos feriados á academia de Coimbra, o assalto ás officinas de dois jornaes opposicionistas da capital, e, sobretudo, o *equivoco* quanto ao dia do desembarque dos expedicionarios, foram providencias tomadas decerto calculadamente para diminuir o brilho e o esplendor da manifestação popular.

É claro que se a capital com 24 horas de antecedencia soubesse a hora do desembarque, as corporações e as sociedades populares dariam á festa, quaesquer que fossem as desejos do governo, maior brilho e luzimento».

Não sabemos se o sr. juiz Veiga já o submetteu á censura. Se ainda o não fez, é necessario que não demore muito as providencias que a attitudo do *Tempo* reclama. Não junte é infamia da proptencia a de ser uma odiosissima excepção.

Siga...

Navarró exulta com o triumpho das tropas que prenderam o Gungunhana.

A policia, invejosa, querendo tambem o elogio das *Novidades*, vae prender o Navarro... que está mais á mão de semear.

E o povo, seguindo os exemplos do exercito e da policia, já contractou o Marianno para Zixáxa.

O correspondente telegraphico da *Voz Publica* communica:

«Temos nova recomposição ministerial. Por estes dias chega o conde de Macedo que irá para a pasta dos estrangeiros. O sr. Soveral volta para Londres. É certa esta contradação».

O sr. Ferreira d'Almeida foi consultado e achou bem.

No estado em que o país se encontra, e, sobretudo, para a pasta dos estrangeiros, necessario se tornava um antigo ministro que foi esbofeteado por um seu subordinado.

E veremos amanhã os dois de braço dado na camara e até o sr. Ferreira d'Almeida a applaudir os actos do sr. conde de Macedo.

Que elles são dignos um do outro, o governo d'ambos e a monarchia de todos.

Noticiam alguns jornaes de Lisboa que o sr. João Franco vae de mal para peor em questão de nevralgias. Não nos regosijamos com o seu soffrimento, mas não vemos que o país tenha obrigação de o aturar.

## Instrucção publica

### Instrucção secundaria

XVIII

... soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LAGOUVÉ.

O criterio pedagogico dos auctores do novo plano d'estudos secundarios fica perfeitamente evidenciado e avalia-se sem dificuldade e com inteira justesa, lendo-se com attenção e examinando bem os programmas que lhe servem de complemento. E depois d'isto, fica a gente na duvida sobre o que mais deva admirar-se nesta obra genial do pedantismo indigena: Se a ignorancia manifesta das condições especiaes em que, neste terreno do ensino, o país se encontra, e consequentemente d'aquellas a que, em rigor, no momento actual, deveria satisfazer a reforma que se propozeram realizar, se a semcerimonia com que atiraram para sobre o alumno de dez annos, que ainda nem sequer conhece regularmente a sua lingua, com um trabalho de todo incompativel com as suas forças, ou, antes, com o desenvolvimento e cultura intellectual que deviam suppôr-lhe; sendo para notar ainda, como já observamos, que o tempo que a algumas disciplinas se destina é tambem um obstaculo, a nosso vér insuperavel, para que taes disciplinas possam aprender-se com proveito.

E este facto indica-nos bem claramente que os sabios reformadores ainda vivem na doce illusão de que o trabalho principal do alumno não é na classe, como ensina a moderna pedagogia, como bem alto o proclamam todos os mestres dignos de tal nome, mas em casa, no silencio do seu quarto, á luz mortíca do velho candieiro de tres bicos, sem o auxilio do professor, num aborrecimento de embrutecer como quer a rotina, inimiga implacavel dos nossos methodos e processos de ensinar. Demonstramo-lo com exemplos.

O ensino da geographia, d'uma importancia capital na actualidade, é contemplado apenas com duas lições por semana, na primeira classe, uma na segunda, duas na terceira e simplesmente uma nos quatro restantes annos do curso lyceal! Á historia, cujo valor educativo a ninguem é licito desconhecer, destinou-se muito simplesmente uma lição semanal, na primeira e segunda classe; duas na terceira, quarta e quinta; e tres nas duas restantes! Verdadeiramente phantastico; sobretudo se se attender á enormidade dos respectivos programmas, para o ensino *real* e proficuo dos quaes poucos, muitissimo poucos professores se julgarão presentemente habilitados.

Imaginam porventura estes sabios de contrabando que o ensino se reforma profundamente com programmas pou-





# 5 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encommendas:**  
a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Deposito da Fabrica Nacional

DE

## BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

17 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

## AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposallinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemnadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarías—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogeria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogeria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.<sup>a</sup>

Deposito na Figueira da Foz—S tero Simões de Oliveira (pharmacia)

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

46 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

## MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

**PEDIR OS PROSPECTOS**

Os leitores da **REVISTA**, além do texto, comprhendendo o original de perto de 90 paginas em 8.<sup>o</sup>, têm tambem **Gratis** **UMA FOLHA** de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

São nos dias **1 E 15** de cada mez

JA PUBLICADO O 1.<sup>o</sup> VOL.

**REVISTA THEATRAL**

ILLUSTRADA

Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. Nova do Carmo, 76. 2.<sup>o</sup>—LISBOA

ENVIA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

### Pechincha

45 Magnificos vinhos de meza a 80, 90 e 100 réis o litro; branco, especialidade a 120 o litro.

Vinhos finos do Porto a 250 e 300 réis o litro; engarrados, desde 240 réis para cima.

Acabam de chegar mais de mil garrafas de Champagne, Cognac, Rhum, Coração, Jaune, e muitas outras bebidas finas, vindas directamente do estrangeiro:

Collares, Bucellas, Carcavellos, etc.

Garante-se todas as qualidades, e cinco por cento a menos do que em outra qualquer parte.

Experimentem no

**CAFÉ COMMERCIO**  
RUA VISCONDE DA LUZ  
Coimbra

### ESCRITURARIO

46 Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerre o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se á *Casa Havana*, onde lhe serão prestadas todas as informações.

### VINHO ANALEPTICO

DE

**A. GUERRA**

47 Util nas convalescenças, anemias e debilidade, levanta as forças, abre o apetite e enriquece o sangue. Preparado de carne e vinho e um tonico reconstituinte de effeito seguro.

Deposito geral: pharmacia A. Guerra—Cartaxo.  
Drogeria Rodrigues da Silva & C.<sup>a</sup>, rua Ferreira Borges, 34.—Coimbra.

### Cavallos, muares, etc.

48 As sobrecannas, espavões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras. Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogeria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrão, d'onde se remette pelo correio, por 10000 réis.

Deposito em Coimbra—Rodrigues da Silva & C.<sup>a</sup>—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

49 BASILIO AUGUSTO X D'ANDRADE, vende videiras americanas com raíz, da qualidade *Rupestria*, a 60000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 30000 réis o milheiro.  
Rua das Figueirinhas, 45.

### A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

10 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

### POMADA DO DR. QUEIROZ

9 Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31 e 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogeria Rodrigues da Silva & C.<sup>a</sup>

N. N.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.

### ESTABELECIAMENTO

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende Lisboa e Porto. por preços eguaes aos de

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystoffe, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, molinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Fernão Pinto da Conceição

**CABELLEIREIRO**

Escadas de S. Thiago n.<sup>o</sup> 2

COIMBRA

7 Grande sortimento de cabelleiras para anjo e teatro, etc.

### Atenção

6 ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.<sup>o</sup> 13.

Nella se prestam os demais esclarecimentos.

### Variola

5 VACCINA da ultima colheita do Instituto Vaccinico Portuense. Vende-se pelo preço do Instituto.

### CALLOS

Extracção dos callos em 4 dias, com os Columbus Plates.

### Cabello

Agua Cesarvna

Este bem conhecido restaurador da cor do cabelo vende-se nesta pharmacia.

### Rhum, quina e glicerina

É um bom preparado para a conservação do cabelo. Além de ser um excelente tonico, é tambem um bom desinfectante. Impede, pelo seu uso, a formação da caspa e constitue, pelo seu perfume, uma excellente agua de toilette.

**Pharmacia do Castello**—CAMILLO & COSTA—Coimbra.



### AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

4 Roupas completas para homem, de 50000 réis para cima! Alta novidade!

### Queijo da Serra

3 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijos do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

### Papelaria Central

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva  
Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho  
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174  
COIMBRA

2 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

### "RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

### Condições de assignatura

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:  
Anno..... 28700  
Semestre..... 13350  
Trimestre..... 680  
Sem estampilha:  
Anno..... 28400  
Semestre..... 13200  
Trimestre..... 600

### ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

### LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 98

COIMBRA — Domingo, 26 de janeiro de 1896

1.º ANNO

## PROVA REAL

O país acaba de dar uma duríssima lição ao governo do rei, pateando do modo mais evidente o profundo desprêzo que lhe vota. No meio das entusiasticas e frementes acclamações com que foram recebidos os expedicionarios, nem um só viva se levantou ao governo ou a qualquer dos seus membros. E a mesma sorte teria a familia real se não houvera uma récita de gala em S. Carlos, cujos espectadores foram escolhidos pelo governo entre o elemento official. Porque só ahí é que foram correspondidos os vivas que se levantaram á familia real; onde o elemento popular se achava largamente representado, ninguem ou sou acclama-la.

E tão convicto estava o governo de que o povo, havendo comprehendido o seu miseravel plano de fazer reflectir sobre elle e a monarchia os gloriosos feitos dos expedicionarios, se revoltará indignado contra tão vil exploração, que aconselhou a familia real a que não fosse assistir ao sarau que a Academia de Lisboa realisou no Colyseu, em beneficio da sociedade da Cruz Vermelha.

Teve, sem duvida, receio de que a familia real fosse victima da reacção que a attitudo ministerial havia determinado.

E não era só isso. O governo, desorientado ao ver que lhe não era possivel aproveitar uma só das manifestações com que eram festejados os expedicionarios, exercera, num momento de furia reveladora de perigosa loucura, as maiores prepotencias contra os jornaes independentes, que haviam prevenido o povo da cilada que lhes armava, e contra os cidadãos que, pacificamente, acclamavam o exercito e a marinha. Natural era que, depois de tão infame vingança, temesse a represalia.

E por esses motivos deixou a familia real de assistir á festa mais popular com que em Lisboa foram victoriados os expedicionarios. E ninguem nessa festa se lembrou do rei, ninguem lhe levantou um viva!

Deu-se em Lisboa o mesmo que nos centros mais importantes da provincia, em que o elemento popular tem festejado os expedicionarios sem dirigir saudações algumas ao rei.

Não pôde haver prova mais eloquente de que a nação deixou de considerar o rei, que ainda é o chefe do Estado, como o seu legitimo representante, como o symbolo em que se synthetissem as suas aspirações e para onde convergissem

portanto as suas saudações patrioticas. Entre o país e o rei ha um enorme abysmo, que governo algum fará desaparecer.

Quem algumas duvidas tivesse a esse respeito, deve te-las desvanecido completamente com os factos que acabam de dar-se. Nem num momento em que o país, sem distincção alguma de partidos, festeja as brilhantes victorias que o exercito e a marinha obtiveram em Africa; nem num momento em que liberaes e conservadores se unem para saudar aquelles que, no meio da profunda corrupção que por ahí lavra, das desgraças que o país tem soffrido, dos attentados de que tem sido victima, fazem renascer uma esperança suave de melhores dias, o nome do rei foi acclamado.

Não vemos que haja cousa mais triste para um chefe de Estado, quando tenha a comprehensão do elevado cargo que exerce e seja capaz de sentir a situação em que se encontra.

Triste e agoirenta...

## Rectificando

O nosso collega *A Voz Publica*, transcrevendo um suelto da *Resistencia*, diz que é «orgão da academia republicana de Coimbra». Não é exacto.

Da redacção da *Resistencia* fazem parte alguns academicos, mas não como representantes da academia republicana.

A *Resistencia* é orgão da comissão municipal republicana de Coimbra. E de mais ninguem.

De resto a *Resistencia* tem pela academia republicana as maiores sympathias.

## Dr. Jeronymo Silva

Esteve entre nós o nosso querido amigo, dr. Jeronymo Silva, presidente da comissão municipal republicana de Poyares e um dos mais intelligentes e dedicados propugnadores da causa republicana.

Abraçamo-lo cordealmente.

## Tem graça

Noticia a *Voz Publica* que os estudantes do Porto mandaram um telegramma ao governo pedindo um feriado para hoje, e que essa partida era muito apreciada ante-hontem nos centros do cavaco.

Esta partida e a da Academia de Lisboa, que resolveu comunicar pela imprensa as suas deliberações ao governo, têm muita graça. E parece-nos que é esse o melhor meio de o atacar.

Que já não merece o governo que o ataquem a sério.

Troça, venha troça.

## Um viva

No café Martinho, um alferes levantou um viva ao sr. infante D. Afonso, que foi immensamente correspondido... com pateado.

O sr. juiz Veiga mandou indagar quem eram as *peças conhecidas* que lá estavam. Naturalmente, para lhe impôr censura aos tações ou para lhe agarrar... nas botças.

## Uma phase politica

Cada vez mais descarado, mais insolente, o despotismo já não se occulta, medroso, sobre as pregas amarfanhadas do trapo constitucional para vérgar, em curvaturas de sabujismo, toda a burgracia aos pés da corrupção herdada, do preconceito dynastico, do interesse brigantino.

Muito outro, o tal *tirus* do poder, encontrando uma atmospheria pestilencial, condições de adaptação á paralytia moral, ao enfraquecimento anemico, á indifferença politica que abafa em todos os peitos um grito de revolta, e apaga, em todos os cerebros, o sol d'um ideal, alastra-se e propaga-se vertiginosamente, traduzindo-se por manifestações de insolencia estulta nos governantes, de paciencia a descabir em covardia, nos governados.

E, nesta phase, certamente pathologica, da politica portuguesa, por entre as escamoteações dos politicos e as ladroeiras dos monopolios, é levada, aos baldões, a dignidade da Patria, pelos pontapés da conveniencia egoista.

Conveniencia que vae até ao extremo de vérgar caracteres e enlamear principios!

Conveniencia que vae até ao extremo de preferir a Patria, pelo capricho d'uma quadrilha!

E, lançando a vista por toda essa amalgama de egoismos torpes, de fallencias de caracter e arrendamento de cerebros, todos os que não vendemos a consciencia, nem alugamos a penna, sentimos a pesar-nos no espirito, como um grande pesadello, uma interrogação ao Futuro:

— Até onde chegará isto?

E vem a historia dizer-nos, com um sorriso de esperança a acalentar a visão da patria martyrisada, e illuminando as brumas do futuro com um relampaguear de justiça:

— Todas as sociedades prestes a ruirem sob o peso da corrupção, todos os anachronismos a caminho da valla das inutilidades tentam agarrar-se á existencia, por todos os meios, desde á violencia até á intriga.

É uma grande baforada de luz que nos esclarece a alma.

Póde, pois, o despotismo desmascarado assaltar-nos nas encruzilhadas da lei, bacamarte apontado aos nossos ideaes, e acompanhado por todo o cortejo hallucinado dos seus satelites, tentar roubar-nos a consciencia e amarfanhá-la; pôde atirar-nos para a escuridão dos carcereiros ou para as plagas do desterro, que a nossa voz bradará sempre, bem alto, por uma hora de justiça que venha realisar as promessas da historia.

×

Mas á violencia, quando necessário seja, responde-se com a violencia, responde-se, do alto das barricadas, com a metralha da revolta.

Revolta contra as podridões do existente, tempestade justiceira que lave as nodoas de muitos annos, as patifarias de todos os dias.

Revolta aberta e franca, sem transigencias, nem temores, revolta que nos reuna todos num grande pensamento salvador, e que nos dê o direito de homens livres.

Embarcem-nos, embora.

Melhor. As grandes revoluções, ao mesmo tempo que são o cumprimento d'um dever, são o desafogo da consciencia dos opprimidos.

Para a frente iremos, pois, saltando todos os tropeços que nos atirem na marcha triumphal do progresso.

Parece que são cada vez mais tensas as relações diplomaticas do Brasil com a Italia e a Inglaterra.

Com a Italia considera-se imminente um rompimento, porque ella insiste no pagamento immediato de uma indemnisação aos subditos italianos que dizem haver soffrido prejuizos durante a revolta da esquadra na bahia do Rio de Janeiro. A animosidade nos Estados-Unidos do Brazil contra os italianos é de tal ordem que, sendo necessaria a immigração de 100.000 estrangeiros, se faz opposição a que lá entrem os italianos.

Pelo que respeita á Inglaterra, o telegrapho já fez referencia a uma nota que o ministro dos negocios estrangeiros no Brazil vae dirigir ao gabinete de Londres. A *Prensa*, de Buenos-Ayres, diz que nessa nota se pede a restituição immediata da ilha, recusando-se o presidente da republica do Brazil a aceitar a proposta de arbitragem.

Essa nota deverá provocar o rompimento das relações diplomaticas entre a Inglaterra e o Brazil.

Certo é, porém, que a Inglaterra, sempre interessada, acima de tudo, ainda ha de reflectir muito antes de dar qualquer passo que leve a esse resultado.

## Em effigie

Communicaram de Caracas para o *World* de New-York que naquella cidade fóra julgado e condemnado á morte o marquês de Salisbury, sendo um boneco que o representava crivado de balas e os destroços distribuidos á população.

Um brinquedo de que o grande lord inglês com certeza não gostará.

## Novo monopolio

Do nosso pre-ado collega *O País*:

Corre com insistencia que um grupo de fabricantes de calçado, de Lisboa e Porto, entabou negociações para alcançar do governo o exclusivo do fabrico do calçado.

Estamos em pleno regimen de desaforada ladroeira, em que o pobre consumidor é a victima sacrificada ao egoismo feroz dos monopolios existentes ou em via de consumação.

Por este caminho, dentro em pouco, desaparecerá totalmente a liberdade de industria; a iniciativa particular, o trabalho individual não encontrarão incentivos para o seu progredimento.

Temos, pois, em forja o monopolio dos chapéus o o monopolio do calçado. Após estes, seguir-se-hão outros de artigos indispensaveis á vida, que hão de apressar a liquidação forçada d'esta bambochata a que os governos immoralissimos da monarchia reduziram o pobre país.

## Bagatelles

A elucidação do espirito publico nos dominios da arte, orientando o sentimento nacional e fecundando-o activamente na comprehensão das suas tradições historicas, é um dos mais salientes factos, pelos quaes a civilisação se afirma nas modernas sociedades.

E todavia a fórma como em Portugal tem sido frustradas todas as tentativas para iniciar e fortalecer essa educação, mostra como são impotentes as mãos reformadoras e illusorios os processos que tardiamente se oppoñam ao esgotamento morbido, que gradualmente nos vae invadindo.

A grande Comissão de 1875 deu o mais completo fiasco.

As Academias de bellas-artes ha muito que entorpeceram e crystallisaram.

Exposições e museus são phenomenos caprichosos e raros.

Fundaram o ensino industrial e não têm sabido montar a machina, de fórma a produzir todo o trabalho util, que compense amplamente os sacrificios que custa ao thesouro publico.

Criaram a actual Comissão dos monumentos nacionaes onde se acham reunidos artistas, homens de letras e criticos, que de longe se impunham pelo vigor das reclamações; e ha tres annos que essa comissão languesce e se estiola no isolamento frio e inerte da sua inutilidade!

É preciso correr o país para que se avalie, de quantas bellas coisas ignoradas e da extensão dos estragos exercidos sobre todos os monumentos, absolutamente desamparados pelo Estado, com um desprendimento que não tem exemplo em nenhum país da Europa.

Tenho debaixo dos olhos um apontamento da capella de Cete, no Douro, tão digna de ser vulgarizada: — uma obra formosissima do seculo XIV, com o tumulo e estatua do reedificador D. Estevão I. Pouca gente a conhece; e lembro-me que a emocionante surpresa compensou bem a fadiga da jornada de alguns kilometros, de mau piso, a descoberto, sob um sol abraçador de julho, a pino, como se caminhassemos por sobre um terreno encandescente.

A igreja de Paço de Sousa, grandiosa edificação romanica, da transição, barbaramente assolada pelo escópro infame do canteiro de hoje. O que por alli se vê exige répressão de cadeia e Africa!

A igreja manuelina de Vianna do Castello, com as estatuas dos evangelistas no portal, soffreu deturpa-















# RESISTENCIA

N.º 100

COIMBRA — Domingo, 2 de fevereiro de 1896

1.º ANNO

## 31 DE JANEIRO

31 de Janeiro! foi outro dia, parece que foi hontem, mas vão já lá cinco annos de indiferença criminosa, depois que uma golpada de sangue puro e generoso, tingiu as ruas do Porto.

Parece que foi hontem... tão fundo ecoou em nossa alma o grito revolucionário dos vencidos!

31 de Janeiro! parece que foi hontem, e vão já lá cinco annos de podridão pesando sobre as aspirações, então expandidas, no calor d'um tiroteio.

Foi uma rebellião de nervos que arremessou á rua esses heroicos vencidos e uma palavra que os guiou, na marcha para a Republica: Patria!

Foi um delirio que se banhava nos lampejos do patriotismo, mas, no tenebroso horizonte da Patria, não chegaram a brilhar o grande sol da Liberdade, os puros reflexos da victoria dos honestos.

31 de Janeiro, dia de lagrimas, dia de lucto!

Muitos morreram!  
Nenhum apostatou!  
No meio de tanta desventura, ainda um raio pallido de esperança.

31 de Janeiro, pois, não é apenas uma data que nos vem molhar de lagrimas a alma compungida e rasgar de fel as ardencias do coração.

Foi o primeiro baptismo de sangue, a primeira affirmação de uma energia revolucionaria!

Colloquemo-nos de joelhos, communguemos a alma dos que morreram varados pelas balas dos despotas!

Mas não choremos, que as lagrimas não vingam os valentes, nem lavam a corrupção!

Resemos, antes!

Orações de todos os dias, venham aquecer os nossos labios! Resemos, resemos, pois, a promessa de vingança!

Já lá vão 5 annos!... e a nossa alma tem remorsos!... ainda não cumprimos o dever sagrado!...

E elles estão a chamar-nos; chama-nos a data que passou na sexta feira, e que elles atiram á nossa honra.

31 de Janeiro! é a Patria que chora, são os traidores que riem!

E o certo, é que o throno seguiu-se... houve tanta lama, que não bastou o sangue dos vencidos para a varrer, e o throno seguiu-se!...

Vencidos! santos da grande re-

ligião da nossa Patria, martyres da grande idéa que nos agita, salvê!

Mortos, espingardeados, torturados, sede bemditos!

É a Patria que vos abençoa, somos nós todos que vos saudamos, irmãos na crença, martyres da honra!

Recordemo-nos! despreguemos a vista d'essa lucta heroica e voltemo-la para o futuro. Não é de lagrimas a nossa promessa, é todo energias o nosso Dever!

## Os combates na India

Sobre os casos da India, de que tem havido por parte do sr. Raphael d'Andrade as noticias mais extraordinarias em telegrammas ao governo, cuja falsidade tem sido posta em evidencia pela imprensa, eis o que communica ao Commercio do Porto o seu correspondente telegraphico da capital:

«Ainda sobre o telegramma do sr. Raphael d'Andrade, hoje recebido, sei que tendo nos telegrammas do dia 24 de dezembro, dirigidos a elle e ao governo, naquella a palavra combate e neste a palavra campanha, pediu o sr. ministro da marinha explicações sobre esta contradicção. Consta-me ser

esta a explicação: Ter-se traduzido o termo campanha por combate. Parece que o sr. Raphael de Andrade acrescenta que não tem havido senão escaramuças e que ellas continuam; que os mortos e feridos mencionados no seu telegramma são de toda a campanha desde o começo da revolta.»

Veja-se ao que fica reduzido o tal combate de Sabary, e se tem havido ou não da parte do sr. Raphael d'Andrade a mais torpe exploração.

Tem estado doente o nosso amigo e illustre correligionario dr. Eduardo Vieira.

Desejamos as suas melhoras.

## Instrução publica

### Instrução secundaria

XIX

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

Vimos como o programma de geographia para a primeira classe ou primeiro anno do curso dos nossos lyceos é enorme, descommunal, e até absolutamente incompativel, não só com o tempo lectivo que lhe é destinado, no respectivo plano de estudos, mas tambem com o desenvolvimento intellectual que é licito, sensato e razoavel suppôr no alumno, d'onde se conclue naturalmente que não é muito de apreciar o criterio pedagogico de quem o elaborou. Pois, se tal programma é assim extraordinario e consequentemente absurdissimo, sendo, como é, destinado a creanças de dez annos, sem preparação conveniente que as habilite a receberem com proveito o ensino que d'elle deveria derivar-se, muito mais extraordinario e demonstrativo da incapacidade pedagogica dos preclarissimos reformadores nos parece o da segunda classe ou segundo anno, para o ensino da mesma disciplina, e ao qual, aliás, se destina apenas uma lição por semana!

Este programma, ou, antes, esta monstruosidade pedagogica está tão fóra da craveira do senso commum, que ninguém, por certo, a acreditaria, se não a visse impressa e legalisada oficialmente — estamos d'isso plenamente convencidos.

E cremos bem que não haverá uma unica pessoa, entre as que fazem autoridade no assumpto, que possa admitti-la, sem protesto veemente, em nome dos mais caros e sagrados direitos da infancia e, por conseguinte, dos interesses vitaes da sociedade.

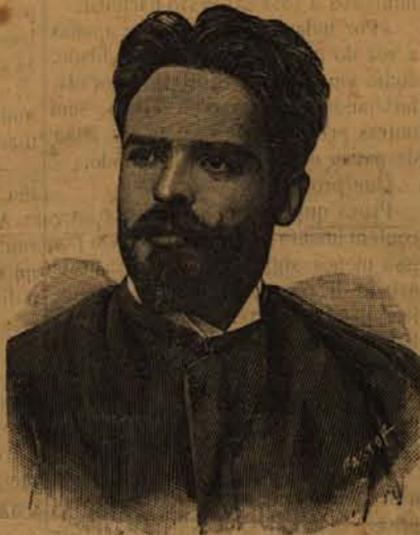
Comquanto isso possa alongar demasiado este modesto trabalho, entendemos não nos ser licito subtrahir á apreciação dos nossos leitores aquelle mirifico programma, documento curiosissimo para a historia da pedagogia nacional e producto admiravel, sob todos os pontos de vista, das aturadas locubrações pedagogicas dos illustres reformadores que pretendem arvorar-se em directores espirituaes da sociedade portugueza.

Vejam, pois, e admirem e saboreiem este delicioso fructo da nossa pedagogia official, depurado no cadinho scientifico do *Curso Superior de Letras*, Ei-lo:

«Desenvolvimento das noções de geographia astronomica e cartographica da classe I. Forma da Terra. Horizonte apparente e horizonte racional. Vertical. Altura do polo (observação por meio d'algum instrumento simples de uso escolar). Medição de um meridiano (indicação do resultado). Dimensões da Terra. Equador, diametros, superficie. Movimentos de rotação e translação da Terra. As horas; diferenças, segundo os meridianos. Tropicos. A ecliptica. As zonas terrestres. Solsticios. Equinoxios. Desigualdades dos dias e das noites. Planetas. Estrellas. Cometas. Aspectos diversos do Céu, segundo as epochas do anno; conhecimento de mais algumas constellações. Circulo de perpetua apparição e circulo de perpetua occultação.

«O relevo das terras: sua representação graphica (linhas isotypas, normaes; côres). Projecção estereographica, orthographica, de Mercator, conica (explicação elementar, por processos intuitivos tanto quanto possível). Principaes especies de cartas. Leitura de um fragmento da carta chorographica de Portugal levantada p-la commissão geodesica (sendo possível, a parte que inclua a localidade). Traçado de perfis com os dados da referida carta. Primeiros ensaios de esboço cartographico, no quadro preto e nos cadernos dos alumnos.

## Dr. Antonio José d'Almeida



Como a vida é!...  
Hontem, que mau dia, de lucto, cheio de presentimentos... Nem eu sabia o que tinha...

Fui ao cemiterio, onde mora agora minha mãe, morta... ha tanto tempo...  
la apprehensivo... tão mal... receioso... que teria eu feito?...

Contei-lhe tudo o que sonhei, tudo o que desejo, disse-lhe tudo, tudo, á vontade... É tão só um cemiterio! Não anda lá ninguém. Os mortos vão-se tão depressa...

Quando voltei vinha socegado.

Coimbra, branca, ao longe, envolta num nevoeiro luminoso, parecia feita em prata. O rio forte descia para o Choupal e espreguiçava-se ao sol, deitado sobre a relva, campos fóra...

Nas ruas da cidade andava a mocidade descuidada a rir.

Era dia claro, fazia sol... Eu sentia frio...

Como a vida é!...

É alegre o dia d'hoje...  
No ar frio d'inverno anda uma caricia quente — o beijo d'amor que ha de fazer florescer as arvores.

Tão alegre o dia, parece primavera!

Porque não haverá flores?...

Tão alegre o dia... que sol! Porque não será primavera já?!

Já noite, eu vi passar, unidos num abraço, amigos que foram hontem estudantes, e que estudantes d'hoje haviam feito vir de longe para lhe assegurarem a sua fé repu-

Bem dita a Vossa festa, a festa da vossa mocidade.

Como ella me alegra!

Tão novos e tão unidos em homenagem ao Dever!  
Como vos amo, como eu quizera ser da vossa idade para estudar e trabalhar convosco... De vós nunca ninguém se envergonhará. Guia-vos uma grande idéa, prende-vos um grande amor.

E caminhaes tão serenos. Nem parece que anda nas vossas veias o sangue irrequieto da mocidade...

É bem certo que, quando a Patria periga, se é homem aos dezoito annos, e se pôde ser heroe aos doze...

1 — II — 96.

T. C.

## Á Imprensa Republicana

A commissão encarregada da reedição da «Cartilha do Povo» pede a todos os jornaes que para esse fim abrirem subscrições a fineza de remetter o seu producto ao thesoureiro da commissão, dr. Augusto Cymbron, rua dos Militares, 3.

## Visitantes illustres

Acham-se em Coimbra os nossos queridos amigos Barbosa de Andrade, Bessa de Carvalho, Jeronymo Silva, João de Freitas, Pires de

Carvalho e Silvestre Falcão. Vieram assistir ao jantar que hontem á noite teve lugar nas salas do Hotel Continental, e que os estudantes revolucionarios de Coimbra ofereceram aos seus antigos companheiros d'armas, hoje dispersos pela terra portugueza, e de que aquelles nossos amigos são ornamento alivo e brilhante.

Comprimintamos affectuosamente esses nossos amigos e a todos os titulos illustres correligionarios.

São sempre bem-vindos a esta terra onde d'uma maneira audaciosa e coherentissima affirmaram o grande ideal republicano, animan-

do-o por uma propaganda intelligentissima e proclamando-o pela revolução.

Caracteres nobilissimos, bellos talentos, almas imaculadas e leaes, representantes d'uma idéa altissima, recebemo-los, effusivamente, dando-lhes as boas-vindas.

## JANTAR

Acaba de realizar-se o jantar oferecido ao nosso querido amigo dr. Antonio José d'Almeida, a que assistiram cinquenta pessoas, decorrendo no meio do maior entusiasmo. No proximo numero daremos noticia circumstanciada d'esta esplendida homenagem.







# RESISTENCIA

N.º 101

COIMBRA — Quinta feira, 6 de fevereiro de 1896

1.º ANNO

## DESASTRES

Não se enganou quem viu nas brilhantes victorias que o nosso exercito obteve em Africa o inicio para o governo d'uma serie de difficuldades em que havia de sossobrar. Demonstram-no do modo mais cabal os factos que se têm dado após o regresso dos expedicionarios.

Quiz o governo fazer reflectir sobre elle e sobre a monarchia as aclamações patrióticas com que elles seriam recebidos; não hesitou em exercer as mais vis prepotencias contra a imprensa independente para que não patenteasse o seu miseravel plano. Baldado empenho. O povo só festejou a Patria, o Exército e a Marinha, deixando no mais aviltante olvido a monarchia e o seu governo favorito. Foi o primeiro desastre.

Tracta-se de conceder aos heroicos expedicionarios a justa recompensa pelos relevantes serviços que haviam prestado ao país. O interesse e a intriga começam a fervilhar. Levanta-se entre os membros do gabinete profunda scisão. Propõem uns que sejam concedidas promoções por distincção; oppõem-se outros tenazmente. Intervem o *Solar dos Barrigas* no assumpto.

O ministro da guerra, que se oppunha ás promoções por distincção, declara adherir ao projecto que foi apresentado para que fossem promovidos alguns expedicionarios e defendel-o como se fóra seu perante a commissão. Debate-se em seguida se essas promoções deviam fazer-se com ou sem prejuizo da antiguidade. O ministro da guerra, imprudentemente, consulta alguns militares sobre o assumpto e pronuncia-se por que as promoções se façam sem prejuizo da antiguidade, deixando assim os heroicos expedicionarios que recebessem o honorifico galardão em peiores condições pecuniarias do que estavam. Surge vigorosa opposição ao plano do ministro da guerra e o governo resolve, em demorado conselho, pôr de lado o projecto que o ministro da guerra havia prometido defender como se fóra seu.

Segundo desastre. Abandonado o projecto das promoções por distincção, pensa o governo em recompensar os expedicionarios que mais se distinguiram por meio de condecorações e de pensões.

Entra-se no capitulo das condecorações. Pede-se ao sr. Antonio Ennes, commissario regio, para que em relatório declare quaes os militares que mais se distinguiram. Não é consultado o coronel Galhardo, que foi quem dirigiu a campanha. Aparece a lista dos condecorados na folha official e, entre os que mais de perto conheciam a natureza dos serviços que cada official havia prestado, levanta-se o mais vivo clamor, que se repercutiu na imprensa.

Para o coronel Galhardo, esse heroe que recebeu as mais calorosas

entusiasticas felicitações pelo valor e pericia com que dirigiu uma arriscadissima campanha, inventa-se o grande officialato da *Torre e Espada*, com insignias eguaes ás dos commendadores, mas usadas do lado direito do peito. E fez-se isso, para se lhe não dar a *gran cruz!*

A Mousinho de Albuquerque, que tanto se singularizou pela prisão do Gungunhana, é concedido o grau de *commendador*, sendo igualmente contemplados mais oito officiaes!

Os nomes de alguns officiaes, que prestaram relevantes serviços, ficam no esquecimento.

Vê o governo que tinha soffrido novo desastre. Procura remedial-o, em parte, tornando a publicar na folha official o decreto das condecorações com nomes que haviam esquecido. O procedimento mesquinho havido para com o coronel Galhardo e para com Mousinho d'Albuquerque, esse já o não pôde corrigir. Foi um desastre irreparavel.

E não ficaremos por aqui.

### Um ministro seguro

Lê-se na *Voz Publica*.

O sr. Frederico Arouca, novo representante de Portugal junto do gabinete inglés, conhiu com o sr. Soveral dar a demissão logo que este tenha de sair do governo, ficando tambem combinado que em tal caso, se já estiverem restabelecidas as relações officiaes com o governo italiano, será o sr. Arouca nomeado ministro junto do Quirinal, ficando, portanto, em todos os casos e hypothese, reservada para o sr. Soveral a legação de Londres.

Em qualquer caso ou hypothese o sr. de Soveral não larga aquella posta da legação de Londres.

E não vir uma *hypothese* imprevista que o faça largar...

Um jornalista liberal alvitra a conveniencia d'uma associação de jornalistas em que se tratem pelo processo de Brown-Sequard, as liberdades patrias e mais interesses vitais da imprensa e que funcionará em compita com o *Solar dos Barrigas*.

Se modestamente se reservasse para si a presidencia, dadas as prendas do protagonista, poder-se-hia chamar ao novo conclave o *Burro do sr. Alcaide*, mas como, muito a sério e convicto, advoga a candidatura do Ennes — um renegado — não é certamente em operetas que se encontrará a sua designação.

Tem de se ir á Biblia e, attentas as qualidades dos dois, a coisa chamar-se-ha assim:

*Judas de Karioth & Burra de Balaam.*

... Sem offensa para o traidor nem para a jumentinha do Propheta.

### Um funcionario á altura

Do nosso collega *A Voz Publica*:

O alcaide de Bayarbal, provincia de Almeria, está processado, entre outras coisas, por falsidade em documentos publicos e malversação dos fundos doados pela commissão regia. Apesar d'isso, este alcaide continúa em exercicio de funcções:

Commenta *La Union*, de Vigo:

«O que se não deve estranhar, pois que, em tempos de monarchia, tudo é permitido.»

Pois, se fosse cá, o homem teria assegurado um logar no primeiro gabinete a formar.

## 'PATRIA'

POEMA DE GUERRA JUNQUEIRO

Vem de explodir sobre as carnes da monarchia uma granada mortifera e implacavel.

A alma nacional, virilizada nos cadinhos do genio d'um poeta de raça, lavrou o seu protesto em alexandrinos que parecem balas, com um poema que vale uma revolução.

Guerra Junqueiro desde que immortalizou o seu nome, já glorioso, já indiscutível, com a *'Patria'*, fica sendo mais que um poeta: é o espirito augusto da revolta que, inflammando um povo de heroes, vem de lhe mostrar o caminho do triumpho, que é apenas o caminho do dever.

Na historia litteraria da Europa, a *'Patria'* tem apenas um emulo: *'Les châtiments'*, que na historia politica da França representam o mais formidando dos arietes lançados pelo braço d'um gigante ás torpezas de Napoleão.

Saudando o gloriosissimo Poeta transcrevemos, á sorte, um trecho na impossibilidade de transcrever todo o poema.

## SCENA XXI

O ESPECTRO DE D. MARIA II:

Inclina um rei perante um rei (somos eguaes)  
A realeza. Perante um vassalo, jámais!  
O monarcha ao monarcha (é irmão com irmão)  
Dobra o orgulho sem infamia; o rei ao povo, não!  
Assigna, e já! Princepe vil, que se amedronte,  
Usa, mas sem direito, um diadema na fronte.  
Povo em rebelião, não é povo, é canalha.  
Beija-te os pés? — indulto. Ergue o braço? — metralha.  
Faltam soldados e cavinas? Pouco importa:  
El-Rei de Hespanha os mandará; tem-los á porta.

Desapparece.

O DOIDO, na escuridão:

Tremia a rainha de me ouvir cantar...  
Oh, loucura minha, desventura minha!  
Cantigas são azas, fazem-nos voar...  
Mandou-me prender, mandou-me espancar.

E eu desatei a rir, eu desatei a rir,  
E tres dias cantei com mais tres noites a seguir!...

Não dormia a rainha de me ouvir cantar...  
Oh, loucura minha, desventura minha!  
Cantigas são graças para não chorar...  
Mandou-me prender, mandou-me enforcar.

Chegaram as tropas e eu, desarmado,  
Zás! desbaratei-as com o meu cajado!

E puz-me a cantar! e puz-me a cantar!

Tremendo, a rainha disse então ao rei:  
«Emquanto o não matem não descansarei.  
«Com teus cavaleiros vae-m'o tu buscar,  
«Traz-m'o aqui de rastros para o degolar.»

Veio o rei á frente d'um grande estadão,  
É de temer, é de temer  
Um doido varrido com um pau na mão!...

E sempre a cantar! e sempre a cantar!

Então a rainha, vilesa traioeira!  
Chamou inimigos d'alem da fronteira...  
E tantos! e tantos!... Que havia de eu fazer?...  
Quebrei de raiva o meu bordão e deixei-me prender!

Levado de rastros aos pés da rainha,  
Cuspiu-me na cara!  
Oh, vergonha minha! por fortuna minha,  
Melhor me matara!... melhor me matara!...  
O gosto que teve durou-lhe bem pouco...  
Foi ella que morreu!... foi ella que morreu!...  
Vi-a passar já no caixão, ia a enterrar...  
E sabeis o que eu fiz? (o que é ser louco!... o que é ser louco!...)  
Desatei a chorar!...

## Instrucção publica Instrucção secundaria

XX

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

As considerações precedentes, relativas ao programma de geographia das duas primeiras classes do curso lyceal, podem estender-se perfeitamente ás classes immediatas, pois que nelas a desproporção ou relação de desigualdade entre o desenvolvimento intellectual que deve attribuir-se ao alumno, a demasiada intensidade do mesmo programma, e o tempo lectivo que lhe é consagrado se accentua progressivamente, d'um modo incalculavel e verdadeiramente assustador; chegando a parecer inconcebível como em bastantes de sabios tão sublimados e que, em questões de pedagogia, pretendem arvorar-se em verdadeiros oráculos, senão em dictadores intransigentes, poderam germinar taes anomalias.

E cumpre notar ainda que, sendo todos os grandes mestres conformes em proclamar como indiscutível esta verdade fundamental em pedagogia — que *tudo o conhecimento deriva da experiencia* — no que, aliás, parece estarem de accordo os auctores dos mirabolantes programmas que estamos analysando, é evidente, de primeira intuição, que, sem as aulas estarem materialmente installadas de modo a poder o professor ministrar o ensino nas condições que a sciencia e a pratica do ensino insistentemente aconselham, pouco ou nenhum proveito pôde colher o alumno do tempo gasto em simples exercicios de memoria, recitando friamente na aula as paginas do compendio, machinalmente decoradas. E, se uma boa installação material é util e necessaria para se ensinar com proveito qualquer ramo de sciencia, muito mais o é no ensino da geographia, o qual, sem os meios auxiliares indispensaveis, não atingirá nunca o seu elevado objectivo, nem se emancipará da rotina, que o tem convertido em simples e estereis exercicios de memoria.

Tractando do ensino da geographia, e com a sua habitual e reconhecida proficiencia, pretende Michel Bréal, o mestre eminente a quem todos reconhecem suprema auctoridade, nestes assumptos, que, assim como em cada lyceo ha um gabinete de physica — entre nós é como se não existisse, tal é a pobreza da sua installação — haja igualmente um gabinete geographico, com globos, planisferios, cartas em relêvo, cartas parietaes, etc., sem o que não é possível conseguir de tal ensino resultados apreciaveis.

Ora, a este respeito, é bem sabido como a installação dos pardieiros que para ahí existem, decorados com o pomposo nome de lyceos, é miseravel, verdadeiramente vergonhosa, e como os meios auxiliares do ensino allí escasseiam por completo; d'onde resulta ser de todo o ponto impossivel, por maiores que sejam os esforços do professor, e por melhor que seja a sua orientação pedagogica, obter resultados que prestem.

Nas considerações pedagogicas com que os programmas se encerram, abstractando de sua redacção, a qual bem mostra que os auctores dos mesmos programmas não são demasiado fortes em syntaxe portugueza, ha tambem dislates que não podem passar sem





























## LEILÃO

(AO CORRER DO MARTELLO)

Por motivo judicial e a requerimento de varios devedores ha de realizar-se na proxima terça feira, 18 de fevereiro, pelas 11 horas da manhã, o

## LEILÃO

da rica mobilia estofada, reposteiros, quadros d'auctor, camas de mollas, á francesa e para casados, tapetes, cofres de fogo á prova de ferro, estantes de pau preto com torcidos, bidets, vasos de noite, roupas brancas e mais petrechos que enchem o 1.º andar da casa ao Arco d'Almedina n.º 6.

Todos os trastes são magnificos e muito bem conservados.

Depois do leilão adjudicar-se-ha a quem mais der uma condessinha de bellos peccos, fructa nova e de fazer lamber os beiços aos apreciadores.

## AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

46, R. Ferreira Borges, 48

O proprietario d'este acreditado estabelecimento desejando corresponder quanto possível aos favores sempre crescentes dos seus estimados freguezes e gentis freguezas, acaba de montar junto ao seu atelier de alfaiate uma secção de roupas brancas para senhoras, onde se encontra tudo o que ha de mais gentil e de novidade.

Camisas para senhoras feitas ou por medida. — Neste ramo ha uma especialidade de camisas de dormir com recortes e folhos, que são um primor de chiquismo.

Calcinhas, saias brancas, meias de seda, corpetes, matinées, penteadores, etc., etc.

## ESPARTILHOS

Confecção especial e muito cuidadosa, sob a direcção particular do proprietario, que se tem dedicado ao estudo deste fabrico, não se poupando a toda a qualidade de sacrificios para poder rivalisar com os primeiros espartilheiros de todo o mundo. Os espartilhos fabricados no nosso atelier armam sempre bem, dão ao busto graça e elegancia e não magoam. Bem barbeados por detraz, leves e flexiveis, as frentes acompanhando até acima do seio, desacolchetam-se com rapidez. Guarnecidos por baixo com peluche e adornados na parte superior com rendas e fitas são d'uma novidade perfeitamente *Parisiense!* Só se fabricam por medida.

## ATENÇÃO

Diz Eduardo Secades, que tendo-se ausentado de casa, sua mulher melindrada por causa de um annuncio que mandou publicar; breve vae provar para sua defeza o que publicou; tendo já pedido ás pessoas dignas a quem muito respeita toda a desculpa.

Eduardo Secades.

## GRANDE ESTABELECIMENTO DE ALFAIATE

DE

Mendes d'Abreu

Esta casa acaba de contractar um *tailleur* especialista em corte de casacas, antigo empregado da casa Pina d'esta cidade, e com larga pratica nas principaes alfaiaterias de Sernache.

À Casaca Elegante!

## CANTHARIDA REVOLUCIONARIA

INVENTO PRODIGIOSO DO DR. TEIXEIRA REBELLO

DEPOSITO

Drogaria Rodrigues da Silva

Efeitos seguros. Attestados das primeiras summidades medicas. Recommendados nos casos extremos da vida conjugal.

As noivas recommendam-n'o em altos berros!

## GRANDE BARATEIRO

POMBAR

OCULISTA

Rua Ferreira Borges

Acaba de receber um bello sortido de oculos para ver o invisivel, lunetas para descobrir o principio do justo, e aparelhos photographicos para corpos opacos — a ultima novidade scientifica.

Barato sempre!

Mais barato que em outra qualquer parte. Desafia a concorrência.

## ENCADERNAÇÕES

Trabalhos primorosos em pelle de todas as qualidades e procedencias. Especialidades em coiro da Russia e da Rua das Padeiras.

Remette-se gratis, como amostra, um exemplar da plaqueta de Anacleto Cabral encadernada com as *Navegações* do Duque de Espinho em pelle de burro.

Alberto Vianna

LARGO DA SÉ VELHA

COIMBRA

## PRECISA-SE

Um homem de talento para todo o serviço. Propostas e referencias á redacção da 'Arte', rua do Cosme (em casa do sr. Eugenio de Castro—Poeta).

## GRANDE REDUCÇÃO DE PREÇO!!!

CASA DE PENHOIRES

Alipio Augusto dos Santos

59, Rua do Visconde da Luz, 62

Juro --- 70 por cento!!!

Só durante os tres dias do Carnaval

## GRANDE REDUCÇÃO DE PREÇO!!!

## O INTESTINO GROSSO

Tem tres partes que são: *cæcum, colon e recto.*  
O *colon* que ora sobe ou desce no tracto,  
O *cæcum* onde existe o *appendice caecal,*  
E o *recto* onde existe uma *empola rectal!*

Ai que apparencia tem o Intestino grosso!  
Flexivel, unctoso e molle, sem um osso,  
Tem dobras, tem anneis, tem curvas voluptuosas,  
Tem os *armineos* tons das petalas das rosas,  
E morno, serpenteando—um tunel do organismo  
No *ilíon* principia e acaba n'um abysmo.

Oh! musa d'olhos bons, suavissimos, vivazes,  
Tu que me ensinas sempre o trilho das verdades,  
Ensina-me p'ra que é que a formação dos gazes  
Provoca no intestino estranhas tempestades,  
Bem como se um titan pegasse n'um trovão,  
Fechasse-o muito bem no ventre d'um caixão  
E com gesto im-mortal, viril e sobre-humano  
O fosse abrir depois no fundo d'um oceano!

Musa! lança em minh'alma o teu clarão divino,  
Ensina-me a estudar as do-nças do intestino,  
O *volvulo*, a *inflammção*, as *impressões nervosas,*  
A *hernia estrangulada* e as *colicas ventosas.*

Oh! Musa virginal, musa dos olhos bellos,  
Ensina-me a pegar nos frios escalpellos,  
Ensina-me a fazer *genices di-secações,*  
E a juntar, *enfeixar*, raras preparaçoes,  
Coisas *s-bias*, *emfim*, *epicas* de tanta luz,  
Que em *medicina* eu seja assim como um Jesus!...

poesia do homem, a poesia do corpo humano.

«Seu nome será aclamado por toda a humanidade, sua voz ha de ecoar em todos os peiúos, e quando elle morrer, heroe varado pela setta hervada da morte, as nações todas virão ver seu tumulo, como os crentes do Al-Korão que vão a Mecca, pelo menos uma vez na vida, ajoelhar á campã do Propheta.

—Mas, interrompim-lididamente, quem teria força?...

Não me deixou continuar, agarrou-me violentamente por um braço, a sua phisionomia illuminou-se extranhamente, d'um clarão sobrenatural, quasi divino, e approximando se mais de mim, dissim-me ao ouvido, numa voz cava, soturna, tremula pela commoção:

—Nessa poesia trabalho eu.

E mudando de tom, já socegado:

—Olhe sequer venha d'ahi, venha ao meu escriptorio, venha, que lhe mostro parte do meu livro.

Escusado será dizer que accetei com o maior prazer o offercimento que me fazia. Leu-me quasi todo o poema. Intitula-se — *Poesia do Corpo Humano*, e está dividido em tres partes; a primeira *Os membros*, a segunda *O Tronco* e a terceira *A cabeça*.

É impossivel dar uma ideia exacta do prodigioso trabalho do dr. Augusto Rocha. Ouvida de um folego, sem in-

terrupção, a Poesia do Corpo Humano deixou-me uma impressão de grandeza epica, d'uma larga comprehensão da vida, como que um sopro de entusiasmo que vivifica o espirito e fortalece o coração.

A força, a actividade, a alegria, toda a espoeira da saude, canta nervosamente, numa explosão sonora, em versos rendilhados ás vezes como uma canção de Gauthier, outras impetuosas, cheios de fuga, com uma ode de Victor Hugo.

Na litteratura portugueza não conheço nada de similhante. O livro do dr. Augusto Rocha não é um ensaio. É um assombroso poema, uma obra original, destinada a produzir uma revolução profundissima na poesia contemporanea.

Maravilhado com a leitura, entusiasmado com a grandeza da obra, por mais que instasse com o grande poeta, foi-me completamente impossivel obter algumas poesias, como desejava, para publicar nos *Insubmissos*.

Apenas num momento em que sua excellencia se retirou do escriptorio, pude tirar rapidamente a carteira, abrir o livro ao acaso, e copiar este pequeno trecho de uma poesia que faz parte do segundo canto e que se intitula

Como o poeta chegasse não pude copiar mais, mas por esse pequeno trecho já os leitores poderão ajuisar.

O dr. Augusto Rocha deseja que o seu livro seja uma perfeita surpresa para o mundo litterario.

A noticia que hoje dou é portanto uma indiscripção, que espero me será perdoada, pela muita admiração que tenho pelo poeta.

Coimbra, 1889.

Francisco Bastos.



# RESISTENCIA

N.º 105

COIMBRA — Quinta feira, 20 de febreiro de 1896

1.º ANNO

## Proseguindo

Entra no segundo anno a *Resistencia*.

Não se filiando num estado de febril excitação, mas no estado desapaixonado e reflectido da nefasta influencia que sobre o país está exercendo a monarchia; não tendo em mira auferir lucros, mas cooperar desinteressadamente para uma mudança radical das instituições politicas, a *Resistencia* proseguirá desassombadamente no caminho encetado, cada vez mais convicta de que depende da realisação do ideal por que pugna a regeneração moral do país e a sua restauração economica e financeira.

Mais do que em tempo algum se está hoje evidenciando a impotencia da politica monarchica para tudo que não seja fazer penetrar a corrupção até ás mais profundas fibras do organismo nacional, ou exercer tão infames como mesquinhas vinganças sobre todos aquelles que se mostram refractarios á sua acção deletéria.

Depois de haver impudentemente rasgado a carta constitucional, sobre a qual aliás sempre a monarchia tem trepudiado, com a mais ignominiosa e abominavel dictadura que figura nos annos da politica portugueza, o governo sente-se sem forças algumas para qualquer reforma que interesse á economia vital do país.

Quasi vão decorridos dois meses depois que se abriu o pseudo-parlamento, e ainda não se discutiu nem sequer se apresentou qualquer projecto de reorganisação economica ou financeira! Vota-se, após tres ou quatro discursos de balofa rhetorica, uma pensão á familia do glorioso poeta João de Deus; approva-se o *bill* de indemnidade, e, absolvido assim pelos proprios filhos da dictadura das responsabilidades em que incorreu decretando-a, o governo leva-os a commetter o mesmo peccado approvando a celebre lei contra os anarchistas em que, contra um preceito terminante da carta constitucional, se dá effeito retro-activo a disposições de character penal. E a isto se reduz o que o pseudo-parlamento tem feito até hoje!

Completamente desprestigiado pelo seu vicio d'origem, revela-se absolutamente incapaz de se reabilitar por qualquer empreendimento salutar. De modo algum pôde subtrahir-se já ao ridiculo em que cahiu. Aquillo não veio dar força ao governo; se alguma este tivesse, tirar-lh'a-hia.

E assim se vê a monarchia em maiores difficuldades do que aquel-

las com que luctava quando começou a exercer a dictadura pela arbitraria e injustificavel dissolução do parlamento.

Perjurou infamemente; commetteu inqualificaveis prepotencias; exerceu as maiores corrupções para obter como resultado um *Solar dos Barrigas!*

A isto chegou a monarchia.

×

Perante a miseravel situação em que se encontra a politica monarchica cumpre ao partido republicano, o unico que pôde conseguir a regeneração do país, trabalhar denodadamente, sem hesitações nem desfallecimentos, para completar a sua organização.

É necessario, sobretudo, pôr á frente do partido um directorio que, merecendo plena e absoluta confiança, lhe imprima a necessaria unidade d'acção congregando as enormes forças de que elle dispõe.

Repetidas vezes temos dicto que o partido republicano só se pôde impôr ao país, como um partido de governo, por meio de uma forte disciplina e da mais rigorosa selecção dos seus membros.

Está amplamente provado que da monarchia nada ha a esperar. Diz-se, e com verdade, que são os seus erros, desvarios e crimes que mais têm cooperado para o engrossamento do partido republicano. Mas para que se implante a Republica, e, uma vez implantada, levante o país do bárrathro em que a monarchia o lançou, só isso não basta; é necessario que o partido republicano se apresente unido para a realisação d'um programma nitido e conscienciosamente formulado.

Não ha duvida de que o partido republicano conta entre os seus sequazes homens eminentes tanto pela intelligencia como pelo character; todos os dias se patenteia do modo mais evidente o apoio que esse partido tem no país que profundamente odeia a monarchia; todos os cidadãos sérios e dignos anseiam por uma mudança de instituições. Facil é, pois, e pouco tempo demanda levar a termo a organização do partido.

E quando embaraços surjam, o que não é d'esperar, em qualquer centro importante onde mais activamente se deve trabalhar para a realisação d'esse *desideratum*, não será impossivel consogui-la sem a sua cooperação.

Nunca levantamos nem pretendemos levantar attrictos, desejamos obedecer e não mandar; mas isso não obsta a que digamos, quando o julgemos necessario, o que mais vantajoso se nos afigura para o partido.

Fa-lo-hemos sempre e com todo o desassombro. Republicanos convictos, só temos em vista promover o engrandecimento do nosso partido para que possa prestar ao país os serviços que d'elle espera. Nada mais.

Para isso se fundou a *Resistencia*.

Só para isso continuará.

Informa a imprensa de Lisboa que o sr. dr. Wenceslan de Lima, presidente da camara municipal do Porto, enviara ao governo um relatorio em que se dá conhecimento de graves irregularidades commettidas pelas administrações transactas nos asylos, jardins, folhas de salarios, e até de actos escandalosos respeitantes a grandes obras que se fizeram sem concurso, tendo sido algumas adjudicadas simuladamente depois de effectuadas.

Não sabemos o que de verdade haja no tal relatorio, sem duvida motivado pela convicção de que seria annullada a eleição da camara municipal do Porto pelo supremo tribunal administrativo.

Em todo o caso recommendamos ao sr. dr. Luiz Pereira da Costa, presidente da nossa camara municipal, o procedimento do seu collega do Porto. Veja as irregularidades que se praticaram e mande relatorio ao governo. Para ver se elle procede.

## O partido republicano hespanhol

Lavra profunda agitação na nossa vizinha Hespanha. Os desastres militares do grande heroe de Sagunto Martinez Campos, que affrontou imprudentemente as iras de Madrid no seu regresso de Cuba, e o episodio sangrento de Thomás Carrera causaram o maior abalo, havendo em Madrid uma manifestação contra as intuições tão imponente, que o governo não lhe oppôs o minimo embaraço. Se o tivera feito, correria grande risco a monarchia.

Sentindo-se então impotente, quer patentear agora a sua força exercendo vexatorias perseguições contra alguns jornalistas republicanos. A's difficuldades de Cuba accrescerão assim as da politica interna e, preparando-se para ellas, as diversas facções do partido republicano acabam de realizar em Madrid uma importante reunião, em que se deliberou o accordo entre ellas para a acção revolucionaria, nas seguintes bases, que foram calorosamente approvadas:

— A emissão de programmas prévios, deixando a cada partido a manutenção e a propaganda dos seus principios peculiares.

— A determinação do estado do governo provisorio da futura republica, mediante juntas revolucionarias, emquanto se não convocarem as côrtes constituintes chamadas a organisa-la definitivamente.

— A assembleia declara que, considerando nesta hora o procedimento revolucionario como o unico efficaz para attingir os fins que têm em vista os republicanos, só neste sentido pa-

ctua com os outros partidos, absten-do-se do acto eleitoral e deixando-lhes em tal assumpto toda a liberdade de acção.

— O partido republicano federal abstem-se no tocante ás eleições de deputados e de senadores, deixando aos municipios e provincias toda a liberdade de acção no tocante ás eleições municipales e provinciais, de que dependem as suas garantias.

Approvada calorosamente esta proposta, resolveu-se nomear um conselho de quinze membros, como suprema auctoridade do partido. A missão d'elle consiste em dar cumprimento a todas as resoluções da assembleia, representar o partido, fazer a propaganda da doutrina federal e convocar outras assembleias por suffragio directo.

Referido-se ás declarações feitas na camara dos pares pelo ministro da justiça, diz um jornal governamental ter ficado bem assente que—«a lei se não refere a quaesquer theorias mais ou menos philosophicas e que a retro-actividade não vae alem dos factos recentes, não comprehendendo os artigos publicados anteriormente a ella na imprensa».

Ora convem que se registre que o nevro-patha que está fazendo a mais ignobil politica no ministerio do reino não gostou das declarações feitas pelo seu collega da justiça, ordenando que no seu jornal se dissesse que não podia o sr. Antonio d'Azevedo afirmar cousas taes, porque só vale o que está na lei. Escusado seria tal rectificação, se não obedecesse ao intuito de exauctorar o ministro da justiça, que veio com as suas declarações crear embaraços á politica atrabiliaria do doído ministro do reino.

Não ha duvida alguma que o parlamento votou o projecto do governo e não as declarações do sr. ministro da justiça. Quando muito, poderiam servir estas para desfazer qualquer duvida que na interpretação da lei se offerecesse. Nenhuma, porém, se dá relativamente a estarem comprehendidas no artigo 1.º todas as theorias philosophicas que combatam a actual ordem social, e a terem effeito retro-activo as suas disposições até pelo que respeita á imprensa.

Bem sabemos que não é só arbitraria mas tam' em absurda tal disposição, cuja applicação rigorosa importaria a suppressão de todos os orgãos da imprensa. Mas pela arbitrariedade e pelo absurdo é que estão vivendo as actuaes instituições.

O projecto do codigo civil, que o parlamento allemão está discutindo, torna obrigatorio o registro civil para os casamentos, nascimentos e obitos, não sendo reconhecido effeitos alguns civis, pelo que respeita á prova de estado, senão ás certidões passadas pelas repartições d'esse registro.

É grande a opposição que os catholicos allemães, intolerantes e facciosos, movem á instituição proposta. Espere-se, porém, que esta seja approvada por grande maioria.

## Bagatellas

*Ill. mos e ex. mos srs.*:— Por mais estranha que pareça a ingerencia que neste officio me arrogo, basta para a justificar o direito inherente a todo o cidadão luso de barafustar, tão vehemente de razão, como inutil em consequências,— á falta de repressão effectiva estabelecida nas leis,— contra os desvarios e se-vicias todos os dias perpetrados sobre os documentos historicos da civilisação portugueza.

Tanto mais, que me dirijo á illustre commissão encarregada de velar e proteger os monumentos nacionaes, commissão composta de elementos que de longe se têm affirmado dos mais intellectualmente vigorosos e activos, dos mais prestimosos e validos no campo da propaganda da arte, da critica e do protesto.

As obras, chamadas de restauração, na igreja de Santa Cruz de Coimbra, de tal fórma têm corrido e se agravam, que não contrariam o longo libello da superintendencia intemerata e exclusiva dos delegados da obra publica sobre os monumentos d'arte.

Sem plano previamente discutido, sem objectivo determinado, sem obedecerem a um consciente e firme criterio artistico, ao sópro da versatilidade caprichosa e desno-teada de cada dia, estas obras tomam as proporções do escandalo, pela fórma violenta e arrogante com que têm proseguído, através de todos os protestos desinteressados dos que entendem que os monumentos que nobilitam uma cidade, não podem estar á mercê de contingencias vangloriosas e inhabeis.

Levantam-se reclamações com a insistencia, que só a dedicação inspira, em nome dos creditos do país e dos interesses superiores da arte; pela imprensa fazem-se ouvir admoestações, desde a brandura á phrase contundente; nem uma voz apparece em defesa, e as obras vão seguindo, a demolir, a refazer, com uma teimosia impassivel, de elasticidade de borracha!

Para quem appellar?!...

Agora, como se fosse pouco as levandadas commettidas, trata-se de arrancar a porta ostentosa que communica a capella-mór com a sacristia, naquella bello maneirismo philippino, singular degenerescencia d'um classicismo exaucto, para, em troca, arvorar um enxerto manuelino, manipulado burocraticamente com receitas inverosimeis de lugares communs inexpressivos.

Esta peregrina idéa serve de paradigma, a aquitar a mentalidade luminosa, que impulsiona a capacidade dirigente, na solução dos mais melindrosos problemas.

A sacristia é de 1622, um seculo posterior á capella-mór!

Se exorbitancias alli praticadas são irremediaveis, razão de mais, para que devam ser contidas as demasias, que capciosamente se acobertam na irresponsabilidade das boas intenções.

A substancia, pois, d'este officio resume-se nisto:— arrastada pela

logica da arbitrariedade está assente que seja arrancada a porta da sacristia da igreja de Santa Cruz e substituída por uma inexplicável parodia manoelina.

Tal é a accusação grave e explicita que tenho a honra de submeter á reprovação ou assentimento tolerante e cúmplice d'essa corporação respeitabilíssima.

Deus guarde a v. ex.<sup>ta</sup>. — Coimbra, 29 de janeiro de 1896. — Ill.<sup>mas</sup> e ex.<sup>mas</sup> srs. presidente e dig.<sup>mas</sup> vogaes da comissão dos monumentos nacionaes. — (a) *A. Augusto Gonçalves*.

### Pavorosa catastrophe

Do nosso solícito correspondente da capital recebemos hontem o seguinte telegramma:

Rocio, em 19, ás 4,45 tarde.

Hontem rebentou incendio no baile do *Club Artístico* em Santarem. Os mortos tirados até agora são em numero de 43, entre creanças, homens e senhoras. Muita gente saltou pelas janellas.

Morreu uma familia inteira composta de mãe e tres filhas. São os unicos que têm sido reconhecidos, até agora. De muitos é impossivel reconhecer-se a identidade por ficarem muito carbonizados.

### F. FERNANDES COSTA ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

### Cuba

O general Weiler já modificou o seu plano de campanha.

Em telegramma official, confirmando a entrada official de Antonio Maceo na provincia de Havana com todas as suas forças, declara elle: «não é possível oppôr uma barreira inaccessível a forças que, fraccionadas em pequenos grupos, aproveitam a escuridão da noite para transpor os pontos mais difficéis».

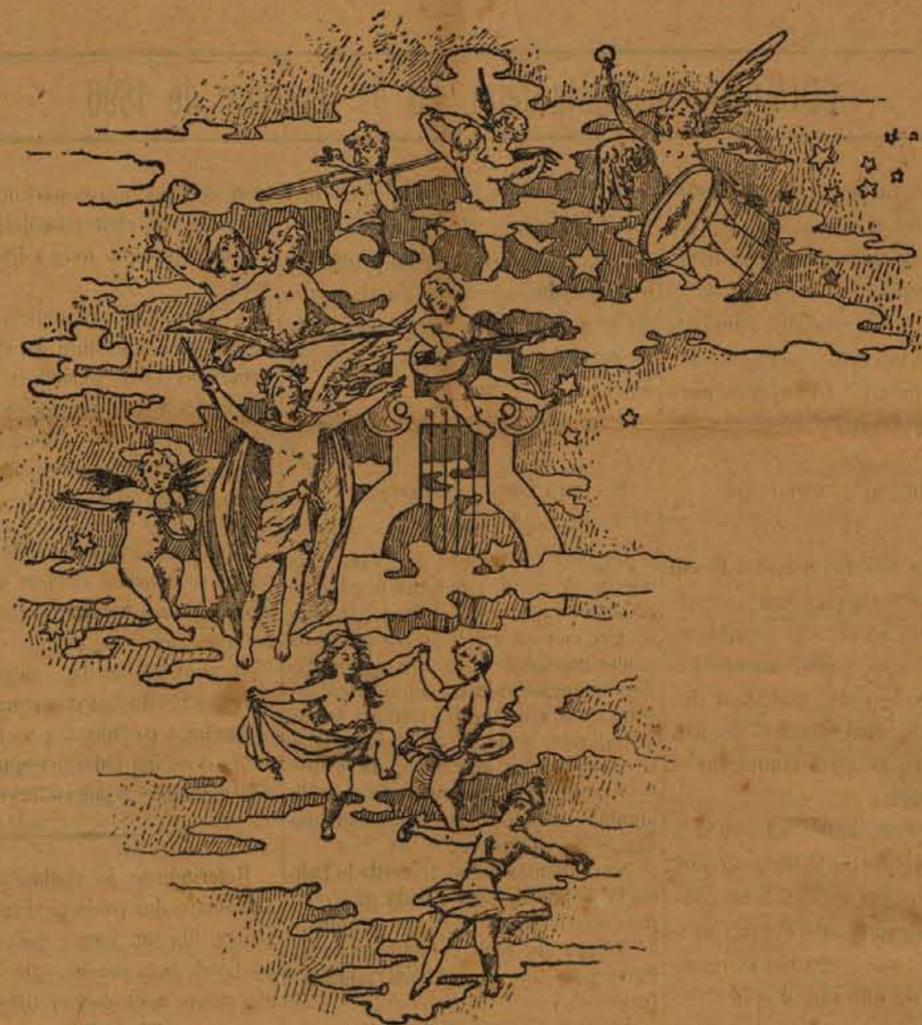
Como lutar, então? Não o diz Weiler, mas a reunião dos dois principaes chefes insurgentes com as suas forças em meio da provincia da Havana, quando em Hespanha se davam tantas noticias de suppostos triumphos sobre os cubanos e das difficuldades em que os revoltosos se encontravam, levamos a considerar mais que provavel que Weiler será tão feliz como Martinez Campos.

—Proximo de Cienfuegos acaba de dar-se uma scena que revela de um modo evidente o extraordinario entusiasmo com que Cuba luta pela sua emancipação. Foi ali capturada uma mulher que commandava 38 insurgentes do mesmo sexo!

Não foi sem difficuldade que se realison a sua captura porque, quando o destacamento dos soldados hespanhoes lhe deu a voz de—alto, suppondo que era um inoffensivo grupo, as endiabradas mulheres responderam a tiro, o que obrigou os soldados hespanhoes a responderem do mesmo modo, dando-se uma luta desesperada em que as mulheres se portaram com a maior valentia.

Afinal venceram os homens sendo presa a commandante, que se reconheceu ser a celebre *La Cabrilla*.

# THEATRO DE D. LUIZ I



17—II—96.

Noite de sorrisos. Quando se é velho, nem a gente sabe rir. Gastou-se-lhe o riso com o tempo, foi-se com a mocidade.

Com o tempo tudo se torna triste. Até o entrudo que, quando eu era novo, custava tanto a chegar e passava tão depressa, tão alegre, agora é sempre tempo demorado de chuva, sempre triste agora o entrudo. . . Se eu até já gosto de me deitar cedo! . . .

A sala muito decorada de tecidos alegres, mascaradas, leques e verduras. O tecto desaparecia em pannelamentos d'um colorido intenso, cortando a massa negra das arvores em flôr, que cresciam da varanda da terceira ordem indo perder-se na sombra, em cima. Dos parapetos dos camarotes cahiam cobertas de damasco, tecidos de colorido amarelado ou brilhante, casando-se numa grande harmonia com o brilho das flôres, a verdura metálica das heras e das acacias.

No proscenio, um grupo decorativo de palmas e bambus em que abria como uma flôr vermelha, um vermelho guarda-sol japonês.

Nas cadeiras e nos camarotes, toilettes de soirée, tricanas deliciosas de mocidade e encanto, sobresabindo pela riqueza duas formosissimas toilettes de circassiana, e um pequeno pierrot branco de setim e carne branca, fresco, como um capricho de porcellana de Saxe, feito por um artista enamorado para o boudoir d'uma mulher bonita, como é sempre a mulher que se ama. . .

Da récita, o que lhes hei de eu dizer, minhas senhoras, se me deram tão pouco espaço!

D. Palmyra Cruz, tem a bella voz fresca da creança que ha de ser um dia uma grande cantora. Nada lhe falta: nem a physionomia extranha e insinuante, olhos é ca-

bellos negros, uma face pallida, um corpo elegante e fino, como um bambu. Diz bem, sabe detalhar a phrase e a sua voz ainda nova cobre já as vozes de cincoenta coristas. No duetto com Ferraz, no tercetto com Mario Gayo e Ferraz e no concertante final, a sua voz fresca fazia-se ouvir sempre, mesmo no mais forte dos córos.

Bertha, outra creança, perdão, outra senhora, amavel e ingenua, com uma toilette distinctissima, soube prender o publico, que lhe fez uma chamada especial, obrigando-a a vir ao palco, quando já se achava num camarote.

Mario Gayo, tem uma figura elegante, sabe andar em scena, e tem uma bella voz. Dava um bom cantor num grande theatro.

Ferraz, pintou o scenario, decorou a sala e cantou desde o principio até ao fim, como nunca o ouvimos, apesar de dever encontrar-se fatigadissimo com o trabalho enorme que teve.

Roque, arranjou uma voz de baixo que não lhe conheciamos. É voz d'entrudo que faz rir. Diz com intenção e disse bem o seu papel.

Os córos foram admirados por toda a gente, pela segurança e affinação.

Macedo, o auctor d'alguns trechos e o ensaiador de toda a parte musical, foi muito aclamado, como era de justiça, porque a execução do *Herwini* foi excepcional, tanto no conjunto como nos detalhes.

A récita de segunda feira é, sem duvida, uma das provas mais brilhantes do seu muito saber e da sua muita aptidão para o ensino.

O libretto era de Costa Pereira e tinha graça. Não é facil fazer rir senhoras e agradar aos paes. Costa Pereira fez um libretto d'espírito, libretto de salão, cheio de allusões pessoais e não maguou ninguém.

É muito difficil. Eu nunca conseguí. . .

José Doria, ensaiou a peça e distribuiu os grupos dos córos muito numerosos d'uma maneira artistica e sempre variada. Foi muito chamado e muito applaudido.

A riquêsa de mise-en-scene e do guarda-roupa é facto unico em Coimbra. Quer os costumes dos saltadores, quer os da corte eram de um corte muito artistico e de uma grande riquêsa.

A récita terminou no meio d'uma grande animação, repetindo-se o concertante final.

No programma, um desenho elegante e cheio d'espírito, capricho decorativo de João Vieira, que reproduzimos no começo d'este artigo.

Seguiu-se-lhe uma *soirée* muito animada, servindo-se ás duas horas uma ceia volante, d'um menu variado e d'um serviço profuso.

Eram tres horas e eu olhava ainda os pares que dançavam enlaçados tão novos, sem me lembrar das horas, eu que já gosto de me deitar cedo, alegre de saudade dos tempos em que era novo e o entrudo era tão alegre, quando custavam tanto a chegar aquellos dias e passavam logo tão depressa. . .

Quando sahi, chovia. Pudéra! Agora chove sempre no entrudo. . .

T. C.

### DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço, 400 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recommendamos aos que as desconhecem, a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte,

## OS BOERS

Agora, que as nossas possessões em Africa estão solicitando as atenções de todos, presas aos factos de heroismo guerreiro que elevaram as tropas portuguezas no conceito do mundo, neste accordar de um povo amortecido, num fragor épico de batalhas medievas, parece-nos de interesse dar uma noticia do povo *Boer*, ao qual pertence, — tudo o leva a crer, — o futuro do continente negro.

São os *boers* visinhos das nossas colonias, em algumas estão estabelecidos até fraccionamentos d'esse povo de aventureiros audazes, agricultores e guerreiros, que vão peonando a Africa, com a mão na rellha do arado e a espingarda a tiracollo. São nossos vizinhos, e vizinhos com que devemos de contar, como não podem deixar de contar com elles todas as nações que na Africa possuem colonias. Applicando á Africa a doutrina de Monroë, ainda lhes havemos de ouvir dizer — *a Africa pertence aos boers*.

Producto d'um cruzamento secular de fortes — os primeiros colonos hollandêses do Cabo e os huguenotes francezes, que emigraram para Table-Bay depois da revogação do edicto de Nantes—estabeleceram-se no Cabo e ali ficaram até que a invasão inglesa na Africa meridional veiu abrir um cyclo de luctas em que os boers, palmo a palmo, vêm defendendo contra os novos dominadores a terra que tinham como sua.

Estabelecidos como colonos ao lado dos ingleses nos primeiros tempos da conquista inglesa, iam vivendo no Cabo, arroteando e cultivando os campos, apascentando os seus gados e exercitando os seus musculos de ferro, formando e robustecendo o seu character guerreiro e forte na caça aos animaes ferozes.

Mas em 1835 a Inglaterra aboliu, de repente, a escravidão, não dando aos colonisadores um periodo de regimen transitorio nem compensações de nenhuma ordem. Arruinou-os. Emigraram.

Na audacia de que o seu character é formado, esse povo, tão sympathico e tão interessante, partiu em busca d'um país novo e fertil, engolphou-se na Africa tenebrosa, escalou montanhas, transpôs rios, devassou florestas virgens, levando os seus rebanhos numerosos atraz dos seus carros enormes puchados a muitas juntas de bois. Foram estabelecidos no Natal uns; outros, passando o Vaal, estabeleceram-se ali e em Orange.

Acamparam num país inimigo, firmaram pé nos territorios habitados pelos zulus temiveis, atiraram-se a agricultar os campos e a lançar as sementes, ao mesmo tempo que os zulus iam enchendo de setas e de azagaias os campos apenas arroteados.

Sustentaram uma lucta temerosa, em que houve batalhas formidaveis. Assaltados a cada instante por mangas innumeraveis, tinham a cada instante de lhes dar batalha, abrindo-se atraz dos seus grandes carros — habitações transformadas em baluartes improvisados. Numa d'estas batalhas 450 boers venceram 12:000 zulus, matando-lhes 3:000.

Ficaram, enfim, senhores do país, e os chefes indigenas foram estabelecidos para lá do Limpopo.

Ficaram fundadas as republicas do Transvaal e do Estado Livre de





















# RESISTENCIA

N.º 108

COIMBRA — Domingo, 1 de março de 1896

2.º ANNO

## LUCTEMOS!

1820 foi uma aurora grande, energica, altiva, febricitante de seiva, explosiva e intensa, no meio de um grande obscurantismo social e d'uma infrene devassidão dynastica; e fitando esse turbilhão de vida que agitou o Povo, tantas aspirações convergentes no altar sagrado da Patria, ninguem havia de dizer que, a breve trecho, o céu desnublado, sereno, sem tempestades, a população docil, activa, trabalhadora, tudo enxovalharia uma grande torpêsa de governos, desde a bandeira augusta que cobriu tanto coração altivo, até á lei que, por então, bastou ás aspirações democraticas.

Ninguem o diria, e muito menos esses que, impellidos por um ideal que havia de ser, mais tarde, mentido, cuspid e esfrangalhado, aleivosamente, pela força que dá a municipal ao desvario das cabeças governativas, traçaram ao seu proceder uma norma de honestidade, uma linha intransigente de patriotismo. Que o Povo havia de voltar a extorcer-se nas garras do despotismo, oh! não o sonharam sequer, porque, sonhando-o, seria vergastado e expulso do templo, como os vendilhões, a grande bacchanal monarchica.

Mas como a vida é feita de sonhos, de illusões, esbocetos de realidade e contingencias de calculo, o throno continúa pezando na dignidade d'este país, como um remorso, como um crime. A altivez da nossa raça dorme envolta na mortalha da desdita, e a nação cauleptisada, moribunda, não tem nervos para sentir o corpo retalhado, dilacerado, pelas garras penetrantes dos corvos malditos.

O Povo moirejando de sol a sol, cançado, estropiado, por isso mesmo rotineiro, tem ainda assim um instincto fortemente pronunciado contra as coisas más e putridas que fermentam na administração publica. Retrahe-se, portanto, já por isto, já porque á lei ou á falta de instrução, ou ainda mesmo o atordoamento do sentimento politico pela observação das patifarias governativas, que elle julga sem remedio, o impedem de entrar no grande campo onde deveria ser chamada a cooperar, eficazmente, a sua actividade civica.

Não sabe, portanto, nem mesmo quer saber, se é o *Festas* que está na guerra, se é o Franco que está no reino, nunca ouviu fallar nas trampolinices do Mariano, nem nas patifarias do Navarro. Vota com o *soba* da terra que lhe prometteu lyrar o filho, e maldiz as contribui-

ções peizadas que o deixam esfrappado.

Mas não sabe o que ha de fazer, não sabe remediar o mal, desconhece o seu destino. Sessenta annos de monarchia constitucional embruteceram-no, por completo, amalgamaram-lhe o cerebro, quebraram-lhe a dignidade. Chora, portanto, se ha de pegar em armas, e morre, vilipendiado, escarnecido, martyrisado, á fome, pelo frio, pelo trabalho improductivo ou mal recompensado, placidamente, como um santo, sem uma febre de vingança, sem a consciencia do que vale.

E elle pôde tanto...

×

Pela tua educação, ó Povo, pela reabilitação da Patria perante a Historia, eu saúdo a proxima Republica!

Uma Republica sensata, que quebre as cadeias que nos opprimem, que desfralde, ao vento, a bandeira da Liberdade, que lave as nodoas da administração, austera e justiceira, abrindo as penitenciarias para os grandes ladrões e estendendo o manto protector sobre os desgraçados, os esfrappados que, presentemente, não tendo um pão, têm de ir curtir a fome no escuro das prisões, enquanto os grandes bandidos que atraçoam a Patria e roubam milhões, gozam as commodidades da vida...

Que todos saibamos luctar, e a Republica será um facto!

Recebeu-se em Lisboa um telegramma em que se communicava que a rebellião na India se estendeu de Satary até Canacona e que as nossas forças se recusavam a marchar.

A *Tarde* e *Novidades* limitaram-se a dizer que não era verdadeiro o telegramma. Sobre o que se passa na India, nada diz o governo. Mas tudo se ha de saber.

A irmã Collecta, que foi condemnada pelo poder judicial a prisão correccional, teve em Braga, em cuja cadeia lhe foi permitido pelo governo cumprir a pena, ruidosas manifestações por parte dos jesuitas d'aquella cidade, nas quaes collaboraram as autoridades.

Os policias, a quem deviam ter sido dadas ordens terminantes para que prohibissem as manifestações, que nada mais significavam que uma affronta ao poder judicial e um agravo aos mais rudimentares principios em que assenta a ordem social, davam palmas a passagem d'uma criminozal! E assim temos as proprias autoridades, a quem cumpre manter o prestigio do poder judicial, a contribuir para que elle seja desacatado!

Que não cumpre agora averiguar se a irmã Collecta commetteu ou não o crime de que foi accusada, para condemnar as manifestações dos jesuitas brachareuses. Ha um veredictum dos tribunaes e as autoridades não podem deixar de o fazer respeitar.

Louge, porém, de assim procederem, as autoridades cooperam nas manifestações a favor d'uma criminozal! e prohibem que os liberaes protestem contra ellas!

Evidentemente, isto chegou onde podia chegar.

## CONFRONTOS

A proposito da dissolução das côrtes em Hespanha e da attitude de Sagasta, nota uma folha do governo que o partido liberal se não abstem de entrar nas eleições, e pôde esse procedimento em confronto com o seguido entre nós pela colligação liberal. E escusado será dizer que mette a ridiculo a resolução d'esta, e principalmente o chefe do partido progressista.

Sem que tenhamos responsabilidades algumas na colligação liberal e sejamos por isso obrigados a defendê-la, diremos em todo o caso que esse jornal finge ignorar que as condições em que se decretou a dissolução do parlamento hespanhol são completamente diversas das que se deram com a dissolução das côrtes entre nós.

A rainha regente de Hespanha pôde ter praticado, dissolvendo as côrtes, um acto anti-politico, de efeitos perigosos para o país e desastrosos para a monarchia; mas manteve-se dentro da legalidade, usando d'uma faculdade que lhe é conferida pela constituição.

O governo do sr. D. Carlos, decretando a dissolução das côrtes contra o que expressamente dispuña a lei constitucional de 1885, commetteu um inqualificavel attentado.

Como se vê, sendo muito diversa a natureza dos actos praticados pela rainha regente de Hespanha e pelo sr. D. Carlos, não pôde criticar-se a conducta da colligação liberal, invocando para isso o procedimento de Sagasta. Sem duvida que este seria muito diverso, se a rainha regente de Hespanha, para dissolver as côrtes, perjurasse como o sr. D. Carlos e se bandeasse com um governo de favoritos.

Mas queremos crer que tal hypothese nunca se dará em Hespanha, sem que haja um movimento de energica revolta. Em Hespanha ha homens de comprovado valor politico e a opinião publica impõe-se, por vezes, com extraordinario vigor.

Em Portugal, é o que se está vendo. Os partidos liberaes colligam-se para fallarem em comicios, aconselharem o não pagamento dos impostos votados em dictadura e se absterem das eleições. Exgotada nesses actos a sua actividade, desligam-se, porque um dos partidos colligados presa acima de tudo as instituições monarchicas, pelas quaes está disposto a sacrificar-se... para bem das suas conveniencias.

Collocados o rei e o governo fóra da ordem e da legalidade, é dentro d'ellas que esse partido pretende combater. Conhecendo os seus bons sentimentos, o governo segue impavido no caminho das maiores prepotencias e vilanias, e ordena aos seus jornaes assalariados que façam troca dos progressistas. E o partido progressista tudo accêita, com o protesto de tudo destruir quando fór ao poder, a convite do sr. D. Carlos e com o apoio d'elle. Ficam assim salvos os bons sen-

timentos monarchicos do partido progressista, postos de lado em momentos de impensado patriotismo, e tambem serão compensados os grandes sacrificios feitos pelos seus correligionarios, que mantiveram intacta a sua fidelidade durante o longo periodo em que tem estado ausente do poder.

E até dizem que o país tambem lucrará. Mas d'isto diremos mais tarde.

Limitamos por agora as nossas considerações sobre este assumpto ao que ahí fica, terminando por uma inoffensiva pergunta:

Porque soffrerá o partido progressista que em alguns jornaes assalariados pelo governo sejam constantemente mettidos a ridiculo alguns dos seus membros mais em evidencia, quando podiam desaggravar-se d'um modo que nada deixaria a desejar?

## TRAMA

Um telegramma de New-York communica que fóra descoberto nesta cidade um trama que tinha por fim destruir, por meio de dynamite, o edificio onde funciona a agencia do thesouro.

Nessa agencia estão depositadas enormes sommas em ouro, e trinta individuos haviam-se concertado para ás 3 horas da manhã do dia 24 de fevereiro findo lançarem bombas explosivas de todos os lados do edificio.

Do lançamento das bombas foram incumbidos seis; os restantes esperariam, occultos nas proximidades do edificio, que as bombas reben-tassem, e, dado o facto, precipitarse-hiam sobre os escombros nos primeiros momentos de confusão, para lançarem mão do ouro.

Felizmente foi descoberto o trama, achando-se presos alguns dos conjurados.

Diz-se que a digna direcção da Associação Commercial d'esta cidade vae representar á Companhia Real dos Caminhos de Ferro e á Companhia da Beira Alta para que entre si accordem no estabelecimento de um comboy *tramway* entre esta cidade e Luso, durante a epocha balnear.

Se assim fór resolvido pelas duas companhias, caberá á Associação Commercial a iniciativa d'um importante melhoramento para esta cidade. Sem duvida que, estabelecido o *tramway*, o movimento entre esta cidade e Luso será muito maior do que até aqui, porque muitas pessoas se aproveitarão d'elle para irem passar o dia no Busaco.

E, pois, de suppôr que as companhias dos caminhos de ferro lucrarão accedendo ao pedido da Associação Commercial. O resultado do *tramway* entre Coimbra e a Figueira da Foz fundamenta esta supposição.

Mendonça Cortez avisa que descobriu a direcção dos baldes e espera provar a sua descoberta quando as suas finanças lh'o permittam.

Mas não avisa o publico d'uma nova emissão de cedulas e deixa-o indeciso sobre a nova trama no Banco Lusitano.

## Instrução publica Instrução secundaria

XXII

...sonnette les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

R. LEGOUVÉ.

A demasiada extensão do programma de historia, a sua extraordinaria e pouco racional proporção com a capacidade e desenvolvimento intellectual que é licito suppôr no alumno de tenra idade, a quem o destinam, attendendo, sobretudo, á multiplicidade das materias que não de ser conjuncta e simultaneamente estudadas e ao tempo que o novo plano de estudos lhes destina, torna-o de todo impraticavel, como facilmente se demonstra. Porque—é forçoso reconhecê-lo—ás razões já apontadas accrescem outras que se filiam numa ordem de considerações que poderemos resumir nestas simples palavras: Para hem ensinar a historia, de modo a tornar o seu conhecimento verdadeiramente salutar e proficuo, como, de resto, succede a respeito d'outras disciplinas, é indispensavel conhecê-la e comprehender-lhe nitidamente o valor moral e educativo, sob os diferentes aspectos por que pôde e deve ser considerada, a fim de que os resultados não sejam negativos, como frequentemente acontece.

Ora nós, sem querer, nem por sombra, amesquinhar o ensino da historia, diremos, comtudo, e salvas as devidas excepções, que tal ensino não tem de modo nenhum correspondido ao seu elevado objectivo, mercê dos processos geralmente empregados—o que evidentemente provém de causas multiplas, uma das quaes, sem duvida, é a deficiencia manifesta, absolutamente incontestavel, dos nossos conhecimentos pedagogicos. A sciencia da educação começa apenas a ser conhecida entre nós, facto devêras lamentavel, e de que se têm derivado consequencias ainda mais lamentaveis. Os factos fallam por nós.

Os proprios livros de texto, em uso nas escolas, mostram bem que não exaggeramos. A maior parte d'elles, senão todos, provam, com toda a evidencia, a ligeirêsa condemnavel com que, por via de regra, se fabricam compendios, para que, aliás, se requer, não só muito saber, mas um criterio especial, que, geralmente, falta por completo aos que, propondo-se ensinar a historia, se dispensam muito modestamente de a conhecer... Os documentos justificativos d'esta asserção abundam infelizmente, sem que seja necessario especifica-los.

Mas, retomando o fio das nossas considerações, convém deixar consignados alguns factos, para se demonstrar com os auctores do programma de historia se desviaram do verdadeiro caminho a seguir, quando se elaboram programmas destinados a creanças de dez a doze annos, e a cuja educação se pretende dar uma orientação conveniente, para assegurar a sua efficacia,







# RESISTENCIA

N.º 109

COIMBRA — Quinta feira, 5 de março de 1896

2.º ANNO

## DOIDOS?

Numa epocha de segredo, num país de gente corrupta, decente e digna, somados os attentados, os desvarios, as infamias em que se vae afundando a velha monarchia portugueza, ninguem se lembraria, por certo, de lhes pôr cõbro com o ponto final sanguinario d'uma revolução justiceira, com o sangue a espadanar de peitos traidores.

Ninguem! Seria honra-los com cauterios que não merecem, seria absolvê-los dos seus crimes dando-lhes uma expiação que tem muito de nobre, de heroico, para pandilhas de tal calibre, para pandilhas de tal jaez.

Não!...

Num país de gente honesta, se por um lado se não consentiria a *étalage* repugnante de felonias e abjecções que, vae para cinco annos, o governo do rei expõe impudicamente ao solo meridional d'este torrãozinho desavergonhado, por outro, tambem, ao chegarem as coisas a este estado, não haveria cerebro por escandecido, por exaltado, que appellasse, a sério, para a logica das ballas, para a therapeutica salutar das barricadas.

Matam-se a tiro cães damnados, e, na crueza selvatica das nossas civilisações, emprega-se ainda o mesmo processo, para bandidos, para tyrannos que a salvação do povo, como lei suprema, manda equiparar aos cachorros pacificos, inoffensivos, que a hydrophobia tornou em feras.

Afundam-se em ondas de sangue regimens nefastos, oppressores, que soffocam as aspirações d'um povo, que apunham todas as glorias de um passado, que amordaçam todas as liberdades de homens livres que, a ferro e fogo, com energia, com valor, hão conquistado essas liberdades.

Mas num país sensato, apesar de tudo, ninguem pensaria em liquidar contas com despoticos dictadores em que um epileptico predomina, pela via dispendiosa e arriscada de uma zaragata revolucionaria.

Era o que faltava!...

Não mereciam tanto. A corrê-los seria á batata e não a tiro, mas, em vez de corrê-los, o expediente que a todos se imporia seria o de interna-los.

Interna-los, sim!...

Não numa penitenciaria, mas num manicómio, num hospital de doidos, entregues aos cuidados d'um alienista consciencioso, com faculdade ampla de os medicar, com douches, com coletes de força e, de quando em vez, com massagens de vergalho brandido pelo pulso rijo d'um patriota.

E deixá-los...

×

Porque, positivamente, mais que malandros, os senhores lá de cima, são idiotas.

D'uma idiotia má, offensiva, desavergonhada, mas em todo o caso idiota,

Mais que perversos tão ridiculos; mais que o odio despertam a gargalhada.

Se cito só dois factos. Podia citar outros, todos os que de corrupçao governamental têm desabado sobre as nossas cabeças ócas de subditos fieis de sua majestade fidelissima.

Todos elles trazem nas prégas e refolhos das suas patifarias berradoras, exparso ás mãos cheias o salgaulês da sua chalaça, do humorismo hilariante do ridiculo, do grotesco.

Todos. Sem exceptuar um só, sem termos de omitir o mais insignificante decreto, a mais ingenua roubalheira.

Na litteratura popular, na litteratura de cordel, havia d'antes, para darem a nota alegre do riso, da gargalhada insulsa, irreprimevel, dos nossos avós, dois almanachs preciosos: o do *Rei*. . . *Nata*, e o das *Gargalhadas*.

Já se não publicam. A chronica da monarchia matou as facecias do *Rei*. . . *Nata*, e o *Diario do Governo* deu um golpe de misericordia na graça chula do almanach das gargalhadas.

Eu cito só dois factos.

Um no parlamento. Já o noticiaram os jornaes e sabe qualquer dia no boletim da camara dos srs. deputados da nação portugueza.

É veridico; é official.

Foi pouco mais ou menos isto:

«Em discussão as recompensas aos heroes d'Africa.

Opposição muito bem ensaiada em gestos de revolta e monologos de guerra aos dispausterios do Pimentel Pinto.

Ergue-se Hintze, livido, esverdeado, com os bigodes pendentes, tristonhos, as lunetas a tremelicarem, de indignadas, encavalladas nas narinas, e exactamente como se não tivesse sido abolido do *Solar*, pelas condições da escriptura, o toureiro de *verdad*.

E, muito sério, hirtto, os dedos espetados, ameaçadores, para as bancadas dos barrigas: É uma questão ministerial. Questão vital para a existencia do gabinete a que presido. Se os srs. não votam uma moção de confiança, trava-se o conflicto constitucional e eu apresento a demissão do governo.

E o governo sahio da sala e os barrigas votaram a moção.»

O outro, melhor ainda, vou buscá-lo ás graças do ministerio do reino.

Colho-o nesta versão patusca das *Novidades*:

«Foi effectivamente nomeado redactor da camara dos deputados, o nosso collega do *Diario Illustrado*, sr. Sergio de Castro.

A nomeação foi excellente. Sempre na brecha como jornalista, o sr. Sergio de Castro tem dado provas, d'uma isenção, d'um desprendimento e d'uma lealdade, que de ha muito o recommendavam á consideração do seu partido. De merecimentos para o cargo, se alguma coisa ha a dizer, é que elles são muito superiores aos que o seu desempe-

nho exige. De caracter é bom como poucos. É uma nomeação, da qual se pôde dizer com verdade, que sobretudo honra quem a faz.»

Notem, este sr. Sergio de Castro é Sergio Vadio, o onagro. . .

×

E ainda ha quem falle em revoluções para acabar com isto?

Mas, então, para que serve o hospital do Conde de Ferreira, para que serve o hospital de Rilhafolles?

Ab! sim! E' bom não esquecer: Para os dignos, para os honestos, que pretendem regenerar uma sociedade perversida.

São doidos, esses. . .

Se os outros têm tanto juizol! . . .

## Grande roubo

Por causa do roubo effectuado na recebedoria da receita eventual em Lisboa, que se eleva, pelo apuramento já feito, a mais de 83 contos, foi preso o cambista de Lisboa, Testa, com quem o recebedor realisava varias transacções.

Ao contrario do que informaram varios jornaes, o desfalque começou a dar-se em julho do anno findo.

Informam alguns jornaes de Lisboa que vae ser nomeado par o sr. Emygdio Navarro. O que admira é que já o não tenha sido. O director d'um jornal de *chantage*, o heroe das *Lamas do Tejo*, o ministro que em Paris tanto honrou o nome portuguez, bem o merece.

Que mais não seja, pelo modo como tem defendido os ministros a quem chamou bandidos.

## Na India

O auctor da *Semana Politica do Commercio do Porto*, que por diversas vezes aqui temos transcripto, escreveu a ultima sobre as atrocidades que o nosso exercito tem praticado na India, fazendo o confronto entre ellas e as que cá praticaram os francezes invasores. D'esse bello artigo transcrevemos os seguintes periodos:

«Não conhecemos duas logicas, nem duas justicas. Os nossos leitores, vendo passar ante o seu espirito esta evocação fugaz de algumas paginas bem tristes e inolvidaveis da nossa historia, estabeleceram fatalmente o paralelo entre ellas e o que sabemos em vista de documentos officiaes, ter sido praticado ultimamente por tropas portuguezas nas nossas possessões indianas. Passamos agitando os archotes do incendio sobre dezenas de aldeias abandonadas e indefesas, lançando a devastação e o exterminio onde nos cumpria estabelecer a prosperidade, radicar o amor, e restaurar a ordem. Para que nos pôde servir aquella destruição, e de que terriveis consequencias futuras nos pôde vir a ser o exaspero e o desamor d'aquelles povos? Fomos alli, neste periodo adiantado da civilisação, fazer aos nossos e no que era nosso, o que tão condemnavelmente fizeram em tempos de maior rudeza, no que não era seu, estrangeiros que tanto nos maltrataram!

Ainda hoje, apesar do tempo decorrido e do effecto conciliador de tantos factos que se têm passado, é viva e profunda, mórmmente nas populações agrestes das regiões que então mais soffreram, a tradição dos maleficios que as tropas francezas operavam em todos os pontos da sua passagem.

Quanto tempo não durará na India portugueza a recordação profundamente rançorosa das nossas actuaes e inexplicaveis severidades?»

E venham agora os jornaes governamentais publicar novas correspondencias da India em que se declare que os animos estão socegados, accrescentando logo que, tendo sido incendiadas as casas e as cearas, os revoltosos têm que entregar-se ás auctoridades sob pena de morrerem de fome!

Estamos na nossa: acima de tudo são idiotas.

## A «Patria»

Do genial auctor da *Patria* recebeu o grupo revolucionario academico a seguinte carta, em que agradece a mensagem que lhe foi dirigida:

*Meus bons e queridos amigos*

Regressando, encontro a carta que me escreveram ha dias. Agradeço-a, commovido até ao intimo da alma. As pulsações arquejantes d'este coração revoltado e fatigado echoaram em hino luminoso, em marcha heroica de batalha, nos vossos peitos juvenis. Que maior galardão desejaria eu?

Fraternalmente os abraço, espiritualmente os saúdo.

*Guerra Junqueiro.*

Porto, 24 — 2 — 96.

Um telegramma de Washington refere que o senado approvou uma proposta para que se pegam á Hespanha explicações sobre os ultrajes que se dizem feitos a alguns cidadãos dos Estados-Unidos residentes no país vizinho, e approvou uma proposta para que sejam chamadas as milicias maritimas, a fim de se augmentar a tripulação dos navios de guerra, e para se comprarem transportes para a condução de tropas.

Pelo seu lado a Hespanha, continúa a trabalhar activamente nos preparativos militares e maritimos. Já foram chamados ás armas 25:000 homens e está tudo disposto para um chamamento de mais 100:000.

Os ares cada vez mais se turvam. Teremos raios e coriscos?

A imprensa franceza occupa-se largamente da questão, mostrando uma grande sympathia pela Hespanha. Diz-se que a orientação da imprensa franceza obedece a negociações secretas entre a França e a Hespanha, havendo-se aquella comprometido a auxiliar a Hespanha em qualquer conflicto diplomatico motivado pela intervenção dos Estados Unidos em Cuba.

Não acreditamos que a França se intrometta na questão. Que o caso é muito sério.

## Companhia de Credito Predial

No dia 30 do corrente deve reunir em Lisboa a assembleia geral dos srs. accionistas d'esta Companhia, a fim de apreciar o relatório do governo da Companhia e o parecer do conselho fiscal, votar as contas annuaes, o dividendo e a percentagem do fundo especial de amortisação e proceder ás eleições do presidente, vice-presidente e dois secretarios da assembleia geral, do governador, dois administradores effectivos, dois supplentes, um fiscal effectivo e outro supplente.

É no forte de Monsanto que vão ser alojados os prisioneiros de guerra que vêm no *Africa*, entre os quaes o *Gunghana*. Já se mandaram lá fazer as obras indispensaveis para isso.

## Notas d'um azedo

XXI

XXIII.—*Livros*. . . — I. *Patria*.

—Da lista grande, da massa compacta dos meus credores, eu saco hoje, para saldar contas de gratidão por cavalheirismos estranhos de cortesia, o mais illustre, mais glorioso dos nossos grandes poetas, que, vae para um mês, honrou a minha obscuridade de livre atirador, com a offerta penhorante e gentil da *Patria*.

É sacco da *pêlé-mêlé* dos que estão á bica para tundas e homenagens, o livro extraordinario de Junqueiro, nanja porque precise elle do meu *placet*, das minhas saudações, para etiquetar para a Posteridade, em grande velocidade e com portes pagos, a allissima individualidade do seu auctor, mas porque deveres ha a que não pôde fugirse sem liquidar em patifaria a honra adherita ao seu cumprimento.

D'esses, sem duvida, o dever imperceptivel de tirar uma pessoa o chapéu, respeitoso, commovido, bem educado, ante um Superior que perpassa, que se affirma, na pujança maior, no integral desarrollo d'um talento composito, intangivel e maximo, malbaratando em prodigalidades luminosas as scintillações exóticas, polychromas, d'uma obra completa, artistica, sem pechas, sem descaembos.

Não quadram lisonjas na notula bibliographica, despretenciosa, corrente, fugidia, terra á terra, com que, cá de baixo, eu saúdo lá para riba o fulguro triumpho do grande poeta.

Experimentada a vista na infamiasinha do proximo — ali o vizinho comprehende — eu calculo bem as distancias, meço as altitudes, para ir, sem mais aquellas, olho cupido na esportula, a babujar para tão alto a baixesa d'uma palavra, d'uma syllaba menos sincera, menos verdadeira, infidelissima e desavergonhada sophismação do choque fundo que meu espirito sentiu ao topar nas paginas da *Patria* com a surpresa d'um Junqueiro novo, diferente e todo outro do Junqueiro que eu conhecia, que eu admirei, nos primeiros entusiasmos das minhas leituras, quando menino e moço, minha alma fremia com o embate retumbante dos sermonarios hugolinos, que, em cambulhadas sonoras, fizeram ha 20 annos a reputação e o escandalo da *Morte de D. João*.

×

Porque o caso é que, só de longe em longe, muito rapido, o velho Junqueiro surde na plasticidade inimitavel dos seus alexandrinicos antigos, e, mesmo então, diminuida a rhetorica grandiloqua de idos tempos, o verso se nobrece humanisando-se, e a Ideia, despidas as purpuras roçagantes do guarda-roupa de Hugo, *costumier* do romantismo, ganha a ductilidade lilial, a santa, immaculada perfeição d'uma Ideia que se préza, que se não pinta, que é grande, que é bella, sem postigos de lojas de modas, sem tics espaventosos de sótra boulevardeira,





1.ª publicação

15 Pelo Juizo de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão do 5.º officio, correm editos de trinta dias, citando o menor pubere, José conjuntamente com seu pae José Tejo, de São João do Campo e ausentes em parte incerta para a qualidade de representante de sua falecida mãe Maria Gandara, assistir a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Maria Cazalleira, viuva de Manuel Gandara Jnior, morador que foi no referido lugar de São João do Campo.

Verifique a exactidão

O Juiz de direito,  
Neves e Castro

**ESCRIPURARIO**

14 Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerce o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se a Casa Havaneza, onde lhe serão prestadas todas as informações.

13 Vinho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.  
Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna á Sê Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

**QUINTA**

Vende-se uma proximo d'esta cidade.

Dá bom rendimento, tem terra de sementeira, pinhal, arvores de fructo, olival, vinha, etc. Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.



**AGUIA D'OURO**

FRANCISCO P. MARQUES

11 Roupas completas para homem, de 5000 réis para cima!  
Alta novidade!

10 BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestis*, a 6000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3000 réis o milheiro.  
Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

9 ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas acomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

**BOLACHAS E BISCOITOS**

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

8 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

**AGUAS MEDICINAES**

DA

**FONTI NOVA**  
(TORRES VEDRAS)

PROPRIIDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposallinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithlise hepatica como renal na albuminuria, diabethes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-o-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Rabelo Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

PEDIR OS PROSPECTOS

Os leitores da **REVISTA THEATRAL**, além do texto, compreendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, têm tambem **Gratis** uma folha de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

**REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA**  
Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.

**REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**  
R. Nova do Carmo, 76, 2.º — LISBOA

**PEÇAS PUBLICADAS**  
**SALTIMBANCO** de Antonio Ennes  
**JUCUNDA** de Abel Btelho  
**ALCACER-KIBIR** de D. João da Camara  
**PARAISO CONQUISTADO** de Lopes de Mendonça  
**Ciome com ciome se paga** de Rangel de Lima  
Muito proprias as ultimas para amadores

**COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS**

ASSIGNATURA 100 RS. cada n.º

22 N.ºS SAHIDOS DO 2.º VOL.

Sua nos dias 1 E 15 de cada mez

JA PUBLICADO O 1.º VOL.

Assigna-se em todos os agencias da ANTIGA CASA BERTRAND

ENVIA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

**3 RÉIS POR HORA**

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encomendas: a JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

**COIMBRA**

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

**CASA LEÃO D'OURO**

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

7 A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 28500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 78500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 78000 réis.

Dita para paletos ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 88000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 88500.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 78000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 1800 88000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatica, de 450 a 48500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

**BICYCLETES PNEUMATICAS**, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35000 a 45000!!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

**NOTA**—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeccões executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhoes e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e de baixo da direcção do contra-mestre.

**MARÇANO**

6 Precisa-se d'um com alguma pratica, para uma mercearia d'esta cidade. Nesta redacção se diz.

**COMPANHIA DE SEGUROS**

**FIDELIDADE**

Capital réis... 1.344.000\$000  
Fundo de reserva... 244.000\$000

**SEDE EM LISBOA**

5 Esta companhia a mais posrosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, torna seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Aandrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

**ESTABELECIMENTO**

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

**COIMBRA**

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhoes auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** *Crystofle*, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhoes sistemas.

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiaes, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhoes qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**LIVROS DE MISSA**

**SEMANA SANTA**

A Casa Havaneza acaba de receber uma nova collecção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encader-nados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

**Cavallos, muares, etc.**

3 As sobrecannas, espavões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agração, d'onde se remette pelo correio, por 18000 réis.

**Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

**1:500\$000 réis**

A Associação de Soccorros Mutuos dos Artistas de Coimbra, tem nos seus cofres esta quantia, que empresta a juro sobre hypothecca.

O secretario da direcção,

Manuel Rodrigues d'Almeida.

1 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhoes queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

**Papelaria Central**

**“RESISTENCIA”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

**Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)**

Com estampilha:

Anno..... 28700  
Semestre..... 18350  
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 28400  
Semestre..... 18200  
Trimestre..... 600

**ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os 3rs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 110

COIMBRA — Domingo, 8 de março de 1896

2.º ANNO

## Trancas á porta...

Cheios de bons exemplos, plenos de salutar ensinamentos, os successos ultimos, fertilissimos, sobretudo, em conclusões tendentes á demonstração pratica, indiscutivel, de que a Republica se impõe como solução unica e salvadora, aqui, ali, em Portugal, em Hespanha, na Italia, nos países todos, exaustos, pauperimos, da degenerada raça latina, exangue e dessorada.

Gastas, desacreditadas pelos vícios próprios mais ainda que pela criminosa patifaria dos seus serventuarios, as monarchias latinas, no arranco supremo d'um naufrago que se agarra, com unhas e dentes, ao ultimo frangalho d'uma não sosso-brada, lançaram-se, noma insomnia demente, ás cegas, ás apalpadellas, sem um plano, sem um norte, na política guerreira aventureira, perigosissima, que, afastando para longe as atenções, os interesses e a propria vida das grandes massas populares, lhes permite, enquanto o pau vae e vem, um folguedo de costellas que, mais dia menos dia, hão de pagar, com juros, numa revolução justiceira.

É ver: Portugal, sempre galhardo entre os pimpões da asneira, atirou-se de cabeça ás aventuras africanas. Foi tudo raso em terras de Moçambique.

Inflamou-se o patriotismo, discutiram-se colonias que ninguém conhecia, equiparam-se soldados bisonhos mas bravos, armaram-se expedições, escolheram-se victimas e heroes, confiou-se o commando das tropas ao generalissimo em chefe da Divina Providencia e... aia para a Africa.

Os soldados cumpriram, com extranho heroismo, o seu dever de bons soldados lusitanos, a Divina Providencia desentranhou-se em extravagancias épicas de estrategia e cremos que se assegurou o nosso dominio no sul d'África até nova ordem da aliada dos Braganças, até nova arremetida das ambições dos que na Europa invejam o nosso poderio africano.

Do mal o menos. Mas enquanto todos os corações portugueses batiam nas florestas de Moçambique, enquanto todas as atenções seguiam, febrilmente, as marchas e contra-marchas dos nossos heroes através os pantanos sertanejos, a monarchia, cá no continente, á larga, sem peias, sem freio, ia cavando mais fundo a nossa ruina em dictaduras, ineptas e ferozes, em traições e vilanias.

Foi um gozo infinito! Uma pandiga rasgada! Calcaram-se leis, feriram-se homens, apunhalaram-se direitos, trahiou-se a patria, escarneceu-se do Povo. O rei viajou, divertiu-se em em Paris, ratificou a venda de Keonga em Berlim, conferenciou em S. Sebastian e recebeu a grillheta da Jarreteira num almoço fraternal com Salisbury, num palacio de Londres. Como a

bravura dos nossos soldados, a estrategia da Divina Providencia, ficaram triumphantes, não houve novidade de maior. O povo, boqui-aberto ante tanto heroismo em Africa, ante tanta patifaria na Europa, applaudiu os heroes e não consta que esteja resolvido a escavar os patifes.

Antes assim. Do mal o menos, porque, quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.

Em Hespanha, quasi o mesmo, com as aggravantes conhecidas.

Primeiro Riff e, para cobrir o fiasco tremendo que sarracenos infligiram a *nuestra hermana*, sempre valente e salerosa, o fiasco tremendissimo de Cuba que, tendo atirado já para o charco com Martinez mais a sua reputação de besta-fera invencível, de papão temeroso, surge agora com o aspecto novo da intervenção dos Estados-Unidos em prol da justiça, em prol do direito dos que nas Antilhas vem mostrando ao mundo como se defende um povo de homens livres, quando a pata da tyrannia lhe esmaga o coração, lhe suffoca a liberdade.

Atraz do de Sagunto, irá Weyler, depois Palavieja e depois, após tantos heroes liquidados em paspalhões, a monarchia hespanhola, a corôa do *niño*, que todos reconhecem já periclitante, perdida, no flagello medonho com que a politica de Cuba assolou a Península.

Perderam a cartada. Menos felizes que os Braganças, os Bourbons afivelam as correias das mallas, a caminho do exilio.

Sobre Hespanha vão dardejando, entre as nuvens da derrota, os raios benéficos, vivificantes da Revolução.

Perdem Cuba e ganham a Republica.

É caro, principalmente para a monarchia.

Na Italia, a monarchia inventou a Abyssinia.

Resultados: manifestações republicanas pelas ruas de Roma, com deputados á frente, o rei escondido em Monza, e, em terras do Negus, dez mil cadaveres de italianos pedindo vingança, reclamando sangue.

Vingança dos syndicateiros que inventaram a Abyssinia, sangue da monarchia que os levou á derrota.

Liquidam em lama as monarchias latinas.

Sem vergonha, sem credito, sem honra, réis de todos os crimes, de todos os desastres, de todas as traições de que têm sido victimas os povos, as monarchias latinas afogam-se em lama, relapsas, impenitentes, em Portugal, em Hespanha, na Italia.

Afagam-se em lama. Ainda bem!

Evitam assim que a Dignidade Humana, ao pôr-lhes trancas á porta, as afoque em sangue.

É menos limpo, mas é mais humano.

## Bernardino Pinheiro

Crepes pezados, funebres crepes envolvem a bandeira do partido republicano.

Inexoravel, feroz, uma sorte adversa vae ceifando, um a um, com uma tenacidade sombria, os vultos proeminentes, as mais gloriosas figuras, as mais lidimas individualidades, da Democracia portugueza.

Desde a morte de Oliveira Marrecá até á que hoje veiu ferir o partido republicano, o país inteiro, com a perda irreparavel de Bernardino Pinheiro, quantos golpes fundos, quantas dôres insanaveis não têm affligido os que, luctando infatigavelmente pela causa da Republica, pela causa da Patria, têm visto cahir a seu lado chefes prestigiosos, companheiros inolvidaveis.

De tanto as sentirmos quasi nos tornamos insensíveis, e, quando nova dôr surge, violenta, inesperada, se não nos falta a coragem para prantearmos o que foi, quasi nos sentimos desfalecer ao pensarmos no que se lhe ha de seguir, no que, a breve trecho, virá impôr-se ás nossas lagrimas, virá compartilhar, também, da nossa saudade.

A perda, porém, que hoje soffremos, mais nacional que partidaria, pois Bernardino Pinheiro estava, embora republicano convicto e entusiasta, um tanto ou quanto alheado, pela sua organização, pela sua doença, das luctas diarias da politica activa, é tão grande, fere-nos tão fundo, tão brutalmente, em nossas almas de republicanos e de portuguezes que, ao desfolharmos sobre o seu cadaver ainda mal arrefecido a petala triste da nossa saudade, do nosso respeito, da nossa homenagem, sentimos, ao encarar o logar que elle deixa vago nas nossas fileiras e na historia contemporanea do país, uma sensação vaga, indefinida, de vacuo, de desespero, que nos dá calafrios pela causa que elle sempre defendeu, pela causa da Patria, que elle, sobretudo, amou.

Porque Bernardino Pinheiro representava entre as figuras culminantes da politica contemporanea um papel especialissimo pelo seu talento, pela sua honestidade, pela sua firmeza.

Relativamente novo ainda, Bernardino Pinheiro era um dos velhos do partido republicano. Nos tempos em que a Republica era uma loucura, quasi um crime, em que o ser-se republicano era um desvario inverosimil, phantastico, que despertava o sorriso dos sensatos e os apupos trocistas dos homens de juizo, Bernardino Pinheiro, intrepido, convicto, inabalavel, formou ao lado de outros tantos nomes prestigiosos que hoje mais não são que saudades, inolvidaveis recordações, reliquias sacratissimas que a morte roubou ao nosso respeito, á nossa admiração.

E mais tarde, quando muitos apostavam, corrompidos por cupidas ambições, por miseraveis interesses pessoaes, quando muitos iam, constrictos, penitenciar-se aos

pés da monarchia de passageiros amores com a republica, Bernardino Pinheiro firme, immaculado, permanencia no seu posto, de cabeça erguida, a face illuminada, a palavra quente, o exemplo altivo, o conselho prudente, como um apostolo, como um crente dos velhos tempos, das remotas idades.

E firme no seu posto o veio encontrar a morte...

No seu posto cahiu, sem ter visto o triumpho do seu ideal, sem ter saudado a victoria dos seus companheiros d'armas, mas crente, sem um desalento, sem uma tibesia e as suas ultimas palavras, os seus ultimos pensamentos, foram ainda para a Republica, a causa santa em que elle via, desde a mocidade, a causa da Patria, a causa da honra, a causa dos opprimidos: *Morro na profunda crença da republica, nessa fé politica que professei desde que tive o uso da razão.*

### Notas biographicas

O dr. Bernardino Pinheiro era natural de Coimbra, tendo nascido a 20 de fevereiro de 1837. Filho do commerciante Joaquim Pinheiro e de D. Maria da Trindade Pereira Pinheiro, contava 59 annos d'idade.

Ainda bastante novo foi para Lisboa, onde cursou a escola do commercio, seguindo depois para o Brazil, onde residiu alguns annos no Rio de Janeiro. Nessa capital fundou o gremio litterario portuguez e redigiu um periodico litterario, *A semana*.

Voltando mais tarde á patria, matriculou-se na faculdade de Direito, fazendo um curso brilhantissimo, que concluiu em 1862.

Durante algum tempo exerceu o logar de conservador do registo predial do districto de Lisboa e em seguida foi nomeado para secretario do supremo tribunal de justiça, logar que soube desempenhar, conciliando a austeridade do seu caracter politico com os deveres do seu cargo.

A sua vida partidaria foi brilhante: Em 1872, com Santos Lima, Elias Garcia, Latino Coelho, Gilberto Rolla, Sousa Brandão, Osorio de Vasconcellos e Teixeira Simões, fundou a *Democracia*, um dos mais valentes jornaes que o partido republicano tem tido. D'elles, só resta Teixeira Simões.

Quando se proclamou a republica em Hespanha, em 1873, reuniu-se em casa do dr. Thomaz Lisboa com Oliveira Marrecá, Elias Garcia, Sousa Brandão e José Fontana, e ahí se fez o juramento de trabalhar para o advento da republica em Portugal.

Fez parte do primeiro directorio do partido republicano, eleito em 1876, e, comquanto a sua saude se resentisse, nunca mais deixou de activamente trabalhar pela causa democratica.

Quando em 1879 se fundou o centro republicano de Lisboa, Bernardino Pinheiro, relator de uma comissão de estudos, apresentou uma larga exposição, que terminava por mencionar os fins para que era creado o centro — para estabelecer e sustentar a republica, o seu ideal.

Nesse anno procedeu-se de novo as eleições para o directorio, e de que ficou sendo vice-presidente.

Bernardino Pinheiro era, sem duvida, um escriptor distincto. É relativamente grande a sua bagagem litteraria. Estando no Rio de Janeiro, foi como dissemos um dos fundadores do gremio litterario portuguez onde redigiu a *Semana*, publicação periodica, durante a sua primeira série.

Nas *Estreias Litterarias*, de Coimbra,

publicou um pequeno romance historico: *El rei perdôa*; no *Instituto*, o *ensaio sobre a organização da sociedade universal*; na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, *A filha do povo* e *D. Guiomar Coutinho*; e escreveu varios artigos em outros jornaes.

Publicados em volume, Bernardino Pinheiro deixa os seguintes romances: *Arzilla*, romance historico do seculo xv; *Sombras e luz*, romance do reinado de D. Manuel; e os *Amores d'um visionario*. Este seu ultimo trabalho, que é certamente o seu romance mais valioso, teve uma grande voga tanto em Portugal como no Brazil e fica como um modelo do genero.

### O «seculo» e a Republica

É este o titulo d'um energico e bem elaborado artigo que o *Coimbricense* publica e em que, analysando a attitudão do jornal de maior circulação no país, a proposito da celeberrima carta do sr. Magalhães Lima, lhe perspega uma bella trepa.

Nunca as mãos doam, por tal, ao illustre director do *Coimbricense* e nosso correligionario sr. Joaquim Martins de Carvalho.

A falta d'espaco inibe-nos de transcrevermos hoje parte d'esse artigo.

Fal-o-hemos, porém, no proximo numero.

Communica o correspondente telegraphico do «Commercio do Porto».

«Consta que o sr. dr. Costa Santos vae deixar a presidencia da camara dos deputados por o sr. ministro do reino não manter, ao que se diz, umas nomeações que elle fez».

Desde já podemos affirmar que o sr. Costa Santos não deixará a presidencia do *Solar dos Barrigas*, embora não ponhamos em duvida que entre elle e o sr. ministro do reino se tenha dado o conflicto. A historia d'este governo tem sido inalteravelmente a de ceder, quando se oppõe qualquer obstaculo grave á realisacão das suas pretensões e que elle não pode vencer por processos sobejamente conhecidos.

Portanto, ou o sr. ministro do reino cede ou o sr. Costa Santos é compensado da desconsideração que aquelle lhe pretende fazer.

Tão certo, como dois e dois serem quatro.

### A Italia em Africa

Foi completa e enorme a derrota que o general Baratieri soffreu na batalha que travou contra o general Menelik. Em poder do inimigo ficaram 16 baterias de artilheria de campanha; foram evacuadas as posições impugnaveis em que se haviam collocado as forças italianas, sendo a linha de defesa retrogradada para mais de oito leguas de distancia; abandonaram-se duas vias de communicacão que serviam de base ás operações; no campo da batalha ficaram 10:000 soldados e 151 officiaes.

Alguns jornaes imputam a Baratieri a culpa do desastre. O *Taglebab*, de Berlim, publica uma conferencia com um official do exercito italiano em que se declara que a classe militar está indignadissima com o procedimento de Baratieri, opinando que elle devia ser fuzilado. E lá vae elle para Roma a fim de responder a um conselho de guerra.

Ha quem creia na possibilidade de a Italia salvar a sua honra, sepultada agora no deserto africano. Afigura-se-nos que o não poderá fazer, e que a politica aventureira em que Crispi se metteu terá de ceder perante as manifestações que contra a guerra africana tem havido em varios pontos da Italia.

## Instrução publica Instrução secundaria

XXIII

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

O ensino da lingua e litteratura portugueza estava reclamando uma reforma radical, profundissima, que o levantasse á sua verdadeira altura, áquella onde sempre devêra manter-se, e o libertasse de vez das garras da rotina, que o havia inteiramente desnaturado, convertendo-o ou reduzindo-o a exercicios puramente mechanicos, mais proprios para provocar o aborrecimento no alumno do que a torna-lo um instrumento poderoso de disciplina mental, como convém á educação e ao desenvolvimento intellectual da mocidade. Devendo ser, pela sua naturêsa e pela funcção importante que deve desempenhar na educação, o estudo mais atrahente e disciplinador da intelligencia, o que mais despertasse e fortalecesse a actividade mental do alumno, converteu-se evidentemente, pela direcção errônea que se lhe imprimiu, num instrumento de tortura, feroz e implacavel, da juventude.

Parece isto um contrasenso; mas exprime infelizmente a triste realidade dos factos.

Não é preciso grande esforço, porém, nem sequer grande trabalho de investigação, para encontrar as causas determinantes do facto que deixamos assignalado. Um simples exame dos processos geralmente seguidos e dos resultados deploraveis que todos conhecemos, nos explicará perfeitamente a origem do mal, que, aliás, era urgente provêr de remedio, energico, para ser eficaz, como a opinião auctorizada o reclamava imperiosamente.

Dois grandes erros, que cumpre assignalar desde já—um dos quaes é consequencia necessaria e inevitavel do outro—têm sido a causa primordial do facto a que estamos alludindo, resultando d'isso o insuccesso deploravel que todos reconhecem no ensino da lingua materna: A pretensão de que esta deve ser ensinada como se fóra uma lingua morta e consequentemente o tomar-se como base de tal ensino pura e simplesmente a grammatica—não a grammatica racional, deduzida naturalmente dos factos da mesma lingua, como hoje a comprehendem todos os mestres dignos de tal nome, mas uma grammatica absurda, inteiramente falsa, irracionalissima, assentando numa ficção, como altamente o proclama uma das maiores auctoridades que hoje se conhecem e que todos acatam e veneram, grammatica que tem a pretensão de dictar e impôr despoticamente as leis por que a lingua deveria reger-se, como se esta não fóra um organismo vivo, sujeito ás leis da evolução, e como se, antes de haver tractados de grammatica, não se fallasse e escrevesse, isto é, como se a humanidade não possuísse esse poderoso instrumento de manifestação e communicação verbal do pensamento!

O que por esse país fóra se tem ensinado, com o nome de lingua portugueza, não tem passado, regra geral, d'umas indigestas e massadoras nigromancias grammaticas, só proprias a converter um estudo, que devêra ser tão atrahente como proveitoso, num verdadeiro tormen-

to para mestres e discipulos. Nada mais e nada menos.

E preciso dizê-lo abertamente, sem reticencias, sem tibiesas, sem contemplos, absolutamente descaídas e improprias, quando se tracta de expôr um facto que é indispensavel conhecer, para bem se avaliar em toda a sua extensão e nos seus resultados: A grammatica que geralmente se ensina será tudo quanto á rotina aprouver imaginar; mas não é de certo nada parecido com o que os verdadeiros mestres aconselham e a experiencia demonstra e confirma; grammatica simplesmente de palavras, e não grammatica de idéas, como o exigem as necessidades intellectuales da mocidade e as conveniencias da sua educação.

Estamos positivamente—triste é dizê-lo—na infancia da arte, por mais que alguns espiritos generosos e esclarecidos tenham pretendido subtrair o ensino da lingua á tyrannia esmagadora da rotina, a fim de o fazerem entrar no seu verdadeiro caminho, orientando-o consoante os preceitos salutarés da pedagogia, para torna-lo racional e consequentemente proficuo. Mas os seus esforços têm sido sempre infructiferos, inutilizando-se de encontro á barreira formidavel, á resistencia tenaz, persistente, absolutamente inconciliavel da tradição; e as suas vozes não têm encontrado echo neste deserto arido e esteril do ensino official portuguez. E' claro, bem entendido, que fallamos na generalidade, salvando sempre as excepções—que as ha e muito honrosas—digamo-lo de passagem. A nossa critica é absolutamente pessoal.

Mas prosigamos.

Não se tem querido comprehender que o ensino da lingua, para o grande numero, consiste muito especialmente em habituar o alumno a exprimir com clareza, promptidão e simplicidade, os seus pensamentos, quer fallando, quer escrevendo. E é isto o que realmente se não ensina. Os factos de todos bem conhecidos, demonstram, a toda a luz, que estamos exprimindo uma simples verdade, sem exaggeros. De cem alumnos que tenham feito o seu exame completo de lingua e litteratura não se apuram cinco que escrevam uma carta, que façam qualquer exercicio, sem erros grosseiros de syntaxe, sem barbarismos e solecismos repugnantes. Mas, em compensação, sabem definir, na ponta da lingua, o que seja um barbarismo ou solecismo. Isto são factos que se observam diariamente; e enuncia-los apenas é o bastante para os condemnar e proclamar a necessidade de os prover de remedio.

A doutrina de Herder, digamo-lo sem reboço—que a grammatica deve ensinar-se pela lingua e não a lingua por meio da grammatica—ainda não projectou a sua luz intensamente benefica nas trevas densissimas em que se tem arrastado o ensino da lingua portugueza. O que nelle tem predominado é a velha e falsa concepção de Quintiliano—que a grammatica é a arte que ensina a fallar e escrever correctamente. E d'ahi essas grammaticas simplesmente de palavras, as quaes, na opinião d'um mestre eminente, o padre Girard, são uma verdadeira chaga para a educação, pensando, aliás, servi-la.

Ora é de saber que a grammatica não ensina isso que vulgarmente se diz, isto é, a fallar e escrever, mas sim, como querem todos os mestres modernos, especialmente os d'alem-

Reno, como se falla e como se escreve, o que é totalmente differente, e importa o abandono, por completo, dos velhos processos grammaticos.

E, assentes estas verdades, poderemos concluir que o novissimo plano de estudos e o respectivo programma estarão destinados a operar o milagre da regeneração necessaria e indispensavel do ensino da lingua portugueza? Não o podemos acreditar. E prova-lo-hemos.

E' certo—e ninguem de boa fé poderá contesta-lo—que no alludido programma ha muito de aproveitavel e que nas suas linhas geraes deve ser acatado pela critica, pois contém preceitos que, bem observados, deveriam produzir fructos excellentes. Devemos confessar muito sinceramente que o novissimo programma, restringindo consideravelmente o uso da grammatica, sobretudo nas primeiras classes, pretendendo que a voz animada do mestre substitua a aridês do livro se inspirou nos principios de sã pedagogia que hoje são geralmente reconhecidos e aceitos como indiscutíveis.

Mas, em ser isto assim, não é menos certo nem menos evidente que no programma que analysamos ha contradicções lamentaveis, erros imperdoaveis, lacunas que mal se poderão desculpar num trabalho de semelhante natureza e numa epoca em que já não é licito desconhecer toda a importancia do ensino da lingua materna.

O governador de Macau consultado pelo governo acerca da cedencia á Allemanha da ilha da Lapa, respondeu que nada havia a tal respeito. Estimaremos que assim seja.

### O que haverá?

No gabinete dos reporters em Lisboa recebeu-se o seguinte telegramma de Mossamedes, com data de 6 do corrente:

«Os povos do planalto de Mossamedes, num comicio muito concorrido, pedem providencias. Assumpto grave». E vae tudo assim. Dificuldades sobre dificuldades, sem que o governo saiba adoptar as necessarias providencias para as prevenir ou remediar.

Vê-se o governo seriamente embaraçado na questão do alcool. É impossivel satisfazer todos os interesses, e elle não se sente com forças para vencer a resistencia que sem duvida lhe hão de oppôr os que forem lesados. Se fosse possivel conciliar todas as pretensões, ainda á custa dos maiores sacrificios da nação, o governo já ha muito teria resolvido a questão. Que o interesse publico não o prenda.

### Adriano Murteira

Falleceu na madrugada de sexta feira ultima o sr. Adriano Augusto Rezen de Murteira, que era secretario geral d'este districto ha quize annos, tendo sido nomeado secretario geral antes de para esse logar se exigir a formatura em Direito.

Não podendo considerar-se um espirito superior, o sr. Adriano Murteira era todavia um funcionario habil, merecendo sempre a confiança dos seus superiores e a consideração de todos os que o conheciam. De tracto affavel e bondoso, eram geraes as sympathias de que gozava nesta cidade, sendo muito sentida a sua morte.

O seu funeral, que se realisou hontem ás 4 horas da tarde, foi muito concorrido. Tendo sido fixada para elle a 1 hora da tarde, deu-se a mudança para ás 4, em virtude do sr. governador civil haver manifestado o desejo de assistir e só poder chegar a Coimbra a essa hora.

Á familia do finado os nossos sinceros pezames.

## Bagatellas

### Carta a Ramalho Ortigão

Escrevo-lhe, meu amigo, para vêr se poderá ainda valer a obras de restauração que nesta boa terra se andam a fazer sem estudos, sem plano e sem competencia.

Não é uma carta, é um grito!

Quando ia para me dirigir a v. ex.<sup>a</sup>, lembrei-me de que não sabia escrever, e estive para recuar e officiar á commissão dos monumentos nacionaes.

Não o fiz. Não me dirigi a essa veneranda corporação, porque o caso urge, e é necessario uma intervenção energica e prompta. E não foi só por isso; eu não sei mentir! Não me dirigi á Commissão dos monumentos nacionaes, porque lhe não achei ainda auctoridade nem lhe vi ainda vontade de bem servir a missão que lhe confiaram.

Talvez ignorem a responsabilidade que lhes cabe na obra de devastação em que por esse país fóra andam pedreiros pouco entendidos e directores d'obras publicas cheios d'intelligencia. . .

Foi por isso mesmo que eu não fallei a v. ex.<sup>a</sup> quando cá estive o anno passado com o Gabriel Pereira e com o Mardel.

V. ex.<sup>a</sup> estava em minoria. . .

Gabriel Pereira é um homem indispensavel para quem pretenda estudar a historia da arte nacional. Elle conhece, como ninguem, os documentos escriptos, sabe o sitio onde param os velhos pergaminhos abandonados em que dormem um somno socegado os nomes dos nossos artistas, os fastos de historia da arte do nosso país.

É um erudito, um investigador intelligente, paciente e honrado.

Mas, amor d'arte, conhecimentos da technica e das condições do trabalho indispensaveis para bem avaliar em historia d'arte, não os tem.

Gabriel Pereira é incapaz de decidir-se entre um objecto artistico authentico e uma imitação menos mal feita, incapaz de avaliar as subtilidades com que se vão formando e accentuando os caracteres na evolução de qualquer ramo d'arte.

Era por isso um auxiliar precioso para escrever a chronica do convento, mas sem competencia para avaliar da obra de restauração.

É um investigador que a estudar historia se encontrou com a arte.

Mardel é um humorista-catholico, dilettante d'arte, que deve tocar guitarra e saber fazer doces de cozinha.

Para avaliar uma obra d'arte precisa que se dêem certas condições do tempo e logar. Nem sempre julga bem e a sangue frio.

Nunca o seu espirito vibra tanto de admiração deante d'uma custodia gothica, ou d'uma lanterna processional do seculo XVII, como quando vae de cabeça descoberta, d'opa e cirio na mão a acompanhar o Santissimo Sacramento!

Demais, eu não admitto jurys e nunca percebi para que seja necessario nomear três pessoas para avaliar d'uma obra d'arte.

Um amigo intelligente diz-me aqui do lado que é para um ter uma opinião, outro outra, e o terceiro desempatar. . .

Deve ser isso. . .

Ahi vae a denuncia.

Franco Frazão, director das obras publicas, Violet-le-duc d'aterros e canos d'esgoto, anda dando cabo dos ultimos restos da antiga opulencia coimbrã,

Em Coimbra ha três monumentos, pontos capitaes na evolução historica da arte em Portugal — a Sé Velha, o exemplar romanico mais notavel do país, o convento de Santa Cruz, obra por estudar e que marca no estylo manuelino, e o paço episcopal, exemplar unico d'uma velha residencia senhorial do seculo XVI.

A tudo se atirou s. ex.<sup>a</sup>, tudo tem destruido, tudo tem sujado com restaurações modernas indecentes, como os desenhos obscenos que nas paredes frescas gravam os garotos:

Como os canteiros reles, o detestavel restaurador é um apaixonado do estylo manuelino, um manuelino particular de cemiterio ou de casa de brasileiro minhoto.

O do paço do bispo conhece-o muito bem v. ex.<sup>a</sup>. Escuso por isso de lhe dizer mal d'elle.

O de Santa Cruz é como o do paço episcopal.

Como todas as pessoas de idéas raras, agarra-se ás poucas que tem com uma teimosia muita conhecida na especie.

Não sei como, appareceu-lhe o verão passado um portal manuelino na cabeça, qui-lo empregar logo no paço episcopal (!) para substituir a magnifica entrada renascença (!).

Depois viria o resto: elle uniformaria tudo dentro do pateo, faria janellas novas tambem manuelinas, por fórma a que o conjuncto não destoasse.

Que estupidez! ou que infamial Não pode levar a sua ávante, mas o portal lá lhe ficou na cabeça, e agora vae emprega-lo para substituir a porta philippina que da capella-mór dá entrada para a majestosa sachristia.

Já veiu a pedra. A obra vae comegar. Acuda v. ex.<sup>a</sup>, que é tempo.

Tudo tem sido inutil para o dissuadir—o conselho d'amigos cuja auctoridade devia respeitar, os gritos dos que se vêem roubados e estão cançados d'apitar, sem apparecer policia que lhe deite a unha e o melta em casa de correccão.

Elle anda sempre a dizer—que não sabe nada de archeologia (e acerta por acaso!), que não quer responsabilidades, que por causa d'isso fez vir v. ex.<sup>a</sup> de Lisboa o anno passado, e que se não fará nada na egreja, sem de Coimbra ir um esboço para Lisboa, sem que elle venha approvedo pela Commissão dos monumentos nacionaes! . . .

Toda a gente attribue por isso á Commissão os disparates feitos e os disparates projectados.

Veja v. ex.<sup>a</sup> se póde valer a isto; eu ando farto de gritar, mas os interessados parecem não ouvir, a obra vae-se fazendo.

Para evitar a fiscalisação do publico as obras estão-se fazendo quasi á porta fechada. A todos os conselhos s. ex.<sup>a</sup> responde: é ponto decidido, e a todos os argumentos s. ex.<sup>a</sup> replica: eu não sei nada de archeologia, nem quero saber. . . continuo seguindo a minha linha. . .

E continúa, Coreovado, marcha hesitante, o olhar a arrastar-se a custo sobre os vidros sujos das lunetas, para mirar de cima, morto, sem vêr, mas continúa a seguir a linha facil do disparate, comprazendo-se na adoração babada, dos que o inspiram e originam as tempestades a soprar naquellê craneo vasto, sonoro e frio como uma cisterna.

Para justificar o uso da substituição da porta da sachristia, cita uma auctoridade. . . a do Sanches Moguel, que, ao que elle diz, approvou a obra,



2.ª publicação

**15** Pelo Juiz de direito da comarca de Coimbra e cartorio do escrivão do 5.º officio, correm editos de trinta dias, citando o menor pubere, José conjuntamente com seu pae José Tejo, de São João do Campo e ausentes em parte incerta para a qualidade de representante de sua fallecida mãe Maria Gandara, assistir a todos os termos do inventario orphano logico a que se procede por fallecimento de Maria Cazalleira, viuva de Manuel Gandara Junior, morador que foi no referido lugar de São João do Campo.

Verifiquei a exactidão  
O Juiz de direito,  
Neves e Castro.

**QUINTA**

**12** Vende-se uma proximo d'esta cidade.  
Dá bom rendimento, tem terra de sementeira, pinhal, arvoredos de fructo, olival, vinha, etc.  
Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.



**ESCRITURARIO**

**14** Um individuo com pratica de commercio e escripturação commercial, tendo algumas horas disponiveis, offerece o seu prestimo por modica retribuição.

Quem precisar queira dirigir-se à Casa Havaneza, onde lhe serão prestadas todas as informações.

**13** Vinho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis.

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna à Sé Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

**AGUIA D'OURO**

FRANCISCO P. MARQUES

**11** Roupas completas para homem, de 5000 réis para cima!  
Alta novidade!

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroulano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

**10** Consultas todos os dias das nove da manhã às quatro da tarde.

Deposito da Fabrica Nacional

**BOLACHAS E BISCOITOS**

JOSE FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

**8** NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

**AGUAS MEDICINAES**

DA **FONTE NOVA**  
(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemeadadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragozo, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

**PEDIR OS PROSPECTOS**

**Gratis**

Os leitores da **REVISTA THEATRAL**, além do texto, compreendendo o original de perto de 90 paginas em 8.ª, têm tambem

UMA FOLHA de uma peça original portugueza, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

Sae nos dias **1 E 15** de cada mez

Assigna-se em todos os agentes da **ANTIGA CASA BERTRAND**

**REVISTA THEATRAL**  
ILLUSTRADA  
Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
R. Nova do Carmo, 76, 2.º—LISBOA

PEÇAS PUBLICADAS  
**SALTIMBANCO** de Antonio Ennes  
**JUCUNDA** de Abel B. Telho  
**ALCACER-KIEIR** de D. João da Camara  
**PARAISO CONQUISTADO** de Lopes de Mendonça  
**Ciume com ciume se paga** de Rangel de Lima  
Muito proprias as ultimas para amadores

COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS

22 N.º SAHIDOS DO 2.º VOL.

ENVIA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

**3 RÉIS POR HORA**

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas: a **JOSE MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

**CASA LEÃO D'OURO**

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habeis contra-mestres

**7** A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outunno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 7500 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8500 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacos com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 8500.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7500 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacos.

Contra o **rheumatismo e rigoroso frio**.—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 1500 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquettes* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e cerrida com o abatimento de 355000 a 455000 !!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do fregues, e debaixo da direcção do contra-mestre.

**COMPANHIA DE SEGUROS**

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000  
Fundo de reserva... 214.000.000

SEDE EM LISBOA

**6** Esta companhia a mais porosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Aandrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

**5** BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestria*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.

**ESTABELECIMENTO**

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: *Crystofle*, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alviades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**Caixeiro**

**4** Na casa de Augusto Luiz Augusto Martha, aceita-se um que tenha pratica de papelaria.

Praça do Commercio, n.º 76 a 78.—Coimbra.

**LIVROS DE MISSA**

SEMANA SANTA

**3** A Casa Havaneza acaba de receber uma nova colleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

**Cavallos, muares, etc.**

**2** As sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o **LINIMENTO VESICANTE COSTA**; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. A venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintaus, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agração, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis. **Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

**1** Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

**“RESISTENCIA”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:  
Anno..... 25700  
Semestre..... 15350  
Trimestre..... 680  
Sem estampilha:  
Anno..... 25400  
Semestre..... 15200  
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 111

COIMBRA — Quinta feira, 12 de março de 1896

2.º ANNO

## «O SECULO»

Está sendo vivamente discutido por alguns collegas nossos o procedimento inqualificavel do *Seculo* que, dizendo-se republicano, é o orgão da imprensa periodica que mais tem prejudicado nos ultimos annos a acção do nosso partido. Não nos temos occupado do assumpto, porque ha muito tempo definimos a nossa attitudem perante esse jornal. No n.º 26 da *Resistencia*, de 19 de maio de 1895, dissémos nós:

«Ora é necessario que nos entendamos por uma vez, terminantemente: O procedimento do *Seculo*, se o considerarmos como jornal republicano, tem sido indigno, desde que foram decretadas as leis de perseguição contra a imprensa. Excepção feita de varios artigos do sr. Rodrigues de Freitas e de alguns do sr. Teixeira Bastos, o *Seculo* tem favorecido os governos da monarchia, chegando a ponto de ser considerado até o maior defensor do ministerio do sr. Dias Ferreira, tão prejudicial ao país.

A cada passo, os republicanos vêm com desgosto a cobardia e o serviilismo do *Seculo*, pensando quanto os interesses do partido são por isso contrariados. Quanto a nós, não terá razão de ser o desgosto dos republicanos, desde o momento em que se assente no seguinte: **O *Seculo* não é um jornal republicano.** O *Seculo* é um jornal onde ás vezes apparecem alguns artigos escriptos por individuos republicanos, não podendo portanto nunca representar a opinião dominante do nosso partido. Assim termina a especulação dos monarchicos e podem os republicanos ver o *Seculo*, sem que isso lhes importe, continuar como qualquer jornal monarchico ou incolor, escrevendo o que lhe parecer, orientando-se pelo criterio do *Diario Illustrado* ou do *Diario de Noticias*.

Claro que, se no *Seculo* apparecer um artigo onde transpareça alguma idéa republicana, como ás vezes nos jornaes progressistas, o poderemos applaudir, como havemos de continuar a combater os seus artigos favoraveis á monarchia, da mesma forma que combatemos os artigos neste sentido publicados, por exemplo, nas *Novidades*, jornal do sr. Emygdio Navarro. Nada mais.

Ditas estas palavras, fazemos a seguinte declaração:—a *Resistencia* não considera o que se escreve no *Seculo* como interpretando as idéas do partido republicano, e pede a todos os republicanos do país que por interesse do nosso partido procedam de forma identica. Assim terminam os equívocos, as supostas contradicções do partido republicano e as especulações dos monarchicos.

Egal idéa temos a respeito de todos os jornaes que se digam republicanos e não sejam dignos de, moral ou politicamente, representar o nosso partido. Dizemos isto sem receio de que jámais nos possam fazer a minima accusação em tal sentido.

Para terminar; alguém pôde perguntar-nos se o sr. Magalhães Lima, redactor do *Seculo*, deve ser censurado. Desde o momento em que não consideramos aquelle jornal como republicano, estamos inibidos de criticar o direito que s. ex.<sup>a</sup> tem de figurar á frente de qualquer empresa industrial.

Estas palavras repetimo-las hoje com a mesma convicção que então nos animava. A *Resistencia* nunca considerou o *Seculo* como um jornal republicano.

E' uma empresa industrial, que só pugna pelos seus interesses. Convem

ao *Seculo* dizer-se republicano, que na sua cabeça figure o nome d'um correligionario nosso que ainda ha poucos meses sabiu do directorio do partido, para ter maior numero de leitores e receber dos governos da monarchia, a quem por esse modo presta melhores serviços, mais larga protecção.

Se ao *Seculo* convem dizer-se republicano, ao nosso partido convem desmascara-lo. A *Resistencia* cumpriu já o seu dever, não reconhecendo a necessidade de voltar ao assumpto.

Não podemos, porém, deixar de transcrever parte de um artigo que o venerando decano dos jornalistas portuguezes e nosso prezado amigo, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, publicou sobre o assumpto no seu *Conimbricense*. O prestigioso nome do seu auctor e os significativos factos que nelle se relatam dão-lhe uma importancia especial, que nos apraz reconhecer, transcrevendo-o.

## «O SECULO» E A REPUBLICA

Agita-se na imprensa a questão acerca da attitudem tomada pelo nosso collega do *Seculo* para com o partido republicano.

A extraordinaria publicidade que tem o *Seculo* da a este periodico uma grande importancia, e por isso a sua marcha politica, se podia ser vantajosa ao partido republicano, tambem lhe pôde ser fatal.

O *Seculo*, assim como os outros periodicos, pôde proceder como entender; mas desde que pelos seus actos seja prejudicial ao partido a que se diz pertencer cumpre a esse partido reclamar contra uma tal situação.

Não se pôde, nem se deve servir ao mesmo tempo a dois senhores.

Ou bem republicano, ou bem monarchico.

Ha dois annos e meio vieram a nossa casa o sr. Magalhães Lima e outro nosso amigo, então deputado do partido republicano.

Pouco depois de amanhecer já estavamos na typographia a escrever para o *Conimbricense*, onde nos encontraram os nossos amigos.

Depois dos mutuos cumprimentos queixámo nos vivamente aos visitantes da quasi completa indifferença com que o *Seculo* estava vendo a audacia dos reaccionarios, que pretendiam levar ao parlamento a questão da restauração das chamadas ordens religiosas.

Na sua resposta most avam ter pouco receio dos manejos dos reaccionarios, dizendo-nos o nosso amigo deputado, que se tal ousassem os reaccionarios, iriam ás côrtes mais de 10:000 pessoas protestar contra esse acto.

Mostrámo lhes que isso não passava de utopia; e que aquillo de que se carecia era de muito a tempo se fazer no jornalismo e nas reuniões publicas, uma activa propaganda de opposição a esses tramas.

Decorrido um anno depois da referida visita, achavamo-nos em uma noite na loja de drogaria do nosso amigo o sr. Rodrigues da Silva, na rua de Ferreira Borges, e ahinos foi apresentado um individuo que não conheciamos, mas que nos disseram ser o sr. Silva Graça, um dos principaes influentes do *Seculo*.

Depois dos devidos cumprimentos aproveitámo a occasião para, diante das numerosas pessoas que se achavam

na loja, censurarmos com toda a indignação e do modo o mais energico, a marcha que seguia o *Seculo*, em grave prejuizo da causa liberal, vendo impassivel o grande movimento de reacção jesuitica que se estava operando no país.

O sr. Silva Graça não achou para defender o seu procedimento, assim como do *Seculo*, senão dizer-nos que quando esse periodico havia sustentado a campanha do convento das Trinas e da irmã Collecta, se achára só.

Ora ainda que isso fosse completamente exacto não justificava o *Seculo*, porque cada um responde pelos seus actos.

Nós temos sustentado fortes luctas no *Conimbricense* contra os assassinos da Beira, os moedeiros falsos de Coimbra, desordeiros, casas de jogo, e reaccionarios de todos os matizes, e nunca recuámo, apesar de muitas vezes nos acharmos isolados, chegando o desafforo a ponto de encontrarem os sicarios d'esta provincia apoio na imprensa periodica, de que podiamos aqui apresentar os documentos comprovativos.

E contudo nunca sossobrámo em a nossa lucta.

Quem não tem coragem para sustentar as campanhas de moralidade, larga a penna.

Em seguida ao *ultimatum* houve uma geral indignação contra os ingleses.

Era tal a irritação, que até se censurava os periodicos que prestavam as suas columnas para nellas se publicarem annuncios de mercadorias inglesas, e tudo quanto podia dizer respeito á Inglaterra.

Á sua parte o *Seculo* todos os dias condemnava um periodico de grande publicidade de Lisboa, que apesar de tudo publicava annuncios ingleses; dizendo repetidas vezes o *Seculo* que esse periodico procedia assim para não perder os *dezeisinhos*.

A exigência do *Seculo* era talvez excessiva; mas emfim podia ser desculpada pelo amor da patria, que o levava a preferir o decoro nacional ao seu proprio interesse.

Decorre, porém, algum tempo, e vê-se com pasmo geral que o *Seculo* modificava constantemente a sua linguagem, chegando até a ser considerado orgão semi-official dos diferentes governos.

Podia o *Seculo* não ser extremamente exaltado; mas passar d'ahi a uma quasi total abstenção de censura aos actos arbitrarios dos governos, e isto por parte de um periodico que se diz republicano, é o que se não pôde ver a sangue frio.

No anno passado veiu visitar-nos a este escriptorio um nosso amigo, que por varias vezes já foi ministro de estado.

Tractando em a nossa conversa de alguns assumptos politicos, condemnámo nós o procedimento do *Seculo*, que tanto mal estava fazendo á causa da liberdade e em especial ao partido republicano.

Respondeu-nos o nosso amigo que o *Seculo* não podia deixar de ter as maiores contempções com todos os governos; porque nisso se baseavam os muitos contos de réis que a empresa tinha de interesse annual.

Disse nos que logo que o *Seculo* se collocasse em aberta hostilidade com os governos, e mesmo se os não favorecesse, perdia grande parte da importancia que tinha do noticiario, d'onde vinha a sua larga publicidade.

Deu-nos d'isso um exemplo.

Quando era ministro de estado recolhia-se o nosso amigo quasi sempre a sua casa das 3 para as 4 horas da madrugada.

Achavam-se ahi á sua espera dois *reporters* do *Seculo*, os quaes lhe perguntavam pelas ultimas noticias.

Como o *Seculo* tinha todas as contempções com o governo, dava o nosso amigo aos *reporters* as informações de todas as noticias dos acontecimentos mais importantes da ultima hora.

Os *reporters* corriam logo á redacção do *Seculo* levar essas informações; e como este periodico tinha uma machina de imprimir da maxima velocidade, podia fazer a impressão depois dos outros periodicos, sem retardar a distribuição, e por isso dava noticias mais adelantadas do que os seus collegas.

Se, porém, o *Seculo* hostilizasse o governo eram-lhe desde logo suspensas todas as noticias dadas directamente pelos ministros e as provenientes das diversas secretarias de estado, o que era um golpe fatal para a empresa.

Essa posição pôde ser vantajosa para a empresa do *Seculo*; mas é absolutamente incompativel com um periodico que se diz republicano.

Antes se declare francamente monarchico do que dizer-se republicano, e prejudicar gravemente o seu partido.

Repetimos o que já acima dissémos. Não se pôde, nem se deve servir ao mesmo tempo a dois senhores.

Ainda confiámo que o nosso amigo o sr. Magalhães Lima não continue a deixar ver o seu nome sancionar semelhante estado de coisas.

Se não obstar a isso a responsabilidade será toda sua.

Joaquim Martins de Carvalho.

Noticiam algumas folhas da capital que se reuniu a empresa do *Seculo* para apreciar a sua marcha politica.

Nessa reunião deve ter sido dado um voto de louvor ao sr. Silva Graça. O estado financeiro do *Seculo* é florecente.

## Nunca fiando...

Diz o Tempo:

«Queixava-se hontem o *Paiz* de que os delegados da *corregedoria* não permitissem a leitura d'aquelle jornal na rua e apenas dessem licença ao leitor para o ir ler em casa.

Não tem de que queixar-se!

Foi ainda muito feliz o leitor! Se amanhã o governo se lembrar de prohibir a leitura dos jornaes, mesmo de portas a dentro, olhe que ninguém se incommodará com isso.

O paladar do país está para tudo!

Que não se deixe levar o sr. Dias Ferreira por essas considerações. Veja o que na Italia está succedendo a Crispi.

—Navarro está manso.

—Traz osso nas guellas...

Como se o patrio não fosse carne.

O sr. do Restello despediu-se do partido progressista e já não foi sem tempo.

Parece que o D. Xarope desejava ser regenerador e progressista ao mesmo tempo, para melhor poder ostentar as suas grandes influencias. Foi necessario que o *Correio da Noite* o fustigasse para que elle, fingindo-se melindrado, se desligasse publicamente do partido progressista.

Agora fica só regenerador até que os progressistas voltem ao poder. Depois será progressista e regenerador, até que este partido o expulse tambem.

Se tempo houver para tanta contradição.

## ITALIA

É já de todos conhecido o grande desastre que as armas italianas acabam de soffrer na Abyssinia.

Aquelles 10:000 homens mortos e aprisionados, quasi sem poderem dar um tiro, no combate do dia 1, são o objecto das maldições d'um povo sobre os responsaveis d'essa empresa temeraria em que a falsa situação politica d'um homem e a debilidade d'instituições condemnadas comprometteram gravemente a Italia.

D'este desastre difficilmente ella se levantará tão depressa, recuperando as forças já antes bastante depauperadas, mercê d'uma politica que, contra a indicação das suas conveniencias e dos seus mais sagrados interesses, a acorrentara á Allemanha, em planos d'odio contra a França a quem a Italia deve um grande impulso no conseguimento da sua unificação, forças essas agora profundamente abaladas pelos recentes e lamentaveis successos da guerra em Africa.

A comprehensão d'isto, augmentada pela dôr que a perda de tanta vida, affogada em sangue, naturalmente causou, justificam a agitação, em ameaças de revolta, que actualmente convulsiona todo o povo italiano.

Demais, não é tal guerra o resultado de reclamações imperiosas da opinião; é um estratagemma de que os governantes italianos se serviram e a que o rei Humberto deu todo o seu apoio no unico intuito de desviar as attentões publicas das accusações de corrupção que vinham medonhamente pesando sobre Crispi e a sua politica.

Continua, comtudo, a guerra. O governo que se viu obrigado a pedir a sua demissão, demittido já, lem ainda tratado dos preparativos para enviar reforços em auxilio das forças desbaratadas.

Por seu lado a opinião publica em Italia é unanime em reclamar a retirada immediata das tropas que estão em Africa e oppõe-se energicamente á partida de mais soldados para o theatro da lucta. Estes mesmos se têm recusado a marchar, desertando uns, insubordinando-se outros. Entre as imprecações de revolta e os gritos de dôr, sobretudo as mulheres, naquelle desespero de mães, irmãs e esposas, regando com as suas lagrimas as fardas dos soldados que vão marchar para onde o dever agora os chama, agarram-se a elles para os não deixar partir e, numa furia doida, arrancam os *rails* dos caminhos de ferro, não vá a força da locomotiva roubar-lhes á impotencia dos seus braços aquelles entes queridos que ellas julgam vão lá ficar-lhes numa carnificina certa.

Em todas as cidades, nas proprias aldeias, todas as classes confraternizam nos mesmos impetus de protesto, aos mesmos gritos de morras a Crispi, de vivas á Republica, de graves accusações aos dirigentes e ao proprio rei.

Ao mesmo tempo, em qualquer parte que appareçam os deputados republicanos, são freneticamente saudados pelas massas populares, que os obrigam a fallar nas praças, nas ruas, cahindo em ondas nos logares mais concorridos, sem receio da força publica, travando mesmo com ella conflictos de que já têm resultado algumas mortes e bastantes e graves ferimentos de parte a parte.

Este o estado d'excitação publica em Italia. Têm já corrido rumores até de acontecimentos mais graves, e ainda os jornaes d'hontem davam em telegramma a noticia de ter sido descoberta uma conspiração republicana e de os chefes militares declararem ao governo que se não responsabilisavam pelas tropas. São gravissimas todas estas noticias e não será para estranhar, que, dada toda essa excitação, acontecimentos importantes nos venham surpreender.

×

A frisar ha ainda, nos acontecimentos de que ahí deixamos um ligeiro esboço apenas, um facto que se torna saliente se pozermos em paralelo a attitude dos italianos perante os successos da Abyssinia, e a dos nossos vizinhos hespanhoes na lucta em que d'ha muito vêm empenhados em Cuba.

Na Italia todos reclamam, depois do desastre de Adouah, a immediata retirada das tropas em Africa. Estudantes, mulheres, todo o povo, enfim, assalta os proprios comboyos e aos gritos de — *Não queremos que vão para o matadouro! Morra Crispi! Não parte mais ninguém para a Africa!* — arrancam de lá os soldados que um signal, apenas, faria partir a vingar a memoria dos seus companheiros trucidados. Os mesmos soldados se revoltam, negando-se a marchar.

Aqui, porém, na península, mesmo ás nossas portas, o povo hespanhol, num esforço uno e grande, numa nobre dedicação patriótica, não trepida perante a grandesa do sacrificio, talvez inutil, e de toda a parte corre a fazer acompanhar das suas saudações frementes os que pela patria vão expor-se, tambem longe, ás contingencias da guerra e, sobretudo, ás durezas do clima.

Quanto mais se lhe vae tornando difficil uma solução favoravel da lucta, mais elle redobra d'esforços, maior a sua exaltação patriótica, deixando-se arrastar talvez mesmo para uma conflagração mais grave.

E comtudo não recua, não trepida perante a enormidade dos sacrificios que se lhe amontoam no horizonte.

Mas será isto um indicio evidente da falta de patriotismo no povo italiano?

De forma nenhuma, a nosso ver. Um povo que luctou denodadamente pela sua unificação, pela sua liberdade, não pôde accusar-se agora, em face dos ultimos acontecimentos, de que não é patriota.

A differença está em que a lucta de Cuba foi provocada com o povo hespanhol, enquanto que a da Abyssinia foi uma aventura politica a que os dirigentes italianos quizeram arrastar o seu país para lhe distrahir as atenções das tremendas responsabilidades da sua politica, dos escandalos e de toda a especie de corrupção que pesava sobre elles.

O povo italiano foi inconscientemente arrastado a ella como a uma cilada que lhe armassem os seus governantes. Por isso elle não quer

assumir agora as responsabilidades da lucta, nem sacrificar mais vidas a essa aventura para, continuando completamente divorciado das regiões officiaes, fazer cahir sobre os seus dirigentes todo o peso esmagador do desastre.

E não será, pois, para estranhar que acontecimentos imprevistos nos venham breve surprender.

Não estão em sorte as monarchias da raça latina. . .

As folhas progressistas cantam o responso ao Pimentel Pinto. Cantem, caudem, que o calote é certo.

O grande marechal Festas mandou tirar a sorte os tenentes de artilheria que deviam ir para a brigada de montanha de Penafiel.

Uma verdadeira loteria, em que foram sorteados os srs. Nico Plantier, Sequeira e Pinto d'Almeida.

Ora succede que, conta um jornal de Lisboa, o sr. Pinto d'Almeida dirigia as officinas de cinzelador da Fundição de Canhões, para o que tem especial competencia technica. E assim ficará, por um capricho da sorte, prejudicado o serviço publico.

Mas pouco importa. Que esta permanente comedia mina mais a monarchia que os canhões.

Oh, se mina!

X O sr. João Franco auctorizou a collocação da lapide commemorativa do congresso de tuberculose na *Via Latina* ou no Museu, devendo preferir-se este local se ella fôr grande.

É facil de descobrir o motivo d'esta preferencia.

Os academicos são, por vezes, en-diabrados.

#### Dr. Alves da Hora

Este distincto cathedratico da faculdade de Theologia está completamente restabelecido d'um ataque de influencia, que o reteve na cama durante alguns dias.

As nossas felicitações.

Restello cahiu nas unhas dos progressistas.

Ralham as comadres. . . ri a galeria. A vergonha não chora, que se lhe secaram as lagrimas.

Entre conselheiros:

— O país está gravido. . .

— Sério?

— Palavra! A rotula social attesta a gravidez do país. Está gravido. . .

Commentario:

Vamos ter ministerio de parteiras.

#### O exercito

O *Diario Popular*, orgão do sr. Mariano de Carvalho, diz o seguinte acerca do estado do nosso exercito:

«É possivel que seja para alguma expedição, mas tambem é possivel que não seja, porque o exercito acerca de objectos de armamento, equipamento, vestuario, de quartéis, etc., chegou ao ultimo grau de decadencia.

Aqui ha tempo a reserva de espadas de cavalleria andava por 18; de espingardas, artilheria, munições, equipamento para o exercito activo e a reserva, enxergas, mantas, etc., é outra lastima.

De soldados não fallemos; não ha muito o regimento de infanteria 20 tinha 7 soldados promptos para o serviço.

E assim por diante.

Ha quatro dias que foi publicada esta noticia e até hoje desmentido algum appareceu.

Não se pôde pois duvidar que são verdadeiras as affirmações do *Popular*. E no orçamento figura uma verba de alguns milhares de contos para o exercito!

Figura no orçamento e dispende-se. Em quê?

## Bagatellas

É certo que em todos os tempos e por toda a parte se commettem destruições.

É mesmo da ordem natural das coisas, que a face do mundo se agite numa renovação constante. Mudam os costumes, as crenças e as necessidades; e a cada novo estado corresponde um scenario proprio, que a mão do homem vae erguendo, com mais ou menos esplendor, com mais ou menos esforço, segundo a intensidade e as exigencias das idéas dominantes.

No reinado de D. João V a prodigalidade das riquêças inesperadas da America desenvolveu um frenesi de destruição e reedificações por todo o país. Era preciso pôr em ostentação as extravagancias desenfreadas do rocócó em voga.

Tal o que aconteceu no seculo XVI: os edificios anteriores foram sacrificados ao manuelino e á renascença, numa febre de alarde e opulencia.

Mas isso explica-se: a arte medieval era reputada como extraviis rudés de artistas ignorantes e barbaros. Ainda ha 40 annos tudo que não fosse a tradição romana e grega codificada por Vitruvio, Vinbolia, Scamozzi, etc., etc., era condemnado pela intrinsecia do classicismo academico, que guardava inviolaveis os seus aphorismos, como dogmas infalliveis d'uma crença só revelada aos eleitos.

Perante as *Leis do Bello*, cercadas de mysterio e por entre nuvens de incenso metaphysico, prostravam-se os sacerdotes e os crentes!

A igreja de S. Christovão de Coimbra, do seculo XII, com a sua crypta, numa integridade quasi completa, foi demolida com o applauso unanime da cidade, para dar lugar a essa inqualificavel possilga do theatre de D. Luiz. Era assim que se pensava ha 35 annos!

Não se justifica; mas, co'os diabolos! . . . comprehende-se!

A genesis e a caracterisação dos estylos da idade-média era um campo absolutamente desconhecido, ou povoado de phantasmas. A razão das fórmãs, as suas relações com o genio dos povos, e as influencias predominantes na sequencia eterna e logica da Arte é uma sciencia nova, que veio despertar de surpresa os espiritos adormecidos.

Porém, — no dia de hoje, — como se concebe que um homem só, sem convicção, sem força e sem defêsa, entenda resistir ás reclamações da opinião geral destruindo ás cegas! . . .

Como é possivel que o sr. Franco Frazão, director das obras publicas, não trema ao pezo das responsabilidades que levanamente está accumulando sobre si!

Como é que, pela simples irascibilidade nevrotica d'um capricho grosseiro, o sr. director Frazão não pare no caminho damnosos que vae trilhando, cobrindo-se de ridiculo em anedoctas detestaveis e comicas!

D'entre as que tenho apontadas vou destacar uma; e, pouco a pouco, irão seguindo outras, não obstante os premeditados e negligentes desdens de s. ex.ª.

Ora vejam!

A parte em reedificação no paço episcopal era a mais antiga: conservava alguns restos dos fins do seculo XII, bem como fragmentos de epochas successivas.

A topo d'uma pequena quadra estreita existia uma porta ogival,

coeva de D. João I, esbelta e pequenina.

Um dia, na previsão de dislate certo, em mil rodeios cautelosos, ponderei ao sr. Frazão, quanto lustre daria ao seu renome a conservação do pequeno postigo em qualquer recanto do edificio.

Na ambiguidade do seu sorriso authomatico pareceu-me descobrir que ficára bem disposto e d'accórdido. Sómente, passados poucos dias, a porta era arrancada com sollicitude, restaurada por um canteiro e collocada carinhosamente na estrada real, perto de Penacova, com um canudo ao meio, a servir de fonte publica!

Genuinamente typica e de alm-anach!

Lá está e pôde vêr-se!

Uma porta gothica, ogiva, columelos, capiteis, principios do seculo XV; no meio uma superficie de muro e um canudo a deitar agua, numa estrada sertaneja!!

Isto parece blague de troça; mas tem o authenticó cunho intellectual da singular individualidade do sr. Frazão! . . .

E' tal qual! Nada mais do que isto!

Por isso nós gritamos! . . .

A.

Diz o *Correio da Noite* no seu boletim do *Solar*, n.º 2:

«O sr. patriarcha interpellou o governo, para saber se era licito num país catholico romano, o cohabitarem o chefe vatua com as suas sete mulheres.»

Esquecido do exemplo biblico de Salomão, frei José, principe da igreja, arvora-se em protector da . . . industria nacional.

Oh inveja a quanto obrigas!

A policia de Lisboa apprehendeu alguns numeros dos nossos collegas o *Pais*, *Correio da Noite* e *Dia*.

Questão de perdigões, crêmos nós. Diz-se que serão processados esses jornaes. Não nos admira que tal succeda, e nem sequer protestaremos. Aceita a causa, forçoso é acatar as consequencias. Sempre assim pensamos.

*Correio da Noite*, num *compte rendu* elegante da alta roda:

«Andou tambem a quatro o sr. conde de Fontalva.»

O titular protesta:

— Os maus exemplos do noticiarial! . . .

#### Elevador

Já nos custa fallar d'elle.

Pobre elevador!

Apresentando-se todo flammante num programma eleitoral, vae arrastando agora uma miseravel existencia e parece irremediavelmente condemnado. Não lhe têm faltado dedicações, mas parece inexoravel o destino que sobre elle pesa.

Agora veiu ahí o sr. Segismundo Bleish, representante da casa Siens, de Berlim. Propoz o tratamento pela electricidade.

Têm-se celebrado algumas conferencias para verificar qual será o resultado d'essa applicação, mantendo-se os peritos no estado de duvida.

Vejam se é possivel salva-lo.

E não demorem o tratamento, se resolverem applica-lo.

A princesa Batazzi esteve entre nós no dia 11 do corrente, visitando os estabelecimentos da Universidade e alguns monumentos.

E mais nada.

Informam alguns jornaes que o sr. Raphael d'Andrade sae da India, sendo substituido pelo sr. infante Afonso Henriques.

Achamos bem. E' muito competente para o logar.

## Carta de Lisboa

Lisboa, 10 de março de 1896.

Os acontecimentos de Hespanha e da Italia servem para aterrar os monarchicos e para entusiasmá-los os republicanos.

Os respeitaveis accacios da politica realista correm todas as noites presurosos á Havanêsa — sempre poupam dez réis — a lêr os telegrammas que fallam da belligerancia concedida aos cubanos e dos tumultos na Italia.

Os republicanos, esses compram na Mónaco, *El Liberal* de Madrid e *Il Secolo* de Milão, saboreando a queda das dynastias, na reportagem do que dissêram os americanos, do que dizem os hespanhoes e do que berram os italianos.

No meio d'isto o governo aproveita o barulho e continúa, impunemente, descaradamente, a fazer o que lhe dicta a estupidez e a patifaria.

Como ha noticias de sensação lá de fóra, tudo vive contente cá dentro.

Estou em crer que toda esta algazarra de Cuba e da Abyssinia é mentira.

Não passa de uma intrujisse do governo.

E' barulho promovido pela policia, como se diz quando não corre bem um comicio da opposição.

Uma pavorosa internacional.

×

Deixem-me dizer-lhes, a sério, que os monarchicos não têm razão quando já se julgam atravessados pela cuchilla sevillhana ou pelo punhal napolitano.

E tambem os nossos republicanos não procedem com juizo quando manifestam esperar que venha de fóra uma republica salvadora, que se deve fazer cá immediatamente, sem esperar pelo correio do estrangeiro.

Sendo provavel, e eu já explico porque, não cahirem tão cedo os thronos de Italia e da Hespanha, se os republicanos desanimam e socegãm, pôdem perguntar-lhes, e bem, se a Republica é um artigo de importação ou uma necessidade nacional.

Sejamos menos chimericos, contêmos connosco e, porque me parece valermos pelo menos tanto como a Hespanha e a Italia, saibamos ser, mais depressa do que elles, um povo livre.

E deixemo-los lá uns com o Maceo e outros com o Menelik.

×

Disse que já lhes explicava porque estou na crença de que não cairão tão cedo os thronos de Hespanha e da Italia. Não vou dar-lhes uma lição com apontamentos do *Mémorial Diplomatique* ou das chronicas do estrangeiro, conservadoras e massudas do *Temps*.

Vae ser um pequeno cavaco de rapazes. E os rapazes — olhem lá! — não terão por certo muita sciencia mas, ladinos e ardentes, têm o instincto mais preciso.

Depois, o examesinho de historia e algumas leituras vadfas, sempre dão palavriado para uma carta do nosso solicito correspondente da capital.

Vá de modestia.

×

Na Hespanha, vibra acima de tudo um sentimento patriotico, muito fanfarrão e incosequente. De

fôrma que, esquecendo todos que a culpa da revolta de Cuba é da monarchia que a explora, todos pensam unicamente em vencer a los rebeldes.

A Hespanha não lhe bastam já los toros de muerte. Preciso, para engradecer-se, também de cubanos de muerte.

Mas, como lhes ia dizendo, os hespanhoes só pensam agora em triumphar dos insurrectos.

E porque não querem responsabilidades, os republicanos callam-se, estão quietos.

Tal e qual como uns que em tempos me diziam: «deixe você que a monarchia resolva a questão inglesa, a questão financeira, que pensa isto não são. E depois sim, fazemos a republica».

Ora, como é quasi certo que os Estados-Unidos não intervirão directamente e como, ainda quando seja reconhecida a belligerancia aos rebeldes, o que ainda é hypothetico, a Hespanha vencerá por fim porque tem mais soldados e mais dinheiro, embora não tenha razão; o throno do rei não sustentará-se por algum tempo mais do que nós todos desejamos.

Não durará eternidades é certo, porque a Hespanha, passada esta crise, ao fazer as contas ver-se-ha roubada; mas até lá o Canovas ha de ser um idolo e o Weiler, com as espadas de honra, desancará impunemente as costellas dos recalitrantes.

E pois que o sr. Salmeron se ha de sentir satisfeito, parece-me bem que nós, portuguezes, não pensemos, para fazer a republica, nesse hespanhol.

Dissertando sobre a Italia, creio que a solução politica será a seguinte. Um ministerio chamado liberal apaziguará os animos. Uma comedia vil, de resto.

Perguntar-me-hão o que queria eu. Respondo, com simplicidade, queria a revolução e a Republica.

Observa-me alguém que a Republica não resuscitaria os mortos em Adouah. Bem sei, mas vingava-os na pessoa do rei destronado, exilado para sempre, e tão culpado como esse malandrino Crispi.

Não os resuscitava, mas uma Republica feita pelo clamor das mães que bramam por vingança, redimia a Italia, santificava-a.

Porque o odio das mães que choram os filhos mortos pelo capricho da realêsa é, sem duvida, sagrado.

A canalhice politica, porém, apaziguará tudo, com a mentira, com a hypocrisia. E a guerra continuará.

E como se ha de invocar a honra da Italia — ninguém lamentará os que ainda têm de morrer.

E' certo que para as almas boas os mortos são sempre mortos, mas ha de fallar-se outra vez na patria e os soluços reprimir-se-hão Como se a patria dos italianos estivesse na Abyssinia e não na Italia! Como se pudesse haver outra guerra justificavel que não seja a que se faz para defender a terra sagrada onde nascemos, protestando contra o invasor que é um bandido, porque pretende ser grande, dominador, liberticida.

Como se pudesse fallar-se em patria para devastar a alheia patria! A Italia irá para a guerra eis a questão.

E Humberto triumphante apoiado pelo militarismo, quem sabe se um dia ainda imporá de novo Crispi aos italianos?!

Pelo visto, parece-me que podemos dispensar os serviços dos nossos correligionarios d'Italia.

Sós, estamos melhor.

Que bello exemplo dariamos a esses dois povos escravos como nós, se levantássemos antes d'elles o grito da revolta!

Provar-lhes que não somos nós que precisamos do seu incitamento mas elles da nossa coragem, não seria bello?

Era, por certo, e salvavamos este desgraçado país.

Deixemo-los lá, para satisfazerem as suas ambições um a lutar

com os revoltosos que têm razão, outro a invadir a patria dos abyssinios que se defendem e travemos nós combate com a monarchia.

Fazemos ao menos uma grande obra de justiça.

Libertamos um povo.

João da Nova.

Pelo ministerio da justiça foi auctorisado o sr. dr. Augusto Coelho Soveral a cumprir na cadeia d'esta comarca a pena de 35 dias de prisão que lhe foi imposta no juizo de Santa-Comba-Dão.

Regressou no paquete Kaiser um troço dos expedicionarios que ainda estão em Africa. Entre elles veiu o sr. dr. Lima Duque, distincto medico militar natural de Penacova.

REPRESENTAÇÃO

Os industriaes de sapataria d'esta cidade enviaram ao governo uma representação, que em seguida transcrevemos, em que se reclama contra uma pretensão de William Guiz para gozar do exclusivo do fabrico do calçado por meio de machinas durante dez annos.

A reclamação é completamente justa, e o governo não deixará de a attender se quizer respeitar os direitos e legitimos interesses dos nossos industriaes.

Senhor.

Os abaixo assignados, industriaes de sapataria, vêm perante Vossa Magestade, reclamar contra uma pretensão que, realisada, representaria um prejuizo enorme para todos, e a ruina completa para muitos dos signatarios. Essa pretensão é a de William Guiz, negociante, estabelecido em Lisboa, que pede por espaço de dez annos o exclusivo do fabrico de calçado por meio de machinas allegando a favor da sua pretensão vantagens de rapidez e preço

Essas vantagens allegadas pelo pretendente são as mais apparentes. O calçado fabricado a mão é mais perfeito e resistente, e por isso dura mais.

Além d'esta consideração, deve attender-se a que, com referencia a Coimbra, é a industria representada pelos signatarios a mais desenvolvida, e a que uma tal concessão feita a William Guiz viria ferir irremediavelmente, como acima fizemos ver, uma classe que lucha já com difficuldades para conciliar a carestia da materia prima com a relativa modicidade de preço dos productos.

Mas ainda ha outra consideração a attender: O pretendente, allegando que

a industria para que pede a patente comprehende a invenção mechanica de todas as operações por meio de machinas, quer apresenta-la como uma industria nova. Ora não o é, visto que já de ha muito se applicam machinas de fabrico de calçado, senão em todas as operações, pelo menos numa grande parte d'ellas.

Afóra as razões expostas, a propria lei vem em auxilio dos signatarios.

Segundo a disposição do n.º 5 do art. 57 do Regulamento de 15 de outubro de 1894, não é permittido qualquer invento de igual natureza logo que elle possa prejudicar o publico e o país.

Se, falmente, accscentarmos que o pretendente não junta ao pedido os documentos exigidos no art.º 20 do mesmo Regulamento, mais provamos quanto é justa a nossa reclamação.

E assim rogamos a vossa majestade haja por bem deferir pelo ministerio das obras publicas, o nosso tão justificado pedido.

Coimbra, 9 de março de 1896.

E. R. M.

- Lista de signatarios da representação: José Mathous de Campos, José Duarte Leitão, Manoel Teixeira, Francisco Antonio d'Almeida, José Simões, José Victorino de Moura, Joaquim Mendes Coimbra, José da Silva Baptista, Adolpho Telles, Avelino de Moura Vieira, José Pinto de Mattos, José dos Santos Gonçalves, Francisco da Silva Machado, Joaquim Mendes d'Abreu, Joaquim Gomes Ribeiro, Manoel Victorino Baptista, Cypriano da Costa Lopes, Antonio Rodrigues, Antonio Dias Raymundo, Daniel Guedes Coelho, Antonio Augusto da Silva, Antonio Rodrigo, José da Costa Condeixa.

Falleceu no domingo findo a sr.ª D. Innocencia Maria da Conceição, extremely tida do nosso presado amigo e correligionario sr. Manoel Antonio da Costa, a quem damos os mais sentidos pesames.

NOTICIAS DE POMBEIRO

Ha annos que a freguezia de Pombeiro paira num bosque invio e selvagem da mais rude cafraria africana.

Ha annos que a escola elementar d'esta freguezia está vaga e sem haver modo de ser provida. Entregue, porém, a sua regencia a quem não possuia habilitações de qualquer natureza, fez com que se tornasse deserta como uma escura e solitaria penitenciaria. Lá ao longe, de tempos a tempos, mal se via desilar uma sombra, amedrontada, pallida e comprimida; era uma creanga que vinha para a escola. Ao entrar alli, olhava com espanto e confusão os quadros rasgados e sujos, que pendiam descompostos das ermas paredes; diante

esforçava por tirar d'entre as d'elle, porque não podia beijar-lhe os labios por elle não consentir.

Neste momento, um grito agudo se ouviu. Estremeceram ambos ao mesmo tempo e olharam em volta. A vinte passos apenas, Alice, com a mão estendida como que para apontar para elles e amaldiçoá-los ao mesmo tempo, contorcia-se e reclinava-se, encostada ao braço de Lambrune.

XX

O coronel muito embaraçado com o assumpto da conversa que acabava de ter com M.º de Villy, só quando ouviu o grito é que levantou os olhos que volveu em torno de si, surpreendendo ainda Herminia a retirar os dedos dos de Emmanuel. Mal teve tempo de procurar amorcecer a queda de Alice, desfallecida, sobre o solo.

M.º de Croizy e M. d'Argouges não podiam fugir. Foi para ambos um momento extremamente penoso quando se viram forçados a approximar-se de M.º de Villy e de M. de Lambrune. —Monsieur, disse este a Emmanuel, ide depressa aa castello e arranjar as cousas o melhor que poderdes!

Fallou no tom altivo do commando, o coronel; M. d'Argouges afastou-se rapidamente, mudo e consternado. Herminia procurava no bolso um frasco de saes que todavia não encontrava.

de si os carunchosos bancos, feitos em pedaços, eram um montão de ruínas; levantando a sua fronte innocente, via através do telhado, no azul celeste uma nuvem carregada e negra, que minutos depois inundava o sobrado com uma forte sarraivada.

Passadas horas, horas de espectros e de chimeras neste estúpido silencio, nesta estéril contemplação, por fim sabia e não voltava mais! E assim é que, comparando a freguezia de ha dez annos pelos mapps existentes naquelle escola, ainda que errados e confusos, nós encontramos um numero d'alunos superior a oitenta; e se remontarmos a outros tempos passados achamos maior frequencia ainda; no dia 30 de novembro do anno passado apenas, e sem nenhuma regularidade, frequentava a escola de Pombeiro 13 creanças, que jaziam nas mais densas travas da ignorancia! Acabou esta regencia interina, mas logo principiou outra por emprestimo, o que cada vez se torna mais prejudicial e não vejo meio de acabar com ella. Em vão o professor interino pede a sua demissão, em vão insta com o administrador do concelho d'Arganil para que o faça substituir; é prégar num deserto.

O numero d'alunos tem augmentado prodigiosamente, mas em breve voltará ao estado anterior; pois que a indifference do governo lhes ameaça serrar a porta da escola por alguns mezcs!

E' inaudito!... Os professores nomeados pelo governo para a escola de Pombeiro, passam ligeiros como aves de rapina; vão poisar longe. Em novembro foi nomeada para Pombeiro uma professora, que o sr. ministro do reino logo mandou para Friumes (Penacova); em fevereiro passado igualmente foi nomeado um professor, que também não poizou em Pombeiro, mas em Valle-de-Vaz (Poiães).

Quem se quizesse dar ao trabalho de fazer uma estatistica approximada dos que na freguezia de Pombeiro sabem escrever o seu nome acharia que são mui poucos, que quinze partes da população são completamente alphas-beta.

Eis que em poucos annos da preciosa offerta que Cadmo deu aos Pelasgos da antiga Beocia, não existe em Pombeiro a noção mais ligeira e rudimentar.

E estamos num país civilisado, mas num país em que a corrupção dos grandes politicos partindo dos mais elevados cumes da sociedade moderna, se alastra e se faz sentir nas mais reconditas camadas.

Em vão procuram alguns jornaes despertar a attenção do sr. administrador do concelho d'Arganil contra o uso frequente dos tiros de dynamite.

E' bem conhecido o principal veseiro; pois que toda a gente conhece o Ferro, que tantas vezes se tem gabado d'esses heroicos feitos d'anarchista do rio Alca.

E' mister também lembrar ao sr. administrador do concelho a extrema necessidade de fazer cumprir as posturas municipaes, na parte que diz respeito á caça em tempo defeso; pois que a freguezia de Pombeiro é a que neste caso mais necessidade tem de rigorosas medidas de severa repressão.

Por hoje ficamos aqui. Pombeiro, 6 de março de 1896.

F.

THEATRO-CIRCO

Estão annunciados para os dias 18, 19 e 20 do corrente mês tres espectaculos pela companhia do distincto actor Taveira.

Subirão á scena as operetas

TESTAMENTO DA VELHA

A NOITE E O DIA

12 MULHERES DE JAPHET

A assignatura para estas recitas está já aberta nos logares do costume.

—Os saes fazem voltar a si as coquettes, dos seus desmaios por coisa nenhuma; aqui o caso é mais grave, mademoiselle de Croizy, e é obra vossa.

—Affirmo-vos, coronel, que o meu encontro com M. d'Argouges foi casual e de todo innocente, em resumo...

—Affirmo-vos, eu, mademoiselle, que já me não enganais.

M. de Lambrune tomou alice nos braços e transportou-a para um monticulo deervas, juncto de uma arvore proxima; militarmente, tinha tirado o casaco e dobraram-o de modo a visar uma traveseira que collocára debaixo da cabeça de Alice, cujo corpo se mantinha numa rigidez assustadora e cuja vida apenas se manifestava na respiração tenue.

Herminia estava de pé, immovel no mesmo logar, sem saber se deveria approximar-se ou retirar-se. O coronel comprehendeu as hesitações d'ella.

—Ficac, mademoiselle, disse elle; ficac, é assim preciso!

Com a testa enrugada, o sobrececho carregado, o angulo dos labios torcido pela impaciencia, o coronel estava realmente furibundo. Nunca se tinha exasperado tanto num campo de batalha quando á espera de um reforço necessario.

(Continúa),

UMA VICTIMA DO CONVENTO

XIX

— Interessante? Palavra que não; para vós, pelo menos... Parece-me que estavam cavaqueando sobre negocios politicos.

— Oh! essa agora! exclamou M.º de Villy rindo-se como uma perdida, o papá a fallar de politica, nunca tal ouvi! E mesmo vós, coronel, «um soldado que só conhece a sua bandeira», como tanta vez dizeis, como é que vós fallaveis de politica?

— Entre amigos velhos, minha querida Alice, ás vezes ha descuidos... — E esquecem-se a conversar, concedo, não ha duvida; mas politica, entre vós e meu pae, isso é que não!

E Alice, com um movimento rapido do index juncto á cara do coronel, mostrava que lhe seria mais facil rebentar do que acreditar em tal.

— Sois uma teimosasinha, disse Roland; não é possivel convencer-vos.

— Não, coronel, ainda que empregasseis as ultimas reservas.

— E então em que é que imaginaes que nós estivemos a conversar tanto tempo?

— Monsieur de Lambrune, eu adivinhalo tudo a respeito de meu pae, assim como elle adivinhalo tudo que me diz respeito.

— E-taes-me a aguçar a curiosidade, mademoiselle, vamos lá a ver o que foi que adivinhasstes.

— Tractava-se, aposto, de M.º de Croizy.

— De M.º de Croizy? A que proposito?

— A proposito de... Pondes-me em grande embaraço, M. de Lambrune; mas enfim, devo explicar-me... Meu pae pôde dizer-vos muito ácerca de uma coisa em que eu só posso pensar.

— Ora essa! minha querida Alice, permiti que vos diga que isso não explica coisa alguma.

— Coronel, não será verdade que a minha amiga M.º de Croizy vos parece absolutamente encantadora?

Alice cruzára as mãos sobre o braço de M. de Lambrune e procurava ver as alterações da physionomia do coronel depois de uma tal pergunta. Mas elle ficou impassivel.

— Já alguma vez disse o contrario? perguntou elle.

— Ah! como eu ficaria satisfeita se vós a achásseis sufficientemente encantadora para ser M.º de Lambrune!

Roland não pôde esquivar-se a um movimento de surpresa; mas recompoz-se immediatamente.

## ANNUNCIO

(1.<sup>a</sup> publicação)

13 No dia 22 do corrente por 11 horas da manhã na rua do Visconde da Luz n.º 9, 102 a 106, pelo processo de fallencia de Domingos José Gomes, d'esta cidade, hão de ser vendidos em lotes todos os artigos e mobília do estabelecimento do fallido Domingos José Gomes, e em globo a mobília da casa que foi habitação do mesmo fallido, artigos que abaixo vão indicados—e que serão postos em praça pelos preços da avaliação. *Artigos do estabelecimento*—Objectos de bijouteria; fazendas brancas, e outras, taes como: caixas para joias; sabonetes; caixas para luvas; voials de lã; diversos percaes; chitas; flanelas de lã; setins d'algodão; colletes d'espartilho; casteletas; flanelas para vestidos; cortes de lã; cheviotes e casimiras; bretanhas; lenços de algodão e de lã; rendas; sapatos de trança; sombrinhas; camisas brancas de flanela; capas; luvas; veludos; setins; chailes; tules; gravatas; fitas e outros artigos—*escrivaninha*; prensa e banca; cadeiras; bancos; candieiros; contador e canalisação; malas; manequins; cabides e outros objectos. *Mobília da casa*—Sofá; cadeiras; mesas; candieiro de suspensão; armario com portas de vidro; louças e vidros; camas de ferro; fogão e objectos de cosinha.

Verifiquei a exactidão  
Neves e Castro.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

## BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ &amp; GENRO

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

8 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

## AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA  
(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretadas sodieas lithineas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hypossulfuradas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemnadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabethes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

À venda em todas as pharmacias e drogarías—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

**Depositos em Lisboa**—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragozo, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

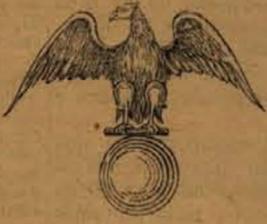
**Depositos no Porto**—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

**Deposito em Coimbra**—RODRIGUES DA SILVA & C.<sup>ª</sup>

**Deposito na Figueira da Foz**—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

## Casa mobilada no Campo

12 Arrenda-se uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear. Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.



AGUIA D'OURO

FRANCISCO P. MARQUES

11 Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima! Alta novidade!

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Heroumano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

COIMBRA

10 Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

PEDIR OS PROSPECTOS

**Gratis**

Os leitores da REVISTA, além do texto, compreendendo o original de perto de 90 paginas em 8.<sup>o</sup>, têm também uma FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.

Sae nos dias **1 E 15** de cada mez

Assigna-se em todos os agencias da ANTIGA CASA BERTRAND

JA PUBLICADO O 1.<sup>o</sup> VOL.

**REVISTA THEATRAL**  
ILLUSTRADA

Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
R. Nova do Carmo, 76. 2.<sup>o</sup>—LISBOA

PEÇAS PUBLICADAS

**SALTIMBANCO**  
de Antonio Ennes

**JUCUNDA**  
de Abel Botelho

**ALCAOER-HIBIR**  
de D. João da Camara

**PARAISO CONQUISTADO**  
de Lopes de Mendonça

**Ciume com ciume se paga**  
de Rangel de Lima

Muito proprias as ultimas para amadores

COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES AUCTORES CRITICOS DRAMATICOS

22 N.<sup>o</sup> SAHIDOS DO 2.<sup>o</sup> VOL.

ENVA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR

## 5 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

## CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

7 A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para usters ou casacoões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 8\$500.

Dita para makferlanes, double-capas ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobreacasas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35\$000 a 45\$000!!

Uma machina industrial oscilante de Singer—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaldo da direcção do contra-mestre.

6 Vinho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis.

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna á Sê Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

5 BASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade Rupestris, a 6\$000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3\$000 réis o milheiro.

Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

## ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

59, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alviavades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, molinos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

4 ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

## LIVROS DE MISSA

SEMANA SANTA

3 A Casa Havana acaba de receber uma nova colleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

## Cavallos, muares, etc.

2 As sobrecannas, espavarrões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferível á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrazo, d'onde se remette pelo correio, por 1\$000 réis.

**Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.<sup>ª</sup>—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

4 Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijeiros do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papellaria Central

## "RESISTENCIA"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura  
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700  
Semestre..... 1\$350  
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400  
Semestre..... 1\$200  
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquellos com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 112

COIMBRA — Domingo, 15 de março de 1896

2.º ANNO

## Entendamo-nos

Referindo-se á campanha de alguns órgãos da imprensa republicana contra a attitude politica do *Seculo*, diz o nosso collega *O Jornal do Commercio*:

«Os jornaes radicaes atiram se ao *Seculo*, accusando-o de já não ser republicano, mas antes órgão docil dos interesses monarchicos.

«Não nos parece que sobretudo o *Conimbricense* tenha razão para dirigir censura ao nosso estimavel collega da rua Formosa.

«Não era elle *Conimbricense* monarchico, e não se fez republicano? Não exultaram com o facto todos os republicanos, sem exclusão do *Seculo*?

«Porque não ha de o *Seculo*, que era republicano, poder fazer-se agora monarchico?

«Nós gostamos da liberdade, mas para todos.»

A censura é completamente descabida.

Tambem nós gostamos da liberdade e para todos. Jámais contestamos a qualquer empresa jornalística a faculdade de seguir uma nova orientação politica.

Não é esse, porém, o assumpto de que se tracta. O *Seculo* tem feito nos ultimos annos politica monarchica, dizendo-se sempre republicano.

É por esse motivo que foi censurado pelo nosso venerando collega do *Conimbricense* e por outros jornaes; foi por esse motivo que tambem nós o atacamos.

Quando o *Conimbricense*, reconhecendo absoluta incompatibilidade entre a monarchia e as idéas liberaes que sempre professára, se alistou entre os primeiros combatentes das fileiras republicanas, declarou desassombadamente, honradamente, que abandonava a politica monarchica e os motivos por que assim procedia. Esta nobre attitude impunha-se ao respeito de todos. O contrario se daria, porém, se o *Conimbricense*, continuando a afirmar as suas crenças monarchicas, trahisse miseravelmente essas crenças defendendo as idéas do partido republicano.

Se ao *Seculo*, por qualquer motivo, convier seguir a politica monarchica, diga-o claramente. Será mais ou menos censuravel o seu procedimento conforme o facto que o determine ou com que, porventura, pretenda justifica-lo; mas, em todo o caso, mais digno do que continuar como até aqui a dizer-se republicano, sendo o principal órgão do governo que maiores prepotencias tem exercido contra as garantias e direitos dos cidadãos.

O partido republicano tem, dada

esta situação, não só o direito mas até o dever de declarar publicamente que o *Seculo* não é órgão d'esse partido. Ninguem decerto poderá contestar estas afirmações, sem negar a qualquer partido o legitimo direito de se defender contra os que tentem levantar obstaculos á sua propaganda.

Os jornaes republicanos que têm atacado o *Seculo*, fazem-o porque, como diz o nosso prezado collega *O Conimbricense*, «querer fazer dos jornaes empresas de lucros quasi fabulosas, servindo-se hypocritamente, como elemento para isso, do systema republicano, é exanclarar a propaganda d'esse partido.»

Ninguem pôde censurá-los por esse procedimento, que corresponde ás mais impreteriveis necessidades do partido republicano, como tambem não pôde contestar-se a verdade d'estas considerações que transcrevemos do artigo editorial do nosso estimavel collega *O Conimbricense*, de hontem, intitulado *O Seculo*:

«O *Seculo* está faltando condemnavelmente á sua missão, e prejudicando a causa republicana.

«Um periodico intransigentemente monarchico não seria tão fatal á propaganda republicana como hoje é o *Seculo*.

«Aquelles que transformaram este periodico numa empresa de exploração de extraordinarios interesses, argumentam para se justificar, com os avultadissimos lucros que está dando o *Seculo*, demonstrativos da sua grande vulgarisação.

«De modo que para elles o essencial está nos espantosos rendimentos da empresa, obtidos pelas condescendencias com os governos monarchicos, d'onde lhe vem grande parte do noticiario, de que vive o *Seculo*, por benevolencia governativa.

«Enquanto que o *Seculo* pelas suas intimas relações monarchico-governamentais, pôde facilmente obter para si e os seus amigos os favores que desejar dos poderes publicos; enquanto que pelas suas condescendencias e louvaminhas palacianas está livre de perseguições; — os periodicos republicanos, que no cumprimento da sua missão luctam contra os abusos e arbitrariedades dos governos e seus delegados, estão sujeitos a soffrer as consequencias das atroz e draconianas leis da imprensa, indo para a cadeia, tendo de pagar pesadissimas multas, custas e sellos do processo, e sendo até supprimidos os mesmos periodicos.»

Dissemos que ninguem podia contestar a verdade d'estas afirmações; a quem pretendesse fazê-lo, bastaria, para d'isso o convencer, citar alguns numeros do *Seculo*.

Vem este jornal declarar agora que é e sempre fôra republicano. No numero d'hontem lemos com bastante surpresa:

«Os nossos collegas da imprensa occupam-se do *Seculo*, uns em termos que nos penhoram, outros com uma má vontade que nos não surprehende.

Devemos declarar a todos que o *Seculo* está onde sempre esteve.

O *Seculo* é um jornal sincero e lealmente republicano, independente de partidos e coteries de que nunca foi nem tenciona ser órgão, como tantas vezes temos já declarado.

Defendendo as idéas republicanas, como até hoje o temos feito, defendemolas como podemos, como sabemos e como queremos, no pleno direito da nossa razão e da nossa consciencia e com a mesma liberdade com que qualquer outro cidadão portuguez pôde dizer o que pensa e o que pretende.»

Magalhães Lima.»

O *Seculo* afirma que tem defendido as idéas republicanas como pôde, como sabe e como quer.

Mostrem agora os dirigentes do partido republicano tambem o que podem e o que querem.

Ficamos á espera.

## Aqui del-rei

O *Correio da Noite*, referindo-se á nomeação do sr. Neves Ferreira para uma commissão na India, diz:

«A noticia de que o sr. Neves Ferreira vae para Goa — corre que a rasão de 18 contos de réis por anno! — como ministro plenipotenciario, afim de negociar um tratado de extradição com a India Inglesa, é verdadeiramente assombrosa. Por hoje limitamo-nos a gritar: aqui del-rei!...»

## Responsabilidades

Na memoria de todos, ainda, o ultimatum inglés. O povo agitou nas ruas o labaro do protesto, numa grande explosão de odios viris e santos; correu, em peregrinações, ao tumulo dos heroes para retemperar os braços para a lucta, e beber as coleras para a vingança. Dir-se-hia que, ao cabo d'uma noite de pesadello, um grande sopro de virilidade ateava nos corações o fogo sagrado da patria.

Hora unica, momento solemne para uma grande rehabilitação. Do norte ao sul, de leste a oeste do país, passava nos espiritos hallucinados a visão da patria esfarrapada pela rapacidade britannica. Impulsos generosos queimavam o sangue do povo em ardores de batalha, e os corações alinhavam-se firmes, resolutos, á voz do dever...

Tinha, pois, a palavra a monarchia...

E o que é que a monarchia fez?

.....

Gasta, podre, debatendo-se na impotencia dos organismos caçados, extenuados pela orgia, cheia de vergonhas, falha de planos, a monarchia que tem servido a Ingla-

terra e depauperado o país, o que é que havia de fazer?

Muitos dos seus estadistas têm liquidado em salteadores dos cofres publicos, quasi todos os outros em charlatães ineptos da politica rendosa, que vem sendo a vergonha da historia e o cancro da nossa existencia social.

O que havia a monarchia, pois, de fazer?

Sem duvida, o que todos esperavam. A monarchia havia de responder com o 20 d'agosto, embora tivesse de mandar a resposta, ao povo, na ponta dos sabres da policia, ou nas ferraduras dos cavallos da municipal.

E respondeu assim. Mandou carregar sobre o povo, e deixar o passo livre ás rapinagens inglesas.

Mais uma pagina negra que é preciso rasgar.

E' preciso não esquecer! Embora tivéssemos de ver, seis annos depois, o sr. D. Carlos cingindo, altivamente, a liga da Jarreteira, é preciso não esquecer.

Que não esquecem os que soffrem... e, afinal, sempre lhes brilha uma aurora de justiça que, tendo, ás vezes, a enevoar-lhe o alvor laivos ensanguentados de vingança, é, comtudo, frequentemente, a redempção dos povos.

Que o governo se tivesse posto á frente d'esse movimento popular, que auxiliasse a guerra commercial, que aproveitasse o novo ardor que turbilhonava no sangue do país, que auxiliasse a subscrição nacional, que fizesse alguma coisa do que tinha a fazer, e este povo heroico teria tido a sua desforra!

Desforra digna e justa. Um povo insultado levantava-se, altivamente, para rebater a insolencia do insulto.

Mas a monarchia esqueceu!...

E nós deixamo-la esquecer, posto que não esqueçessemos! O 31 de Janeiro foi afogado em sangue, e os que tiveram a coragem de bater-se, nas ruas, contra a metralha da tyrannia, tiveram de ir arruinar a saude pelos presidios!

Para quê? Ah, que as responsabilidades não são só da monarchia, são tambem nossas, dos que se dizem republicanos! O tenente Coelho ainda está na Africa!

Nós, tambem, esquecemos!

Que país tão pacato, santo Deus! Eu não queria loucuras, mas queria dignidade e coragem. O partido republicano portuguez é numeroso bastante e offerece muitas condições de moralidade e intelligencia. A republica é a unica forma actual de governo, consentanea com a dignidade do cidadão.

Que país tão pacato! Eu não queria loucuras, não, mas queria dignidade e coragem!

Havê-las-ha um dia?

Nós ainda temos esperanças, ainda temos crenças.

## Instrucção publica

### Instrucção secundaria

XXIV

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

E. LEGOUVÉ.

«Papa, je retiens bien ce que je comprends, mais pas le reste» — exclamava um dia em que tinha de dar as provas publicas do seu aproveitamento, uma encantadora e ingenua creança de oito annos, a filha de M.<sup>me</sup> d'Épinay, uma senhora muito distincta, que occupa um logar não menos distincto na historia da educação.

M.<sup>me</sup> d'Épinay, a auxiliar ou collaboradora apreciadissima de Grimm e Diderot, orientada pelas idéas pedagogicas de Jean Jacques, cuidara directamente da educação de sua filha, não procedendo igualmente a respeito do filho, pela opposição tenaz do marido, que teimosamente o quiz e conseguiu entregar aos cuidados d'um professor detestavel, mas cujos processos de ensino se conformavam absolutamente com as idéas falsas que mr. d'Épinay possuia acerca de educação. E, no dia em que havia de proceder-se, deante de alguns amigos, ao exame da desventurada creança, que tivera a suprema desgraça de cair nas garras d'um mestre ignorante e rotineiro, foi que, a uma observação um pouco rude do pae, que nunca levára a bem que ella fosse subtraída ás lições do mestre de seu irmão, a gentilissima menina, e spirituosa e intelligente, dera a resposta com que abrimos o nosso artigo.

Resposta admiravel, na sua encantadora espontaneidade, e que, a bem dizer, vale por um bom e judicioso tractado de pedagogia! E lição não menos admiravel e expressiva, para todos aquelles que intendem como melhor processo de ensino o que é geralmente usado entre nós, e que consiste em abusar da memoria, obrigando o alumno a decorar o que não intende, a escrever sobre o que não conhece nem percebe, e a repeti-lo machinalmente na aula, como se fôra um simples automato, sem nenhuma consciencia do papel que representa ou que o obrigam a representar! E é ainda aquella adoravel creança que duramente condemna um tal processo, quando, ao observarem-lhe se ella, repetindo uma regra de syntaxe latina, em que o irmão claudicára, a apprendêra por gosto e convenientemente, exclama:

«Oh! mon Dieu, non, c'est parce qu'on l'a tant rabâchée à mon frère, que je l'ai retenue malgré moi et sans y rien comprendre». Maior e mais dura condemnação dos processos rotineiros ninguem seria capaz de formular, nem com tão singela eloquencia.

Não ha, com effeito, processo mais irracional e absurdo do que esse tão preconizado pela rotina, que se agarra á tradição como o

nafrago a taboa salvadora, e que se resume nisto, como, aliás, já observamos: fazer do alumno uma simples machina de repetição do texto do compendio, que o obrigam a estudar sem o comprehender e a repetir integralmente, sem alteração d'uma virgula, sob pena d'uma nota compromettedora e porventura eliminatória! É este processo que, sem contestação nem correção possível, tem imperado soberanamente neste reino e seus dominios! Também os resultados, elles ali estão bem patentes e manifestos, revelando-se numa esterilidade completa, numa disciplina mental que nos contrista e humilha. Isto é evidente.

Ora era contra esta inferioridade esmagadora que todos os espiritos sãos e disciplinados se insurgiam, reclamando um remedio energico; e é ainda contra a insufficiencia ou incorrecção dos meios que se pozeram em acção para o conseguir que os mesmos espiritos se insurgem. Quando se esperava que os novissimos programmas, sobre tudo pelo que respeita ao ensino das linguas, especialmente a portugueza—o que evidentemente mais carecia de reforma prompta e eficaz—se inspiram completamente nos salutarissimos preceitos da pedagogia moderna, vemos com o mais profundo desgosto que os sabios reformadores não conseguiram subtraír-se ao imperio ou influencia nefasta da tradição. Simplesmente deploravel.

Se é certo, como dissémos no artigo anterior, que, em parte, o programma da lingua e litteratura portugueza introduz melhoramentos apreciaveis, inspirados nas doutrinas dos grandes mestres, é também indubitavel, e muito para notar e condemnar, que, ainda em muitos pontos, está impregnado de velharias ridiculas, de anomalias inconciliaveis com o pensamento geral que parece ter presidido á sua elaboração.

Neste programma, por entre recommendações salutaras, que não podemos deixar de applaudir, pululam, numa contradicção flagrantissima, preceitos absurdos, conselhos indigestos, que, na practica, hão de ser de resultados funestissimos, como tem succedido até agora. O futuro no-lo demonstrará.

Um exemplo. Todos os mestres auctorizados, e como taes geralmente reconhecidos, condemnam hoje, por absurdos e prejudiciaes, os exercicios escriptos, feitos no domicilio do alumno, num aborrecimento bem imaginavel, sem o conveniente criterio, sem conhecimento preciso do assumpto, e por isso sem valor de nenhuma especie, quer sob o ponto de vista educativo e disciplinador da intelligencia, quer sob o da instrucção a adquirir.

Ninguém sabe hoje para que sirvam esses exercicios, a não ser para desmoralisar o alumno, esterilizando completamente a sua actividade intellectual, as suas faculdades inventivas, a sua expontancidade.

Era esse um dos peores males de que soffria o nosso ensino; era contra um tal e tão condemnavel processo educativo que se elevavam as vozes mais auctorizadas; era contra uma practica tão absurda e condemnavel que se insurgiam todos os espiritos esclarecidos e previdentes. Comprehende-se facilmente isto.

Diminuir quanto possível ou supprimir a somma dos exercicios escriptos, feitos na ausencia e fóra de toda a intervenção ou direcção intelligente do professor, e augmentar a dos exercicios oraes, na aula,

em presença de toda a classe, sob o sópro vivificante da palavra animada do mestre, tal é a expressão singela dos votos formulados por todas as auctoridades competentes, tal é a ambição modesta da pedagogia moderna.

*C'est la confection et non la correction qu'il importe au professeur de diriger, recommenda calorosamente um distincto homem de eschola, com toda a auctoridade que resulta do seu profundo saber e larga experiencia do ensino. E é, com effeito, na sua cadeira que se põe bem em evidencia a instrucção e experiencia do mestre, a sua dedicação pelo ensino e conseguintemente pelos progressos do alumno.*

Bem sabemos que é muito difficil dirigir uma classe, segundo os processos rigorosos que a methodologia aconselha e prescreve, e ninguém desconhece as pesadas responsabilidades que lhe são intimamente connexas. É preciso realmente ter-se muita dedicação pelo ensino, muito zelo profissional, para se triumphar das difficuldades que a uma tal e tão delicada empresa andam inherentes; porque adquirir as qualidades indispensaveis para se ser um bom professor, conseguir interessar o alumno na lição, por meio da palavra facil, clara e insinuante, dar-lhe explicações simples e comprehensíveis, não é facil nem se consegue sem grande esforço. Mas nisso é que está precisamente o merito do professor.

É evidente, porém, que só por tal feitiço é que o alumno se não aborrece na aula e póde aproveitar das lições que recebe. Como é que o operario se habilita a trabalhar e adquire os conhecimentos technicos indispensaveis á sua profissão?

Pelos exemplos do mestre e dos seus companheiros de trabalho. De outro modo não o póde conseguir. Por conseguinte, é também na aula e sob a direcção do professor que o alumno póde instruir-se e educar-se.

Pois, não obstante isto ser materia corrente, apesar de ministros como Duruy e J. Simon, de mestres como Gréard e Michel Bréal abertamente o proclamarem, vemos com espanto que no programma que estamos analysando se prescrevem os exercicios escriptos que todos os mestres condemnam, feitos em casa; mas a que, aliás, o alumno é quasi senão sempre completamente extranho, um aborrecimento immenso e uma monotonia do seu isolamento! Parece phantastico.

Mas o programma tem outros defeitos que analysaremos no proximo artigo.

### José Falcão

A commissão municipal republicana do Fayal (Açores) enviou á commissão do grupo academico republicano a quantia de 105000 réis destinada á reedição da *Cartilha do Povo*.

×

Hoje reune a commissão para analysar as propostas apresentadas por diversas typographias do país.

O Seminario Theologico da igreja presbyteriana de Nova Jersey convidou a faculdade de Theologia a fazer-se representar nas festas do quinquagesimo anniversario da nomeação do professor dr. William Henri Greens, que se realisam no dia 5 de maio proximo.

O conselho da faculdade resolveu agradecer o convite, que não podia aceitar.

## CARTA DA INDIA

*Meus amigos:* — Se as gargalhadas fossem compatíveis com as desgraças, com as vergonhas de que tem sido theatro esta nossa India que foi outr'ora a nossa gloria e é hoje a nossa deshonra, se fosse possível esquecer com as tolices da metropole as infamias aqui do ultramar, nós teriamos rido muito, ririamos sempre que nos chegam os jornaes da Europa.

Que ignorancia, que desorientação! Todos fallam da India, e dos rhanes como se os conhecessem de perto, como se fallassem das aldeias nativas, de velhos companheiros da infancia, mas, por mal dos nossos peccados, com o mesmo conhecimento de causa com que eu lhes poderia fallar—eu sei lá!—dos mysterios indecifráveis das grandes chancellarias europeas.

E depois os ares cathedraticos, imponentes, com que os jornalistas portuguezes asneiam sobre as coisas da India, são pavorosos.

Ora, eu, exilado por cá ha longos annos, amigo do meu país, e conhecedor, por dever d'officio, de todas estas coisas, accedo de bom grado ao vosso pedido de fazer um pouco de luz sobre essas trevas em que, ás apalpadellas, os amigos andam sem saberem onde está a razão, onde o desvario, onde a justiça, onde a arbitrariedade.

Vou talvez massa-los. Mas a falta de habito de escrever para a imprensa obriga-me a ser prolixo, a descer a minuciosidades, que não sendo de todo inuteis, têm talvez o defeito de melhor caberem em cartas intimas a pessoas amigas, que encontram em massudas laudas vindas de longe o maior lenitivo á dor pungente da saudade.

Desculpem e cortem o que lhes parecer demasiado.

×

Para avaliar o que é, o que tem sido o governo da India, e para podermos chegar á conclusão do que são e do que valem os ultimos acontecimentos que cá trouxeram o irmão do sr. D. Carlos, permittam que eu comece por indicar,—traços rapidos, os feitos e os successos dos ultimos annos. Começemos pelos governadores.

Em 1888 temos a nomeação do sr. Ferreira do Amaral que largou o governo da India quatro ou cinco meses depois. Não fez nada. Deixou tudo como tinha encontrado, a não ser o palacio do governador, que s. ex.<sup>a</sup> installou no palacio do conde de Mahem, alugado e restaurado por conta do thesouro e sem necessidade, visto os governadores da India terem três palacios á sua disposição na pequena area de três leguas (Velha Goa, Pangim e Cabo). Não se podia exigir mais em tão pouco tempo, não é verdade?

Depois tomou posse o sr. general Vasco Guedes.

Este governo tornou-se celebre pelas eleições de Salsete, em 21 de setembro de 1889, em que as tropas commandadas pelo administrador do concelho e coronel Luiz Carneiro de Sousa e Faro mataram 23 eleitores. Sangue em todo o caso bem empregadinho, porque sem elle não teria vencido o partido regenerador.

Demittido Vasco Guedes, toma posse em meados de 1890 o general Francisco Maria da Cunha, o qual nos honrou com a sua presença, com a de todos os filhos e filhas

e com seis pombos que sempre o acompanhavam, pois na opinião de s. ex.<sup>a</sup> *pombos uma vez em casa, pombos para sempre.*

De notavel no seu governo o esplendor dos bailes em casa dos regedores e que s. ex.<sup>a</sup> jámais deixou de honrar com a sua presença.

Além d'isso esta notabilidade se impõe também: despêsas de viagem, pagas pelo governo, para o illustre general, familia e pombos, só a vinda para cá, approximadamente, 10 mil rupias (4.500\$000 réis).

Onze meses depois volta ao reino o sr. F. M. da Cunha e toma posse do governo o sr. Teixeira da Silva (almirante).

No seu curto governo de nove meses, s. ex.<sup>a</sup> só cuidou dos casamentos de varias pessoas que o acompanhavam. Feitos os casamentos, é transferido e substituído pelo sr. Raphael d'Andrade.

Este senhor despeja os cofres publicos com presentes ao rei e a certas damas... dando constantes escandalos com mulheres, tanto aqui como fóra, pois devo fazer notar que s. ex.<sup>a</sup> andou em constantes viagens pela India Britannica, numa patuscada que, na sua ultima viagem a Bombaim, se tornou celebre pelos passeios *au clair de lune* com uma *mice Mrs.* mulher d'um alto funcionario do governo britannico.

Envio-lhes a relação d'algumas obras mandadas fazer pelo sr. Raphael d'Andrade e por ella verão como augmentaram as despêsas para o thesouro nesta tão triste governação:

Seis barracas para a Estrada de D. Paula, 5:000 rupias (500 libras); construcção d'um corêto junto ao palacio de Pangim, 800 rupias, e illuminação para o mesmo, 400 rupias.

A historia d'esta illuminação é bastante curiosa e talvez mais tarde lhes venha a fallar outra vez sobre o assumpto.

Em obras no palacio do Cabo (4 kilometros de Pangim), gastou o sr. Raphael uma tão importante somma que nunca ao certo constou fóra de palacio a quanto ella montava. Adquisição de um pára-raios para o Cabo, 1:500 rupias; pela vinda a este Estado do governador de Madrastra, mandou o sr. Raphael pedir ao governo auctorisação para mobilar os palacios.

Na compra de mobilia entraram 12 caixas com vinhos finos!

Devo fazer notar que os palacios foram mobilados em 1888, tendo esta despêsa importado em 5:000 rupias. Temos mais a compra de 6 cavallos para o celebre ex-corpo de policia. Para os adquirir nomeou o sr. Raphael uma commissão composta dos srs. capitão Gomes da Costa, major Raymundo Mendes, A. Campos, A. Condeça e alferes Holbeche e mais um, cujo nome não nos occorre agora, o que dá o lindo resultado d'um homem por cavallo.

A venda de cavallos é constante em Bombaim. Ali se encontram cavallos de primeira ordem, e portanto os membros da commissão parece que o que tinham a fazer era dirigirem-se a esta importante cidade. Mas não; de Pangim seguiram para o *Belagum* e, depois d'ahi estarem três dias, vão para *Poonhá* e por fim para Bombaim, com a aggravantesinha de cada um dos membros da commissão ganhar 6 rupias por dia (4\$400 réis).

O resultado foi o preço dos cavallos ser muito inferior ás despesas da viagem e gratificações pagas á commissão.

Temos ainda a illuminação da

estrada de Pangim ao Cabo (palacio), que custou ao Estado 1:800 rupias. Ora a illuminação d'esta estrada é só proveitosa para os governadores ou para o patriarcha, quando se lembra d'ir tomar banho a Caranzalem.

Aqui têm, meus amigos, uma pequena relação d'obras mandadas fazer pelo sr. Raphael d'Andrade e devo-lhes ainda dizer o que este homem tem aqui feito no presente momento em que se acha revestido com poderes de commissario regio. Mas isso fica para segundas leituras.

Pela demissão do sr. Raphael veio o sr. visconde de Villa Nova de Ouremm, as d'esse tractarei quando fallar da revolta. Antes d'isso quero-lhes fallar do caminho de ferro de Mormugão a Castle-Rock.

×  
Chega hoje a Coimbra o nosso presado amigo e prestante correligionario dr. Antonio José d'Ameida, que parte para S. Thomé no dia 23 do corrente mês.

Passará dois dias com os seus amigos d'esta cidade.

### Restello

Do nosso presado collega o Paiz:

«Affirma-se que o grande conde de Restello vae publicar uma carta, em que estão collaborando os seus varios conselheiros intimos.

Aguardamos com impaciencia esse documento, que deve ser supinamente interessante, para o commentarmos com a devida justiça.

Estamos quasi depostos a illustrar a carta do homemzinho com a sua carantonha, que tão bem exprime o seu modo de ser moral.»

Falleceu em Amarante uma extremosa tia do nosso querido amigo e collega dr. Cerqueira Coimbra, a quem damos os mais sentidos pesames.

### INDIA

Em Lisboa foram recebidos os seguintes telegrammas particulares:

«Belgum. 12 de março, ds 10 horas e 15 m.—Protestam telegrammas extorquidos camaras. Situação afflictiva.—(a) Habitantes de Salsete»

Bombay, 12 março, 3 h. e 6 m.—Colonia portugueza implora remoção governador Gô. Pedidos para conservação forçados. Segue memorial.—(a) Accacio da Gama.»

Os jornaes governamentais continuam a affirmar que os animos estão todos socegados e que o sr. Raphael d'Andrade sae do governo da India pelo seu estado de saude não lhe permittir a sua permanencia lá. Também esses jornaes continuam a dizer que o sr. infante Affonso Henriques é muito competente para pacificar a India, introduzindo as reformas administrativas de que tanto necessita aquella colonia.

Vae tudo ás mil maravilhas.

### Ao polo do norte

O explorador inglês capitão Wiggins, que está presentemente esperando em S. Petersburgo a chegada do barco que o deverá transportar ás aguas da Sibéria, projecta, no caso de não se terem recebido noticias definitivas a respeito de Nausen, emprender uma viagem de investigações ao norte da Siberia e, em primeiro lugar, ao cabo Tcheluskiné, onde Nausen lhe promettera deixar indicações da direcção que tomaria depois de ter passado por aquellô cabo.

## Carta de Lisboa

Lisboa, 13 de março de 1896.

Hoje toda a gente vae vêr o Gungunhana. Desde a madrugada que Lisboa vae para o Aterro esperar o Africa.

Entre os amigos da monarchia o Gungunhana assumiu proporções phantasticas.

O Sergio dá-se ares de que foi elle que apanhou o negro, o Mariano accusa-o de ter roubado a outra metade, o João Franco afirma que é elle o auctor da dictadura, o Navarro diz que o chalet do Luso é do negro.

O preto é tudo.

D'aqui a dois dias dirão que é elle e não o D. Carlos o rei de Portugal e, quando se proclamar a Republica (depois d'amanhã), lá vae o Gungunhana para o hotel de Paris contar as façanhas de seu bisavô D. João VI.

×

Uma bandalheira a chegada do preto. Diz-se que vae numa tipoia de praça para a fortaleza de Monsanto.

Fallou-se a principio em que iria num coche da casa real. Como o Sergio de Castro esteja no Instituto Veterinario e outros se occupem a governar, a legislar e a politicar, não houve meio de arranjar quem puchasse o carro.

Do coche de D. João V passou-se pois ao calhambeque do Paço d'Arcos, um batedor de fama.

Quem deve ter pena d'isto é o D. Affonso. Para guiar duas pillegas não ha outro.

Lá está vice-rei da India.

×

Parece que acertei no que disse da Italia e da Hespanha. Sou um grande politico. Assim eu podesse adivinhar o que se passará em Portugal.

Estava a escrever quando senti uma grande algazarra. Era gente a correr a fim de vêr o Gungunhana.

Cheguei á rua do Ouro. Lá vinha o cortejo.

Áparte a cor e toilette dos personagens, o mesmo que aqui se vê.

Cortezãos e cosinheiros e damas nos trens da frente e o rei no ultimo.

Multidão immensa. Gargalhadas, commentarios, o diabo.

O preto seguiu pela Avenida. No habito de cumprimentarem o rei, os janotas cumprimentaram o negro. São parentes.

×

Pela multidão que esperava a chegada do rei preto, cálculo o que não será na partida do rei branco. Que grande dia!

João da Nova.

Acha-se bastante incommodado o nosso querido amigo e collega dr. Quim Martins.

Que se livre depressa da imperitente doença são os nossos ardentes desejos.

Foi nomeado professor da cadeira de grego na Universidade, o sr. dr. Manuel d'Azevedo Araujo e Gama, distincto cathedratico da faculdade de Theologia.

## Bessa de Carvalho

Tem estado gravemente doente este nosso prezado amigo e director do nosso estimavel collega A Voz Publica.

Do coração desejamos as suas melhoras.

Recommendamos a todos os fieis catholicos d'esta deocese que leiam os discursos proferidos pelo sr. Bispo Conde na camara dos dez-nove e, sobretudo, uma passagem da replica ao sr. conde de Bertandos, em que se falla do perjurio.

Chega a parecer inacreditavel que esse bispo diga taes dispautes.

Brevemente sairá o primeiro numero d'um semanario republicano, denominado Portugal, órgão do grupo academico republicano.

E, pegando em Alice como já fizera, collocou-a na cadeirinha.

Herminia aproveitou-se da presença do pae, em frente de quem M. de Lambrune não podia protestar sem commentar uma imprudencia, para prodigalisar á sua amiga todos os pequeninos cuidados que o seu estado reclamava; depois, collocou-se junto dos criados que a levavam e acompanhou-os moderando-lhes a marcha com uma palavra ou um simples gesto.

—É' inacreditavel, dizia M. de Villy; Emmanuel contou-me em poucas palavras que vós tinheis vindo todos tres espera lo de volta da capa, esperando que elle viesse pela porta pequena de que elle tem a chave e que Alice, que vinha pelo teu braço, cahira subitamente sem conhecimento.

—Mas, a proposito, que é feito do teu sobrinho? perguntou o coronel.

—Foi atrelar elle proprio a carruagem e provavelmente já partiu a todo o galope para Bernay buscar um medico, o pobre rapaz ia doido de todo.

—Acredito! respondeu Roland de modo que Herminia ouviu.

A velha M.<sup>me</sup> de Villy não tinha sido prevenida, porque o filho recejava os resultados de uma emoção tão viva. De modo que só foi advertida pelo barulho que se fez no interior do castello á chegada do cortejo, quando M. de Lambrune se dirigia apressadamente

## Cartas da India

Devido á amabilidade d'um nosso amigo, residente ha muito na India e conhecedor como poucos dos negocios e dos successos d'aquella nossa possessão, iniciamos hoje a publicação de uma série de cartas, que, escriptas com imparcialidade e conhecimento de causa devem interessar muitissimo as attentões dos nossos leitores avidos como bons portuguezes de se informarem de tudo que á India se refere.

Está já convalescente o nosso amigo e collega Germano Martins. Que se restabeleça breve do forte ataque d'influenza que teve, porque queremos vel-o aqui ao nosso lado.

A Tuna Academica vae no sabbado da proxima semana a Thomar, onde dará dous concertos. Preparam-lhe nessa cidade uma recepção muito festiva.

## Annuario da Universidade

Acaba de ser publicado este annuario, cuja a recepção agradece-mos.

É impresso em magnifico papel marfim, typo novo e disposição excellente.

A benemerita Associação dos bombeiros voluntarios promove uma recita em seu beneficio, em que tomará parte o grande actor Taborda.

Foi approvedo com distincção no exame de pharmacia de 2.<sup>a</sup> classe o sr. Virgilio Mesquita Lopes.

## O 'Pimpão' illustrado

Vem esplendido o ultimo numero. O Pimpão consta de 16 paginas impressas em magnifico papel assefinado, quasi todas illustradas, sendo onze de texto em prosa e verso, d'uma grande variedade de assumptos interessantissimos, com magnificas gravuras, entre as quaes sobresae uma magnifica autotypia do tamanho de uma pagina e que, emoldurada, daria um elegante quadro para gabinete. Em outra pagina vem o Fado do Hilario, para piano e canto, em caracteres musicaes que são uma original e espirituosa variedade. Este numero do Pimpão tem o aspecto de uma publicação litteraria e artistica de primeira ordem, em nada inferior aos melhores jornaes illustrados do estrangeiro, tendo sobre elles a vantagem do preço, pois custa apenas 20 réis! Os seguintes numeros do Pimpão — que se publica duas vezes por semana

para ella a fim de lhe explicar o que se passou, com toda a especie de cautellas possivel. Foi toda a tremer que ella entrou no quarto da sua neta, onde Herminia ajudava a criada a despir Alice e a mette-la na cama.

—Minha filha! minha querida filha! dizia ella, cruzando as mãos. Que desgraça te succedeu, a ti que nunca fizeste nada, ao bom Deus? Vós bem sabeis, não é verdade, bem sabeis, mademoiselle de Croizy, que esta criança não merece a mais pequena afflicção! Alice, continuava ella, inclinndo-se sobre a cabeça de M.<sup>me</sup> de Villy como que para se convencer de que não podia deixar de ser ouvida, sou eu, a tua avó, que tantas vezes te embalou quando tu choravas, minha querida, e por causa de quem tu retinhas as lagrimas apesar dos teus grandes soffrimentos de criança, para me não causares pena!

Alice mais palida ainda entre os lençoes brancos e os cortinados azues do leito, mantinha-se sempre inerte, immovel.

—Dae-me para aqui um fauteuil, disse M.<sup>me</sup> de Villy; não quero abandonar a cabeceira da minha infeliz neta.

Herminia tinha-se assentado numa cadeira, em frente d'ella.

—Ah! soluçava a excellente senho-

—serão igualmente illustrados e ao custo de 10 réis!

Para fazer a assignatura d'este interessante periodico basta dirigir um bilhete postal, com indicação de nome e morada para — O Pimpão, rua Formosa, 150 a 156 — Lisboa.

## Passos em Tentugal

No domingo, 22, haverá como de costume esta festa.

Sabbado á noite, haverá procissão da igreja matriz d'esta villa para a igreja da Misericordia, que costuma ser interessante, pela grande porção de candieiros que esbeltas pequenas levam.

Atraz da procissão irá, pela primeira vez, a nova Philharmonica Tentugalense.

No domingo, ás 4 horas da tarde, sairá da Misericordia a procissão, que percorre as ruas d'esta villa. Antes da procissão pregará o sermão do Pretorio o rev.<sup>o</sup> coadjutor de Montemor-o-Velho. Ao recolher haverá sermão do Calvario, pregado pelo rev.<sup>o</sup> prior d'esta villa, Julio da Silva Carvalho.

—

## Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 27 de fevereiro de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa. Vereadores presentes: — arcebispo José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio Lucas, Manuel Miranda, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, José Marques Pinto, Albano Gomes Paes.

Presente a parte da sessão o administrador do concelho bacharel José Miranda.

Approvada a acta da sessão anterior, foi adoptada a conta de gerencia do anno de 1895, apresentada pelo presidente, que se retirou da sala, tomando a presidencia o vice-presidente.

Occupada de novo a presidencia pelo presidente, foi apresentado por elle o projecto do orçamento ordinario para o corrente anno civil, dizendo que ficava sobre a mesa para ser examinado pela vereação e exposto ao publico na forma da lei.

A camara encarregou a presidencia de fazer o preciso estudo acerca das dividas ás Juntas de parochia por effeito das disposições do codigo administrativo e do decreto de 6 de agosto de 1892.

Resolveu secundar o pedido feito superiormente pela junta fiscal de matrizes, para a revisão da matriz da contribuição predial de este concelho.

Concedeu auctorização para se vedar ao transitio de carros a rua entre o mercado e o edificio do hospicio dos abandonados por conveniencia das abas do collector de exgotos ali em construção, fazendo-se o transitio pela serventia ao sul do mercado.

Mandou enviar ao commissario de policia uma participação da repartição competente acerca do deposito de matos na rua da rua da Moeda, feito por um proprietario.

Tomou conhecimento do fallecimento de um asylo no asylo dos cegos.

Mandou orçar a despeza com a collocção de novos degraus nas escadas de S. Thiago.

Resolveu contractar, diversos fornecimentos, segundo propostas apresentadas, de petroleo, azeite e alcool, para a illuminação do logar de Santo Antonio dos Olivaeas, casa da abegoria e casa das machinas; bem como de papel e artigos diversos de expediente para a secretaria e repartições da sua dependencia.

Mandou reparar o telhado e portas da loja n.<sup>o</sup> 43 do mercado.

Auctorizou a compra de uma viga de madeira de mangue de 2 metros e meio para raios das rodas dos carros do serviço da limpeza.

Nomeou um louvado informador para o

serviço das congruas dos parochos, em substituição de outro, fallecido, da freguezia da Torre de Villela.

Mandou orçar a despeza com a reparação da ponte do Porto Seco, junto a Bolão.

Auctorizou a collocção de uma porta nova na loja pertencente ao municipio no Terreiro da Erva.

Auctorizou a presidencia a ordenar o pagamento dos vencimentos de feyereiro ao pessoal da secretaria e mais repartições.

Auctorizou a limpeza e plantação d'arvores nos taludes das estradas municipaes.

Mandou passar licenças para apascentamento de cabras a tres proprietarios, um da freguezia de Santo Antonio dos Olivaeas e a dois d'Eiras.

Atteuou acerca de duas petições para subsidios de lactação a menores.

Approvou o arrolamento de cães, relativo ao corrente anno.

Auctorizou diversos contractos d'avença para consumo d'agua.

Despachou requerimentos: — atestando acerca do comportamento de diversos, e auctorizando a collocção de letreiros em estabelecimentos de commercio; o levantamento de um deposito de garantia a fornecimentos feitos no anno de 1895; o arrendamento em praça de um terreno do municipio ao porto dos Lazarios; a venda de terrenos no cemiterio da Conchada; a collocção de signaes funerarios em sepulturas e a exhumação de cadaveres; a abertura de uma porta de um predio particular para as escadas de Santo Antonio da Pedreira; e a reforma da frontaria de tras predios, dois na rua dos Sapateiros e um na rua das Azeiteiras, sendo approvedos os respectivos alçados.

Indeferiu um requerimento para a venda de alguns loureiros cortados na quinta de Santa Cruz.

## THEATRO AFFONSO TAVEIRA

DOMINGO 15 DE MARÇO

Espectaculo pelo Gremio Dramatico Adelino Veiga, com a oratoria de Braz Martins, em 3 actos e 4 quadros

## O SANTO ANTONIO

## DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

## Escolas e principios de criminologia moderna

PELO

## DR. AFFONSO COSTA

1 vol. em 8.<sup>o</sup> de 341 paginas

PREÇO — 800 RÉIS

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

DO MESMO AUCTOR:

Os peritos no processo criminal 700 réis

A Igreja e a questão social 1\$000 réis

## 40 Folhetim da RESISTENCIA

## UMA VICTIMA DO CONVENTO

XX

Felizmente começou a ouvir-se na extremidade da aia o ruido do passo apressado de varias pessoas correndo. Dois criados traziam uma cadeirinha e, ao lado d'elles, com o chapeu na mão, vinha M. de Villy, esfallado e afflicto.

—Alice, onde está Alice?

—Socega, meu velho amigo, disse M. de Lambrune. É' um accidente, não vale nada, passa já... Tu bem sabes, o que são mulheres, e jovens principalmente... Uma syncope, perceb'st?

—Sim, não ha duvida, respondeu M. de Villy, tomando as mãos de Alice, mas é a primeira vez que isto lhe succede!

Tinha-se posto de joelhos deante d'ella e beijava-lhe a testa.

—Alice, minha querida Alice! repelia elle... Respira ella, ao menos?

—De certo, meu velho camarada, respondeu o coronel. Mas vamos depressa, façamo-la transportar para o castello que é agora o mais importante.

rapé, a applicação de compressas de agua gelada sobre a frente e simplesmente na barriga das pernas.

—O teu medico parece-me um asno, disse brutalmente o coronel a M. de Villy. Vou com elle a Bernay e de lá a Caen onde estive num dos ultimos dias com um rapaz que ha pouco concluiu os estudos de medicina em Paris, um normando, antigo discipulo em Caen do nosso velho amigo L.<sup>\*\*\*</sup> que deve ser um pouco mais forte do que este invalido. Encontra-lo-ei sem duvida e no ultima comboio d'esta tarde, ou quando muito no primeiro de amanhã de manhã aqui estaremos ambos.

O velho medico de Bernay ia-se embora sufficientemente socegado, dizendo que naquella occasião nada mais havia a fazer e que voltaria no dia seguinte «para ver se por acaso se tinha manifestado alguma doença».

A noite foi terrivel para M. de Villy e para a sua pobre mãe. As compressas d'agua tirada d'um poço glacial não surtiram effeito; os sinapismos causaram uma agitação passageira e nada mais. Herminia tinha querido ficar acordada.

—Esta pobre criança, dizia M.<sup>me</sup> de Villy ao filho, está tão afflicta como nós.

(Continua).

Este concluiu para logo que se tratava de uma congestão e ordenou, previamente consultada a sua caixa de

1.ª publicação

43 Pelo juizo de direito da comarca de Coimbra, e cartório do 1.º officio — Escrivão Camillo — por appenso ao inventario a que se procedeu por obito de Antonio Lucas de Paiva e mulher Theresa Ferreira, moradores que foram no Loureiro, freguezia de Sernache, foi requerida por Joaquim Antonio Rodrigues e mulher Joaquina Rosa; Manoel Rodrigues da Paz e mulher Maria Rosa, proprietarios, residente na Freuma de Cima, freguezia d'Almalaguez, José Antonio e mulher Maria José; José Francisco Novo e mulher Maria da Luz, proprietarios, residentes no Casal Pequeno, freguezia de Miranda do Corvo, um processo de justificação a fim de se habilitarem como herdeiros de seu pae, sógro e avô Francisco José Mercador, casado que foi com Mathilde Rosa ou Mathilde de Jesus, fallecido em 18 de agosto de 1881, para os effeitos legais e especialmente para poderem levantar da Caixa Geral dos Depositos a quantia de 1125363 réis alli existente, e que no referido inventario pertenceu áquelle fallecido, da qual pertence uma terça parte á justificante Joaquina Rosa, casada com Joaquim Antonio Rodrigues; uma terça parte a seu irmão José Mercador, solteiro, residente na Freuma de Cima, como representantes de seu pae o dito Francisco José ou Francisco José Mercador e a terça parte restante aos justificantes José Antonio e mulher Maria José, Maria Rosa e marido Manoel Rodrigues da Paz e Maria da Luz e marido Manoel digo marido José Marques Novo, como únicos e universaes herdeiros de sua mãe e sogra Maria Rosa, fallecida em 28 de abril de 1894, no estado de juva de Francisco Antonio, filha do dito Francisco José Mercador. — Pelo que se passam editos de 30 dias e por estes se citam as pessoas incertas que se julgarem com direito á quantia acima referida de 1125363 réis, a fim de deduzirem o que tiverem a oppôr dentro do prazo legal e verem accusar a citação na 2.ª audiencia d'este juizo, posterior ao dito prazo, que se contará desde a segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, declarando-se que as audiencias neste juizo se fazem ás segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados ou feriados, porque neste caso se farão nos seguintes se o não forem também, e sempre por 10 horas da manhã no tribunal judicial, sito na Praça Oito de Maio, d'esta cidade.

Verifiquei a exactidão. O Juiz de Direito, Neves e Castro.

42 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego. Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvores de fructo e casas. Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

**Caixeiro**

41 Na casa de Augusto Luiz Marthá, aceita-se um que tenha pratica de papelaria. Praça do Commercio, n.º 76 a 78. — Coimbra.

40 Vinho sem competencia em preço e qualidade: Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro. Também ha vinho bom a 70 réis o litro. Verde engarrafado, garrafa 100 réis. Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento. Taberna á 8ª Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

9 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender. Completo sortido de cordões e bouquets, fanebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças. Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações fanebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

**AGUAS MEDICINAES**

DA

**FORTE NOVA**

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemiinadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhinites, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithias hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

**A venda em todas as pharmacias e drograrias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.**

**Depositos em Lisboa**—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drograria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 495; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

**Depositos no Porto**—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drograria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira Largo de S. Domingos.

**Deposito em Coimbra**—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

**Deposito na Figueira da Foz** —Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

**5 RÉIS POR HORA**

**E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.**

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encomendas: a JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

**MANTEIGA DA CONRARIA**

**Vende-se no Café Lusitano**

**A' LA VILLE DE PARIS**

Grande Fabrica de Cordões e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

12 **CASA** filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

17—ADRO DE CIMA—20

**CASA LEÃO D'OURO**

117, Rua Ferreira Borges, 123 — Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

3 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para makferlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobreacasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 15800 a 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automaticas, de 450 a 45500 réis.

**PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO**

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

**BICYCLETES PNEUMATICAS**, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000!!

Uma machina industrial oscilante de Singer—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

*NOTA*—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

**ESTABELECIMENTO**

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

5ª, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgets.

**Faqueiros:** Crystalle, metal branco, esbo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimaraes.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**ANNUNCIO**

(2.ª publicação)

3 No dia 22 do corrente por 11 horas da manhã na rua do Visconde da Luz n.º 9, 102 a 106, pelo processo de fallencia de Domingos José Gomes, d'esta cidade, não de ser vendidos em lotes todos os artigos e mobilia do estabelecimento do fallido Domingos José Gomes, e em globo a mobilia da casa que foi habitação do mesmo fallido, artigos que abaixo vão indicados—e que serão postos em praça pelos preços da avaliação. *Artigos do estabelecimento*—Objectos de bijouteria; fazendas brancas, e outras, taes como: caixas para joias; sabonetes; caixas para luvas; voials de lã; diversos percaes; chitas; flanelas de lã; setins d'algodão; colletes d'espartilho; casteletas; flanelas para vestidos; cortes de lã; cheviotes e casimiras; bretanhas; lengos de algodão e de lã; rendas; sapatos de trança; sombrinhas; camisas brancas de flanela; capas; luvas; veludos; setins; chailes; tules; gravatas; fitas e outros artigos—escrevaoninha; prensa e banca; cadeiras; bancos; candieiros; contador e canalisação; malas; manequins; cabides e outros objectos. *Mobilia da casa*—Sofá; cadeiras; mesas; candieiro de suspensão; armario com portas de vidro; louças e vidros; camas de ferro; fogão e objectos de cozinha.

Verifiquei a exactidão

Neves e Castro.

**COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE**

Capital réis... 1.344.000.000  
Fundo de reserva... 2.100.000.000  
**SEDE EM LISBOA**

2 **E**sta companhia a mais porosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobillias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

**QUINTA**

1 **Vende-se** uma proximo d'esta cidade.

Dá bom rendimento, tem terra de semeadura, pinhal, arvores de fructo, olival, vinha, etc.

Para informações, no estabelecimento de ferragens de João Gomes Moreira, rua de Ferreira Borges, n.º 50 a 52.

**“RESISTENCIA”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

|                 |       |
|-----------------|-------|
| Com estampilha: |       |
| Anno.....       | 28700 |
| Semestre.....   | 15350 |
| Trimestre.....  | 680   |
| Sem estampilha: |       |
| Anno.....       | 28400 |
| Semestre.....   | 15200 |
| Trimestre.....  | 600   |

**ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 113

COIMBRA — Quinta feira, 19 de março de 1896

2.º ANNO

## Mousinho d'Albuquerque

Acaba de ser promovido a major este heroico official. No *Diario do Governo* chegado hontem, lê-se o seguinte decreto:

«Tendo entrado na secretaria de estado dos negocios da marinha e ultramar o relatorio do capitão de cavalaria Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, pelo qual se reconheceu officialmente haver esse capitão praticado o heroico feito de aprisionar, no meio de milhares de vatuas, o regulo Gungunhana pondo assim brilhantissimo termo á guerra empreendida em defesa da honra nacional nas longinquas regiões de Africa, onde a bandeira portugueza foi de todas as das nações europeas a primeira a tremular, e querendo eu dar a esse valente official um publico testemunho do alto apreço e da subida consideração em que tenho o arrojo e denodo com que se distinguuiu entre todos os seus camaradas do exercito e da armada, que por muitos actos de incontestavel bravura se assignalaram em tão rude campanha: hei por bem promover, por distincção, ao posto de major o referido capitão Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, devendo a antiguidade ser-lhe contada do dia 27 de dezembro de 1895, em que levou a effeito o aprisionamento do regulo africano, cuja rebeldia tantos e tão penosos sacrificios custou ao país.

O ministro e secretario de estado dos negocios da guerra assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 13 de março de 1896.—REI.—Luiz Augusto Pimentel Pinto.»

Merecida foi a distincção e ha mais tempo o governo a devia ter conferido.

Comunicações officiaes do heroico feito de Mousinho de Albuquerque tinha-as o governo recebido ha muito tempo das auctoridades competentes, não se tornando necessario aguardar o relatorio de Mousinho de Albuquerque para o galardoar devidamente.

A demora, porém, ainda poderia pretender-se justifica-la com tal pretexto, se de todos não fosse conhecido o procedimento comico, que outra designação não merece, do illustre Festas neste assumpto.

Primeiro promete apoiar as promoções por distincção, quando foi apresentado um projecto no *Solar dos Barrigas* sobre esse assumpto; depois, havendo consultado alguns officiaes, oppõe-se abertamente ás promoções por distincção tanto no *Solar dos Barrigas*, como na camara dos dezanove; agora, sem facto algum que viesse mudar a face das cousas, promove por distincção Mousinho d'Albuquerque! Como tudo isto é ridiculo e mostra do modo mais evidente que é a intriga miseravel que entra como factor determinante na resolução das mais gra-

ves problemas da administração publica!

Principios, normas inflexiveis de proceder, é cousa que os ministros do rei absolutamente desconhecem. Ha nelles absoluta carencia de dignidade politica. Fazem num dia as mais solemnes e categoricas affirmações, para no seguinte as combaterem e reprovarem, sem que se lhes descubra nas faces o minimo vislumbre de vergonha por tão repetidas e miseraveis incoherencias.

Querem os ministros conservar-se no poder. Os meios pouco importam, a elles e a quem incondicionalmente e soberanamente os apoia e protege. Que o país tudo tem soffrido, tudo tem supportado sem levantar um protesto digno, allivo, contra a enorme serie de attentados e torpêsas dos que se dizem seus representantes. E só perante a força recuará quem, sem ligar a minima consideração ás leis e ás normas mais rudimentares da moral, procura satisfazer caprichos, ambições e os mais inconfessaveis interesses.

O tempo o dirá.

O sr. ministro da fazenda apresentou as suas propostas, que parece levantarão grande opposição por parte das forças vivas do país com assento no *Solar dos Barrigas*. A proposta relativa á contribuição predial parece que já está condemnada, e que o triste ministro o sabe e se conforma. Conformar-se, e fica.

O dr. Jameson que no Transvaal soffreu vergonhosa derrota, obteve extraordinaria compensação na Inglaterra. M. l. desembarcou em Plymouth, foram-lhe entregues 150 cartas, com as mais lisongeiras propostas de casamento. Parece que Jameson está resolvido a mudar de estado, mas ainda não fez a escolha nem está disposto a usar dos processos seguidos pelo sr. Pimentel Pinto.

Era um meio de resolver o problema, cuja difficuldade é obvia, mas também somos de parecer que só o sr. Pimentel Pinto pôde usar d'elle.

## Dr. Bessa de Carvalho

Noticias particulares dizem-nos estar convalescente da grave doença que o atacou este nosso querido amigo e distincto director da *Voz Publica*.

Estimamos sinceramente as suas melhoras, desejando que os ares de Villa Meã, para onde se retirou, o restabeleçam em breve.

Prestou juramento de vassalagem a Portugal o soba de Cacoma, senhor das terras de Camoquenque.

O sr. Thomaz Ribeiro regressa em maio ao Rio de Janeiro.

No Africa vieram dous pretos menores, que tinham sido mordidos por um cão hydrophobo, para serem tractados no Instituto Bacteriologico.

## Dr. Antonio José d'Almeida

Partiu esta noite para Lisboa, d'onde seguirá, em 23, para a Ilha de S. Thomé, o nosso querido correligionario, collega e amigo, dr. Antonio José d'Almeida.

Dizer aqui, nesta hora amarga d'um apartamento por longos meses, o que tem sido Antonio José d'Almeida como homem e como republicano; mostrar agora, no meio da viva saudade que elle nos deixa e da grandissima falta que elle nos faz, quão elevado é o seu talento, quão puro é o seu caracter e quão firme é a sua dedicação partidaria,—é tarefa pesada de mais, é sacrificio com que não pôde o estado do nosso espirito.

A elle, ao chefe, ao inspirador, ao apostolo generoso e grande do grupo republicano academico; a elle, ao propagandista vigoroso e inelmerato dos ideaes que nos impellem contra a monarchia e que nos dão esperanças de rejuvenescimento da Patria,—sirva de lenitivo, no meio das mais pungentes saudades, a certeza de que deixou, em cada um dos republicanos de Coimbra, um amigo dedicado e fervoroso. E a nós, aos que tanto precisaríamos sempre do calor das suas doutrinas, do entusiasmo da sua fé e da grandesa da sua alma,—fique a consolação de que, mesmo de longe, o seu espirito está connosco, a amparar-nos, a dirigir-nos e a fortalecer-nos, nesta cruzada sancta em prol do país e contra a realésa que o arrastou para um abysmo.

Lá partiu elle! Por pequena que seja a sua ausencia, commove-nos e afflige-nos. E porisso, esta noite, na estação nova e na velha, aonde, apesar da intemperie, o acompanhámos todos,—amigos pessoaes, grupo republicano academico, republicanos de Coimbra, commissão municipal, redactores da *Resistencia*, etc.—era visivel a impressão dolorosa, a funda saudade, que dos corações subia aos labios e se traduzia por abraços repetidos e multiplicados.

Que elle seja feliz na execução dos fins, que o levaram a emprender esta viagem. Que elle preste, com o seu talento superior e com o seu já grande saber, os serviços clinicos que tanto o hão de nobilitar. Que rapidamente recolha os elementos, de que carece para a feitura do livro, que se propõe escrever acerca da Ilha de S. Thomé, considerada sob diversos aspectos.

E... que volte depressa!

Eis a sua carta de agradecimento e despedida:

Meus queridos amigos!

Pego-lhes o favor de me cederem um pequeno espaço na *Resistencia*, para apresentar as minhas despedidas aos nossos correligionarios de Coimbra, a quem mais uma vez affirmo a minha plena solidariedade politica, junctamente com a minha gratidão pelas generosas attentões que me têm dispensado.

É geralmente me despeço por este

meio dos amigos pessoaes que tenho a honra de contar nesta cidade.

A todos offereço os meus humildes servicos na ilha de S. Thomé.

E aos meus amigos e antigos collegas da *Resistencia*, envio num abraço a expressão sentida e calorosa do meu affecto.

Vosso do coração  
Antonio José d'Almeida.

Coimbra, 18 de março de 1896.

## Em defesa da liberdade da imprensa

Alguns jornalistas, attendendo ás vexatorias disposições da lei de 13 de janeiro de 1896, resolveram formular contra ella o seguinte

### PROTESTO

Os abaixo assignados, jornalistas, homens de letras e mais cidadãos livres, vêm solemnemente protestar contra a ultima lei repressiva da imprensa, de 13 de janeiro de 1896.

Com as leis anteriores já eram applicadas á imprensa periodica duras penalidades.

Agora, porém, além de penas crueis vae achar-se a mesma imprensa dependente do puro arbitrio.

O jornalismo fica sujeito a penas tão incertas e arbitrarías, que a nova lei se presta já a diversas e contradictorias interpretações.

A liberdade de imprensa, a principal garantia dos povos livres, acha-se á mercê dos poderes publicos e em circumstancias muito mais aggravantes do que na epocha da censura previa.

Custa dizê-lo, mas é uma triste verdade.

Em 1850, apesar das disposições repressivas da intentada lei da imprensa serem muito menos violentas do que as da actual lei, vieram lavar um energico protesto contra ellas os mais distinctos jornalistas e homens de letras, dos diversos partidos politicos, ao que adheriram numerosissimos cidadãos das diferentes classes da sociedade em todo o país.

Faltaria ao seu dever a actual geração, senão seguisse agora tão nobre exemplo; e tanto mais quanto as razões para assim proceder são na actualidade muito mais justificadas.

Se a imprensa periodica tem de ser victima das cruelissimas disposições penaes da ultima lei, que o não seja sem um protesto levantado como é proprio de cidadãos livres.

Joaquim Martins de Carvalho, Magalhães Lima, Alves Corrêo, Francisco Teixeira de Queiroz, J. J. da Silva Graça, José Maria d'Alpoim, Gomes da Silva, Faustino da Fonseca, J. Cecilio Sousa, Vieira Corrêa, Alfredo Gallis, Eduardo Burnay, Teixeira Bastos, Theophilo Broga, A. Porphirio de Carvalho, M. M. Augusto de Sousa Bruschy, José Augusto de Oliveira, Moreira Reis, José Antonio de Andrade, Fernando Pedroso, Visconde de Melicio, Feio Terenas, Ernesto da Silva, Eudoxio Cesar Azedo Gnecco.

Todos os cavalheiros que desejem assignar este protesto, podem enviar o seu nome a esta redacção.

## Bagatellas

O sr. José Maria d'Andrade, metitissimo desembargador, enviou ao *Comimbricense* uma allegação justificativa, ou como melhor dizer-se possa, na qual refulgem affirmações e conceitos, que é mister recolher nos vasos aureos do carinho publico.

A carta do austero jurisperito é um trecho de pilheria profundamente denunciante da noção esthetica, que se abriga no espirito da magistratura, acerca do acatamento devido aos predios antigos.

É commovente!

O caso passou-se assim: sendo s. ex.º o actual possuidor da *casa acastellada da rua de Subripas*, notou que havia alguns cordões de pedra da ornamentação quebrados nalguns pontos e occorreu-lhe a luminosa idéa de encarregar um artista competente da tarefa, qual era a de chanatear com cimento hydraulico essas fracturas, com a cor amarellada escura, a fingir com exactidão esses cordões partidos (sic). Assim pretendia,—e muito bem!—que em nada fosse alterado o estylo manuelino!...

O sr. juiz suou e tressnou por descobrir um restaurador competente. Podia aproveitar o architecto manuelino do paço de lá de cima; mas preferiu haurir em fonte limpa: e chamou—um caiador!

Mas, como o diabo as arma!...

Exhorta-o com recommendações a que seja respeitador convicto do estylo. Inclusive ordena que os chanatos sejam a cimento hydraulico,—substancia aliás bem conhecida e toda propria para remendar cordões. E vae o artista competente fazer uma coisa, da qual talvez sem desdouro se possa dizer—uma porcaria! Já é!

Visto, porém, que o competente exorbitou, vem elle em pessoa,—o meretissimo magistrado!—nas proximas ferias de Paschoa,—para tudo se compôr na sua presença!

Agora é elle quem dirige; e o predio acastellado ha de ficar uma lindésa!

Effectivamente, passados assim os factos, o sr. juiz tem razão ás carradas para dar um estrondoso e solemne cavacão!

Escreveu in continenti ao mestre da obra fazendo-lhe sentir o desvio da recommendação, e recommendando-lhe (bis) que fizesse com cautella desmanchar a obra feita e deixar tudo no estado anterior.

Ora apanha!

O mestre desviou-se? Pois bem, não se lhe pague! Não recebe uma de x! E que o artista competente applique d'esta vez a sua competencia á sua incompetencia!

Olaré!...

Mas ha mais: e isto nos embarga a voz de jubilo!

Com as mãos na massa, o sr. juiz, nessa memoravel epistola, pede que o erudito redactor do *Comimbricense* lhe ministre indicações para escrever a historia d'esse edificio!

Vae escrever! O que lhe falta apenas são os materiaes. Isto é,

não sabe ainda o que ha de dizer; mas é ponto assente que escrevel...  
*Memorias da casa, diz elle!* E parece ser um bom titulo!

## Notas d'um azedo

XXII

XXIV—Livros...—II. Neste valle de lagrimas.— Ou que eu não tenha lido jornaes, ou que nem tugido nem mugido hajam elles sobre o assumpto, o caso é não conhecer eu, ao fazer d'esta, a opinião dos meus contemporaneos sobre o ultimo livro de Silva Pinto.

Porque os cavalheiros mais madamas sabem, que é da praxe e da ignorancia repentina dos nossos contemporaneos o luxo estranho, inverosmil, de se permittirem opiniões sobre tudo, sobre todos:— politica, arte ou carestia dos generos,— e, o que é um pouquinho mais obscuro, mais grave, sobre os livros que não leram.

As madamas sabem, e os cavalheiros conhecem a historia. Sahe um livro: O mercantilismo editorial ou a amavel, ingenua, deferencia do auctor, atiram-no, sem resguardos, sem cautellas, ao chavascal de sacripancias, que, no argot polido, modesto, de vadios e rufões, se exprime pelo eufemismo patusco, pelo hilare sacrilegio de mesa de trabalho, ou sala de redacção.

Ahi, entre facadas no proximo, pequentinas infamias do *metier* e decilios caloteados na tasca da esquina, a penna d'um sevandija, atassalha, babuja as chapas sacramentales: *Recebemos e agradecemos o interessante livro do nosso amigo e collega F., edição luxuosa do arrojado editor C. Mais de espaço nos occuparemos d'este trabalho de largo folego.*

E não se lê o livro.  
Se o editor é annunciante ou da purria politica do gazeteiro é o auctor, se paga ceias ou pôde dar borlas na cafeteria da Praxedes, o *mais de espaço* surde um dia e occupa-se a folha, em saracoteios de zorrana culadera, do talento e mais partes do illustre escritor. Sendo amigo, da casa, boa pessoa, de lindos sentimentos, pede-se-lhe até que feça o artigo, o proprio panegyrico. De um novo sei eu, que, a aproveitadinho nas lições dos velhos, pelo processo, cravou nas gazetas apenas dezeseite.

Mas o livro não se lê.  
Arranca-se-lhe, quando muito, a dicicatoria, e vae para o caga-cebo, para a feira da Ladra, por seis vintens e, se caso, chega a doze, é homem de genio o auctor e em interjeições laudativas se escagarrinha, em *chômage* de assumpto, a gratidão do critico.

E os meus contemporaneos, lidas as folhas, formam opinião sobre o nome e o valor d'uma pessoa honrada, bom chefe de familia, papá exemplar, empregado publico modelo, e— quando Deus quer! — homilho de talento.

É velho isto.  
Já assim era no tempo de Balzac, no *Paris das Illusões Perdidas*.

É assim, neste aprisco de moainantes, no anno da graça de noventa e seis, em que Silva Pinto publicou o volume precioso:— *Neste Valle de Lagrimas*.

As gazetas, *mais de espaço*, nada disseram.

Feliz d'elle!  
Tinham dito tudo o anno passado quando a especulação antonina cotára a capa dos *Santos Portuguezes* em nove vintens e meio.

Feliz d'elle, que d'esta feita logrou escapar.

Não por completo, em toda a linha que a consciencia impõe-me de quebrar silencio e vir, mui lampeiro, senhor de mim, com o coração nas mãos, saudar o novo livro do grande estilista, que, com igual franqueza, igual sinceridade, eu magoel, aqui mesmo, quando a opinião conspicua de toda a gente lhe glorificava o triumpho, lhe festejava o successo d'um livro mau, frouxo, que o *Neste Valle de Lagrimas* vem de condemnar, mais uma vez, no seu brillantissimo, a uma obscuridade pacifica, bonacheiroua, de pobre mediocridade envergoadada da grandêssa masculina dos seus irmãos.

É sinto-me bem, á vontade, liberrimo, neste campo, pois de tamanho meu espirito se afiez a admirar em Silva Pinto,— mais ainda que a velha carcassa de luotador batida por trinta temporaes, por mil vezes, mil combates, sempre victoriosa, sempre ovante,— as qualidades, de mais em mais raras, apreciabilissimas, d'um prosista enorme, acuto e reflexivo,

servido por uma dose de pessimismo, ora sombrio, ora feminil, que, fazendo-o reverter do successo incolor, com esininho do dia a dia, ás considerações psychologicas de caso, ás incoercibilidades recatadas, mysteriosas, das determinadas, ora expludem em fogos fatuos de gargalhada, ora em prantos irreprimiveis de lagrimas amarissimas.

E quando, como no *Valle de Lagrimas*, a seleccion entre os retalhos, entre as paginas soltas, que constituem, quasi, a obra do critico, é determinada, só, sem reservas, sem interlihas, pela sinceridade, pela vida, que essas prosas contem, estas duas qualidades ressaltam, desgrenhadas, imponentes, alterando-se, succedendo se, numa proporção fatálica, harmonica, de gargalhada e de pranto, de amargura e de riso, por guiza tal, que fechado o volume na ultima pagina fica-se uma pessoa indecisa se ha de só chorar, se só rir, depois de ter chorado e de ter rido.

E o titulo do livro neste caso, que, porventura, é typico, é modelo, vem contrarejar para a banda da caramunha:— *Valle de Lagrimas, Valle de Lagrimas*...

Mas porque não *Valle de Galhofa*, se é de alacrias e tristias o volume?

Ahi sim... Mas é de tristezas a vida.  
Mesmo quando o rictus se distende, se abre, numa gargalhada, a garganta aberta-se num soluço e os olhos, macerados de tanto viverem, afogam-se em agua, vitrejam-se de dôr.

*Valle de Lagrimas*... *Valle de Lagrimas* a que á razão, os safanões da vida, sacaram já, por nosso mal, a esperança nossa, a advogada nossa, da nossa fé, da nossa crença.

*Valle de Lagrimas*, livro vivo, que *Valle de Galhofa* seria um livro de morto.

É o livro é dedicado a uma creança...

Para que se ha de mentir á innocencia?...

×

Porventura é typico, é modelo, disse eu.

Sem mór difficuldade aboliria a duvida, a condicional, se não fora lícito esperar da penna de Silva Pinto ainda outros livros, outras provas, outros modelos a que nuncia a camaradagem, o morgadio do *Valle de Lagrimas* envergouará, mas que, quem sabe? poderão supplantá-lo, excedê-lo no terreno amplo, nos horizontes largos que o grande estilista tem diante de si

Dos escriptos o melhor. Na maturidade sã, vigorosa, do seu temperamento, nunca Silva Pinto subiu tão alto, como agora. Numa escala ascendente, desde o começo, vae progredindo, melhorando e a *Philosophia de João Braz*, o mais perfeito, mais completo, de todos os seus volumes, vem de ser desbancado, com gloria, vem de ceder o passo ao *Valle de Lagrimas* em que a Arte suprema de Silva Pinto se revela pujante, inexcidível, inimitavel, na magia extranha, bizarra, de fazer prosa, de fazer arte com os logares communs, com as gastas chapas, banaes, sedicas, com que todos nós, os subalternos, fazemos asneiras sob a forma grandiloqua de artigos de fundo, ou sob a macarilha garota de apreciações litterarias...

Mas em todo o caso asneiras.

×

É eu asnel de mais, não é verdade?

F. V.

## Cuba

Os ultimos telegrammas communicam a noticia de que, em virtude de uma confusão funesta para as tropas hespanholas, as forças dos regimentos de Llorena e de San Quintin se bateram uma contra a outra, durante seis horas, no Engenho do Cano. Este desastrado combate só cessou quando se reconheceu, pelo contra-signal d'uma corneta, a força do regimento de San Quintin, dando como resultado 12 soldados mortos e feridos 5 officiaes e 27 soldados.

## RELATORIO

DE

### MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

No *Diario do Governo* de 17 do corrente veio publicado o relatório de Mousinho de Albuquerque sobre a prisão do Gungunhana.

A importancia d'esse relatório leva-nos a transcrever a parte que reputamos mais interessante.

Como v. ex.<sup>a</sup> vê tinha-se enraizado no meu espirito a idéa que eu havia de prender ou matar o Gungunhana dentro de poucos dias, ou a pouco e pouco todo o prestigio que resultou para as nossas armas dos combates de Marracuene, Magul (7 de setembro), do bombardeamento das povoações marginaes do Limpopo, e principalmente do combate de Coollela (7 de novembro) e incendio de Manjacaze (11 de novembro), se iria obliterando no animo d'estes povos, e o regulo iria reunindo gente de guerra, recuperando forças e fazendo voltar á obediencia muitos dos que, movidos pelo terror, o tinham abandonado. Bastaria para isso elle fazer pequenas correrias por todo o vastissimo territorio de Gaza. D'ahi proveiu eu tomar a resolução inabalavel de acabar por uma vez com o regulo vátua, fossem quaes fossem os recursos com que podia contar, os perigos a correr, e as probabilidades do exito da empresa. E seja-me licito neste ponto affirmar que esta resolução, calando fundo no animo dos officiaes e praças que me acompanhavam, e evidenciando-se aos indigenas que muito se espantaram da exiguidade das forças de que eu disponha para uma empreza que se lhes afigurava tanto mais perigosa quanto era grande o medo que o regulo ainda inspirava, foi o principal factor do aprisionamento d'este potentado, porque incutiui nas praças um entusiasmo que as fez vencer fadigas e arrostar perigos com uma alegria e boa vontade de veras surpreendentes, attendendo para mais ao mau estado de saude da maior parte.

No dia 25 á uma hora (p. m.) embarcou na lancha canhoneira *Capello*, o primeiro tenente Sanches de Miranda, levando sob o seu commando o facultativo de 1.ª classe Amaral, 5 praças da brigada de montanha, 3 de artilheria 3, 4 de artilheria 4, 37 de infantaria 2 e 1 soldado indigena, o n.º 39 da 2.ª companhia de caçadores n.º 3 de Africa.

No dia 26 ás cinco horas (a. m.) marchei por terra com o tenente graduado Couto, o soldado de cavallaria n.º 1, n.º 84 da companhia, o interprete João Massabiana, o soldado indigena da policia de Moçambique n.º 14, 207 auxiliares de Languene, Chai-Chai e Sofogasi, a quem mandei deixar no posto as armas de fogo que traziam (Martini Henry, Albim e de carregar pela bocca), e 75 carregadores que levavam arroz, temperos e vinho que chegariam para dez dias, reduzindo as rações de 50 por cento. Nesse mesmo dia pelas quatro horas (p. m.) chegamos a Zimacaze, cerca de 3 milhas a montante da foz do Chemgane onde a *Capello* nos esperava.

Durante a marcha varios chefes da Buingella e Manguni, dos que tinham já ido pegar pé a Languene, se apresentaram com as suas guerras pedindo para nos acompanhar (certamente com a mira na pilhagem de mulheres e gado, em caso de exito), o que primeiro recusei, mas ao que, em vista do muito que instavam, tive que acceder, embora com repugnancia, e só depois de verificar que não traziam armas de fogo. Cheguei assim a Zimacaze com perto de 1:500 a 1:800 auxiliares.

Tambem durante a marcha, ás onze horas (a. m.), vieram dois enviados do Gungunhana (os mesmos que tinham ido a Languene no dia 19), trazendo duas pontas de marfim para mim e 6 libras para as mulheres do Muambaxeca. Vinham pedir á este que intercedesse para que eu esperasse no vapor pelo regulo, que queria ir lá pegar pé e fazer paz. Não recebi as libras por não estar presente o destinatario e respondi que esperaria, mandando com os enviados do regulo um irmão do secretario de Languene para trazer ao vapor a resposta, observando ao mes-

mo tempo o que podesse quanto ás forças que o cercavam, defeza da povoação, etc. O regulo dizia-se ainda proximo Manguanhana a umas seis horas de Chamite.

Confesso que quando cheguei a bordo estive um tanto preplexo. Se marchasse naquella noite podia o regulo avisado a tempo, fugir, e eu perder assim a occasião de o haver ás mãos, e expunha a tropa ás fadigas e privações que demandava uma perseguição demorada. Por outro lado não acreditava na sinceridade do Gungunhana e receava que elle apenas quizesse ganhar tempo para fugir, tanto mais que durante a noite, apesar da chuva, viam-se nos montes mais altos fogueiras, evidentemente para dar signal da presença da lancha.

Felizmente um facto inesperado veio acabar com esta indecisão.

Durante a tarde tinham chegado mais guerras, e á noite chegou a de Culo ou Cuio (irmão do Muzilla).

Às doze horas da noite um preto gritou de terra que queria vir a bordo; mandei-o buscar. Era um homem do Cuio que vinha dizer que o Gungunhana aproveitara a saída da gente de guerra da povoação d'aquelle para o mandar prender pelo chefe Yuiãna, cuja povoação ficava a duas ou tres horas de Zimacaze, no caminho de Chamite.

(Continúa).

Está sendo distribuido o *Anuário da Universidade* do corrente anno lectivo.

Estes annuarios são repositórios de informações apreciaveis no presente e valiosissimas no futuro.

O volume d'este anno excede em muito os anteriores no esmero typographico e no aspecto luxuoso e agradável da edição. E é uma segura prova para aquilatar os esforços dignos de louvor e incontestaveis progressos realizados nos ultimos tempos na imprensa da Universidade.

## Partido republicano

Nos Açores

O nosso estimavel collega o *Preto no branco* dá as seguintes informações:

«A organização das commissões municipais republicanas está sendo o thema predominante na politica michaelense.

Falla-se d'essas aggremações com interesse e com entusiasmo crescente, porque todos, gregos ou trojanos, reconhecem que ellas hão de exercer uma influencia notavel na sequencia da politica local.

O partido republicano em S. Miguel, dispõe já de elementos valiosos para lutar e affirmar prolicuamente a sua missão moralisadora; mas, para que a sua acção seja completamente efficaç, carece de mais cohesão e homogeneidade nos seus actos.

É a este alvo que miram as commissões municipais, cuja installação em Ponta Delgada, Ribeira Grande e Lagôa se annuncia para breve.

A propaganda permanente, realisada por ellas junto dos povos dos concelhos, e a coordenação dos seus esforços num sentido commum, são vantagens que lhes dão a maxima importancia.

Após o estabelecimento das commissões, será publicado um manifesto, onde ficará traçada a summa das aspirações theoricas do partido republicano federal michaelense, assim como as providencias practicas que se propõe realizar.

## Te-Deum

A Mesa da Irmandade do Senhor Jesus de Santa Justa manda celebrar hoje, pela 1 hora da tarde, na igreja de Santa Justa um solemne *Te-Deum* em acção de graças pelo triumpho das armas portuguezas em Lourenço Marques.

Assiste á solemnidade o sr. Bispo Conde e será orador o sr. dr. Francisco Martins, lente da faculdade de Theologia.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

## Carta de Lisboa

Lisboa, 17 de março de 1896.

A hora em que lhes escrevo, mergulha o contribuinte o nariz nas propostas de fazenda, farejando que ha de ser esfolado. Ainda não vi tudo. Uma disposição extraordinaria encontro porém nessas propostas. É quando se falla do empréstimo dos 9000 contos para navios, que será posto á ordem da Junta do Crédito Publico, e ficará sob a responsabilidade dos membros da junta. Esta deliciosa confissão da falta de credito do governo feita pelo financeiro de Caneças, é divina.

São os ministros os primeiros a não confiar em si próprios.

Vão estando de accordo com a nação.

Devem ter lido as noticias de Cuba.

Nuestros hermanos, por engano, já se batem uns com os outros.

Á falta de apanharem *los de Cuba* tudo lhes serve para a lueta. Oh! immortaes moinhos do D. Quixote!

Em Italia tudo manso.

Aquelles rugidos, aquellas imprecações dos primeiros dias, converteram-se em expectativa benevolia. A amnistia não foi considerada uma reparação mas uma concessão quasi divina. A guerra em Africa liquida em capitulação desprezível. Todavia continuam partindo reforços. Mas já não ha protestos á sabida dos soldados. As mulheres vão á estação com os filhos e choram. Tudo em paz, seguro no throno, o rei Humberto ri.

Com os primeiros calores, o aborrecimento vaee invadindo a politica. O sol enerva e na estação da pandiga que se aproxima todos encontram justificação á sua indifferença, á sua cobardia.

Este povo feliz põe toda a sua esperança nas proximas touradas e exulta com a criação do prego nacional.

Vamos pensando nós na bema-venturanças.

Sabiu o protesto contra a ultima lei repressiva da liberdade de imprensa.

### Folhetim da RESISTENCIA

## UMA VICTIMA DO CONVENTO

XX

As 10 horas da manhã, M. de Lambrune tinha chegado com o doutor Pierre Touzeaud que é hoje uma das celebridades dos hospitaes de Paris.

O joven medico olhou attentamente para a doente, durante meio minuto apenas, tomando-lhe o pulso.

— Não ha febre, disse elle; melhor! Mas está muito longe de ser o que vós me tinheis dicto, coronel.

— Ha perigo imminente, doutor? perguntou M. de Villy.

— Não, senhor, respondeu Pierre Touzeaud tirando as ataduras que envolviam a cabeça de M.<sup>elle</sup> de Villy. Mas, fôra com as compressas e com os sinapismos! Vamos a metter mademoiselle num banho.

— Respondeis pela vida d'ella? disse a velha avó, apertando-lhe as mãos como para vér se elle tremia de receio tanto como ella.

— Pela vida? Certamente, madame, respondo.

— Não nos deixaes, está claro? perguntou M. de Villy que não tinha at-

ingido o alcance da restricção que o joven medico pozera na sua resposta.

Não succedera o mesmo a M. de Lambrune que tratou de interrogar em particular o doutor Touzeaud, conduzi-lo para o quarto que acabava de lhe preparar.

— Coronel, disse o medico, M.<sup>elle</sup> de Villy não teve nenhuma congestão, e se o medico de Burnay, em lugar de se limitar a um tratamento relativamente benigno posto que perigoso se se continuasse, tivesse tido a desgraçada ideia de fazer uma sangria como deveria ter feito, visto o diagnostico que fez, matava-a com certeza. O caso é, porém, completamente diverso; ao contrario do que elle imaginou, tracta-se de uma anemia cerebral que produziu este estado. De que modo? Ignoro a causa e vós tambem provavelmente. Mas M.<sup>elle</sup> de Villy recebeu um choque que, se não lhe colloca a vida em perigo, como eu disse ha bocado, lhe ameaça todavia a razão.

— A razão? A pobre criança ficará doida, meu joven amigo?

— Não vamos tão depressa; felizmente não ha febre e espero que o banho, embora tardio, prevenirá qualquer accesso.

Emmanuel acabava de passar no corredor e cruzara com Pierre Touzeaud e com M. de Lambrune que correspon-

de enramalhetar de adjectivos laudatorios avalia de tal empresa. Basta o titulo das obras e o seu preço, 100 réis, para tecer o elogio eloquente do seu editor Augusto de Oliveira—Livraria Moderna — Coimbra.

...E os nossos agradecimentos.

O Berro—Humorismo, talento, arte, mocidade, e, sobretudo coragem, desassombro, no meio pôdre d'uma sociedade de cobardes, de cretinos, de desavergonhados. Não é um semanario de caricaturas, é uma necessidade social.

Tira uma pessoa o chapéu, applaude com ambas as mãos, pede mais. E Celso e Chagas acedem... Se elles são novos e têm talento...

João da Nova.

## Moçambique

Foi nomeado governador geral de Moçambique o major Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque.

De Lourenço Marques recebeu-se o seguinte telegramma official:

«Lourenço Marques, 16, ás 2 h. e 35 m. da l.—Ultramar—Lisboa.

Chegou Mousinho. Territorio Maputo perfectamente submittido em resultado razzias constantes feitas por Mousinho, que percorreu todo o territorio desde Inhaca até á fronteira inglesa e Mus-suati em marchas forçadas com a cavallaria. Apprehendidas cerca de 1:000 cabeças de gado. Já cobrada a contribuição de guerra de 1:800 libras. A cobrança continúa. O regulo refugiado em territorio inglés. Em Maputo, além da guarnição indigena, ficaram 40 praças europeas.—Lança.

## Bibliographia

Publicado o 2.<sup>o</sup> volume da *Bibliotheca Internacional*, publicação arrojada e digna, como poucas, d'um acolhimento lisonjeiro, entusiastico de parte de todos os que se interessando pelas boas lettras, pela religião da Arte, não podem nem devem deixar passar despercebidos, sem o seu applauso e sem o seu concurso, as empresas, que, arrostando com a mesquinha pequenez do nosso mercado se abalangam a emprehender a vulgarização de obras como as que constituem o fundo da *Bibliotheca Internacional*.

O primeiro volume, publicado ha dois menses, e por uma triste coincidência posto á venda no dia do fallecimento do Poeta, era uma collecção esmerada das poesias de João de Deus.

O segundo, publicado agora é a *Madona do Campo Santo* de Fialho de Almeida.

Seria uma banalidade dizer mais,

deu friamente ao cumprimento que elle lhe fez.

— Quem é este sujeito? perguntou o medico.

— M. d'Argouges, sobrinho de M. de Villy.

— E quem é—desculpae-me, peçovos, a minha indiscricção mas um medico é o mais util dos confesores — a menina que estava ao pé da cama de M.<sup>elle</sup> de Villy?

— Uma amiga do collegio: M.<sup>elle</sup> de Croizy.

— Ah! exclamou o doutor Touzeaud, não é preciso pôr mais na carta.

Acabavam de entrar no quarto onde tinha sido posta a bagagem do medico parisense.

— Na verdade! exclamou o coronel fechando a porta, estaes-me assustando, meu velho amigo! Então o que é que pensaes?

— O que vós bem deveis saber, coronel, respondeu tranquillamente Pierre Touzeaud, abrindo a mala de mão. M.<sup>elle</sup> de Villy é noiva do primo, não é assim?

— Effectivamente assim é!

— E o primo ama doidamente essa bella rapariga a quem chamastes M.<sup>elle</sup> de Croizy? Comprehando, o primo trahi-se, o desgraçado, por uma fórma qualquer que actuou sobre o cerebro de M.<sup>elle</sup> de Villy como se fosse uma

pancada com um martello. Ora ahí está o mal todo, acrescentou o medico olhando friamente para Roland.

— Com mil diabos! disse este, isso é que é! Fazeis inducções, deducções, tiraes conclusões... Então isso agora é a nova medicina?

— Principalmente em casos como este, não ha mesmo outra.

— Pois bem! é uma bonita indiscricção, não haja duvida!

— Pois sim, coronel mas é a salvação!

XXI

A anciedade de M. Villy estava um pouco acalmada, mas não podia achar a explicação de um accidente tão extraordinario e assim o disse ao joven medico a quem, como hospedeiro minuzioso e stricto nos seus deveres, quizera fazer as honras do almoço que teve logar muito tarde naquella dia.

Monsieur, dizia o medico, basta uma contrariedade que fizesse uma especie de explosão interior ou uma surpresa dolorosa para provocar este phenomeno neuroso.

— Mas, tornava M. de Villy, essas supposições espantam-me ainda mais. Ah! está M.<sup>elle</sup> de Croizy que tracta com minha filha como se fosse sua irmã; aposto que tambem ella não com-

## Communicado

Sr. redactor da Resistencia. —Tomo a liberdade de pedir a v. um cantinho do seu conceituado jornal para lavar um protesto contra palavras ultrajantes que acabam de ser lançadas sobre a classe a que me presô de pertencer — a dos empregados dos caminhos de ferro.

Essas palavras cuspidas por um ensaraivado collaborador do *Expresso*, jornal que até aqui—com verdade se diz — tem defendido os interesses da mesma corporação, mas que acaba de servir se de termos de verbas censuraveis para satisfazer talvez mesquinhas vinganças, merecem um severo correctivo.

Numa lingoagem viperina, despeja sobre nós uma saraivada de improprios, dizendo que o mal-estar da corporação é devido a uns serem servis, subservientes, quasi meros automatos; outros serem superlativamente ignorantes, essencialmente maus.

O mais interessante, porém, é o collaborador do *Expresso* dizer que «a carneirada assim o quer» e que este aviltamento, este impudor, esta bixeza, se reflecte em toda a collectividade.

Não nos serve. Se é da qualidade e tem cabeçada por uns poucos, guarde-a, que talvez a possa legar aos seus.

Ha annos que um facto egual se deu nesta cidade, e quem proferiu essa affronta viu-se obrigado a recolher ao seu redil.

Á cautella diz o detestavel rabiscador que nos vaee fustigando, mas *cd de longe*.

Acredito. Aqui talvez não o dissesse sem receber o galardão.

Ora o cavalheiro, se porventura tal nome mereço, precisava do castigo que é de uso applicar se em hyppodromos, pois pelas palavras insultuosas que dirige a uma classe tão numerosa como a nossa, mostra não ter educação alguma, ou trazer a cabeça a razão de juro, deixando d'ella pender sobre o papel que sujou, pequenos bocados que se reuniram nas dez lettras alli estampadas.

Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria de 5 de março de 1896.

Presidencia do dr. Luiz Pereira da Costa.

Vereadores presentes:—arceidiago José Simões Dias, bacharel José Augusto Gaspar de Mattos, José Antonio Lucas, Manuel Miranda, José Antonio dos Santos, Antonio José de Moura Bastos, Albano Gomes Paes.

Approvada a acta da sessão anterior e sendo presente o administrador do concelho, arrema-

deu em praça de arrendamento até o fim do anno, a barraca n.º 20 do mercado por 305000 réis, a José Maria Raposo, para venda de carneiro.

Autorisou o fornecimento de tabellas parietaes de leitura para a escola official d'ensino elemental da freguezia de Santa Cruz.

Mandou annunciar a venda de alguns lotes de terreno na quinta de Santa Cruz, muitos dos quaes têm ido por vezes á praça, tendo a venda de todos elles sido ha muito autorisada superiormente.

Autorisou a aquisição de alguns materiais necessarios para o serviço de canalizações d'agua.

Resolveu não tomar conhecimento de alguns requerimentos para admissões no corpo de bombeiros municipais, sem que em conformidade do Regulamento do respectivo sejam attestados pelo facultativo do partido municipal.

Attestou acerca de algumas petições para subsídios de lactação.

Autorisou os pagamentos de 25165 réis de reparos da casa do tribunal judicial: réis 133390, reparação de um cano de exgoto aos ares do Jardim; 4260 réis, dita (cano de exgoto em Mont'arroio); 42400 réis, limpeza e conservação d'arvores; 25980 réis, limpeza das ruas do jardim da quinta de Santa Cruz; 15450 réis, serviços da illuminação de Santo Antonio dos Olivaeis; 42500 réis, cobrança das aguas; 1362730 réis, salarios ao pessoal do serviço da limpeza da cidade; 952475 réis, material para os mesmos serviços; 332870 réis, canalizações para agua; 153366 réis, officina das aguas; 35120 réis, reparos na canalização geral.

Resolveu ouvir na proxima sessão ordinaria dois vigias dos impostos, acerca de irregularidades no serviço.

Admittiu no asylo dos cegos em Cellas, em vista de requerimentos devidamente documentados, Antonio Simões Sant'Anna, aleijado de 80 annos de idade e Manuel Martins, mendigo, de 63 annos, tambem aleijado.

Tomou nota por virtude de participação do vereador respectivo, de ter regressado de Lisboa, onde foi tratar-se o asylo dos cegos de Cellas, Ignacio da Costa, autorisando o pagamento de 42860 réis, pelo transporte do mesmo asylo, segundo a deliberação já tomada em sessão de 12 de dezembro de 1895.

Não tomou conhecimento do pedido feito por um proprietario de Montes Claros, acerca da occupação de uma serventia de inquilinios.

Despachou requerimentos: autorisando canalizações d'aguas d'exgoto; collocação de signaes funerarios em sepulturas no cemiterio da Conchada, a extracção de terras de terrenos do municipio junto da casa das machinas das aguas á Alegria; a annullação do imposto direccio lançado para o corrente anno a um empregado publico fallecido a 2 de janeiro ultimo; o alinhamento, conveniente para um muro de vedação a um predio em Brasfemes; a abertura de um portal em um muro a construir como vedação a terrenos particulares, na rua de Raymundo Venancio Rodrigues.

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

Pedido dos ultimos exemplares a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte.

F. FERNANDES COSTA

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

prehenhe a esse respeito coisa alguma, como me succede á mim.

Hermínia adivinhava que era cuidadosamente vigiada e saudada pelo olhar do doutor Pierre Touzeaud; e, a dizer a verdade, um juiz de instrução criminal teria parecido a M.<sup>elle</sup> de Croizy muito menos perigoso do que esse medico trazido por M. de Lambrune que talvez não tivesse podido guardar por mais tempo o segredo do que se tinha passado, em presença do estado inquietador de Alice.

— Pois não é assim, mademoiselle, perguntou M. de Villy? Isto é um verdadeiro enigma para vós, não é verdade?

Urgia saber do silencio em que Hermínia se tinha a principio encerrado. Fosse como fosse, o coronel não se atreveria a desmenti-la e portanto a sua unica escapatoria estava num golpe de audacia.

— Monsieur de Villy, respondeu ella, vôs bem vistes como Alice ficou penalizada e ferida com a ultima carta de M.<sup>elle</sup> de Fayolles. Conteve-se durante alguns dias mas como nós ainda hontem tinhamos estado a conversar acerca das maneiras ativas da minha prima para com todo o mundo e da minha proxima partida, talvez estaja na irritação extrema da que ella dissimulava a causa de que o dr. fallava ha pouco,

deu em praça de arrendamento até o fim do anno, a barraca n.º 20 do mercado por 305000 réis, a José Maria Raposo, para venda de carneiro.

Autorisou o fornecimento de tabellas parietaes de leitura para a escola official d'ensino elemental da freguezia de Santa Cruz.

Mandou annunciar a venda de alguns lotes de terreno na quinta de Santa Cruz, muitos dos quaes têm ido por vezes á praça, tendo a venda de todos elles sido ha muito autorisada superiormente.

Autorisou a aquisição de alguns materiais necessarios para o serviço de canalizações d'agua.

Resolveu não tomar conhecimento de alguns requerimentos para admissões no corpo de bombeiros municipais, sem que em conformidade do Regulamento do respectivo sejam attestados pelo facultativo do partido municipal.

Attestou acerca de algumas petições para subsídios de lactação.

Autorisou os pagamentos de 25165 réis de reparos da casa do tribunal judicial: réis 133390, reparação de um cano de exgoto aos ares do Jardim; 4260 réis, dita (cano de exgoto em Mont'arroio); 42400 réis, limpeza e conservação d'arvores; 25980 réis, limpeza das ruas do jardim da quinta de Santa Cruz; 15450 réis, serviços da illuminação de Santo Antonio dos Olivaeis; 42500 réis, cobrança das aguas; 1362730 réis, salarios ao pessoal do serviço da limpeza da cidade; 952475 réis, material para os mesmos serviços; 332870 réis, canalizações para agua; 153366 réis, officina das aguas; 35120 réis, reparos na canalização geral.

Resolveu ouvir na proxima sessão ordinaria dois vigias dos impostos, acerca de irregularidades no serviço.

Admittiu no asylo dos cegos em Cellas, em vista de requerimentos devidamente documentados, Antonio Simões Sant'Anna, aleijado de 80 annos de idade e Manuel Martins, mendigo, de 63 annos, tambem aleijado.

Tomou nota por virtude de participação do vereador respectivo, de ter regressado de Lisboa, onde foi tratar-se o asylo dos cegos de Cellas, Ignacio da Costa, autorisando o pagamento de 42860 réis, pelo transporte do mesmo asylo, segundo a deliberação já tomada em sessão de 12 de dezembro de 1895.

Não tomou conhecimento do pedido feito por um proprietario de Montes Claros, acerca da occupação de uma serventia de inquilinios.

Despachou requerimentos: autorisando canalizações d'aguas d'exgoto; collocação de signaes funerarios em sepulturas no cemiterio da Conchada, a extracção de terras de terrenos do municipio junto da casa das machinas das aguas á Alegria; a annullação do imposto direccio lançado para o corrente anno a um empregado publico fallecido a 2 de janeiro ultimo; o alinhamento, conveniente para um muro de vedação a um predio em Brasfemes; a abertura de um portal em um muro a construir como vedação a terrenos particulares, na rua de Raymundo Venancio Rodrigues.

2.<sup>a</sup> publicação

43 **Pelo** juízo de direito da comarca de Coimbra, e cartório do 1.<sup>o</sup> officio — Escrivão Camillo — por appenso ao inventario a que se procedeu por obito de Antonio Lucas de Paiva e mulher Theresa Ferreira, moradores que foram no Loureiro, freguezia de Sernache, foi requerida por Joaquim Antonio Rodrigues e mulher Joaquina Rosa; Manoel Rodrigues da Paz e mulher Maria Rosa, proprietarios, residente na Tremua de Cima, freguezia d'Almalaguez, José Antonio e mulher Maria José; José Marques Novo e mulher Maria da Luz, proprietarios, residentes no Casal Pequeno, freguezia de Miranda do Corvo, um processo de justificação a fim de se habilitarem como herdeiros de seu pae, sógro e avô Francisco José Mercador, casado que foi com Mathilde Rosa ou Mathilde de Jesus, fallecido em 18 d'agosto de 1881, para os effeitos legais e especialmente para poderem levantar da Caixa Geral dos Depósitos a quantia de 1125363 réis alli existente, e que no referido inventario pertenceu áquelle fallecido, da qual pertence uma terça parte á justificante Joaquina Rosa, casada com Joaquim Antonio Rodrigues; uma terça parte á seu irmão José Mercador, solteiro, residente na Tremua de Cima, como representantes de seu pae o dito Francisco José ou Francisco José Mercador e a terça parte restante aos justificados José Antonio e mulher Maria José, Maria Rosa e marido Manoel Rodrigues da Paz e Maria da Luz e marido Manoel digo marido José Marques Novo, como unicos e universaes herdeiros de sua mãe e sogra Maria Rosa, fallecida em 28 de abril de 1894; no estado de viuva de Francisco Antonio, filha do dito Francisco José Mercador. — Pelo que se passam editos de 30 dias e por estes se citam as pessoas incertas que se julgam com direito á quantia acima referida de 1125363 réis, a fim de deduzirem o que tiverem a oppôr dentro do prazo legal e verem accusar a citação na 2.<sup>a</sup> audiência d'este juízo, posterior ao dito prazo, que se contará desde a segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, declarando-se que as audiencias neste juízo se fazem ás segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo dias santificados ou feriados, porque neste caso se farão nos seguintes se o não forem também, e sempre por 10 horas da manhã no tribunal judicial, sito na Praça Oito de Maio, d'esta cidade.

Verifique a exactidão. O Juiz de Direito, *Neves e Castro*.

12 **Vende-se** a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego. Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvores de fructo e casas. Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

**Caixeiro**

11 Na casa de Augusto Luiz Martha, aceita-se um que tenha pratica de papelaria. Praça do Commercio, n.<sup>o</sup> 76 a 78. — Coimbra.

10 **Vinho** sem competencia em preço e qualidade: Vinho da Belra, de 1894 a 90 réis o litro. Também ha vinho bom a 70 réis o litro. Verde engarrafado, garrafa 100 réis. Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento. Taberna á Sê Velha, junto ao Arco da rua da Ilha.

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

9 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações fnebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

**AGUAS MEDICINAES**

DA

**FONTE NOVA**

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposulfuicas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemnadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimilthes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

A venda em todas as pharmacias e drogarias — DEPOSITO GERAL — R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa — Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto — Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra — RODRIGUES DA SILVA & C.<sup>a</sup>

Deposito na Figueira da Foz — Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

**3 RÉIS POR HORA**

E' o consumo **GARANTIDO** do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

**Encommendas:**

a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99 — Rua do Visconde da Luz — 103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

**MANTEIGA DA CONRARIA**

Vende-se no **Café Lusitano**

**A' LA VILLE DE PARIS**

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sã da Bandeira, 251 — Porto

12 **CASA** filial em Lisboa — Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

17 — ADRO DE CIMA — 80

**CASA LEÃO D'OURO**

117, Rua Ferreira Borges, 123 — Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habeis contra-mestres

5 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscows para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para makserlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos côrtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobrecasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.** — Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 15800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

**PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO**

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000!!

Uma machina industrial oscilante de Singer — para alfaiate — quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA — Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeccões executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e de baixo da direcção do contra-mestre.

**ESTABELECIMENTO**

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

59, Rua Ferreira Borges, 32 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende Lisboa e Porto. por preços eguaes aos de

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores actores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha. Agate, serviço completo para

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-taz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**ANNUNCIO**

(2.<sup>a</sup> publicação)

3 **No** dia 22 do corrente por 11 horas da manhã na rua do Visconde da Luz n.<sup>o</sup> 9, 102 a 106, pelo processo de fallencia de Domingos José Gomes, d'esta cidade, não de ser vendidos em globo ou em lotes todos os artigos e mobilia do estabelecimento do fallido Domingos José Gomes, e a mobilia da casa que foi habitação do mesmo fallido, artigos que abaixo vão indicados — e que serão postos em praça pelos preços da avaliação. *Artigos do estabelecimento* — Objectos de bijouteria; fazendas brancas, e outras, taes como: caixas para joias; sabonetes; caixas para luvas; voials de lã; diversos percaes; chitas; flanelas de lã; setins d'algodão; colletes d'espartilho; casteletas; flanelas para vestidos; cortes de lã; cheviotes e casimiras; bretanhas; lenços de algodão e de lã; rendas; sapatos de trança; sombrinhas; camisas brancas de flanela; capas; luvas; veludos; setins; chailes; tules; gravatas; fitas e outros artigos — escrevinhinha; prensa e banca; cadeirás; bancos; candieiros; contador e canalisação; malas; manequins; cabides e outros objectos. *Mobilia da casa* — Sofa; cadeiras; mesas; candieiro de suspensão; armario com portas de vidro; louças e vidros; camas de ferro; fogão e objectos de cozinha.

Verifique a exactidão *Neves e Castro*.

**COMPANHIA AUXILIAR**

2 **Esta** companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo, n.<sup>o</sup> 2, para o largo de S. João, n.<sup>o</sup> 6, onde continúa com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e tambem subloca a dita casa até á terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para mercaria, fazendas brancas, ou quinquilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixeiro da companhia, *João Favas*.

**Prevenção**

1 **Na** padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

**“RESISTENCIA”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno . . . . . 25700

Semestre . . . . . 15350

Trimestre . . . . . 680

Sem estampilha:

Anno . . . . . 28400

Semestre . . . . . 15200

Trimestre . . . . . 600

**ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis — Repetições, 20 réis. — Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 114

COIMBRA — Domingo, 22 de março de 1896

2.º ANNO

## Considerações

Quem, a olhos serenos, postas de parte idéas que professe, examinar attentamente, até sem descer a minudencias, sem revolver a lama das combinações obscuras, da engrenagem tórpe dos compadrios, mas só no seu conjuncto, os traços geraes da politica portugüesa, na flagrança da sua exhibição grotesca no *Solar dos Barrigas*, e observar, imparcial mas fundamente tanta villania, tanta estupidez, uma porção d'homens sem idéas suas, sem cabeça, permitindo-se apenas o luxo reles e deprimente de pensarem e sentirem a mesmíssima coisa que pensa e sente o epileptico senhor do alcaide; e, depois, desviar o olhar enjoadado e espavorido, passeando-o por toda essa grande immundicie de perseguições e reformas, vomitadas como insultos, cuspidas como escarros sobre o que ainda havia de alvo na tunica da liberdade, sobre o que ainda de ultimo e digno se erguia neste pobre país, soffredor e estrangulado, ha de necessariamente sentir uma convicção fundamente radicada a abala-lo todo, a impelli-lo no caminho da desforra, na senda da justiça.

Nunca um país tanto desceu... mas ainda bem, que é preciso descer muito, para muito subir.

Sem idéas, sem planos, os ministros contradizem-se a cada instante, com uma frequencia vertiginosa. Serão estúpidos, ou qual é o nome que se lhes poderá chamar?

É por sobre tudo isto, um povo carregado, animalizado, sem turbulencias de revolta, sem aspirações de justiça. Dir-se-hia que os ultimos reverberos da nacionalidade, fulgindo em 1820 sob o influxo das fulgurações de 1789 que, no horizonte embaciado das raças opprimidas, tinham crystallizado num grande sol de liberdade, foram os ultimos tropeus na nossa epopéa heroica. E, hoje, pygmeus, olhamos assombrados essa luz que não comprehendemos, porque os nossos braços não estão temperados para a lucta, nem temos as consciencias livres para um criterio.

É triste!  
Triste e deprimente.

Se a monarchia é um regimen de especulação tórpe onde se agacham tantas patifarias, onde a traficança descarada é uma honra e um passe para todas as cabeças va-

zias se guindarem alto, porque não condemnamos nós a monarchia? É instaurar-lhe processo e applicar-lhe a sentença: Um passeio, por exemplo, para além das nossas fronteiras...

Porque não se condemna a monarchia?

O poder anda, á solta, desenfreado, calcando-nos, esmagando-nos, absorvendo tudo para tudo abysmar num grande desvario administrativo.

Ha uma unica lei, pesada, torturante, como algemas em pulsos escravizados: o capricho do João Franco.

O governo leva tudo isto a pontapés, e o governo, na phrase de lord Canegás, o estúpido negociador do tratado de 20 d'agosto, só cumpre as ordens do rei.

Que linda coisa para nos atirarem á cara, quando fallarmos de tradições e glorias!

Que sombra tão espessa nos brilhos alvacentos do passado!

E somos um povo livre!  
Parece troça.

Ha graves symptomas de doença, e, todavia, não são factos isolados que venham sombrear o quadro; são a concretisação geral d'um sistema que emporcalha uma phase da nossa evolução social. Não é apenas um mandarim que, desnor-teado e louco, conduza inconvenientemente ao cemiterio da Historia uma orgia administrativa; é uma sucia de beleguins e parasitiss, de caneros e pustulas, que nos corroem o organismo social.

É, todavia, brilha ainda um raio de esperança. Quando uma sociedade chega a este estado de decadencia moral, ou desaparece na grande luta d'uma raça, d'um principio, ou d'um fim, ou ha de resurgir para uma vida nova, levada pelo impulso violento d'um entusiasmo vibrante e fundamente radicado. É a historia de todos os tempos e de todos os povos.

Da *Liberdade*, de Vizeu:

D. Afonso Henriques

«Foi nomeado governador geral da India com o titulo de Vice-Bei o sr. infante D. Afonso Henriques. No Rio de Janeiro está aberta uma subscrição entre a colonia portugüesa para com o seu producto lhe ser offerecido um brinde.»

Achamos conveniente dizer á colonia portugüesa do Rio de Janeiro que este Afonso Henriques não é o fundador da monarchia.

É um descendente de D. João VII!

## Palacianismo e exercito

O Festas, d'accordo com o rei, e o rei de mãos dadas com o Festas, continuam na dança macabra com que tem vindo fazendo tropelias de toda a casta a respeito do exercito.

Elle foi reformas de generaes e coroneis, que, embora validos, eram mais antigos que o marechal dos pannonos—dizem que modos de acelerar a promoção.

Elle foi tambem o limite d'idade quando o expediente das reformas deu os primeiros indicios de revolta.

Agora é outra. O Queiroz já estava na throno, chacinando o povo. Outros officiaes superiores affeioados, por provas publicas, á realisação, foram mandados para logares importantes no exercito.

Ainda não bastavam, porém, esses. Era preciso ter todo o exercito prompto para guardar e defender os abusos e crimes do poder em defesa da monarchia, e de que se lembram o Festas e o rei?

Impontam para commissões que dêem vaga, officiaes superiores, chamando assim depois os que se têm mostrado serventurarios do paço.

A monarchia defende-se.  
Que o povo se defenda tambem.

O *Commercio da Guarda*, na quarta columna da 2.ª pagina, solta um estrondoso *Viva El-Rei*, e na columna seguinte está o seguinte trecho de Tacito:

«Quando a realisação degenera em tyrannia o povo aspira á liberdade»

e commenta—Tal qual.  
Isto é que se chama coherencia!

## D. Afonso Henriques

Acceita o encargo de governador da India, noticiam gasetas que assim o mandára dizer de lá.

Vae, pois, partir, assim o annunciavam tambem, o sr. Neves Ferreira, como plenipotenciario para negociar o tratado de extradição com a India Inglesa.

Parece que se o D. Afonso não accedesse ao ser governador, não havia necessidade de negociar o tratado de extradição.

Como acceita, mandam de cá o Neves Ferreira para... o tratado. Não sei se comprehendem.

Que o D. Afonso tem boa mão de redea para dirigir... os negocios da India, e o Neves é mais um a cincoenta mil réis por dia, como o Ennes.

E a gente nem já deita as mãos á cabeça...

Alguns nossos collegas mostram-se muito assustados com a proposta de conversão da divida publica e com o augmento de impostos que, segundo a declaração do órgão official do sr. João Franco—*A Tarde*, é para fazer face ao augmento dos encargos que d'essa concessão derivará. Não ha motivo para tanto.

Desde já podemos garantir que a proposta de conversão de divida publica, dado até que seja transformada em

lei, nunca terá execução. Que os creadores têm os olhos abertos, e nem todos elles são portugüeses. E como o augmento d'impostos é para os encargos por essa conversão creados, como esta se não dá, tambem não haverá esse augmento.

Não escapará esta consideração ao *Solar dos Barrigas*, que, digam o que quizerem as más linguas, são as forças vivas da nação, e, como taes, doem-se.

A proposta relativa ao imposto predial, essa com certeza que não passa.

Brevemente haverá crise, sendo chamado para formar gabinete o sr. conselheiro José Dias Ferreira. Dá lugar a ella a promoção de Mousinho, as propostas de fazenda e a questão do Tungue.

Agora com a chuva e com esta é que os progressistas ficam indignados.

E o José Dias a rir-se.

## Ao «Pimpão»

Recomendamos-lhe este trecho d'um artigo sobre *A Mulher*, que vem num jornal d'esta cidade:

«E, se nos admittem o valimiento, mal ira á sociedade, se se nivelarem as condições tão heterogêneas de ambos os sexos; se se estabelecer a promiscuidade, que tão fúesta se tornou em todas as epochas, e que o não será menos na actual.»

Não obstante saber-se que a promoção de Mousinho de Albuquerque foi devida principalmente á attitudde de alguns pares do reino, um jornal de opposição ao governo teceu os maiores elogios ao rei, querendo fazer suppor que foi elle que se impôs ao ministro da guerra.

Por ora limitar-nos-hemos a perguntar porque seria que o sr. D. Carlos se impôs só agora. Seria para desprestigiar o illustre Festas, dando-lhe tempo para fazer as mais sollemnes affirmações em ambos os *solares* contra a promoção?

Que o diga o tal jornal. Que nós tambem hemos de dizer cousas engraçadas, logo que reconhecemos a oportunidade para o fazer.

## Especulação torpe

O sr. Fratel, illustre barriga, vae ser nomeado primeiro official do Supremo Tribunal de Justiça.

Para alguma cousa deviam servir as suas biologias, anthropologias, psychologias e, sobretudo, as idéas rasgadamente liberaes que professa. Tudo isso lhe valeu uma protecção escandalosa do sr. João Franco.

Que sobre os seus merecimentos e mais partes, ouça-se o que dizem os seus collegas do *Solar*.

Communicam de Lisboa que o sr. Neves Ferreira vae vencer, como commissario regio em Goa, o mesmo que vencio o sr. Antonio Ennes em Lourenço Marques, ou sejam 18 contos por anno.

E ainda dizem que orçamento não está equilibrado!

## Instrucção publica

### Instrucção secundaria

XXV

...soumettre les jeunes esprits à une telle besogne, ce n'est pas les former, c'est les torturer.

R. LEGOUVÉ.

Dissêmo-lo já, e repetimo-lo ainda, que seria grave injustiça não confessar e reconhecer que o programma da lingua e litteratura portugüesa, nas suas linhas geraes, no pensamento predominante que o dictar, se inspirára em principios de boa pedagogia, contendo preceitos que ninguém, em boa consciencia, poderá deixar d'applaudir. Estão precisamente neste caso as recommendações excellentes e judiciosas que nelle se lêem relativamente ao emprego da grammatica, ao uso limitado das figuras, estudo em que não será facil descobrir-se a mais leve sombra d'utilidade.

Estamos perfeitamente d'accordo a este respeito, assim como sobre a condemnação formal do uso, ou, antes, do abuso d'uma pretendida analyse logica, a qual, desvirtuando inteiramente um exercicio, aliás excellente, quando racionalmente redigido, se preocupa apenas com um jogo mechanic ou inconsciente de palavras, sem ligar a minima importancia ás idéas, e fazendo esforços desesperados por encontrar numas certas phrases precisamente o que lá não está e em que o auctor decerto nunca pensou; o que constitue um verdadeiro instrumento de tortura para o alumno, que se esgota, se aborrece e se inutilisa assim num trabalho perfeitamente esteril e até embrutecedor. Consequencias fataes e necessarias de imperio absoluto da escolastica, no ensino.

Pretender, por exemplo, desdobrar numa phrase regular com todos os elementos que as grammaticas ordinarias para ella inventaram, uma interjeição, palavra que não exprime uma idéa, mas uma sensação, e por isso se subtrahê á analyse ordinaria; querer reduzir todos os factos da lingua, multiplices e variaveis como o pensamento, a um typo unico, ás regras da chamada syntaxe regular: é realmente absurdo inqualificavel, um verdadeiro atentado contra o senso commum, e seria objecto para largas ponderações, se não as julgássemos um pouco descabidas neste logar e sobretudo neste momento, em que temos necessidade de concluir o nosso modestissimo trabalho.

Expurgar, pois, o nosso ensino de taes anomalias, depura-lo de todos os vicios de que andava inquinado, fazê-lo entrar na corrente renovadora do seculo, animá-lo do sópro vivificante da pedagogia moderna, era empresa nobilissima, que só louvores e bençãos mereceria, e não seriamos nós que lh'os regateassemos e a quem quer que tentasse realisá-la, como não os regateamos, e muito sinceros, aos auctores do programma que estamos

analysando, na parte em que procuraram inspirar-se nos principios de methodologia que estão hoje consagrados pela experiencia e licção dos grandes mestres. Seria realmente injustiça flagrantissima não reconhecer e confessar abertamente, como já o fizemos, que no alludido programma se encontram preceitos salutarissimos, dignos de inteiro e caloroso applauso.

É, porém, deploravel que, a par d'isso, haja nelle incorrecções imperdoaveis, defeitos que ninguem poderá desculpar, merecedores, por certo, da mais severa censura, como alguns que já indicamos e outras que hoje vamos indicar.

Diremos primeiramente que é muito para censurar e condemnar que, num programma da lingua materna, se encontre, por vezes, uma incorrecção de fazer arripiar até os menos exigentes, pullulando alli também barbarismos denunciadores de bem pouca originalidade, digamo-lo de passagem. . . *As exposições oraes de preço artistico, a reprodução de textos ante os olhos* — e ainda outras passagens de correccção semelhante, parecem-nos invenções pouco felizes, de preço pouco elevado, e, por isso, altamente condemnaveis, sobretudo num programma de lingua e litteratura portugueza.

Mas isto não é tudo. Ha mais e melhor. Vejamos, por exemplo, o que nelle se preceitua acerca da leitura. Diz assim: «A leitura *percorrerá* tres grãos, com as necessarias transições: leitura simplesmente correcta (classes I e II); leitura intelligente (classes III a V); leitura expressiva e declamação (classes VI e VII). Paremos aqui.

Do que fica transcripto deduz-se muito claramente que os auctores do programma intendem que para as duas primeiras classes do ensino lyceal não é conveniente ou necessaria a *leitura intelligente*, que os sabios reformadores reservam apenas para as classes immediatas!

Em presença d'esta monstruosa heresia pedagogica, para a qual reclamamos a excommunição maior, nós desejaríamos que elles nos dissessem se comprehendem bem o que sejam e para que sirvam os exercicios de leitura, que funcção representam elles no ensino da lingua. Pelo que se vê, ignoram-no completamente, o que nos parece extremamente grave.

*Leitura simplesmente correcta* e não *intelligente*, prescrevem os sabios reformadores, como se a correccção na leitura não dependesse essencialmente senão exclusivamente da *intelligencia* do texto! E' positivamente phantastico. Ignoram estes sabios *germanizados* que se lê bem apenas o que bem se comprehende, e que, desde que não se comprehenda bem o que se lê, já a leitura ha de ser necessariamente incorrecta!

A intelligencia do texto é a primeira condição para se ler correctamente; e, comtudo, os auctores do programma entenderam, no seu alto criterio pedagogico, que nas primeiras classes do curso dos lycéos se pôde ler com a indispensavel correccção, sem a intelligencia do que se lê! D'onde é que elles trouxeram a innovação não o sabemos nós. Da Allemanha é que ella não veio, por certo.

Ainda com respeito aos exercicios de leitura deveremos notar que os auctores do programma recomendam insistentemente que *parte das leituras será feita em casa pelos alumnos e verificada na aula pelo*

professor. Esta é verdadeiramente genial. Dispensa bem todos os comentarios. Estes pretendidos *germanistas* são verdadeiramente impagaveis.

Devemos notar ainda que, entre as leituras recommendadas, se indica *um ou dois sermões* de Antonio Vieira. Mas qual ou quaes d'elles? Isso não no-lo dizem os auctores do programma. Seria conveniente, porém, dizerem-no, salvo se intendem que todos elles têm o mesmo valor e que indifferentemente se poderão tomar ao acaso, incluindo aquelles que mais eivados estão do vicio do tempo — o gongorismo. A respeito de Malhão foram um pouco mais rigorosos: apenas consentem ao alumno a leitura do conde de Barbacena. Mystérios que não nos é licito decifrar. . .

Aos exercicios escriptos também o programma assigna tres grãos: a *reprodução servil*, a *reprodução livre* e a *invenção*. Esta idéa da *reprodução servil* é também originalissima. Saiu com certeza, inteira e completa, é producto genial, portentoso, da pedagogia official portugueza. E' verdadeiramente impagavel.

Nós desejaríamos que também nos elucidassem a respeito das vantagens que da *reprodução servil* (o termo é já de si significativo) poderão resultar como elemento preponderante ou pelo menos attendivel, na instrução e educação do alumno. Se alguém fór capaz de nos demonstrar, com factos e argumentos de peso, que de taes exercicios poderá resultar qualquer vantagem apreciavel, a não ser a de bestificar o alumno, proclamaremos, sem a menor relucencia, como a ultima palavra da inspiração pedagogica, a doutrina dos conspicuos reformadores. Mas não demonstram, estamos certos d'isso.

Este programma prestava-se ainda a muitas outras considerações, que não fazemos agora, por não alongar demasiado este nosso trabalho, que, como dissemos, temos necessidade de concluir promptamente.

### Cartilha do Povo

O nosso collega do *Defensor do Povo* deu no seu ultimo numero a noticia de que a commissão d'estudantes, encarregada pelo grupo republicano academico de tractar da reedição da *Cartilha do Povo*, tencionava também reeditar as obras de Henriques Nogueira.

Essa noticia é menos verdadeira, pois nos consta que, embora os trabalhos do grande evangelizador do credo democratico sejam de verdadeiro valor, não houve ainda tal lembrança.

A este respeito o activo secretario da commissão enviou áquelle nosso collega a carta que em seguida publicamos:

... Sr. redactor do *Defensor do Povo*: — Em o ultimo numero do seu jornal lemos com espanto a noticia de que a commissão, encarregada pelo grupo academico republicano da reimpressão da *Cartilha do Povo*, ia reeditar as obras do grande propagandista Henriques Nogueira.

E' falsa esta noticia. E' tal resolução só poderia ser tomada pelo grupo e não por uma commissão que tem poderes restrictos.

Agradecendo a v. a publicação d'esta carta

Confessa-se de v.

Corr.º agr.º

Arthur Leitão.

## RELATORIO DE MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

(CONTINUAÇÃO)

Dei logo ordem para que ás três horas (a. m.) se effeitasse o desembarque, a despeito da chuva e escuridão, mandando ás duas horas e trinta minutos dar café ás praças.

Em quatro horas (a. m.) quando começamos a marcha, passando um pequeno pantano, com agua pelo joelho, e subindo a uma encosta cheia de lodo, caníço (mangal) e arbustos, onde a marcha era muito difficil e muito incommoda.

Levando só 47 praças brancas (duas tinham adoecido a bordo), dispuz a força da forma seguinte: 6 praças da 1.ª fileira e 6 da 2.ª quando se formasse quadrado, formavam a face da frente, 12 praças da 1.ª fileira a face da esquerda, e 12 da 2.ª fileira a da direita; da 1.ª da 2.ª fileiras formavam a face da rectaguarda.

Assim, a marcha com 2 homens de frente equivalia ás columnas duplas que vira usar na columna do norte, apenas com a supressão do intervallo que a exigência da força tornava dispensavel.

Em caso de alarme o quadrado formava em menos de 1 minuto.

Logo no couce da columna iam dois carregadores com dois cunhetes (1:100 cartuchos), e as duas praças indigenas, com ordem para entrar pa dentro do quadrado, logo que elle se formasse.

Seguiam os outros carregadores e os homens com machados

Cada carregador levava a tiracolo o capote de uma praça, emalado no encanado respectivo. Os carregadores tinham ordem para se deitar no chão logo que ouvissem tocar a corneta.

Na vespera fizera passar o rio somente aos 207 auxiliares do Chai-Chai, Languedo e Lofogasi. A guerra de Cuio estava também na margem esquerda

Quando marchei mandei dizer ás guerras que tinham ficado na margem direita que, se quizessem, voltassem para casa, senão que passassem o rio e me viessem alcançar na marcha, posto que nada precisava d'elles, porque os brancos que levava bastavam para bater todo o Bilene.

Esta verdadeira *hespanholada*, junta, de certo, ás recordações que muitos tinham de Coellela, pareceu dar-lhes confiança, e, repito, supponho que na mira da pilhagem, todos passaram de madrugada o rio, e pelas oito horas juntavam-se a nós.

A guerra preta marchou da forma seguinte: a 200 metros á frente a guerra de Cuio, a 200 metros para a direita a do Chai-Chai, e a 200 para a esquerda as de Languedo e Lofogasi. Estas distancias diminuiam constantemente, porque os pretos, ou por medo, ou fosse pelo que fosse, tendiam para se encostar á força branca.

Pelas sete horas (a. m.) avistou-se um pouco a N. do caminho, a povoação do Vuyana. Mandei então seguir a força europeia pelo caminho, e, com o tenente graduado Couto e o interprete, fui juntar-me á guerra de Cuio, para a fazer avançar contra a povoação. A principio deixaram-me ir na frente a uns 20 ou 30 metros de distancia, mas logo que, com o grande alcance de vista de que dispõem, perceberam que na povoação não estava gente de guerra, correram sobre ella como galgos.

Quando lá cheguei dois homens estavam azagalados no fizado, e a gente de Cuio andava juntando as mulheres e crianças e saqueando as palhotas. Nisto appareceu um homem que escapara não sei como, dentro do curral do gado, dizendo que Vuyana não era tão culpado como pretendiam, mas como eu não tinha vagar para resolver milandas naquella occasião, limitei-me a mandar soltar todas as mulheres e crianças, pousar no chão todos os objectos roubados, excepto comida, e apartar da manada do Vuyana dez bois para o Cuio, como indemnisação, e dez vacas para o governo, como multa. Em seguida mandei a guerra de Cuio passar outra vez para a frente dos brancos que haviam feito alto.

Esquecia-me dizer que, transposta a encosta de que atraz fallei, achamos-nos numa planicie extensissima e muito descoberta. O solo era duro, e com a chuva tornara-se muito escorrega-

do. A erva, não muito alta, estava encharcada. Durante a marcha fortes pancadas de agua alteroaram com um sol abrazador, de forma que, ollias e praças, marchavam todos a pé, acompanhando os pretos com uma velocidade não inferior a 10 ou 12 minutos por kilometro; ora iam encharcados em agua, ora escorrendo em suor. Como não queria perder tempo, continei marchando sem descanso até ás 11 horas (a. m.). Appareceram-me então dois enviados do Gungunhana, os indunas Zaba e Sucanáca, trazendo de presente 560 libras (das quaes 30 para o secretario) e algumas pontas de marfim. Diziam que o regulo me pedia muito que não avançasse mais, que elle viria á tarde pegar pé e fallar de paz com o rei *seu pae*. Respondi-lhes que o regulo era muito gordo e eu muito magro, por isso avançaria mais para lhe poupar fadigas, e que viesse elle trazendo um *saquete* (presente) que eu não me envergonhasse de mandar ao rei. Mandei a resposta pelo Sucanáca, conservando o Zaba preso. Nessa occasião appareceu o homem de Languedo, que na vespera acompanhára os dois enviados do Gungunhana, e que eu já suppunha ter sido morto por este.

Depois de 30 minutos de descanso, proseguí na marcha até á 1 hora (p. m.). Tinhamos assim feito 8 horas de marcha a passo mais que ordinario; estavam exhaustos. Os carregadores só á força de pranchada se conservavam junto á columna, e até a gente de guerra se sentava com frequência para descansar alguns momentos. Resolvi, portanto, bivacar um pouco a O., por saber que ficava alli a lagoa de Montacane.

Fui adiante escolher o sitio para o bivaque, que era de todo descoberto, com um campo de tiro esplendido, ficando a força a uns 20 metros da lagoa, que é enorme (seis a oito vezes a de Coellela) em largura e comprimento, e bastante profunda. A agua não seria, talvez, das peores, mas a gente de guerra (já então mais de 2:000, porque Zugoinsa, i mão do Muzilla, e outros chefes se nos tinham juntado), entrou por ella dentro, lavando-se, bebendo a agua e revolvendo-se no lodo, o que fez com que fosse preciso depois deixal-a assentar mais de meia hora antes de se poder beber.

Dispuz o bivaque em quadrado com duas sentinelas em dois angulos oppostos. Quanto aos pretos, ficaram os carregadores junto ao quadrado e as guerras a 200 metros em volta d'elle separadas umas das outras e com postos avançados até 400 metros do quadrado. Foi o tenente graduado Couto que, com não pequeno trabalho, dispôs assim as forças indigenas.

Em 5 horas (p. m.) quando voltou o Sucanáca acompanhando o Godide, filho do regulo, que trazia sessenta e três cabeças de gado bovino, 510 libras, duas grandes pontas de marfim e as dez mulheres do Matibejana. Trazia um pedido do regulo para que eu não avançasse mais, novos protestos que elle mesmo viria nessa noite ou na manhã seguinte. Respondi que eu ficava alli toda a noite e todo o dia seguinte á espera do regulo, que, se elle não viesse, o Godide e o Zaba seriam fuzilados, e que eu não avançaria mais porque os brancos já não podiam marchar de cansados que estavam.

Esta resposta dei-a, calculando que o regulo queria ganhar tempo, e que o Sucanáca lhe iria affirmar que o cansaço não nos permitiria avançar.

Efectivamente o aspecto do bivaque parecia confirmar o que eu dissera; o tenente Miranda extenuado, abrazado em febre, vomitava constantemente a agua com que tentava mitigar a sede; os soldados dormiam estirados sobre os capotes, tão cansados que muitos não quizeram comer o rancho, embora só tivessem comido bolachas desde as 3 horas da madrugada; eu mesmo estava deitado e de todo estafado. O Sucanáca dizia que o regulo estava ainda muito longe, mas tudo me levava a crer o contrario.

Chovera quasi toda a noite. Eu pouco tinha dormido, e cada vez se enraizava mais no meu espirito a idéa de não voltar atraz senão com o regulo aprisionado ou com a sua cabeça, e por isso ás 3 horas (a. m.) mandei levantar as praças e os carregadores, enrolar os capotes, e marchamos ás 4 horas (a. m.).

O tempo melhorára, e a gente de

guerra logo que ouviu movimento no nosso bivaque, levantou-se para nos acompanhar. O terreno continuava a ser descoberto o plano, o chão duro. Apressei a marcha por forma que varias vezes fomos em accelerado.

Appareceram pela nossa frente umas tres mangas de guerra, gente que evidentemente estava com o Gungunhana, mas cujos chefes vieram a correr declarar que pegavam pé e pediam para nos seguir. Essa gente disse que o Gungunhana estava no Chaimite, para onde fóra, a fim de fazer sobre a sepultura de seu avô. Manicusse, diversas cerimoniaes, para arranjar feitiço que impedisse de descobrir onde elle estava.

Pelas 6 horas e 30 minutos (a. m.) avistamos Chaimite no meio de um terreno arenoso, cheio de marçala e mórros de muchem, portanto muito facilmente defensavel. Então apressei a marcha ainda mais, apesar das guerras indigenas começarem a deixar-se ficar para a rectaguarda ou por terem medo que o regulo se defendesse ou influenciadas pelo prestigio que elle ainda tinha, conseguindo só á força de distribuir espadeiradas, fazer avançar alguma gente comoosco. Nesta occasião duas praças brancas cabiram exhaustas, mas eu não podia demorar-me um momento que fosse, e por isso a marcha continuou sem haver a minima interrupção. Essas praças foram levadas pela gente da guerra preta para a rectaguarda, e passaram o resto do dia e a noite na povoação do Cuio, reunindo á força no dia seguinte. A uns 10 metros da povoação dei ordem para que as guerras formassem um cordão em volta d'ella, e que só entraria dentro a força branca. Os pretos assim fizeram, ficando a uns 100 metros da paliçada que cercava as palhotas.

Do *Jornal do Commercio*:

E' posto á venda na segunda feira o annunciado livro do sr. Augusto Fuschini, e que se destina a um grande exito sensacional.

O titulo não é para menos.

*Fragmentos de Memórias  
LIQUIDAÇÕES POLÍTICAS  
Vermelhos e Azues*

Edição em 8.º grande. 351 paginas de texto e 82 de annexos.

Parece um annuncio do Grandella!!! Veremos o que é o livro, que o auctor já nós conhecemos.

Entrou no prelo mais um livro de Silva Pinto, *A queimar cartuchos*.

### A GUITARRA E A SEBENTA

É meia noite. O Silva chega d'uma guitarrada, massado. Pega na sebenta, atira-se para cima da cama e principia a lê-la.

Vae lendo. Nisto o somno subjugá-o. Souha que é chamado e, pelo meio da licção, vae mettendo os versos que cantára á sua amada.

Nós vamos hoje tratar  
Dois olhos de côr do céu,  
a doutrina abrangerá  
duas partes — *Ella e Eu*.

Segundo diz Demolombe,  
é — *Ella* — o anjo querido,  
no que concorda Rogron,  
minha pomba, meu Cupido! . . .

Diz o artigo primeiro . . .  
que sonho eu tive Emilinha!  
a redacção é confusa . . .  
Tu um dia has-de ser minha!

Ouvi dizer ao luar  
Diz Rocha, diz Liz Tixeira,  
quem canta seu mal espanta  
. . . não se pôde refutar.

Ella é tudo que eu adoro  
— Doutrina já resolvida —  
Ella é a Estrella do Norte.  
— A these está discutida. —

Passando á segunda parte,  
O meu lindo Amor Perfeito,  
Nós veremos em que casos . . .  
— Stá bem; estou satisfeito. —

Carta de Lisboa

Lisboa, 20 de março de 1896.

As propostas de fazenda são o que já sabemos. Empréstimo e mais impostos.

De maneira que a sciencia do Hintze resume-se em esfoliar o contribuinte e em preparar novo calote aos credores.

Está na logica dos portugueses. Este povo prepara a obra immorredoura do grave calote nacional.

×

O Festas continúa ministro da guerra.

Alguem se admira de que tal succeda, attendendo á triste situação em que se encontra. Já é ingenuidade.

Pois não é assim, verdadeiramente exauctorado, que elle está habilitado a ser ministro da monarchia?

×

Descobre-se que o empréstimo dos 9.000 contos para navios não é destinado a esse fim.

Os 9.000 contos são para pagar a indemnisação do caminho de ferro e outras dividas do Estado.

Esta intrujice do governo é engraçada.

Parece a costumada mentira dos rapazes que escrevem á familia pedindo dinheiro para livros, quando o dinheiro é para a pandiga.

Salvo na comparação, porém, a honestidade dos rapazes, que nunca foram ministros da fazenda.

×

Desappareceu a opposição dos tres ratas, no Solar dos Berrigas. Marianno limita-se a piadas no jornal. O Arroyo adoeceu, José Dias dá jantares onde, á falta de partidario para se brindarem, os convivas se saúdam uns aos outros e depois a si proprios, para fingirem que são muitos.

Os progressistas andam furiosos com este banquete e gritam imprecações varias.

Lá diz o outro na Morte de D. João—'Não é remorso, é fome'.

Effectivamente parece que o José Dias se prepara para succeder ao João Franco.

×

O nosso amigo D. Carlos la foi

para a caça e para a tourada em Vendas Novas.

E aqui está a situação politica de Portugal. O rei uzando por sceptro um ferro curto. O povinho embolado.

×

D. Affonso ainda não é vice-rei da India. Diz que se deshonra com isso e que não está para ser o mesmo que D. Affonso d'Albuquerque.

Effectivamente aquelle Albuquerque não se deve imitar.

Diz o Navarro, desdenhoso, que elle era um homem de bem.

×

Noticias que vejo á ultima hora nos jornaes hespanhoes, dão-me a entender que o Weyler já não está nas boas graças de nuestros hermanos. O homem, sobre ser cruel, dizem que é tolo.

Aquelles cubanos estão peores do que o Festas. Reformam todos os generaes.

João da Nova.

Sua eminencia o sr. cardeal patriarcha de Lisboa pensa em converter á religião catholica o Gungunhana e o Zixaxa com as respectivas familias.

Serão elles mais sensiveis aos pedidos e rogos do patriarcha do que o governo, que caso algum fez das instancias do mesmo patriarcha para que não consentisse que o Gungunhana e o Zixaxa tivessem mais que uma mulher?

O procedimento do governo sem duvida creará agora embarços á conversão dos dois egulos destronados. Custar-lhes-ha sem duvida separarem-se das mulheres.

A Guitarra e a Sebenta

São de trovador desconhecido os versos que hoje publicamos com este titulo. Estamos, por isso, impedidos de pedir ao seu illustre auctor permissoão para os deixar correr mundo.

O imperador da Alemanha vae visitar os seus collegas da Austria e da Italia. Que o equilibrio europeu apresente-se muito instavel e a triplice não se vê em boa situação.

Mousinho d'Albuquerque telegraphou ao sr. ministro da marinha dizendo que accetava o logar de governador de Moçambique. A esposa d'este heroico official partirá em breve para Lourenço Marques.

Un peu de jour sur un coin de l'Afrique orientale

É o titulo d'uma pequena monographia onde o nosso collega do Figaro, de Paris, visconde de Claverie, descreve d'uma forma scintillante os ultimos acontecimentos de Lourenço Marques e a chegada do Gungunhana a Lisboa. O interessante opusculo encontra-se á venda na livraria do acreditado editor conimbricense—França Amado.

Partiu hontem para Thomar, onde vae dar dois concertos, a Tuna Academica, sob a superior regencia do dr. Simões Barbas.

Muitos applausos, muito dinheiro e muito amor, é o que lhes desejamos.

Consta-nos que breve será posto á venda um interessante volume de prosas humoristicas, psychologias extranhas das multidoes Coimbraes—Alma elastica—devido á penna d'um dos mais sympathicos e scintillantes bohemioms da geração actual, e que modestamente se esconde sob o pseudonymo de Democrito.

THEATRO PRINCEPE REAL

Está em maré de felicidades a companhia Taveira. As enchentes contam-se pelos espectaculos.

Ha muito tempo que esta companhia não vinha a Coimbra e o Lucas era perseguido constantemente por esta pergunta: quando traz cá o Taveira?

Elle andava metido com o Del Negro e não se resolvia. Eufim satisfiz os desejos do publico, contractando a companhia. Em boa hora o fez e não se deve ter arrependido.

Se o gosto do publico é ou não apurado, não o discutiremos nós aqui. Offerecem-lhe motivo para risota, ri-se. O resto, são lérias...

O primeiro spectaculo realisou-se na quarta feira com o Testamento da Velha, uma série de disparates, que agradaram muitissimo, rindo a platêa a bom rir. Muito applaudido no papel de Sete Cabeças, o actor Gaspar. Os restantes, bem.

Na quinta feira, As 12 Mulheres de Japhet Operetta fresquinha, mas que agradou. O 2.º acto é esplendido, o 1.º e principalmente o 3.º são inferiores. A scena do 2.º acto, entre Arabella e os seus três maridos é de um comico irresistivel e o José Ricardo vae bem, sem palhaçadas, em toda a operetta. Convença-se José Ricardo que é muito bonito não uzar de macaquices, mesmo muito bonito. Angela Pinto e Taveira, sempre muito bem.

E tem sido educada junctamente com M.º de Villy?

—Ao lado d'ella, effectivamente, em B. yeux, no convento.

—No convento?

—Sim, no convento das freiras de São... não sei quê, Santo Agostinho, se a memoria me não falha.

—Oh! o nome não fiz nada ao caso. É que papel desempenha na vida d'ella a tal prima velha, essa tal de Fayolles de quem tanto fallaram ao almoço?

—Reduz-se a pouco, afinal de contas. Espera com impaciencia o regresso de M.º de Croizy ao convento para lhe fechar a porta nas costas e, já se sabe, depois, in pace!

—Oh! in pace respondeu Pierre Touzeaud, é que me parece que se não poderá dizer. Ha certas pessoas para quem não foi feita uma tal paz.

—Mas, tornou o coronel, Interrogando tambem por sua vez, está-me a parecer que vos interessais demasiadamente por M.º de Croizy!

—S u medico.

—É por isso deixais de ser homem, não é isso, joven amigo!

—Coronel, quando um medico, mesmo na minha idade, vinte e oito annos, parece tão curioso como eu, é porque vê não uma mulher mas o que se chama um bom exemplar pathologico.

—Olá senhoras doutoras de Paris, nem seis galanteadores nem discretos,

A scena dos beijos, do 1.º acto, foi visada...

Na sexta feira a Noite e Dia. Esta operetta faz-nos saudades do v. lho reportorio, em que ella occupava um logar tão distincto. É uma charge em nuestros hermanos Musica lindissima cantada por gargantas (?) feissimas. Faz pena. Angela Pinto é a unica que, com o seu fiozinho de voz, sempre aliado, presta homenagem áquella musica.

José Ricardo esqueceu-se de que é tão bonito...

Thereza Mattos, Gaspar e Sá, bem. Hontem repetiu-se com o mesmo exito o Testamento da Velha.

Taveira em todos os espectaculos foi chamado á scena, recebendo muitas palmas.

A orchestra muito bem sob a regencia do distincto maestro Cyriaco de Cardoso. Elle tinha prometido que não voltava a esta cidade, mas faltou á sua promessa. Coimbra, com o seu Mondego, faz saudades.

Lembra-nos aquelles maus verros da Lapa dos Esteios:

Quem nesta gruta entrar Não faga juras fataes Aqui até os freixos amam Te as pedras dão ais.

Não se pôde fazer juras, não Cyriaco? No final de todos os actos muitos applausos a Cyriaco e a todos os artistas.

Parabens ao Lucas. A príuceza Ratazzi assistiu d'um camarote ás 12 Mulheres e á Noite e Dia. Hoje temos o Solar dos Berrigas.

Foi muito concorrido o funeral de Daniel Guedes Coelho, o estimado industrial cujo fallecimento noticiamos no ultimo numero. A irmandade da Misericordia achava-se representada por grande numero de irmãos, entre os quaes vimos alguns professores da Universidade.

O estabelecimento do fallecido passa, em virtude das suas disposições testamentarias, para o sr. Alfredo Cardoso Santiago, que durante muitos annos foi contra-mestre da officina e cujas aptidões e caracter nos garantem que ha de mantê-lo com o mesmo credito de que sempre gosou.

Falleceu hontem o sr. José Monteiro de Figueiredo, empregado no Museu. O fallecido tinha tomado parte nas campanhas liberaes.

Á sua familia os nossos pezames.

São concorrentes ás igrejas parochiaes na diocese de Coimbra, cujo concurso terminou no dia 12 do corrente: Santo Antonio da Oliveirinha, no concelho de Aveiro; Antonio Correia Pires.

parochia collado na igreja do Salvador do Trofa; Alvaro Henriques, encomendado na igreja da Oliveirinha do Vouga; João Antonio Nunes Call-do, parochia collado da igreja da Castanheira.

S. Pedro de Louroza, no concelho de Oliveira do Hospital; Antonio Freire dos Santos Abranches, parochia aposentado na igreja de Rio de Vide.

Santo André da Cordinhã, no concelho de Cantanhede; Agostinho Simões de Seabra, coadjutor de S. Mamede de Quaios; e Joaquim Diniz, parochia collado na igreja de S. Sebastião de Alfaiellos.

Nossa Senhora da Graça da Torre do Valle de Todos, no concelho de Anicião; Alfredo Pereira Lavos, de Coimbra.

S. Sebastião da Lagarteira, no concelho de Anicião; Antonio Simões de Faria, de Coimbra.

Não tiveram concorrentes as igrejas de S. Thomé Apostolo de Penalva de Alva, no concelho de Oliveira do Hospital, diocese de Coimbra.

DR. JOSE FALCÃO

A COMMUNA DE PARIS

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço, 200 réis

Pedido dos ultimos exemplares a esta Redacção.

Pelo correio accresce o porte.

Escolas e principios de criminologia moderna

PELO

DR. AFFONSO COSTA

1 vol. em 8.º de 341 paginas

PREÇO—300 RÉIS

Agradecimento

Francisco Alves da Silva agradece a todas as pessoas que se interessaram pela saude de Maria Emilia Ferreira, e que depois do seu fallecimento se dignaram acompanhá-la de casa á Sé Cathedral, e d'esta á sua ultima morada; não podendo deixar de especular o concelhado industrial d'esta cidade sr. Anibal Rodrigues Ramalheite, que humanitariamente se prestou a fazer todas as despesas do seu funeral.

A todos protesta a sua eterna gratidão.

Coimbra, 18 de março de 1896.

Folhetim da RESISTENCIA

UMA VICTIMA DO CONVENTO

KXI

—Tendes razão, minha querida demoizelle, exclamou o excellente M. de Villy, deve ser isso mesmo. Essa velha de Fayolles é decididamente uma ave de mau agouro!

Que te parece, Roland?

M. de Lambrune estava embasbacado pelo tom de naturalidade com que Herminia tinha apresentado uma explicação que ella bem sabia ser falsissima. Abanou a cabeça como que para dar o seu assentimento e olhou ao mesmo tempo obliquamente para M. d'Argouges, querendo significar-lhe:

—Vede se ella é ou não mais forte do que vós!

M. de Villy levantara-se da meza.

—Vamos vêr, disse elle, como vae a nossa pobre criança.

O banho tinha produzido o seu effeito. Os nervos tinham começado a distender-se e dos labios escapavam-lhe por momentos palavras sem nexo que aterravam a pobre M.º de Villy.

—Ah! doutor está com o delirio das febres violentas!

—Não, madame; ha um pouco de

delirio mas M.º de Villy não tem febre. Espero tudo de outro banho que lhe vae ser dado esta tarde.

—Salvais-me a mim mesma! exclamou a pobre velha; mas que doença tão singular!

—Afinal, disse lhe o filho afastando-a do leito, M.º de Croizy já nos fez vêr muito bem as causas. Ali e lha o adeo incommodada com as observações de M.º de Fayolles e tinha-se excitado interiormente muito com isso. Hontem mesmo, aquella maldicta carta tornou a ser objecto de uma conversa entre as duas e a irritação enorme de Alice juncto á ideia da proxima partida de Herminia, subiu-lhe á cabeça e explodiu.

—Acredito sem duvida alguma, respondeu M.º de Villy; é tão sensivel, a pobre criança!

M. de Lambrune e Pierre Touzeaud tinham descido um pouco ao jardim para fumarem um charuto.

—Conheceis bem M.º de Croizy? perguntou o joven medico.

—Tinha-a perdido de vista desde a sua primeira infancia e vim encontrá-la aqui, por acaso, no mez passado.

—O pae e a mãe...

—Morreram ambos, o pae já ha annos e a mãe vae em seis mezes.

—Ah! ella é orphã, e... rica?

—Pelo contrario; é mais do que pobre, é miseravel, para uma tapariga com um nome como o d'ella.

em que meio se encontrou? No convento, onde nada mais é permitido—eu bem o sei, porque muitas irmãs foram tambem educadas pelas religiosas—do que offerecer os seus males a Deus; onde tudo é dissimulação, hypocrisia, tristezas abafadas; onde os luxurmes, que as «ocors» não comprehendem, são reprimidos severamente por uma demoizelle de Fayolles, e se resolvem numa surda e concentrada revolta. As ambições comprimidas tornam-se mais ardentes, invadem o cerebro que avassalam. Todo o organismo é affectado, todo o ser abatido no seu intimo, sobre tudo quando se tem só deztoito annos. Ah! se o sangue fosse o mais forte—desculpa-me, agora é o medico que falta e mais ninguém—haveria menos perigo. Mas as nossas Normandas, com as rosas vivas das suas faces que se coram geralmente com o pouco sangue que ellas têm, não são, diga-se o que se quizer, d'esse temperamento; não é o regimen do pensionado—essa morte lenta das raparigas—que lho pôde fortalecer. Anemia, chlorose e o mais, eis o que as familias mais felizes e mais ricas, como a de M. de Villy, por exemplo, colhem para suas filhas...

—Muito bem, meu amigo, Interrothpeu o coronel; não me tango por vêr o medico ceder novamente a palavra ao romancista physiologista.

LIVROS DE MISSA  
SEMANA SANTA

17 **A** Casa Havana acaba de receber uma nova colleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

## COMPANHIA AUXILIAR

16 **E**sta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo, n.º 2, para o largo de S. João, n.º 6, onde continúa com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e também subloca a dita casa até à terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para mercearia, fazendas brancas, ou quinquilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixeiro da companhia,  
João Favas.

18 **B**ASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestris*, a 6\$000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 3\$000 réis o milheiro.

Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

Tratamento de molestias da  
bocca e operações de  
cirurgia dentaria

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herouano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

## COIMBRA

14 **C**onsultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

## Casa mobilada no Campo

13 **A**rrenda-se uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.

Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

## Cavallos, muares, etc.

12 **A**s sobrecannas, espavardões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferível á utoria forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo, d'onde se remette pelo correio, por 1\$000 réis.

**Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

11 **A**LUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

10 **C**hegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijos do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

## CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

9 **A** este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 8\$500.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Esplendidos cortes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

**Contra o reumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquettes* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de seuhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatic, de 450 a 4\$500 réis.

## PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35\$000 a 45\$000!!

Uma machina industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

**NOTA**—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

## ESTABELECIMENTO

DE

## FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

3.ª, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

## COIMBRA

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica:** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gess, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machulas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavatorio e cozinha.

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

## A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

## F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

8 **C**ASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

## MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

## 3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

## COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

## JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

## COIMBRA

7 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus —Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Contínua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

## AGUAS MEDICINAES

DA

## FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

## Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretdas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposulfinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem desemnadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, *rhimithes*, *pharyngites*, *bronchites*, *catarrhos gastro intestinaes*. Bem assim são de importancia grande tanto na *lithiase hepatica* como renal na *albuminuria*, *diabetes*, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

Á venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

## Loja da China

Ferreira Borges

6 **A**mendoads de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade. Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gunguhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 1\$000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 2\$200 a 3\$600 réis o kilo, chá medicinal de Humbergo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

5 **V**inho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna à Sé Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

4 **V**ende-se a quinta do «Correio-Mór» à Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semadura, olival, matta, arvores de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

## Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

## COIMBRA

3 **G**rande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

## Prevenção

2 **N**a padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se á casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

## COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital reis... 1.344.000.000

Fundo de reserva... 211.000.000

SEDE EM LISBOA

1 **E**sta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

## "RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura  
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno..... 2\$700

Semestre..... 1\$350

Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

## ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

## LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado — COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 115

COIMBRA — Quinta feira, 26 de março de 1896

2.º ANNO

## EM GUARDA

Ao cabo de tanta torpêsa que a vida politica da nossa nacionalidade para ahi vem suppurando todos os dias, em cada hora, a todos os instantes, um facto resalta, evidente e authentico, a impôr-se esmagadoramente ao espirito de todos.

Num cynismo petulante, com fôros d'audacia e sem a mais insignificante manifestação de dignidade, calca-se aos pés a lei, algema-se a liberdade dos governados, proclama-se o supremo arbitrio dos governantes, põem-se em leilão as consciencias, prostitue-se a justiça, vende-se a Patria retalhando-a aos pedaços em combinações obscuras de compadrio, amarfanha-se a voz dos que se não curvam, dos que ainda ousam levantar um protesto.

E, por aqui além, tudo num cortejo revoltante d'abjecções, de vilanias que deprimem, sem um esforço grande de redempção, sem um soberano solavanco que nos arranque a esse charco immundo d'ignominias em que nos afundamos.

Sobre o cadaver d'uma patria a contorcer-se ainda em esforços desesperados para desviar d'um abysmo medonho um povo que tem uma historia, que é toda ella uma epopêa, tripudiam miseravelmente os governantes no unico intuito de salvarem uma monarchia corrompida e gasta, odiada por todos e que só encontra servidores nos que a ella têm ligados interesses inconfessaveis, para ahi denunciados, á indignação de todos, no chalet do Luso, nas lamas do Tejo, na outra metade, nos 210 contos do Lopo Vaz e em tantas outras enormes roubalheiras, falcatruas e patifarias.

Sim, na defêsa d'esses interesses e no terror que lhes produz a idéa d'uma penitenciaria, que evidentemente se não fez para os honestos, nem tambem só para os que roubam um pedaço de pão, é que a monarchia tem a garantia dos seus serventuarios e o povo a razão dos seus tyrannos.

O facto é este:—perante a ameaça da derrocada d'um povo apenas um pensamento domina os dirigentes, um esforço unico absorve as suas energias—o de especarem um throno que na sua queda imminente os arrastará a elles tambem, esmagando-os.

Por isso o que importa é salvar, é manter a realêsa.

Engrandecer o poder real, eis tudo.

De resto... cada um que se arranjanje.

×  
Não é, tudo o que acima deixámos, o producto d'uma phantasia doentia. Não.

Os factos de todos os dias estão ahi a corroborar-lo.

Senão, bastam estes.

Ao parlamento, apesar de todas as traficancias eleiçoeriras dos galopins assalariados pelo ministerio do reino, ainda ia alguém que, em nome dos cidadãos independentes e aos impulsos d'uma consciencia que se não vendia, sabia protestar energicamente contra os abusos e crimes do poder e contra os arranjos e tramoiás que se combinavam portas a dentro dos ministerios.

Era isso um obstaculo á acção corruptora dos ministros? era um estorvo á realisação dos seus interesses, dos seus planos? Eram essas vozes independentes o signal d'alerta dado ao povo contra as emboscadas do poder?

Pois bem. Reforme-se a lei eleitoral de fôrma a inutilisar os votos d'esses cidadãos independentes e a não deixar ir ás camaras todos aquellos que se não submettam ou que se não vendam.

E a reforma não se fez esperar. Os resultados tambem ahi estão bem patentes.

Essa pseudo-camara dos deputados que já agora passará á historia com o nome pittoresco de *Solar dos Barrigas*, sem ter commettido o escandalo de conceber uma ideia, se é a vergonha d'um país livre, é, tambem, um rebanho servil prompto ás ordens do João Franco.

Isso basta, porque é tudo o que se queria.

Na independencia da magistratura judicial poderiam os governos da monarchia encontrar uma barreira invencivel ao seu arbitrio, não reconhecendo ella e não sancionando as suas tropelias feitas á lei?

Mas essa independencia não existe porque a escravizaram ás conveniencias da politica. Um juiz que, querendo obedecer á lei, não reconheça a dictadura, desobedecendo-lhe, ou recebe na volta do correio uma transferencia, ou fica marcado para a primeira pretensão justa que liver.

A força, representada no exercito, que é a ultima garantia da observancia da lei e por isso dos direitos do povo, procuram fazer d'ella uma barricada em defêsa do throno contra o povo.

Officiaes superiores com larga escala de serviços, válidos ainda para continuarem a dar o esforço do seu braço pela Patria, são infamemente e a capricho postos fóra de fileira, recorrendo-se para isso a todos os meios.

Para que nos postos mais elevados se consigam vagas que sejam occupadas pelo estado-maior do rei, não se hesita em prejudicar os que, por virtude d'uma lei, eram os primeiros na escala, sacrificando-os, ora a reformas arbitrarías, ora a limites d'edade absurdos, ora, finalmente, a commissões de serviço desnecessarias, por inuteis, com a aggravante mais de só sobre-carregaram o contribuinte com cada vez maiores despêsas.

E tudo o mais assim, neste correr de coisas.

Ao engrandecimento do poder real, sacrifica-se tudo, vilipendiando, calcando o poder do povo.

×  
Em momentos de tristes locubrações eu penso se isto já não tem remedio e se este infeliz povo português, que tão heroicamente vem de afirmar a sua vitalidade ainda em Africa, estará destinado a desaparecer na historia.

Comtudo, nesses momentos, alenta-me ainda um raio de esperança no futuro por uma liquidação, terrível embora, mas em que justiça ha de ser feita.

Apenas justiça... descancem.

O governo e o rei recebem telegrammas trocados entre particulares e em cifra. Procuram-lhes a chave, lêem nos e vangloriam-se da estranha habilidade.

É o sr. Fuschini quem o diz.

### Sebastião de Carvalho Lima

Falleceu em Aveiro este prestante cidadão, pae do nosso prezado collega do *Seculo* o sr. dr. Magalhães Lima e sogro do distincto professor da Faculdade de Philosophia o sr. dr. Julio Henriques, aos quaes damos os mais sentidos pezames.

Os portadores ingleses da divida externa reuniram-se em Londres para assentarem na attitude que deviam tomar ácerca da conversão da divida.

Não tomaram resolução alguma sobre tal assumpto, visto ser facultativa a conversão.

### A monarchia julgada pelo sr. Fuschini

Numa carta que o sr. Fuschini escreveu em setembro de 1892 ao sr. João Franco, e que acha-se publicada a pag. 100 do seu livro, é assim apreciada a politica monarchica:

«Não pôde haver a menor duvida; a monarchia, entre nós, tende a transformar-se em governo de *coterie*, em que os homens de valor e honestidade vão rareando e são substituidos pelos peiores elementos, por toda a parte infiltrando a mais nojenta immoralidade. A decadencia do parlamento não tem melhor origem.

A corôa tem graves responsabilidades neste apodrecimento. No meio d'este cahos, com alguma

energia e bom senso, ladeada por bons elementos, podia apoderar-se da situação, regenerar o país e salvar-se com elle. Não o quer fazer, e mais confia na propria salvação pelo apoio de homens perdidos no conceito publico, e de jornaes habeis em *chantage*. Dirá o meu bom amigo que isto—que indiscutivelmente se vê e anda no espirito de muita gente—provém de causas independentes da vontade do rei. Talvez, os factos futuros o demonstrarão; todavia, a maxima probabilidade é que o meu amigo labore em erro.»

Quem assim apreciava o rei e os que o rodeiam, aceita uma pasta, fazendo parte do ministerio mais immoral e corrupto que entre nós tem havido, do ministerio que mais trabalhou pelo engrandecimento do poder real para que mais explorado podesse ser o povo.

Seria inacreditavel, se a persistencia da monarchia em Portugal não fosse de ha muito um absurdo.

### Tenente Coelho

Terminaram hontem os cinco annos de degredo a que, nos celebres tribunaes de Leixões, foi condemnado, em virtude da revolução de 31 de janeiro, o nosso correligionario tenente Coelho.

Saudando-o, fazemo-lo com a esperança que um dia virá em que os julgadores d'hontem serão os julgados d'então.

E far-se-ha justiça inexoravel, sem vinganças, mas tambem sem clemencias.

### O Fuschini e a academia

A paginas 78 do seu livro, o sr. Fuschini, referindo-se á academia do seu tempo, diz:

«A miseravel politica não havia, tambem, penetrado nos espiritos academicos, collocando-lhes nos cerebros as idéas, e nos corações as qualidades sinceras e desinteressadas da mocidade alegre e desocudada. Nesse tempo, penso eu, mais facil seria encontrar entre os estudantes de Coimbra, quem melhor conhecesse os feitos do grande Sesostris e as doutrinas philosophicas do mago Zoroastro, do que as biographias dos nossos grandes politicos, cujas idéas magicas não conseguiam atravessar a glacial indifferença academica. Depois... *altri tempi, altri pensieri*»

Tem alguma razão o sr. Fuschini. Não foram, porém, os estudantes republicanos que tornaram miseravel a politica da academia. Em todos os tempos os estudantes da Universidade se têm mostrado partidarios da mais sã e pura democracia, defendendo todos os grandes principios da liberdade e vertendo por ella algumas vezes o seu sangue.

Hoje, outros tempos. Ha ainda algumas duzias de rapazes que se não têm deixado contaminar pela corrupção largamente espalhada pelos governos do rei. Esses são alucinados de doidos!

Doidos, porque têm vergonha! Os outros, os ajuizados, principiam aqui a fazer tirocinio para galopins do João Franco. A porta ferrea é a antecamara dos ministros. Alguns apresentam o memorial, acompanhado dos recibos das mensalidades que pagaram ao club, creado para fazer propaganda das instituições monarchicas!

O exemplo é fornecido pelo proprio sr. Fuschini que, para ser ministro, nem sempre foi coerente.

Eles, para que o João Franco lhes dê uma codea, fazem o mesmo... E é doido quem tiver vergonha.

## O QUE É O SR. JOÃO FRANCO

Do livro do sr. Fuschini, a que já nos referimos no numero ultimo, transcrevemos os periodos mais interessantes relativos á biographia do sr. João Franco, o nevrotico dictador. O juizo que d'este desequilibrado fórma um seu ex-collega, que é incomparavelmente superior a elle intellectual e moralmente, não pôde deixar de considerar-se muito lisonjeiro não só para o biographado mas tambem para a monarchia, que o considera o seu primeiro homem.

«O acaso fizera com que eu, ainda estudante, me encontrasse em Coimbra com o sr. João Franco. Seria ahi por 1869, cursava o terceiro anno de Philosophia, quando tive por *caloivo* e companheiro de casa o actual e famoso dictador.

E, francamente, confesso a minha falta, não o presentii. Viera de sertaneja terra da Beira Baixa, protegido por um antigo companheiro meu. Devia ter 14 ou 15 annos o pequeno que, durante meses, vi crescer, sem me impressionar alguma das suas qualidades.

De estatura baixa, levemente curvado, estreita a fronte e alongado no alto o craneo, com tendencias para a microcephalia, olhos pequenos e negros, de expressão dura e penetrante, malares desinvolvidos e proeminentes, nariz fino e allado, beiços delgados em bocca pequena e saliente, taes eram as qualidades physicas do recém-vindo, que, em boa verdade, não o tornavam mul crédor de sympathias.

Algumas vezes, ao vê-lo, formulei no meu espirito esta opinião, embora a justiça me segredasse que a pobre creança d'estes caracteres não era culpada. Os traços physionomicos, em que o celebre Gall, o precursor da escola psycho-physiologica de Lombroso, poderia talvez encontrar adversas revelações, pertenciam, com rigor sensível, aos de raça judaica, tão profusamente espalhada naquella região do país.

Moralmente, a creança pareceu-me altiva e travessa. Mais de uma vez a minha auctoridade de veterano teve de intervir, para abrandar accessos de desmedido orgulho. Sem responsabilidade na direcção academica do futuro bacharel em Direito, não formei opinião segura ácerca do seu valor intellectual.

Affoa!, tudo isto veiu, apenas, para constar que o dr. José Falcão, já lente de Mathematica, frequentava a minha casa e brincava, cheio de bondade, com o sr. João Franco, que estremezia horrorizado, principalmente em occasiões de trovoadas, se se aproximava, ou lhe falavam, dos volumes de Proudhon, o melhor capital da minha bibliotheca de estudante. Era, tambem, beato o rapaz!

Perdi-o de vista depois. A tradição, trouxe-me, porém, noticias de que o genio irascivel e altivo do sr. Franco, se manifestara em esturdias nocturnas, nas ruas de Coimbra, onde a môca e o cacete trabalhavam, impunemente, nas costas dos indefesos, porque as proprias costas teve sempre cuidado de as fazer guardar.

... Nos primeiros, que lhe ouvi, defendia com violencia os actos do partido regenerador, e num d'elles, ácerca das despêsas enormes de que Fontes foi com razão accusado, o orador teve esta formidavel e não mui feliz hyperbole: *É necessario, sr. presidente, regar o país com libras*.

Conclui, em breve, que deante de mim estava um novo caso de pathologia social, aliás vulgar, de joven bacharel, que, lisonjeando o chefe e pres-

## RELATORIO

DE

## MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

(CONTINUAÇÃO)

A povoação de Chaimite, onde foi enterrado Manicusse, tinha umas 25 a 30 palhotas cercadas por uma paliçada de 1<sup>m</sup>,5 de altura, tendo entrelaçados nas estacas muitos arbustos espinhosos.

Era uma especie de cidade santa das vátuas, e deviam ter-se alli passado scenas de grande carnificina, tanto antigas como muito recentes, porque ao aproximarmo-nos da povoação encontramos algumas caveiras humanas já brancas, ao mesmo tempo que se sentia um cheiro muito intenso a carne pôdre, e os pretos disseram depois que no matto estavam varios cadaveres. Dava ingresso na povoação uma unica entrada de não mais de 40 centímetros de largura.

Corri para ali á frente dos brancos ao passo que o circulo dos pretos se ia apertando a pouco e pouco. Entrei na frente seguido pelo tenente graduado Couto, dr. Amaral, tenente Miranda e o interprete. Julguei logo que entrei que o regulo se defenderia, porque vi encostados á paliçada do lado interior alguns pretos com espingardas, parecendo preparar-se para fazer fogo. Como trazia a espada na mão corri logo sobre elles, e ou fosse porque já tivessem de todo perdida a força moral, ou por verem logo atraz de nós a testa da columna que derrubara as estacas lateraes da estacada, é certo que nenhum fez fogo, deitando todos a fugir e sumindo-se nas palhotas. Este acto de cobardia dos pretos foi providencial, pois fuzilando-me a 10 metros de distancia (que maior não era a que me separava d'elles), teriam provavelmente morto todos os officiaes, os auxiliares teriam provavelmente sido trucidados pelos 250 ou 300 pretos que depois vi que estavam dentro da povoação.

Vendo, logo que os pretos fugiram, sahir de uma palhota proxima um homem de coroa, perguntei-lhe pelo Gungunhana, e elle apontou-me para a mesma palhota de onde sahira. Chamei-o muito de alto no meio de um silencio absoluto, preparando-me para lançar fogo á palhota, caso elle se demoras-se, quando vi sahir de lá o regulo vátua, que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo, por o terem visto mais de uma vez em Manjacase.

Não se pôde fazer idéa da arrogancia com que elle se apresentou e do tom desdenhoso com que respondeu ás primeiras perguntas que lhe fiz.

Mandeí-lhe prender as mãos atraz das costas por um dos soldados pretos e disse-lhe que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo. Obriguei-o então á força a sentar-se no chão (coisa que elle nunca fazia), dizendo-lhe que elle já não era regulo dos manguni mas um matonga como qualquer outro. Quando o viram sentar, a guerra preta que a esse tempo já se tinha vindo encostar ao lado exterior da paliçada, além dos que tinham trepado ás arvores e ao tecto de algumas palhotas isoladas que haviam no exterior mesmo proximo á paliçada, levantaram grande alarido, batendo com as zagaías nas rodellas em signal de applauso e espanto.

Perguntei ao regulo por Quêto, Mauhune, Molungo e Manguana. Mostrou-me o Quêto e o Mauhune, que estavam ao pé d'elle, e disse que os outros dois não estavam.

Exprobrei a Mauhune (que era o alma damnada do Gungunhana) o ter sido sempre inimigo dos portuguezes, ao que elle só respondeu que sabia que devia morrer.

Mandeí-o então amarrar a uma estaca da paliçada e foi fuzilado por 3 brancos. Não é possível morrer com mais sangue frio, altivez e verdadeira heroicidade; apenas disse sorrindo que era melhor desamarrar-lo para poder cahir quando lhe dessem os tiros.

Depois foi Quêto. Elle fôra o unico irmão de Muzilla que quizera a guerra contra nós, e unico que fôra ao combate de Coollela. Não tinha vindo pegar pé como tinham feito Inguinsa e Guio, seus irmãos.

Dizendo-lhe eu isto respondeu que não podia abandonar o Gungunhana, a

quem tinha criado como se fôra pae, retorquindo-lhe eu, que a quem desobediencia e fazia guerra ao rei de Portugal deviam pae, mãe e irmãos abandoná-lo.

Mandeí-o amarrar tambem e fuzilar. Estas duas execuções produziram na guerra preta um enthusiasmo indisciplinavel, que manifestaram com ruidosos e repetidos bayetes, o que mostra bem que elles confundem a força e coragem com a crueldade, e que é absolutamente necessario d'estes exemplos para os dominar e fazermo-nos respeitar.

Veiu então a mãe do regulo Impincazamo, arrastando-se de joelhos, pedir-me que não matasse o filho, nem o Godide, que ambos ella creára. Esta mulher mostrára-se sempre amiga dos portuguezes e muito opposta á guerra.

Disse-lhe que acerca do regulo só o rei poderia resolver, mas que o Godide seria poupado e acompanharia o pae por elle ter pedido, e quanto a ella, por ter sido sempre amiga dos portuguezes, podia voltar para a sua povoação, que eu a ninguém consentiria lhe fizessem mal.

O regulo perdera toda a arrogancia depois da morte de Quêto. Disse que dava tudo que tinha, entregou 1:000 libras e oito diamantes.

Mandou recado ao filho Ipsuta para trazer todo o gado que levára mais para longe, e mandou igualmente procurar mais marfim a Manjacase, onde ficára enterrado, dizendo que assim esperava que o rei lhe perdoasse a morte. O portador d'esta ordem foi o Zaba, que eu mandára soltar.

Mandeí então passar busca ás palhotas, onde se encontraram as armas constantes da relação junta. Supponho que muitas deviam ter ainda por lá ficado, mas a muita chuva que voltára a cahir e a grande distancia a que me achava do Limpopo impediram-me maior demora.

Marchei depois, levando commigo presos o regulo, Pissane e Molungo, irmãos de Muzilla, que estavam tambem com elle, Godide, filho do regulo, (Incossikasi), que o regulo escolheu para o acompanharem, e muitos un'anes (rapazes) que carregaram o marfim.

A marcha de regresso foi tambem muito rapida, pois sahindo ás 10 horas (a. m.) de Chaimite, ás 4 horas chegavamos á povoação de Vuitana, onde acantei a força branca e os presos, bivacando a gente de guerra em volta da povoação.

Nesse dia fizeram-se 8 horas uteis de marcha muito rapida, e sempre de baixo de chuva, mas ninguém sentia a fadiga, tal era o enthusiasmo que nos officiaes e praças tinha produzido o aprisionamento do regulo vátua.

No dia seguinte, porém, a marcha que principiou ás 5 horas (a. m.), embora curta, foi pessima e demorada porque mal podiamos andar; para mais tendo chovido toda a noite, o caminho estava encharcado e constantemente passavamos ou pequenos riachos ou pantanos com agua ás vezes até acima do joelho.

Tive que dar dois descansos, nesses deu-se um facto que mostra bem quanto os manguni tinham ficado impressionados com a prisão do regulo e aterrorizados com o que tinham visto. Querendo eu que os soldados se sentassem, mas vendo a herva muito molhada, ordenei á gente de guerra que estava mais proxima da força branca, que fossem pôr as rodellas ao pé dos soldados para elles se sentarem. Que lhes custou muito fazê-lo viu-se-lhes bem na physionomia, mas não houve um segundo de hesitação no cumprimento da ordem dada.

Cerca das 9 horas (a. m.) chegamos a Zimacoze. Embarcada a força européa e os presos, toda a gente de guerra formou ao longo da margem direita do rio.

Levantei a bordo quatro vivas a El-Rei, á familia real, á armada real e ao exercito, enthusiasmicamente correspondidos pelas praças da marinha e do exercito que estavam armados e debaixo de forma no *sparededecke*, e em seguida a gente de guerra soltou três bayetes, saudação que eu lhes tinha feito explicar se dirigia naquella occasião a El-Rei. Depois cantaram o *In-cudua*, acabando por uma torrente de insultos da mais requietada torpésa áquelle de quem havia poucos dias tremiam com medo.

Deixei expandir assim a natural vileza de sentimentos dos pretos, não

para atormentar um prisioneiro já moralmente aniquilado, mas para que os indigenas tivessem bem a consciencia de que o prestigio e auctoridade do regulo acabára de todo por uma vez. Seguiu-se uma salva de 21 tiros e a *Lapello* levantou ferro chegando a Langwane ás 3 horas e 30 minutos (p. m.), depois de uma viagem magnifica sem um unico encalhe.

X

Assim se levou a effeito a prisão do celebre Gungunhana e acabou o predomínio do ultimo dos três povos guerreiros e poderosos, independentes de facto, que existiam na Africa Austral: Zulus, Matabelles e Vátuas.

Muito gente por certo fará não poucas censuras á maneira como dirigi e mandei este golpe de mão; uns classifica-lo-hão, assenta a exiguidade da força branca, de loucura que só quasi por milagre teve bom exito; outros chamar-mê-hão cruel e sanguinario por ter fuzilado os dois prisioneiros. Parece-me, porém, de justiça attender ao seguinte: temeraria ou não, semelhante surpresa era indispensavel e urgente, sob pena de ficarem as forças expedicionarias, e portanto o exercito e a nação, de todo desprestigiadas perante os indigenas de Gaza e a gente do Transvaal, Orange, Natal e Cabo. Sei perfeitamente que esta operação foi levada a cabo, sem pôr em pratica muitos dos preceitos que os regulamentos militares determinam, mas nem a pouca força de que dispunha podia dar um serviço de segurança regular, nem a empresa era d'estas que demandam prudencia; era um verdadeiro jogo; ou lá ficavamos todos, ou conseguíamos agarrar o regulo; o que era preciso era andar depressa e não haver hesitações. Sacrifiquei a isso todas as considerações de prudencia.

Informa o correspondente telegraphico da capital para o nosso prezado collega a *Voz Publica*:

«Corre como certo que o infante D. Afonso partirá de Gôa, para Lisboa, logo que alli chegue e sr. Neves Ferreira, o qual sairá d'aqui para a India, ainda antes do fim do corrente mez.

O infante deve estar em Lisboa, em principios de junho. E' natural que esta noticia venha a ser desmentida... mas o tempo dirá quem tem razão.»

## Concentração republicana

Recebeu-se em Lisboa a noticia de que os diferentes grupos do partido republicano de Hespanha tinham conseguido reconciliar-se uns com os outros, a fim de entrarem em acção decisiva e prompta.

Muito folgaremos em ver confirmada esta noticia, e mais ainda quando se veja o resultado da reconciliação.

Foram autorisados a permutarem os seus logares Manuel Marcellino de Araujo, 3.<sup>o</sup> distribuidor de Coimbra, e João Manuel Pereira, 3.<sup>o</sup> distribuidor do Freixo.

Noticiam alguns jornaes que o sr. Emygdio Navarro, logo que tivera conhecimentos das referencias feitas no livro do sr. Fuschini á sua pessoa, escrevera ao sr. Hintze Ribeiro pedindo auctorisação para usar de documentos e informações officiaes que podessem interessar á questão dos credores externos, e, em sua opinião, a outras correlativas, e que o sr. Hintze Ribeiro, tendo consultado alguns dos seus collegas, respondera negativamente.

Nem podia deixar de ser essa a resposta. O sr. Navarro, quando escreveu ao sr. Hintze, já tinha a certeza d'isso; do contrario não faria o pedido.

Que a brincadeira sem duvida lhe ficava cara,

tando serviços ao partido — é a expressão consagrada para estas subversivencias — desejava qualquer collocação rendosa, ou elevada situação politica. E não me enganei, em breve o sr. João Franco conseguia ambas.

Assisti a todas estas extraordinarias scenas, vi em acção, mais ou menos disfarçada, os protagonistas; entre elles distinguia-se o sr. João Franco como dos melhores factores e instigadores. Os seus mais violentos discursos, envolvendo quasi offensas pessoais, viviam principalmente o sr. Marianno de Carvalho, então ministro da fazenda, não obstante afirmar-se que este ministro deixára ao sr. João Franco a liberdade de talhar á vontade, em funções e ordenado, o logar que lhe aprouve escolher na reforma aduaneira de 1887.

Foi deploravel fraqueza do governo progressista, por que ficaram sem exemplar castigo as flagrantes e profundas offensas, feitas á dignidade nacional por um bando de ambiciosos vulgares, que não trepidaram em menosprezar perante o publico a soberania nacional, representada pelo parlamento. O que valiam esses agitadores, as suas intenções, os seus fins, mostraram-o, depois bem claramente, os seus actos. Escalaram o poder, apoderaram-se dos logares mais rendosos, enriqueceram por todos os modos, directos ou indirectos, que a politica devassa lhes facultou. E, finalmente, para cumulo de cynismo, o sr. João Franco, rico, poderoso e protegido, o corypheu d'esses côros de violencia e de desprestigio parlamentar, defraudou dos seus direitos civicos aquellos que, em longa carreira politica honesta e pobre, honradamente ganharam o direito de não reconhecer seu igual, e expulsa-os da camara, constituída a seu bel-prazer, pelos antigos companheiros de desvergonhamento politico e de ameaças parlamentares.

Glozando este excerpto, diz a *Vanguarda*, nosso collega da capital:

«Se o sr. Fuschini soubesse, publicaria com certeza a nota de que o sr. João Franco é neto do celebre *Mil diabos de capinha*, que segundo a tradição heirá serviu de guia ao exercito francez ao invadir Portugal.

D'esta biographia dos actos do sr. João Franco, dos numerosos documentos publicados por elle, concluímos que o actual ministro do reino:

**Intellectualmente**, é menos do que mediocre.

**Politicamente**, é um homem capaz de praticar todas as indignidades.

**Pessoalmente**, é um fracalhão que ha de tremer como Polignac no banco dos réus e entrará como um criminoso vulgar na Penitenciaría, onde tem de expiar a dictadura.»

Tudo muito bem, excepto no que respeita á historia da familia do desequilibrado dictador, que está muito incompleta.

Informam os jornaes independentes da capital que o sr. Pedroso de Lima vai ser nomeado revedor da Relação de Lisboa. Acrescentam que o ex-commissario de policia ameaçava liquidar severamente as suas contas com a monarchia, se lhe não fosse dado um logar á mesa do orçamento, e que o sr. João Franco, sempre valente, se impusera para que lhe fosse dado esse logar a fim de que possa fallar á vontade.

A *Tarde*, órgão do sr. João Franco, o *Diario Popular*, órgão do sr. Marianno de Carvalho, e as *Novidades*, órgão do sr. Emygdio Navarro, publicam furibundos artigos contra o sr. Augusto Fuschini por causa das referencias que no seu livro faz a essas caracteristicas individualidades que, sob o ponto de vista da patifaria e da canalhice, são as que mais se salientam no esterquilino da politica monarchica.

Esses artigos não produzem, porém, a minima impressão na opinião publica, que tão profundo abalo soffreu com o livro do sr. Augusto Fuschini. Ninguém vê nelles a legitima desaffronta

d'uma dignidade offendida, nem o desejo de restabelecer a verdade dos factos que voluntaria ou involuntariamente foram deturpados. Outro é o intuito dos seus auctores.

Querem continuar a exercer a mesma influencia que até hoje têm exercido negocios publicos nos, e, para isso, fingem-se revoltados contra aquelles que vêm revelar as torpésas que praticam. É o vil interesse, a ambição mesquinha, que os move. Nada mais.

Que não pôde considerar-se offendido quem dos seus proprios correligionarios, sem um protesto, têm ouvido os significativos epithetos de bandido, ladrão e outros equivalentes.

Na camara dos dezoito discutiu-se o caso da promoção de Mousinho de Albuquerque a major. O ministro da guerra, sem vergonha alguma, disse que não houvera contradicção no seu procedimento; o sr. Marçal Pacheco, reconhecendo que esse ministro se contradissera umas poucas de vezes, declarou que votava a moção de confiança ao governo. E os parés concordaram com um e com outro, votando essa moção.

Que pandiga!

Como combatem o João Franco e o Marianno o Fuschini? Apresentando em publico os favores que d'elles recebem. Chamam-lhe ingrato.

O fim é obvio: deixar isolado o Fuschini. Que a ingratidão é um crime revoltante, sobretudo quando se trata de favores feitos á custa dos cofres publicos por ministros sem consciencia nem dignidade.

## Anniversarios

Entrou no 5.<sup>o</sup> anno da sua publicação o nosso valente collega *A Patria*, órgão dos republicanos de Braga. As nossas felicitações.

Egualmente as nossas felicitações ao *Journal d'Anadia*, pelo seu 5.<sup>o</sup> anniversario.

O empréstimo de 9:000 contos que o sr. Hintze Ribeiro propõe, diz elle que para compra de vasos de guerra, despertará vivo protesto nas praças estrangeiras, quando não seja acompanhado de providencias elucidativas sobre a situação das obrigações actualmente emitidas, quanto aos seus privilegios de garantia e de cambio.

Que o heroe de Caneças tome nota.

Num conselho de ministros presidido pelo rei que, segundo afirma o sr. Fuschini, esteve durante todo elle a fumar um eterno charuto, discutiu-se o seguinte assumpto:

**Se no estado actual da politica portuguesa convinha transigir com certos elementos comprando-os, satisfazendo-os e aproveitando-lhes a força; se esmagá-los, firmar o governo em novos elementos, contrapondo á sua força novas organizações politicas.**

O chefe do Estado ouviu os discursos proferidos sobre problema tão interessante como moral sem levantar o minimo protesto e, depois de haverem fallado todos os ministros, declarou que era **inexperiente, que confiava no governo e que, para cumprir a sua elevada missão, dar-lhe-hia da sua parte os meios de governar.**

O rei auctorisou assim o governo a comprar os elementos maus, mas poderosos e activos, que podessem ser prejudiciaes á monarchia. Não de concordar que é extraordinario.

## Carta de Lisboa

Lisboa, 24 de março de 1896.

Com a primavera rebentou o livro do sr. Fuschini. De má arvore, máo fructo. Comtudo serve.

O que naquelle livro ha de puro não é escripto pelo sr. Fuschini. Refiro-me ás cartas de José Falcão. Essas cartas são o documento mais puro da grandesa do seu character e do valor da sua intelligencia. São ainda mais um documento de bondade, ingenuidade quasi, que ainda o tornam mais amado.

E' na parte em que se reproduzem as cartas d'aquelle que em vida foi o mais sincero e patriota de todos os portuguezes, que Fuschini trata do partido republicano. Convém dizer que não nos aggride muito. O que elle dá a entender de mais offensivo para nós todos não irrita, desperta a gargalhada. Fuschini, porque José Falcão era bom de mais, dá-se ares de que dirigia aquelle grande homem?

Reparem vocês nesta! O Fuschini, esse vaidoso, quasi comico pela monomania de ser uma grande intelligencia, a tutelar intellectualmente José Falcão! O Fuschini, esse incoherente, a influir moralmente sobre José Falcão!

Vocês zangam-se? Eu rio. Que diabo ha de o homem dizer? E depois, agora que José Falcão já não pôde responder-lhe, para que havemos nós de discutir o que diz o Fuschini?

Outra coisa diz o Fuschini. E' que os republicanos nunca tiveram chefes de valor intellectual e moral. Ora dos mortos, Oliveira Marreca, Latino Coelho e José Falcão, foram sempre muito mais intelligentes, mais illustrados, mais dignos e mais coherentes do que o Fuschini. Dos vivos,—para que hei de ridicularisa-los em parallelos com o insignificante?—conheço bem uns oito ou dez que são incomparavelmente superiores sob todos os aspectos a esse ambicioso que no socialismo cristalizou em Proudhon e

faz discursos estopantes em cujas palavras se advinha só este pensamento divertido.—Reparem, olhem que eu sou muito intelligente, mas muito!

Em resumo, as irritações do Fuschini derivam d'isto — Elle queria que os republicanos o fizessem deputado por Lisboa, sem se declarar republicano. Porque elles entendessem que isso era serem tolos demais se o consentissem, o Fuschini zangou-se e foi então pedir ao rei que o fizesse deputado.

×

O homemsinho tinha o seu plano que era ameaçar com a *Liga Liberal* e com o partido republicano. Falhou este, mas ficou a *Liga*. E lá foi a intriga com o João Franco e Carlos Lobo d'Avila pedindo ao rei que o fizesse deputado!

×

E assim foi que o Fuschini entrou no Paço e entrou no ministério.

O que elle por lá viu disse-o no livro, já o sabem!

Que hei de eu dizer, simples mortal, sem nada perceber d'esta patifaria.

Sem empregos, sem querer conhecer os politicos, recusando affectos, eu novo, sincero e com o grande orgulho, bem legitimo, de olhar do alto da minha independencia para essa gente, que hei de eu dizer?

Olho absorto para todas as patifarias que se descobrem. Como não sou rico, escuso de fechar o meu cofre.

Tenho, porém, um dever a cumprir em nome da minha dignidade de homem. Esse dever incumbe a todos os republicanos. Deixemo-nos pois de discussões e assentemos por uma vez nisto — é necessario proceder!

×

O Fuschini não falla mal dos progressistas.

Quer ir para elles.  
Deus o leve a um ministerio dos

filhos de Passos para nos vir dizer o que por lá vaç.

O Fuschini tem na politica portuguezesa o papel de um reagente. Descobre os venenos.

João da Nova.

Alexandre Braga e Fausto Guedes estão escrevendo uma operetta com o titulo *Noite de S. João*.

A musica é de Cyriaco de Cardoso.

## Providencias

Está intransitavel e perigosa a rua de Sã da Bandeira, junto ao mercado. De dia pôde passar-se por dentro do mercado, mas á tarde fecha-se a porta para evitar o roubo das sardinhas, dizem-nos.

Nós temos em muita conta os interesses dos negociantes d'aquelle peixe, mas não podemos tambem deixar de attender aos interesses dos transeuntes que precisam de fazer prodigios de equilibrio para não partirem alguma perna.

Não será mau que a porta esteja sempre aberta, collocando alli um policia de guarda ás sardinhas.

Neste sentido pedimos providencias a quem compete.

O sr. Alfredo Cardoso Santhiago, artista habil e honesto, participa-nos em circular que por disposição testamentaria ficou com o estabelecimento do fallecido Daniel Guedes Coelho.

## Tripulação em revolta

Telegrapham de Plymouth que a bordo do navio *Maria II* succedeu uma horrivel tragedia durante uma viagem de Singapore ás ilhas Carolinas.

A tripulação composta principalmente de chinezes, revoltou-se, apoderou-se do capitão e, depois de o decapitar, lançou o corpo d'elle ao mar. Um marinheiro allemão e um negro que tentaram socorrer o pobre capitão soffreram a mesma sorte.

Os revoltosos fecharam depois a mulher do capitão e o creado d'este no camarote e, quando deliberavam acerca da sorte dos presos, rebentou entre elles desordem, que não tardou a degenerar em rixa sangrenta, morrendo nella três chinezes. Felizmente para os presos, o capitão d'um cruzador hespanhol, querendo verificar a especie de carga do *D. Maria II*, perseguio-o attingindo-o rapidamente. Não tardou a descobrir a verdade, prendendo os criminosos, que foram desembarcados em Manila e entregues ás auctoridades.

os detalhes do tal passeio no parque que vós me contastes, por signal com uma historia muito bem alinhavada para um medico ingenuo de Bernay, mas para mim...

—É forte de mais! resmungou M. de Lambrune.

—Foi bastante forte, acredito, respondeu Pierre Touzeaud sem se desconcertar. Foi até por isso que ardeza do abalo produziu taes effeitos... Mas o remedio é tão velho como o mundo, porque está na natureza dos seres e depende apenas de M. d'Argouges. Uma grande dôr só se cura com uma grande alegria: o primo, o noivo de M.<sup>elle</sup> de Villy é o unico que lh'a pôde dar, apressando-lhe a convalescença para se casarem brevemente...

—Ao menos não partais por enquanto, peço-vos, disse o coronel; talvez que eu precise de vós até ao fim. Pierre Touzeaud sorriu-se, lembrando-se de que estes homens que manifestam toda a especie de bravura e de ferocidade até no campo de batalha, são tímidos e quasi pusillanimes em frente dos acontecimentos ordinarios da vida.

De tarde, depois do banho, o estado de Alice tinha melhorado bastante; os membros tinham perdido em rigidez, o corpo apresentava-se flexivel e as palpebras entreabriam-se repetidas vezes, simulando ás palpações das

## Theatro Principe Real

A companhia Taveira deu mais alguns espectaculos, attendendo ao agrado que despertou no publico de Coimbra.

No domingo, deu-nos o *Solar dos Barrigas* e na segunda e terça feira, *El Rei Damnado*, peças já conhecidas nesta cidade e que, diga-se de passagem, tiveram nas outras vezes um desempenho muito superior ao actual.

Como sempre muito applaudidos Angela Pinto e José Ricardo. Os restantes artistas tambem colheram grande numero de palmas.

Cyriaco e Taveira foram chamados á scena, recebendo muitos applausos. No final do ultimo espectáculo, foram muito victoriados todos os artistas bem como Cyriaco e Taveira.

Por lapso deixamos de nos referir no ultimo numero á scena da *bebadeira*, do *Testamento da Velha*, esplendidamente desempenhada por Emilia Eduarda.

Casas regulares.  
No espectáculo de terça feira houve um pequeno tumulto ocasionado por uma prisão arbitraria feita pelo sr. Ferrão. A prisão não foi mantida.

## Hospitais da Universidade de Coimbra

*Operações cirurgicas.*—O professor o sr. dr. Sousa Refoios, fez as seguintes operações na clinica escholar das mulheres:

Ankylo-blepharon congenita, a um menor de 5 meses, filho de Jesuina de S. José, natural de Tavarede.

Extracção de um myoma uterino, por via vaginal, á doente Emilia Ricardina Lopes, de 45 annos, natural da Figueira da Foz.

Assistiu e auxiliou o curso do 5.<sup>o</sup> anno.

Na 5.<sup>a</sup> enfermaria o professor sr. dr. João Jacintho, fez a extripação de um epithelioma do labio inferior á doente Anna Maxima, de 63 annos, natural de S. Martinho da Cortiça.

Na clinica cirurgica de mulheres, foram praticadas as seguintes operações: Amputação da glandula mamaria direita, e extripação dos ganglios do axilla motivada por um carcinoma á doente Maria Amelia Garcia, de 50 annos, natural de Gramagos, pelo professor o sr. dr. Daniel de Mattos, auxiliado por alguns alumnos do 4.<sup>o</sup> anno.

Extracção de um kysto synodial na face dorsal do pé direito da doente Amelia Joaquina Ferreira, de 21 annos, natural da Pocarica, pelo quartanista o sr. Joaquim Salinas Antunes, auxiliado pelos seus condiscipulos e sob a direcção do professor o sr. dr. Daniel de Mattos.

Dilatação e disseccção de um trajecto fistuloso suppurado, na espessura da parede anterior do abdomen da doente Maria Augusta, de 30 annos, natural de Almeida, pelo quartanista o sr.

azas das avezinhas quando prestes a levantar vôo. Uma incoherencia de palavras lhe saia constantemente da bocca; mas, a este respeito, M. de Villy e a mãe estavam absolutamente tranquilos vista a affirmação categorica do medico de que este delirio era um regresso lento ás faculdades do espirito.

A velha M.<sup>me</sup> de Villy com difficuldade resistia ás fadigas physicas e moraes da noite e do dia passados á cabeceira da neta.

—Basto eu e a criada do quarto para velar, madame, disse Herminia.

—Sim, accrescentou Pierre Touzeaud, que temia, como succedia tambem a M.<sup>elle</sup> de Croizy, que alguns monosyllabos indiscretos da doente viessem aclarar a questão; ide descansar, madame. A vós, é necessario; e agora já nada temos a receiar.

—De resto, disse M. de Villy, eu não me deito; ficarei encostado num fauteuil, no meu quarto para mais rapidamente acudir a qualquer coisa que seja precisa.

—E eu, replicou Pierre Touzeaud, estou habituado por um tirocinio de oito annos de hospitais a dormir só com um dos olhos.

—Pobre criança! disse M.<sup>me</sup> de Villy beijando Herminia, Como ella é digna tambem de ser amada!

Antonio de Padua, auxiliado pelos seus condiscipulos e sob a direcção do mesmo professor.

Amputação do seio esquerdo hypertrophiado, ao doente Joaquim Simões Lameiro, de 15 annos, de Villa Franca, pelo quartanista o sr. Ricardo Soares Machado, auxiliado pelos seus condiscipulos e sob a direcção do mesmo professor.

Na 5.<sup>a</sup> enfermaria o professor o sr. dr. João Jacintho, auxiliado pelos alumnos do 3.<sup>o</sup> anno, praticou a reseccção da tibia direita á doente Maria da Trindade, de 14 annos, natural de Villa Gosedne.

Dilatação e disseccção de um trajecto fistuloso suppurado na região lombar de outra doente, pelo mesmo professor e auxiliado pelos alumnos do 3.<sup>o</sup> anno, e assistencia do curso.

Diz-se que a Associação Commercial de Coimbra pensa em construir um edificio proprio na Estrada da Beira.

Apresentam-se como concorrentes ao lugar de administrador da Imprensa da Universidade os srs. drs. Henriques da Silva e Antonio de Vagconcellos, lentes da Universidade; e os bachareis Albino de Mello, actual administrador interino, Alberto Pessoa e Abel d'Andrade.

A Companhia Real dos Caminhos de Ferro informou a direcção da Associação Commercial d'esta cidade de que não pôde satisfazer o seu pedido relativamente ao estabelecimento d'um *transway* entre Coimbra e Luso, porque não podia estabelecer accordo a esse respeito com a companhia da Beira Alta.

## F. FERNANDES COSTA

ADVOGADO

Rua do Visconde da Luz, 50

## NOTICIA HISTORICA

DA

## VENERAVEL ORDEM TERCEIRA

DA

Penitencia de S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu Hospital e Asylo

Um volume de mais de 200 paginas

Preço 400 réis

A' venda no estabelecimento dos srs. Machado & Ferreira, rua do Visconde da Luz, n.<sup>o</sup> 40.

## XXII

Ao fundo do quarto, a luz da vella posta sobre uma pequena meza estava meio encoberta pelo abaj-jour. Nesta meia claridade o semblante pallido de Alice mal se destacava do travesseiro por entre os cortinados de setim azul-celeste com bordados prateados. Entre a luz e ella, Herminia estava assentada num fauteuil no mesmo logar que na noite anterior, juncto aos pés do leito. Tinha já os olhos habituados a ver bem naquella penumbra e seguia assim todos os movimentos de Alice; o seu olhar fixo teria talvez inquietado M.<sup>me</sup> de Villy se ella lá estivesse e pudesse surprehendel-o na obscuridade em que elle dardejava.

É que este olhar era de uma extranha sollicitude: temia, em vez de esperar, o fim d'este torpor em que Alice estava mergulhada mas que la sacudindo pouco a pouco, o que muito contrariava Herminia, que de boa vontade mantaria para sempre Alice naquelle estado se isso dependesse d'ella. Agora, melhor ainda do que depois do rendez-vous com Emmanuel na bibliotheca, ella comprehendia que a questão entre ella e Alice era de vida ou morte. Alice tinha sido a primeira attingida, mas se se levantasse, seria a condemnação para Herminia. E todavia, naquella hora, de quem eram os direitos?

## 63 Polhem da RESISTENCIA

## UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXI

—É tudo um, caro senhor.  
—Seja; mas voltemos a M.<sup>elle</sup> de Croizy.

—Vá lá. Notastes, coronel, os olhos de M.<sup>elle</sup> de Croizy?

—Decerto; uns olhos estranhos, não ha duvida.

—Sim, uns olhos onde alternadamente a pupilla se contrahia, filtrando um olhar fino e sombrio e se dilata desmedidamente, como a flôr deslumbrante da loucura. É uma doente muito diversa de M.<sup>elle</sup> de Villy!

—Seramente, caro doutor, parece-vos que possa vir a metter-se por ahí o amor e apparecer nella um sentimento vivo por M. d'Argouges? perguntou Roland, a quem muito prazer daria apanhar em erro tão terrivel observador.

—Parece-me até, coronel, visto que estamos em maré de confidencias, que esse amor já teve os seus começos. Os olhos são uns traidores; já examinei de mais os de M.<sup>elle</sup> de Croizy.

—O diabo vos leve!, exclamou M. de Lambrune atirando com o charuto para dez passos de distancia; quanto

mais andaes, mais embrulhaes o negocio.

—Perdão, coronel, respondeu Pierre Touzeaud, isto é bastante claro e repareae que vos não perguntei coisa alguma do que podeis saber.

—Mas é que me causaes espanto; palavra de honra!, disse M. de Lambrune. Ora vejamos: em primeiro logar M.<sup>elle</sup> de Villy perde a razão...

—Mas recupera-la-á sem duvida dentro em pouco, posso agora accrescentar.

—O que é uma felicidade. Depois, M.<sup>elle</sup> de Croizy ameaçada...

—De uma catastrophe em data mais ou menos proxima, se a sua amiga se salvar. Aqui está, coronel!

—Mas, com seis centos mil caubões! bombardeaes-me com enigmas, como uma esphinge!

—É por isso que eu me explico, porque ha um ultimo remedio que eu não poderia receitar nem recommendar a M. de Villy. Esse pobre pae foi ludibriado ha pouco por M.<sup>elle</sup> de Croizy. Talvez digaes que não?

—Estou ouvindo.

—Pois dir-vos-ei pela minha parte que fazeis muito bem. M. de Villy nem sequer desconfia que a sua filha foi como que fulminada por um accesso de ciueme e de dôres desconhecidas e imprevisas. Não insistirei mais, coronel; vós conheceis melhor do que eu

## LIVROS DE MISSA

## SEMANA SANTA

17 **A** Casa Havaneza acaba de receber uma nova colleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

## COMPANHIA AUXILIAR

16 **E**sta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo, n.º 2, para o largo de S. João, n.º 6, onde continúa com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e também subloca a dita casa até à terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para merceria, fazendas brancas, ou quinilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixaero da companhia,

João Favas.

18 **B**ASILIO AUGUSTO X. D'ANDRADE, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestrix*, a 65000 réis o milho, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milho.

Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

**Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria**

Galdra da Silva

Cirurgião dentista

Herculano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

## COIMBRA

14 **C**onsultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

## Casa mobilada no Campo

13 **A**renda-se uma na estrada de Cozelhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.

Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

## Cavallos, muares, etc.

12 **A**s sobrecannas, espavardões, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferível á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras.

Depositos—Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agráo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis.

**Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.ª—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

11 **A**LUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escriptorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

10 **C**hegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijos do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

Papelaria Central

## CASA LEÃO D'OURO

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannos e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habéis contra-mestres

9 **A**este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannos pilotos ou moscovs para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *ulsters* ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos córtes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *chic* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 15800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

## PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de cór, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e cerrida com o abatimento de 355000 a 455000 !!

Uma machina Industrial oscilante de *Singer*—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

NOTA—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e de baixo da direcção do contra-mestre.

## ESTABELECIMENTO

DE

## FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

## COIMBRA

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica:** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro mesa, lavalorio e cozinha.

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

## A' LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flôres

## F. DELPORT

247, Rua de Sã da Bandeira, 251—Porto

8 **C**ASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor

17—ADRO DE CIMA—20

## MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

## 3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas:

a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

COIMBRA

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

7 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

## AGUAS MEDICINAES

DA

FONTE NOVA

(TORRES VEDRAS)

PROPRIDADE DE

Antonio dos Santos Bernardes

Estas aguas bicarbono chloretoadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposalinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, *rhinites*, *pharyngites*, *bronchites*, *catarrhos gastro intestinaes*. Bem assim são de importância grande tanto na *lithiase hepatica* como renal na *albuminuria*, *diabetes*, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

Á venda em todas as pharmacias e drogarias—DEPOSITO GERAL—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogaria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Perelra, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogaria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—RODRIGUES DA SILVA & C.ª

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

## Loja da China

Ferreira Borges

**A**mendoadas de Moncorvoe grande sortido em amendoadas de primeira qualidade. Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de mercearia.

Compra e venda de sellos para colleções.

5 **V**inho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna á Sê Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

4 **V**ende-se a quinta do «Correio-Mór» á Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvores de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

3 **G**rande sortimento de cabelleiras para anjo e theatro, etc.

## Prevenção

2 **N**a padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

## COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000

Fundo de reserva... 21.000.000

SEDE EM LISBOA

1 **E**sta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Aandrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

## "RESISTENCIA,"

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:  
Anno..... 25700  
Semestre..... 15350  
Trimestre..... 680  
Sem estampilha:  
Anno..... 25400  
Semestre..... 15200  
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquellos com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA

# RESISTENCIA

N.º 116

COIMBRA — Domingo, 29 de março de 1896

2.º ANNO

## NA LAMA

Era de esperar, era bem de vêr... Mas sentimo-nos enjoados ao pé do ultimo vomito negro da monarchia; não sabemos escrever, não vos sabemos contar...

Uma pergunta unica, porém. Parece-nos que é o país que falla, a voz da Patria que estertorisa num ultimo echo de agonia e de vingança:

— O que pretendem fazer os honestos do partido monarchico? A infamia pede responsaveis. Quereis responsabilisar-vos por ella, quereis ser infames?

Que, afinal de contas, a monarchia é isto: uma ladroeira pegada, a violação dos direitos mais sagrados. O proprio rei, no tempo livre das caçadas, entrem-se a procurar a chave de telegrammas, em cifra, que lhe não são dirigidos!

É a hora das liquidações tremendas, á baila todos os infames, ao limoeiro todos os canalhas!

Mas a quem poderemos gritar que estamos roubados, e que os ladrões andam á solta?

Num país livre, caberia, nesta hora, ao parlamento uma honrosa missão.

Mas entre nós, que não ha parlamento. A quem havemos de gritar?

Os patetas do Solar são creados do João Franco. Não nos inspiram odio, mas causam-nos nojo.

E, se esperanças ainda tivéssemos nesse montão de imbecis, cabeças ócas, consciencias esboracadas pela traça das ambições mal cabidas e reles, nesta hora d'uma grande agonia a rolar no declive sujo d'uma subserviencia cobarde, bastava para desfazê-las, para sentirmos um grande nojo por toda essa cambada, demorar, um pouco, o pensamento ainda que enjoado, nesse grande vazio de vozes que se poderiam erguer allivas, para vergastar a mais torpe das immoralidades.

Mas, no Solar, dorme a consciencia dos barrigas, embalada, talvez, pela musica das roubalheiras nacionaes...

Não lhe perturbemos o somno... Estão lá o Marianno e outros...

O nosso protesto não visa apenas um ministerio. É uma monarchia que extorce o ultimo alento numa bacchanal de lama. É contra a monarchia que protestamos.

Protesto d'alma, descargo de consciencia,

E porque isto não basta, oxalá, em breve, tenhamos de protestar de uma outra fórma.

Este grande rasgão na dignidade nacional, que factos recentes vêm de mostrar, já não póde ser remediado dentro da engrenagem estafada do constitucionalismo monarchico. Se a monarchia até aqui era um absurdo, hoje que um raio de luz penetrou na escuridão cingida a uma grande infamia, é um peso deprimente sobre todos os caracteres immaculados.

E temos ou não o direito de gritar sobre os salteadores que nos roubam?

E temos ou não o direito de punir-nos nós mesmos, se a lei o não fizer?

E temos ou não o direito de supprimir a monarchia que não fará cumprir a lei, porque é ella propria que nos tem expoliado?

Ai, os nossos bolsos!... se nós ainda livessemos coragem...

É bem simples o caminho a seguir. Num outro país onde a moralidade não fosse uma deshonra, as penitenciarias ter-se-hiam já aberto, e os miseraveis, fossem elles ministros!, se accumulassem ao mesmo tempo a profissão de salteadores, por todos reconhecida, pela evidencia provada, teriam sido castigados.

É que é tão extraordinario, mesmo sob todos os pontos de vista do maior aperfeiçoamento da arte de assaltar o contribuinte, tudo o que se passa, tudo o que se desenrola aos nossos olhos, como uma precisão interminavel de abjecções e cobardias, que o protesto já se teria levantado de todos os cantos, veemente e justiceiro, para vingar ultrajes espantosos.

A prova, portanto, a dignidade do país.

O rei não pensará em dar um passeio, ao largo, para descanso de caçadas?

Os honestos do partido monarchico terão de ser infames?

Os do governo não pensarão em habitar as penitenciarias?

O país não quererá elevar-se da lama em que o afundou a monarchia?...

### Que conde!

Do Conde de Restello:

«A elles responderam os meus nobres collegas levantando-me um pedestal que me ficara gravado na memoria pelo resto da minha vida.»

Subiu-lhe o pedestal á cabeça. É mais pedra que fica lá accumulada.

## O sr. João Franco mente e compromette o país para evitar uma queda ministerial

A proposito da questão com os credores externos relata o sr. Augusto Fuschini no seu livro o seguinte facto, que é de per si sufficiente para revelar o caracter do antigo republicano do Alcaide e actual dictador mór da monarchia. Lê-se nesse livro a pag. 160:

«Havia eu combatido no parlamento, durante a discussão da lei de salvação publica, a proposta do sr. Oliveira Martins, que envolveu a auctorisação de conceder aos credores externos cedulas representativas da parte do juro não pago, em virtude da redução. Este principio de capitalização de juros não resistiu ao menor exame nem é necessaria grande sciencia financeira para lhe demonstrar os profundos defeitos e as terriveis consequências. Depois de ministro, é claro, nunca semelhante hypothese me passou pelo cerebro. Uma unica vez, em conselho, o sr. João Franco se referiu a ella, afirmando que o sr. José Luciano nada repelia e, pelo contrario, via neste systema admiravel solução. Naquelle tempo, devo observar, o sr. José Luciano de Castro era muito procurado e attendido pelos seus dois collegas.

Sem fazer grande caso do incidente, a minha proposta foi negativa e passámos a outro assumpto.

Um dia,ahi por fins de março, o ministerio fóra á Ajuda, cumprir a Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia. A' sahida, quasi no vestibulo, o sr. Hintze Ribeiro disse-me que telegraphára aos nossos ministros, em qualquer sentido já discutido e combinado. Era excepção á regra; mas, na realidade, o sr. Hintze Ribeiro foi sempre de extrema prudencia na redacção d'estes documentos e, sobretudo, da maior cautela em harmonisar as suas opiniões com as do conselho.

— E nestes telegrammas disse aos ministros, acrescentou o sr. Hintze, que fallassem na possibilidade de se entregarem titulos representativos da parte dos juros não pagos...

Ao vêr o meu profundo espanto, o sr. Hintze exclamou:

— Mas o João Franco declarou-me que v. estava de accordo!

— Nada lhe disse e nunca estive d'accordo com disparates, respondi eu.

Já estaria determinada reunião do conselho, ou foi convocada a meu pedido; é certo, porém, que nessa mesma noite foi expedido segundo telegramma, dando por nullo na manhã a parte que se referia ás cedulas. Lembro-me, até, de que o caso era sério, porque no dia seguinte, quarta feira se bem me recordo, o sr. Mathias de Carvalho devia conferenciar com o sr. Barão de Marshall. Estivemos, pois, a calcular o tempo e, de facto, o telegramma chegou a boa hora. Apresentada esta proposta, haveria sido, sem duvida, aceite, o que, no meu

intender, seria verdadeiro desastre para o país.

Se os telegrammas d'estas negociações forem um dia publicados, encontrar-se-hão os dois, a que me refiro. A este facto, se bem me recordo, alludiu mais tarde o sr. Resano Garcia, tirando d'elle, com logica razão, prova da instabilidade das opiniões governamentais.

O que motivou este incidente? Com toda a probabilidade a duvida de não encontrar solução para o problema e o receio da queda ministerial.

O sr. João Franco, para evitar uma queda ministerial, mente ao sr. Hintze Ribeiro dizendo-lhe haver feito uma combinação com o sr. Fuschini, quando nem sequer com elle havia falado sobre tal assumpto. Podiam d'essa mentira resultar gravissimos compromissos para o país, e d'ella derivou o desprestigio do ministro dos negocios estrangeiros que teve de expedir dois telegrammas com instrucções contrarias no mesmo dia.

E ficam no governo o sr. Hintze Ribeiro e o sr. Fuschini em companhia do mentiroso sr. João Franco!

## A monarchia caduca

Sobre o estado da monarchia portuguesa, diz no seu livro o sr. Augusto Fuschini:

«As instituições monarchicas estão irremediavelmente condemnadas em Portugal.

Assim como as almas dos extinctos não se encarnam, jámais, em novas formas humanas, não existe força material, nem vontade suprema, que possam galvanizar o cadaver de regimens politicos condemnados?

Ora, a monarchia em Portugal, se pretendesse contrariar a evolução social, tão bem definida no nosso seculo, se, apoderando-se da força bruta, quizesse esmagar os eguaes direitos dos cidadãos, que não representam, nem derivam da graciosa concessão da régia munificencia, se, em beneficio proprio ou vantagem dos seus protegidos, procurasse implantar na patria livre um regimen de excepções preferencias, seria condemnada pela sciencia e pela consciencia humana, perante a justiça e equidade.

Como aquellas mumias reaes, que o socego dos sarcophagos deixou permanecer inteiras durante seculos, se desfazem em pó ao menor contacto exterior, a monarchia portuguesa caltra aniquillada e destruida por qualquer facto inesperado, que as leis da evolução historica produziram, para eliminar do organismo social um corpo politico velho e condemnado.

A natureza é sabia e previdente. A mesma lei da morte esconde na terra o corpo inutil do homem, e sepulta as instituições obsoletas e decadentes nas paginas da historia».

## Ridicularias

Noticiam alguns jornaes que a Interpelação do sr. João Arroyo sobre a promoção do Mousinho d'Albuquerque dará lugar a uma questão pessoal com o ministro da guerra. Alguem julga até que d'ahi derivará um duello entre os dois famigerados politicos.

Se o houver, será para o grande Festas cair mais ridiculamente. Que entre politicos já não póde haver duellos a valer.

## Bagatellas

19 — III — 96.

A caminho de Lorvão!

A subir e a descer, o terreno montanhoso cortado de sendas mal trilhadas e sinuosas, em todos os sentidos, offerece embaraçosas difficuldades aos que se aventuram a percorrê-lo sem guia.

Mas é mister não parar: ha na atmosphera ameaças de chuva, e a noite aproxima-se.

Do alto de cada monte, collocados no centro d'um extenso panorama, para cada lado do país se observam aspectos diversos, d'uma contemplação absorvente. Para o occidente a vista estende-se pela vastidão de doze leguas de paisagem! As colorações esbatidas pela neblina, a luz diffusa coada através de massas negras de nuvens, dão effectos de uma profunda e melancholica impressão.

E o espirito voa nesse âmbito enorme, em que se aspiram haustos fundos de ar purificado pela vegetação dos pinheiras!...

Rodrigues 96 — III — 20

A entrada no mosteiro, deserto e em ruínas, emociona a nossa sensibilidade: tudo aquillo são como despojos lacrimosos d'um passado extincto!...

Expulsas as freiras, o edificio desfaz-se em desabamentos e escombros; e um bafo de superstição paira sobre aquelle montão de ruínas: dir-se-hia batido pela colera divina, se é certa a tradição dos desatinos, de que resa a chronica implacavel dos escandalos!...

Como no mosteiro lendario de Santa Rosalia, no longo dormitório parece que erram as sombras das filhas de S. Bernardo, que não souberam furtar-se ás seducções do amor, aos impetos ardentes da carne!

Como á voz de Bertrand, na opera de Mayerbeer, das sepulturas dos claustros, de cada angulo de escadas, de cada recanto sombrio, surgem vultos femininos arrastando o durante branco da mortalha de Cistér!...

Sacrificadas pela ferocidade dos egoismos e das convenções á esterilidade e ao suicidio, ellas protestavam contra esse attentado aos direitos da natureza, pela unica fórma por que podiam fazê-lo: lançando ás ortigas os votos e os juramentos, que lhes foram extorquidos.

A posição topographica do edificio era porventura um incitamento á fragilidade. Quem hoje, prevenido, sondar os arredores achará que não seria extremamente difficil aos milhafres ousados o assedio do pombo!

Em todos os conventos de freiras, habitados ou ermos, andam no ar consciencias vagas. Cada objecto parece guardar mysterios de vida intima, recordações de episodios

sentimentaes, maguas de corações feridos.

Em Lorrão essa impressão é mais forte e funda.

Numa corporação, que abrigava para cima de cem professoras, de nomes os mais aristocraticos, e vivendo na opulencia, afóra mulheres de companhia e criadagem, que vulcão de intrigas, de caprichos hystericos e de arrebatamentos de paixão! Que visões de fogo a escandecer o sangue da mocidade, que transes dramaticos, que tempestades de tortura e de revolta!

Sabe-se o destino que tiveram os objectos d'arte allí accumulados durante seis seculos de prestigio e de abundancia!

Depois de 34, as freiras lorrãenses, exploradas pela infidelidade e pela cubica dos credores, dos devedores e bandidos de toda a especie; desamparadas ignobilmente pelo estado, privadas do rendimento, empilhando e vendendo, de decadencia em decadencia, chegaram á situação de penuria descripta por Alexandre Herculano!

Para com todos os recolhimentos foi adoptado o mesmo desprêso estúpido e infame, sem caridade e sem respeito! O mesmo abandono por parte de todos os governos liberaes, que se tinham obrigado a amparar-las protegê-las, e que, afinal, deixavam morrer á mingua senhoras idosas e debeis!

Nalguns conventos houve fome!!

A.

### Rodrigues da Silva

Este nosso querido amigo e valioso collaborador foi acometido de um ataque de influenza que o tem refido no leito.

Fazemos os mais ardentes votos pelo seu rapido e completo restabelecimento.

### Imprensa da Universidade

O sr. dr. Antonio Henriques da Silva, nosso prezado amigo e distincto ornamento da faculdade de Direito, não é concorrente ao logar de administrador da imprensa da Universidade, como e em virtude de inexactas informações que recebemos noticiamos no ultimo numero.

Mais uma bomba do livro do sr. Fuschini sobre a politica infame de um ministerio de... homens honrados.

Conta o Fuschini que o Navarro, (ainda anda á solta este fulano), fazia em Paris das suas costumadas proesas. O Hintze queixava-se. O João Franco accordava com o Hintze.

Nestas circumstancias o Fuschini pronunciou a seguinte phrase: quando os grandes interesses de uma nação podem ser sacrificados por vícios, crimes, ou defeitos de alguns homens, estes homens... eliminam-se.

O Hintze, então, já muito outro: — Vou manda-lo vir a Lisboa, fallar-lhe-hei seriamente e depois veremos.

Emquanto se não fallou em demissão do Navarro, o logo era isto, era aquillo.

Depois já o mandava vir a Lisboa para lhe fallar e vêr...

Havia, portanto, accôrdo entre os dois, ou como se explica isto?

O melhor é não explicar, e aceitar como dogma a honradez de todos estes senhores.

## Litteratura e Arte

### DOR SUPREMA

Mação de cartas que eu não mandei ao Marcellino Mesquita

I — ... e eu devia vingar-me e desejar-te o contrario, mulheres e absyntho...

O absyntho! Negro como o verde de inverno, ao murmurio da agua a cair gotta a gotta, faz-se d'um verde muito fraco, verde novo de primavera em começo, turvado de flócos brancos do leite em que fluctuam levemente transparencias vermelhas de sangue e carne...

Bebe-lo, é beber a primavera e o amor.

Cheira bem a verde como um prado humido.

Bebe-lo, é viver um sonho de amor, forte-hallucinação em que passam corpos cór de rosa a beijar-se sob um ceu azul, brilhante a othar callado, calcando verduras tenras a sangrar o sangue novo da primavera, forte e perfumado do perfume acre do primeiro amor.

Bebe-lo, é beber um amor antigo, sorver beijos que já se não sabem dar, vêr fugir mais uma vez rapidas as caricias que se passaram ao sol na verdura macia e tenra da primeira primavera, quando nós eramos novos e a natureza sorria sempre callada e boa ao nosso amor... Tempo em que se amava sempre... Mulheres e absyntho... Não bebas a tortura d'esse amor!

Vês? Não sei vingar-me...

Mandaste-me um abraço e a *Dor Suprema*, e pedes-me agora que eu te escreva o que sentir do teu drama, com vontade, talvez, de que eu diga mal, para d'esta vez teres tu razão.

Eu posso lá saber o que é a *Dor Suprema*!...

Dramas vêm-se representar e só então se julgam. Uma obra de theatro para ser boa não basta ser de fina analyse, de conceito subtil, modelada em bellos versos ou em prosa musical, cheia de cór e de perfume, é necessario que seja representavel, que executada, prenda e desperte a emoção.

E tu sabes bem como as previsões fallam, como os mais bem preparados effectos, os conceitos mais finos e subtis podem deixar o publico frio e indifferente.

Em theatro nada se sabe antes da primeira representação.

No gabinete de trabalho tudo é bom. Os nossos moveis estão habituados a trabalhar connosco.

Quantas vezes nos relêm elles o olhar perdido e nos segredam amigos a idéa que fluctuava indecisa, ou nos cantam a imagem que ha tanto tempo debalde procuravamos.

O fogo do nosso fogão está habituado a viver connosco, só brilha, quando nós rimos, só aquece, quando nós estamos contentes, e se tristes, é frio o fogo do nosso fogão.

Quantas vezes uma leitura num salão faz prevêr um successo que depois se não realiza.

Aquella luz suave e quente dos lustres vem perder-se nas tapeçarias que fecham o publico em verduras de jardim, aquece, e a voz de quem recita fluctua numa atmosfera de perfumes tão conhecidos, que poderíamos dizer d'onde sahem.

Ha como que uma symphonia estranha em que cada nota desperta um unisono: cada idéa nossa tem

uma alma amiga que faz vibrar, e a gente sabe para onde olhar com a certeza de encontrar a cada phrase, a cada idéa nova um olhar amigo que se reconhece a pensar connosco naquella phrase amiga.

Obras de theatro, só no theatro se julgam.

Eu bem sei com o que tu contavas.

Fiavas-te na minha longa pratica de espectaculos.

Ao tempo que eu ando nisto!...

Em pequenino, como eu ria nos theatrinhos de *titeres*, cabeça ao sol e ao vento.

Que alegria! Já não ha theatro assim!

Aquellas vozinhas pequeninas, agudas e maliciosas, como as das creanças e dos velhos faziam-me rir sempre, mesmo quando choravam.

Voz assim só a tem ainda a Rosa Damasceno, tão velhinha, d'outro reinado já...

Não ha coisa d'estas, d'espectaculo que eu não saiba.

Sei todas as sortes de prestidigitación, e, ao lêr uma peça, adivinho as phrases que ha de escamotear a censura do theatro normal.

Pois nisto de cavallinhos?

Não ha salto mortal que eu não saiba como se erra, para arrancar uma ovação.

Ninguém, como eu, sabe, como o Brazão estrophia um verso por fórma a arrancar um applauso.

E como elle se afoga numa tirada, das longas, das boas, das que fazem chorar, os braços estendidos em cima a nadar, a cabeça a tremer, o labio pendente, o olhar apagado, a voz rouca, como se soprasse numa cabaça o vento das tempestades!

Eu devia imaginar o que seria a tua peça...

Imaginava, se lhe tivesses dado outra distribuição. Talvez que então eu te não escrevesse estas cartas, como que tu nada perderias. Terias outras em jornaes... A Lucinda tem feito escola...

Para me divertir fiz eu outra distribuição da tua peça, para meu uso, e tenho rido bem nestas noites longas de doença.

Não imaginas como a peça é outra; faltam-lhe as caricaturas do Antonio Maria; mas faz rir...

Rir-me tem tambem feito a critica.

Virginia teve, dizem todas as gazetas, a melhor criação da sua carreira artistica. Desde a primeira scena até á ultima, o publico esteve dominado, numa emoção intensa de amor e dôr.

E a critica commenta com um sorriso esperto — o que facilmente se explica: Virginia é mãe e tem uma filha encantadora. Para representar o seu papel, insinua subtilmente o critico, Virginia não teve mais que imaginar que a filha lhe morrera, e o papel sabiu naturalmente... Imbecis e maus!...

Virginia foi extraordinaria; porque tem uma filha adoravel, que ama, como ella sabe amar...

Ao levantar o panno pôs-se a imaginar que a filha lhe morria em casa, e começaram a vir muito serenamente, sem esforço, muito naturalmente, as lagrimas e os gritos, e ella pôs-se a vendê-los ao publico...

Imbecis!...

Este ponto de vista novo vae reformar o theatro Normal.

A critica foi ouvida.

E' tão facil ter talento...

Augusto Rosa encommendou já um menino...

T. C.

O sr. João Franco cahiu do modo mais miseravel na defêsa contra as extraordinarias accusações que lhe faz o sr. Fuschini.

Veiu declarar na *Tarde* que ainda ha pouco tempo o sr. Fuschini lhe havia escripto uma carta em que lhe pedia dois favores, que elle lhe dispensara.

O sr. Fuschini publica a carta no *Correio da Noite*, e vê-se que ella era um protesto digno contra a prepotencia que o governo havia exercido contra dois amigos pessoas e politicos do sr. Fuschini, e que o governo não ligara a minima importancia a esse protesto.

E a *Tarde* não diz mais nada sobre o assumpto!

Melhor era que não tivesse fallado.

## RELATORIO

DE

### MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

(CONTINUAÇÃO)

Com respeito ao fuzilamento dos dois prisioneiros, limito-me a dizer que é muito nobre, muito justo, muito alevantado, sustentar os principios da mais acrisolada philantropia e humanitarismo num parlamento, numa assemblêa qualquer, numa redacção de jornal entre concidadãos nossos que pensam e sentem como nós, e ainda por cima mantidos em respeito por numerosas forças do exercito, da armada e da policia militar e civil; é porém muito differente o caso em que se achavam 50 brancos no meio de cerca de 3:000 pretos ainda hontem nossos inimigos. Se não mandasse matar ninguem, todos os cafes supportiam que ainda tinha medo do Gungunhana e voltariam a dizer: «português é mulher, não mata ninguem.»

Esta é a maneira barbara e absurda porque elles encaram as coisas.

De resto ainda outra razão influu em mim quando mandei fuzilar o Quêto.

A constituição rudimentar da sociedade vátua era aristocrata com visos de feudalismo (1).

Quando me contavam o que se passava entre os vátuas, parecia-me estar ouvindo narrativas dos tempos merovingios em França, representando os matongas o papel dos Gallo-Romanos. Ora Quêto era dos irmãos do Muzilla o mais attendido pelo Gungunhana, e era depois do Jambui o mais poderoso do que poderíamos chamar aos grandes vassallos da corôa vátua, e tanto assim que Inguinsa, seu irmão e os filhos do Curio, seus sobrinhos quando o viram cahir disseram: «branco sabe tudo até adivinhar quem devia matar.»

No dia 29, pelo cahir da tarde chegaram um filho e um secretario do Jambui, dizendo que vinham com o fim de adquirir a certeza de que o recado recebido pelo regulo de Lipallulo era de veras meu.

Talvez o regulo houvesse já constado a marcha para Chaimite, e mandava vêr qual tinha sido o resultado. Disseram-me que o regulo não vinha nha ainda, porque sendo gordissimo, o que eu sabia ser verdade (2), precisava que o trouxessem, mas que viria logo que eu quizesse. Mandei-lhe dizer que ia agora a Fumo (Lourenço Marques) levar o Gungunhana, e que

(1) Por exemplo, direito de representação nas banjas dado só pela posse das terras, razão porque o Manguana que era o grande chefe de guerra não ia ás banjas, porque sendo huigella não era senhor de terras.

(2) Cadas Xavier (*Territorios ao sul do Save e os vátuas*), um dos boletins da sociedade do geographia de Lisboa, 1894.

em voltando e em tendo a minha povoação no Chibutz lhe mandaria recado para elle mesmo vir pegar pé, para ir um official depois de escolher local para um posto fortificado para a força branca, e fazer o recenseamento para elle pagar o imposto de palhota que eu fixasse.

Tudo aceitaram de bom grado e asseguraram que o regulo havia muito desejava que fosse para lá força branca (3). Sabendo que no Lipallula havia banjeans estabelecidos, ordenei que os contasse e me mandasse o numero d'elles numa corda com nós, a fim de eu os fazer pagar as licenças para venda.

No dia 30 chegaram os gados, o marfim e as dez mulheres do Matibejana que o Godide trouxera ao nosso bivague no dia 27. Permitti que o Matibejana escolhesse três para o acompanhar e mandei as outras para as suas respectivas povoações, á excepção de uma que mandei escolher ao irmão do secretario de Langene, depois de saber se ella queria casar com elle. A este homem dei tambem um boi para o recompensar dos bons serviços que tinha prestado. A cada uma das guerras que acompanhava (eram 21), dei quatro vitellas. É claro que houve distribuição de *soupe* aos chefes e a todos os duzentos e sete auxiliares de Chai-Chai, Langene e Lofugasi.

S. ex.<sup>a</sup> o commissario regio ordenou em 5 de junho do anno findo que se affixassem nas diversas ruas da cidade e fossem distribuidos por todas as auctoridades militares e civis, em serviço nos diversos pontos do dominio de Portugal neste districto, editaes em que se annunciava «que o governo concederá o premio de 900\$000 réis a qualquer pessoa que prender ou entregar algum dos regulos da Zixaxa ou da Magaia.»

Attendendo a este facto, á muito superior importancia da captura do Gungunhana, e a que haviam sido os brancos, e só elles, que o haviam apanhado, mandei distribuir 200 libras ás praças, que me haviam acompanhado, sendo 8 para o sargento, 4 para cada cabo e soldado, 4 ao corneteiro e 2 para cada um dos soldados pretos.

Sei que exorbitei distribuindo esta quantia ás praças, mas esporo isto me seja relevado attendendo ao que expuz acima. De resto, quando assim não succeda, os meus vencimentos podem assegurar á fazenda publica rehavela em pouco tempo por meio de desconto.

Nesse mesmo dia impuz ao Munhi, regulo do Chai-Chai, a multa de 30 libras, em ouro, por elle se ter deixado ficar em Zeinacozi, e não acompanhar a sua guerra, dizendo-lhe que o não mandava fuzilar por elle ser ainda um rapaz.

Tambem a pedido de Cuio e Inguinsa mandei soltar o armêto mais novo, Pissana que parecia apatelado, impondo-lhe uma multa de 30 libras em oiro e 60 cabeças de gado bovino por não ter vindo pegar pé ficando os dois irmãos por fadores d'esta multa. Deixei escriptas as instrucções precisas para o secretario do governo militar de Gaza, tenente graduado Couto, effectuar o mais depressa possivel a prisão de Mahazul, e logo que chegasse o alferes Raul Costa mudar o posto o mais breve possivel para Chibutz, principiar a construção de um reducto, abrir a estrada até ao Chicome e juntar um deposito de lenha para as lanchas. O Ipsota quando se apresentar será remittido para Lourenço Marques. No dia 3 ás seis horas (a. m.) sahi de Langene com o tenente Sanches de Miranda, 24 praças das mais doentes e os prisioneiros, ficando no posto o tenente graduado Couto, o facultativo dr. Amara, 1 sargento, 1 corneteiro e 30 praças. Durante a viagem, um soldado de infantaria 2 dos que tinham ido a Chaimite, o n.º 224/2:740 da 3.ª companhia do 2.º batalhão, José da Purificação, quando pretendia encher de agua do rio a caldeira de ferro, caiu. Largou-se logo um bote e ainda vimos o homem a nadar, mas, quando a embarcação estava a uns 20 metros de distancia desapareceu, de certo agarrado por algum jacaré, pois a despeito de todos os esforços não foi possivel encontrar o cadaver.

Desde 31 de dezembro até 2 de janeiro estivemos na barra do Limpopo.

(3) Isto concorda com as informações que me deu o alferes Villar, ex-commandante de Lipallula.

### Carta de Lisboa

Lisboa, 27 de março de 1896.

Continúa a ferver, como uma banda rilha de fogo no cachaço dos monarchicos, o livro do Fuschini.

Já o leram por certo como eu, que o sei de cõr e salteado. E foi-me util. Já sei como hei de trazer de hoje em diante o relógio e como pôr a minha pobre carteira ao abrigo dos golpes de Estado. É como agora os gatunos chamam às suas proezas.

×

Os progressistas não dizem nada sobre o livro do Fuschini.

Seria um motivo para desagradarem ao rei. E agora, que já lhe começaram a engraxar as botas, não parecia bem que ellas ficassem sem lustro.

Vão ver.

×

Hontem fecharam muitas tabernas e cafés por causa das licenças.

Não dá nada. A continuar o encarceramento das quitandas á boquinha da noite, passam os lisboetas a embebedar-se no meio da rua.

Será o unico processo violento empregado.

O mais, tudo socegado para não desarranjar a rotula do joelho social.

×

Agora lhes direi que os progressistas já foram ao conselho de Estado e que ahí José Luciano declarou, fremente de indignação, dentro da lei:

1.º Que o seu partido era e continuaria a ser monarchico.

2.º Que não revogaria em dictadura as leis d'este governo, mas esperaria que o poder legislativo o fizesse.

Accrescentarei que o Casal Ribeiro e o Barjona— que choldra—vão feitos com José Luciano.

Mais saberão que Barjona e José Luciano conferenciaram largo tempo.

E agora o resto—O D. Carlos e o José Luciano, depois do conselho, estiveram cavaqueando mais d'uma hora. Para engrandecer o poder real!

×

E contado tudo isto confirmo-lhes a noticia, dada pelo Pais, que foi o general Queiroz quem negociou a aproximação entre os filhos de Passos e o bisneto de D. João VI.

Este general Queiroz vae agora a Sevilha para a remonta de cavallos da municipal.

Em Lisboa pois e em Sevilha o bom homem proctra servidores do rei É uma remonta completa.

João da Nova.

Sabiu para o Porto a passar as ferias de Paschoa o nosso amigo e prezado collega Germano Martins.

Boas ferias, pois, e poucas amendoas por lá.

O sr. Silva Pinto publicou no Pimpão um artigo atacando valentemente o sr. Fuschini, o que não lhe levamos a mal, apesar de entendermos que o livro d'aquelle ex-ministro serve admiravelmente á causa republicana. Achamos, porém extraordinario que, para se atacar o sr. Fuschini, se defenda o sr. João Franco, com tanta nitidés e verdade photographado naquella livro.

Ah! esquecia-nos que o artigo vem publicado no Pimpão. E' mais uma ironia do scintillante escriptor. Muito bem.

Elogiam as Novidades as declarações feitas pelo chefe do partido progressista no conselho de Estado. D'ellas conclue esse jornal que o partido progressista está resolvido a cooperar. Em que ou para que, eis o que as Novidades não dizem, talvez por desnecessario.

Aproveitando-se da nova attitude do partido progressista, declaram as Novidades que não haverá por ora crise. É necessario que não se veja no acto que o sr. José Luciano de Castro acaba de praticar um accordo com o governo ou com o rei para a successão do poder. Esperem os progressistas mais algum tempo; assim o exigem os interesses do seu partido e os do thesouro.

A nova tactica para prolongar a existencia do actual ministerio não deixa de ter alguma graça. Produzirá resultado?

Não nos é dado prevê-lo. São taes e tantas as incoherencias que se dão na politica portuguesa, tão tortuosa tem sido a senda percorrida pelo partido progressista, que nada é possível conjecturar.

Em todo o caso parece que, em virtude do accordo feito entre o governo e o partido progressista, de cuja existencia ninguem pôde duvidar, os progressistas serão chamados ao poder logo que o Solar dos Barrigas e a camara dos dezanove modifiquem o decreto eleitoral, restabelecendo os circulos uninominaes.

Que os regeneradores querem ter representação no parlamento e mtricas politicas e vilanias sempre valem muito mais que os progressistas.

clinava logo sobre o leito. De mais, ninguem a podia vêr; a criada de quarto, resonava no gabinete de toilette proximo.

Pela manhã, quando os primeiros clarões da aurora, infiltrando-se pelas persianas deixam á lamparina apenas uma luz pallida e frouxa; Alice moveuse ligeiramente, abriu pesadamente os olhos e levantou-se um pouco sobre o travesseiro.

—Ah! disse ella, olhando vagamente, M.º de Croizy.

—Reconheces-me? perguntou Hermínia, que se levantou immediatamente.

—Sim, respondeu a doente penosamente.

M.º de Croizy tinha chamado a criada.

—Ide buscar o caldo que o medico prescreveu, disse ella.

Ficava só, bem só, por alguns momentos com Alice. Esta podia fallar.

—E Emmanuel, já te não está a beijar as mãos?

—Era uma brincadeira, querida Alice.

—Uma brincadeira? Mas então onde é que eu estou? O redil... Lembra-me do redil...

—Onde elle me estava fallando de ti, tolinha, muito satisfeito pela nossa amizade.

—Não comprehendendo absolutamente

### Boatos politicos

As noticias politicas mais palpitantes são: a crise ministerial e o livro do sr. Fuschini.

O Conselho de Estado ultimamente realiado, em que o sr. Conde de Casal Ribeiro e o sr. José Luciano atacaram vivamente a politica governamental, fez recrudescer os boatos de crise, sobretudo em virtude da aproximação que se deu entre o rei e o sr. José Luciano, que conferenciaram depois do conselho durante uma hora.

Não sabemos se o sr. João Franco conseguirá, por meio de novas infamias, prolongar a existencia d'um governo de bandidos. Não o sabemos, nem ao facto ligamos grande importancia.

É para nós indubitavel que, seja qual fôr o gabinete que succeda ao actual, seguir-se-ão os mesmos processos de administração e de economia. Desacreditado completamente o regimen monarchico, só pela veniaga e pela corrupção se poderá manter. D'estas armas terão, pois, de lançar mão todos os ministros que, sendo do rei, não de defender sempre a monarchia contra a nação.

No Conselho de Estado deu-se, porém, um facto que não podemos deixar de registar: o sr. José Luciano de Castro declarou que só pelas côrtes devem ser revogados os decretos dictatoriaes do actual governo.

A que côrtes se referiu o chefe do partido progressista, é o que jornal algum declara; mas é evidente que, não querendo fazer dictadura, o partido progressista fará eleger os deputados pelo systema que fôr implantado pelo actual governo e que aceitará tambem a reforma da camara dos pares. Acatará assim medidas dictatoriaes do governo, contra as quaes levantou os mais energicos protestos, e irá reconhecer os decretos emanados d'um parlamento que não foi reconhecido, na mesma sessão do Conselho de Estado em que o sr. José Luciano declarou que não faria dictadura, pelos membros d'esse conselho filiados no partido progressista, logo que seja chamado a formar governo.

O disparate é de primeira grandesa, mas não nos surprehende nem nos commove. Estava até na logica dos factos.

Desde que o partido progressista não teve o minimo apoio na opinião publica para conquistar o poder, começou a bajular o rei a quem havia dirigido não só censuras, mas até insultos. E o paço lhe ha-de dictar as condições em que, feita a devida penitencia, será chamado ao governo. E o partido progressista acceita-as-ha todas, porque só assim irá ao poder, suprema e unica aspiração que tem.

Está completamente restabelecido da doença que ultimamente soffreu, o digno prior da Sé Nova. As nossas felicitações.

nada, absolutamente nada, repetia Alice passando as mãos pela testa.

—E todavia é bem simples.

—Mas os vossos dedos entrelaçados, os seus beijos nos teus?

—M. d'Argouges, muito expansivo depois de uma conversa que dizia respeito ao vosso futuro, beijava-me os dedos em reconhecimento, dizia elle da minha affeição por ti.

—Ah! não posso mais! suspirou Alice deixando cair a cabeça sobre o travesseiro.

Tornou, porém, a levantar-a quando a criada lhe apresentou o caldo.

—Beba, mademoiselle, dizia a pobre rapariga, beba e ficará completamente boa; com este caldinho, espero que amanhã já a ajudarei a vestir-se.

M.º de Villy bebia docemente, com os olhos fixos, por sobre a taça, em Hermínia, como se pretendesse lêr no fundo do seu olhar.

—Obrigado, disse ella em voz baixa.

E deitou-se de novo, com um dos braços por fóra da roupa, cahido para a borda do leito e o outro curvo sobre o peito, os labios fechados, as palpebras immoveis, perfeitamente anquiçada no seu regresso á vida.

Foi assim que a vieram encontrar M. de Villy e o doutor Touzeaud, prevenidos por ordem de Hermínia. Alice não respondeu á effusão de palavras do pae senão por um ligeiro signal

### Os Raios X na medicina

Continuam as experiencias medicas com a applicação dos raios de Roentgen.

Na Academia de Medicina de Paris o dr. Pinard apresentou, em nome dos drs. Chapuis, Vermer e Funcke-Brentano, diversas photographias d'um feto de termo obtidas atravez as paredes uterinas.

Estão-se tirando, pelo mesmo processo, photographias de certas deformações dos ossos da bacia, affecções que representam, como se sabe, nm papel preponderante na obstetrica.

Muitos estudantes sujeitos ao recrutamento militar reuniram na segunda feira ultima para representarem ao Solar dos Barrigas, pedindo a revogação das disposições do ultimo regulamento sobre o recrutamento, que não concedem adiamentos para a continuação dos estudos.

O scenographo lisbonense Augusto Pina foi incumbido de pintar dois pannos, um representando a vista de Stambul e outro o interior d'um serrallo, para a recita dos quintannistas de Direito.

Conta já 150 associados a Associação de classe dos Officiaes de Sapataria, que ha pouco foi fundada nesta cidade. E' da maxima utilidade que tenham grande desinvolvimento as instituições d'esta natureza.

Vão principiar os trabalhos da segunda via na ponte do caminho de ferro sobre o Mondego.

Tem estado incommodado o nosso amigo e conceituado industrial d'esta cidade sr. João Antonio da Cunha, cujas melhoras muito desejamos.

### A tuberculose

O dr. Torstenson, medico sueco, publicou um importante relatório acerca dos tratamentos comparados da tuberculose, collocando em primeiro lugar o methodo dos «ferimentos puros» do medico parisiense Backer. Com este methodo conseguiu 39 casos de cura e melhoras notaveis no sanatorio de Persberg Skoefde.

Na Escola Medica do Porto, o lente Lopes Martins Junior reprehendeu um estudante por estar á dar lição com modos arrogantes. O estudante respondeu que era este o seu costume. O lente mandou chamar o continuo, ordenando-lhe que intimasse o estudante a sahir da sala, ao que este obedeceu, dizendo que acatava a ordem do con-

com a cabeça e um leve aperto de mão. A velha avó que tinha chegado quasi ao mesmo tempo, pouco mais conseguiu arrancar-lhe e voltou-se assustada para o joven medico, que, com um gesto, os socegou. Esse gesto significava claramente que as coisas corriam bem e era isso por certo o que aquellas duas creaturas ardentemente desejavam.

—É o estupor que se segue sempre á crise, dizia pouco tempo depois o medico ao coronel de Lambrune.

Mal M.º de Villy tinha acabado de entrar no quarto, já Hermínia procurava retirar-se, desapparecendo com effeito logo.

—Idescançar agora, minha querida filha, tinha-lhe dicto a velha senhora.

E saíra immediatamente, mas não para descançar.

Descançar, ella! Era agora que para ella havia menos descanço do que em qualquer outra circumstancia da vida. M.º de Croizy só tinha visto Emmanuel na vespera ás horas das comidas e elle tinha visivelmente parecido evitar qualquer occasião em que podessem conversar. Era talvez a prudencia que assim lh'o indicava, mas tal virtude não podia bater-se com o amor, muito particularmente numa d'estas extremidades em que uma mulher que se entregou assim completamente se vê

linuo. Dois outros estudantes retiraram-se da sala.

Parece que o conflicto terá seguimento.

Os pobres operarios das obras publicas são esmagados com trabalho. Não se pôdem queixar porque são immediatamente despedidos, ficando na mais completa miseria.

É deshumano o procedimento de quem manda naquellas obras.

Continua interrompido o transito na rua de Sá da Bandeira e a porta do mercado tambem continua fechada durante a noite.

Parece-nos que as auctoridades querem divertir-se com o publico. Voltamos a pedir providencias.

### Bibliographia

**Arithmetica Elementar.**—de Ricardo Diniz de Carvalho—11.ª edição.—Editor F. França Amado—Coimbra—Preço 120 réis.

Em harmonia com os programmas officiaes, e orientada pelos novos methodos de ensino, o sr. Ricardo Diniz de Carvalho, conceituado professor particular nesta cidade, acaba de fazer uma nova edição da sua **Arithmetica Elementar**, que ha tantos annos tem recebido o mais lisongeiro acolhimento da parte dos professores d'Instrucção primaria.

Esta nova edição, consideravelmente aperfeçoada no methodo seguido na exposição das materias e na explicação das doutrinas, recebeu a approvação do Conselho Superior d'Instrucção Publica, pelo que a recommendamos instantemente ao publico. E permittimo-nos apontar, como alguns dos seus aperfeçoamentos mais importantes, o desinvolvimento que o seu illustrado auctor deu á theoria da quantidade, trabalho completo, nos limites d'um livro d'esta natureza, bem como novos exemplos e novas regras, e, finalmente, um grande numero de exercicios para recapitulação das doutrinas expostas.

A competencia do sr. Ricardo Diniz de Carvalho, novamente comprovada neste seu trabalho, é garantia da recommendação que ao publico fazemos d'este livro.

### Abre no 1.º de abril o Hotel da Matta do Bus-saco.

em risco de perder para sempre aquelle a quem deu todo o seu ser.

Hermínia tinha na cabeça, ainda estonteadá pelas vigílias, como que um badalo de sino cujo som lhe zumbia aos ouvidos; e uma dôr lancinante indisciplinavel varava-lhe por momentos o cerebro como se nelle cravasse de espaço a espaço um dos seus alfinetes de toilette. Não era isso que a incommodava; urgia eliminar as difficuldades da situação e, em caso de necessidade, precipitar os acontecimentos em seu proveito. Contemporisar, era impossível; tornear as difficuldades, afigurava-se-lhe impossível.

Não podia fallar? Pois bem; escreveria. Pois porque é que não havia de escrever? Infelizmente não tinha a receber comprometter-se e M. d'Argouges podia lêr tudo sem ter o direito de se espantar.

Febrilmente, com mão pouco segura, pegou n'uma penna e fê-la correr pelo papel; a violencia da escripta era tal que o papel rompia-se aqui e acolá.

«Eu dizia-vos um dia, Emmanuel, que seríeis a causa da minha ultima desgraça. Eil-a que chegou e que me vae arrebatlar.

(Continúa).

### Folhetim da RESISTENCIA

### UMA VICTIMA DO CONVENTO

XXII

Pois não tinha ella, ella propria, M.º Croizy, recebido o juramento supremo que nunca tinha fundido juntamente os labios de M.º de Villy e M. d'Argouges? Pois este não lhe parecia agora a ella e só a ella, que julgava ainda estar sentindo o peito quente d'elle junto ao seu, as pulsações febris do seu coração confundidas com as suas?

Hermínia nem dava pela falta commetida; escutava sómente o grito vibrante ainda do sacrificio e a voz sonora da paixão. Morta Alice, não haveria mais ninguem entre ella e Emmanuel. Não tinha a consciencia do fundo criminoso d'esta ideia, a desgraçada; facilmente teria então acreditado no que o capellão do convento chamava «os decretos do Divino» e o egoismo feroz, que é qual flôr sangrenta do amor, teria feito empalidecer até ao ponto de se annullar a amizade dedicada e trahida de M.º de Villy.

Alice continuava no mesmo estado. De quando em quando sumia-se-lhe a respiração e era de ver-se a sollicitude equívoca com que Hermínia se in-

**LIVROS DE MISSA**

SEMANA SANTA

**17** Casa Havana acaba de receber uma nova coleção de livros de missa e Semana Santa, ricamente encadernados e de gosto aprimorado. Verdadeiras novidades.

**COMPANHIA AUXILIAR**

**16** Esta companhia muda o seu escritório do Arco do Bispo, n.º 2, para o largo de S. João, n.º 6, onde continua com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu mister.

Em razão de construir uma nova armazém, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e também subloca a dita casa até a terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armazém serve para merceria, fazendas brancas, ou quinilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixeiro da companhia,  
João Favas.

**15** B. BASILIO AUGUSTO X. D'ALMEIDA, vende videiras americanas com raiz, da qualidade *Rupestriz*, a 65000 réis o milheiro, e bacellos de metro, da mesma qualidade, a 35000 réis o milheiro.

Rua das Figueirinhas, 45.—Coimbra.

**Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria**

Caldeira da Silva

Cirurgião dentista

Herouano Carvalho

Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174

**COIMBRA**

**14** Consultas todos os dias das nove da manhã ás quatro da tarde.

**Casa mobilada no Campo**

**13** Aluga-se uma na estrada de Cozelbas, proximo á estação velha; tem sala e casa de mesa estucada, jardim e quinta para passear.

Tracta-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

**Cavallos, muares, etc.**

**12** As sobrecannas, espavardes, óvas, esquenencias, manqueiras, fraqueza de pernas, etc., curam-se com o LINIMENTO VESICANTE COSTA; é preferivel á untura forte em todos os casos. Frasco, 900 réis. Á venda nas principaes terras. Depósitos—Lisboa: Quintas, rua da Prata, 194; pharmacia Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: drogeria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Deposito geral: pharmacia Costa, Sobral de Mont'Agrapo, d'onde se remette pelo correio, por 15000 réis.  
**Deposito em Coimbra**—Rodrigues da Silva & C.—Rua Ferreira Borges, 28 a 34.

**11** ALUGA-SE uma casa que tem optimas e numerosas accomodações, para habitação, escritorio, etc., com entradas pela rua Fernandes Thomaz e J. A. d'Aguiar, n.º 13. Nella se prestam os demais esclarecimentos.

**10** Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa dos melhores queijos do concelho de Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.  
**Papelaria Central**

**CASA LEÃO D'OURO**

117, Rua Ferreira Borges, 123—Coimbra

Grande sortimento de pannon e casimiras, com atelier de fato por medida para homem e creança, dirigido por habeis contra-mestres

**9** A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um extraordinario e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais ALTA NOVIDADE, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Ditas de casimiras e pannon pilotos ou moscows para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com tromeira, feitos por medida, a principiar em réis 85500.

Dita para makfortanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Esplendidos cortes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais chic para smokings, sobrecasacas e casacas.

**Contra o rheumatismo e rigoroso frio.**—Excelentes montagnacs nacionaes e estrangeiros, de 15800 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannon, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanças, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de panninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

**PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO**

Um saldo de diversas casimiras de côr, que se vende com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor.

BICYCLETES PNEUMATICAS, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 a 455000 !!

Uma machina industrial oscilante de Singer—para alfaiate—quasi nova, que se vende por metade do seu valor.

**NOTA**—Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

**ESTABELECIMENTO**

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

**João Gomes Moreira**

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

**COIMBRA**

**Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

**Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

**Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

**Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

**Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systems.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

**Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

**Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

**Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

**Faqueiros:** Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

**Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

**Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systems.

**A' LA VILLE DE PARIS**

Grande Fabrica de Corças e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

**8** CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

17—ADRO DE CIMA—20

**MANTEIGA DA CONRARIA**

Vende-se no Café Lusitano

**3 RÉIS POR HORA**

E' o consumo **GARANTIDO** do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas:

**a JOSÉ MARQUES LADEIRA**

99—Rua do Visconde da Luz—103

**COIMBRA**

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomêu)

**COIMBRA**

**7** Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannon crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

**AGUAS MEDICINAES**

DA

**FONTE NOVA**

(TORRES VEDRAS)

PROPRIEDADE DE

**Antonio dos Santos Bernardes**

Estas aguas bicarbono chloretadas sodicas lithinicas e ferreas sulphidricas e acidulo carbonicas, são frias e hyposallinas.

Estas aguas são especialmente uteis attenta a composição em todas as manifestações da diathese arthritica quer se apresentem deseminadas no tegumento externo como nas mucosas e assim nas dermatoses dependentes d'aquelle estado organico, rhimithes, pharyngites, bronchites, catarros gastro intestinaes. Bem assim são de importancia grande tanto na lithiase hepatica como renal na albuminuria, diabetes, etc., podem igualmente ser empregadas com proveito e especialmente naquella, attenta a dose grande de chloreto de sodio muito superior ás VIDAGO e PEDRAS SALGADAS.

À venda em todas as pharmacias e drogerias—**DEPOSITO GERAL**—R. Garrett, 56, Lisboa.

Depositos em Lisboa—Antonio Feliciano de Azevedo Filhos, Praça de D. Pedro, 31 e 32; Emilio Fragoso, Rua Santos-Velho, 12; Pharmacia e Drogeria Peninsular, Rua de S. Julião, 124 a 130 e Rua Augusta, 39 e 41; Quintans, Rua da Prata, 195; Luiz Santos Pinto Pereira, Rua Bomfim, 154.

Depositos no Porto—Frederico Augusto Ribeiro Cardoso (drogeria), Praça de D. Pedro, 113; Dr. Rodrigo Moreira, Largo de S. Domingos.

Deposito em Coimbra—**RODRIGUES DA SILVA & C.**

Deposito na Figueira da Foz—Sotero Simões de Oliveira (pharmacia).

**Loja da China**

Ferreira Borges

**6** Amendoas de Moncorvo e grande sortido em amendoa fina de primeira qualidade. Cartonagens: gostos variados e por todos os preços.

Da fabrica Eduardo Costa de Lisboa, bolacha Gungunhana e Mousinho e outras marcas.

Pura manteiga, de Vianna do Castello, a 15000 réis o kilo.

Especialidade da casa: café de Cabo Verde, S. Thomé e Angola, chá verde e preto de 25200 a 35600 réis o kilo, chá medicinal de Hamburgo, artigos de merceria.

Compra e venda de sellos para collecções.

**5** Vinho sem competencia em preço e qualidade:

Vinho da Beira, de 1894 a 90 réis o litro.

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado, garrafa 100 réis.

Quem comprar de 20 litros para cima tem o abatimento de 10 por cento.

Taberna à Sé Velha, junto ao arco da rua da Ilha.

**4** Vende-se a quinta do «Correio-Mór» a Copeira, perto do rio Mondego.

Compõe-se de terra de semeadura, olival, matta, arvôres de fructo e casas.

Para contractar, Rocha Ferreira, Sophia.

**Fernão Pinto da Conceição**

**CABALLEIREIRO**

Escadas de S. Thiago n.º 2

**COIMBRA**

**3** Grande sortimento de ca-belleiras para anjo e theatro, etc.

**Prevenção**

**2** Na padaria ao Arco d'Almedina, vende-se e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

**COMPANHIA DE SEGUROS**

**FIDELIDADE**

Capital réis... 1.344.000.000

Fundo de reserva... 241.000.000

**SEDE EM LISBOA**

**1** Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobilias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Aandrado, rua Martins de Carvalho, n.º 45.

**“RESISTENCIA”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

**EDITOR**

João Maria da Fonseca Frias

**Condições de assignatura**

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno... 25700

Semestre... 15350

Trimestre... 680

Sem estampilha:

Anno... 25400

Semestre... 15200

Trimestre... 600

**ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**

Annunciam-se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA